This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 465650

MANOEL ARÃO

TRANSFIGURAÇÃO

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES ·

MANOEL ARÃO

Transfiguração

(Scenario Pernambucano)

PORTO — 1908

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,
editores. Rua dos Carmelitas, 144

Transfiguração

Trabalhos do mesmo auctor

Publicados:

Intimas. — Versos, Recife, 1893.

Notas pessimistas. — (em collaboração com E. Paula Santos), Recife, 1894.

Discurso. — Pronunciado no Theatro Santa Izabel, Recife, 1895.

Adultera. — Romance, Livraria Magalhães, editora, Bahia, 1897.

Magdá. — Romance, Atelier Miranda, editor, Recife, 1898.

Drama de Odio. — Em 3 actos, Livraria Magalhães, Bahia, 1900.

Discurso. — Pronunciado no Monte Pio Popular, Recife, 1900.

Uma resposta devida. — Critica, Recife, 1900.

Discurso. — Pronunciado no Monte Pio Popular. Recife, 1905.

Transfiguração.

A publicar:

Tentativas criticas e philosophicas.

Guerra dos Mascates, drama historico em 6 quadros.

A espera do bond, contos.

Ultimos versos, collecção definitiva.

Em elaboração:

Vida sertaneja, romance.

*

Manoel Arão

MANOEL ARÃO

Transfiguração

(Scenario Pernambucano)

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
—
R. das Carmelitas, 144

Manoel Arão

MANOEL ARÃO

Transfiguração

(Scenario Pernambucano)

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
—
R. das Carmelitas, 144

869.8
A6627tr

Porto — Imprensa Moderna

1/1/1 - 1/1/

Transfiguração

I

Em sua janellinha do 3.º andar á rua da Aurora, do Recife, Armando deixara-se ficar a um canto, amodorrado, seguindo, com os olhos cheios de sonho, a tremula e azulada espiral do fumo do seu charuto, desenrolando-se e desfazendo-se, graciosa, subtil, como o proprio vôo alado do seu pensamento caprichoso, indo e vindo na indecisão de sua propria phantasia...

E lançou, da grande altura, um olhar para a cidade, tão bella assim, vista em conjuncto, ainda banhada da poeira de ouro voltejante da tarde que morria, no vago adeus do crepusculo...

Nunca lhe pareceram mais notaveis os seus detalhes que d'alli, onde se achava, em grande parte, podia apreciar bem. Nunca o Capibaribe, em frente cortando a cidade em bairros tão distinctos, lhe parecêra mais bello, na sua solitaria

grandeza, com as suas aguas azuladas, silenciosas, profundas, que áquella hora, tinham gradações caprichosas de luz, cambiantes inesperadas, desde malva e verde pallido até a côr de rosa. Das aguas lhe parecia surgir toda aquella floração de pedra da cidade, com os seus caes, as suas ruas, as suas lojas, as suas vitrinas, as suas numerosas igrejas cujas torres desiguaes se superpunham, doiradas ainda da gloria do sol poente, do incendio da tarde de estio e em contraposição ao ultimo plano do quadro, o horisonte longinquo em que se adivinhava o mar profundo, cujo azul escuro se reflectia no espaço, vaporosamente.

Sobretudo se destacavam, no conjuncto risonho das construcções, sem plano, as duas torres esguias do convento da Penha, como duas sentinellas espirituaes postas ao lado do pesado zimborio, que a grande imagem dominava, das alturas... E era de vêr sua apparente fragilidade, a delicadeza das duas delgadas flechas agudas que as terminavam, como um vôo audacioso de passaro para o infinito azul, abrir de azas de uma oração casta em torno da imagem da Virgem coroada, como se d'alli uma benção de amor descesse sobre a cidade. E sobretudo para Armando se afigurava que aquelle vôo de fé, era como um pequeno braço delicado de criança, alvo e nú, a mostrar o céo á temerosa crise de sua pobre miseria humana.

E os seus olhos vagarosos, como em sonho, iam detalhando o conjuncto, impressionando-se por cada particularidade. Para melhor apreciar o panorama, destacando-se do fundo de purpura e ouro, elle agora partia da ponte da Boa Vista, repousando sobre os solidos plinthos das pesadas columnas, em primeiro plano, immersas n'agua serena, pondo uma alacre nota com sua alvura rendilhada sobre as profundas aguas do rio; em seguida o conjuncto de casas que se alinhavam no caes, em que se destacava o pesado edificio, desgracioso e triste, do Instituto Archeologico; mais adiante, a confusão das construcções superpostas, em que apenas emergiam os angulos dos telhados, toda a casaria destituida de estylo, pesada, desigual e sorrindo, não obstante, sob a gloria do incendio poente, na alvura seductora das fachadas, adivinhadas no espelho liquido do rio profundo; e, dominando o espectaculo, as torres numerosas, a do Carmo, quasi graciosa, com sua ponta audaciosa, em arabescos, varando o azul, recordando alguma cousa da magestade e solida singeleza do estylo romano; as de S. Pedro, em seguida, tão gemeas, as janellas ogivaes, mais graves, com o incunfundivel cunho das construcções coloniaes em que o estylo gothico primario, com suas enormes abobadas, as ogivas agudas e as naves immensas tanto preponderavam; um pouco abaixo, á esquerda, as do Livramento, apenas

emergida do montão dos telhados; mais á esquerda, as de Santo Antonio, cheias de uma doce dignidade; e além, apoz o zimborio e as flechas da Penha, o campanario de S. José de Riba Mar, longinquo, quasi, áquella hora da tarde, evaporado no ether. Tudo isto era como uma formidavel vegetação natural cuja desigualdade constituia o encanto do conjuncto.

O convento da Penha, sobretudo, com o seu templo, dominando o panorama, chamava a attenção de Armando, atravez de cujos olhos limpidos passava o vôo vagaroso do sonho. Em espirito elle se transportava para perto do grandioso edificio para contemplal-o melhor, elle que o conhecia tão detalhadamente. E associava as recordações architecturaes com as emoções historicas que as resuscitavam e immortalisavam na pedra. Era o pesado e harmonioso zimborio e os pilares talhados em columnatas evocando esse tempo das cruzadas, esse tempo de ambições, loucuras e predominios que tão longos parenthesis abriu na Historia. Eram as duas flechas audaciosas varando o azul ao lado do enorme zimborio; essas ogivas em fórma de trifolios que deixavam cahir, atravez dos vitraes coloridos, os jorros de luz harmoniosa com uma orchestra matinal para o interior do templo; esta serie de porticos formados pelas archivoltas, na successão de columnas cujas duplas volutas dos primorosos capiteis, ornados de folhas de

acantho, são uma ideia completa de grandeza e magestade—que relembravam bem essa superposição de ordens de architectura, a jonica e a corinthia, abraçando-se e completando-se. E que longinqua travessia historica, a primeira vinda dos confins da Asia, remontando a Ion, e a segunda derivando de Corintho, ambas achando sua fôrma natural no estylo gothico moderno, com a exuberancia de seus ornatos, e no byzantino, com os seus arabescos, suas folhas afestonadas, materialisações das ideias sensualistas dos crentes da epocha em que brotaram da pedra!

Agora tocavam as *Ave-Marias*. As igrejas todas vibravam, os campanarios despertavam na sua gloria, os sinos crystallinos de S. José respondiam aos graves sinos somnolentos de Santo Antonio e da Penha, toda uma escala chromatica que era como o chilrear de passaros, a vibração crystallina das proprias gradações de luz da tarde expirante, a luz que adquiria diversos coloridos desde as flechas douradas dos templos até o reflexo sombrio do Capibaribe, rolando com suas aguas azuladas e profundas.

O carrilhão sonoro dos sinos arrancou um instante a Armando, de seu sonho. Veio á realidade presente.

N'esse mesmo dia formara-se em direito; era um bacharel, tinha um titulo para juntar á

sua vaidade — pobre vaidade tão desvanecida aos mil embates de seu destino! — e faltava-lhe entretanto muita coisa para juntar ao seu coração!

Considerava agora isto na sua grande e inconsolavel tristeza, a pensar.

Ha que tempo estava alli? Não o sabia bem... Perdera a noção do tempo n'aquella posição de abandono que lhe era familiar, n'aquelle extasi que tão frequente lhe era...

Só havia no seu olhar a ancia de vêr mais longe, lá onde as velas alvas se confundiam na bruma, onde os contornos se apagavam na poeira luminosa d'um sonho. Demorou alli muito tempo o olhar; e, ou porque cansasse ou porque a paysagem se afogasse na sombra, volveu os olhos para o alto, e absorveu-se um momento em contemplação nostalgica no crystal do ceu que as grandes azas da noite abraçavam, deixando emergir o rastro luminoso das estrellas, no estremecimento inquieto de sua pupilla dourada.

E começou então a pensar...

N'uma nuvem de vaga saudade, veio-lhe o pensamento d'aquelle pequeno interior de estudante, tão intimo e tão seu, que em breve iria, para sempre, deixar afim de sobreviver no seu coração apenas como uma lembrança do passado, como tantas outras que lá se tinham ido nos altos e baixos da vida, mar em fóra, para traz, para as recordações...

Formara-se; estava agora com um «canudo» respeitavel, prova de ser elle um bacharel em sciencias juridicas e sociaes, e é bem de vêr que tinha em breves dias de abandonar sua saudosa «republica»,—testemunha que fôra de tantas esperanças e de tantas outras desillusões subsequentes.

Sua familia no sertão já o mandara chamar, naturalmente para concertar o plano de vida do «doutor», e ao mesmo tempo gosar agora, em plena liberdade, sua amavel convivencia durante alguns mezes, e sobretudo o Natal, que batia ás portas.

Tinha pois—estava nos primeiros dias de Dezembro—de arranjar quanto antes as malas e partir em busca da casa paterna, isto depois de despachar as encommendas da familia: a caixa de charutos para o pai, o chapéo para a irmã e o terço para a «velha».

Possuia assim, motivo, no seu intimo, para muitas satisfações; e estava entretanto triste, a chupar desconsolado o charuto, na sua janellinha do 3.º andar, olhando melancolicamente, agora, para a curva azul do rio, em frente, e para a casaria do bairro de Santo Antonio que começava a accender-se, destacando-se do fundo escuro do panorama.

Entre outros annos, como foram esperadas com ancia mal contida, essas férias abençoadas que o livravam dos estudos e dos lentes, das

prelecções e das filanças! Arranjava, n'um momento, um par de malas, sacudia-as na via ferrea de Limoeiro, tomava o trem com ellas — isto tudo dois dias depois do exame — e lá se ia, cantarolando, sorvendo com felicidade a pureza dos campos sertanejos, aspirando, a plenos pulmões, o ar morno das longas varzeas, cheias dos trinados dos passarinhos, vindo do mysterioso fundo agreste das brenhas, e do mugir nostalgico do gado, pela tardinha, na melancolia do sol posto...

Que delicia ineffavel a d'esses momentos e como elle desejaria tel-os detido pela ponta dourada de suas azas frageis, para que elles não fugissem arrebatados por essa onda do tempo que destroe as creaturas e os monumentos, que arranca as flores das hastes e deixa desertos e nús os corações que amaram!

Que felicidade ouvir, então, á noite, o violão gemer ao longe, recontando maguas que teem atravessado as gerações lendarias, trazendo ao espirito uma pungente saudade, d'uma doçura infinita, vindo do intimo da alma primitiva, — da alma do povo, simples e boa! Que encanto, em noite clara de luar, constellada e limpida, pender a fronte na mão, pensativa e saudosa, a abraçar com os olhos os horisontes dilatados e transparentes, diluindo-se ao longe, nas montanhas adivinhadas, na curva concava do céu!

N'esse tempo, como se recordava! As ma-

nhãs desabrochavam-lhe com os sorrisos vermelhos das rosas; e a terra humida e olorosa, ponteada das flores sylvestres, e os longos campos de esmeralda, espreguiçando-se na bruma subtil, vaporisando-se e sorrindo faceiros ao primeiro beijo sensual e forte do sol, com o seu penetrante perfume agreste que dava vigor e saude—proporcionavam-lhe, de certo, sensações diversas ás de agora, com esse ar pesado da cidade, tresandando ás sargetas mal lavadas e a coisas podres.

Oh! aquellas manhãs embalsamadas em cujo seio lhe despontaram as primeiras sensações e se lhe abriram no espirito, como as brumas da madrugada, os primeiros albores da intelligencia—como n'esses dias, lhe sabiam revestir uma nova belleza, tão grande e desconhecida!

Todos esses encantos, de cada vez, lhe pareciam novos, como se os visse atravez de um kaleidoscopio phantastico... No emtanto, eram as mesmas, aquellas paysagens tão conhecidas e tão familiares, tão cheias das recordações inolvidaveis de sua infancia, cujas paginas estavam alli gravadas em cada pedra rustica, em cada nodoso tronco de arvore!

E extasiava-se então, alli, horas inteiras, a completar todas as coisas que lhe parecia vêr pela primeira vez, os ouvidos cheios da crystallina musica dos passarinhos em revoada, olhando

absorto para as alvas flores nocturnas dos espinheiros, embriagando-se com seu aroma, penetrante e subtil e aspirando, com volupia e liberdade, o acre perfume agreste que vinha de todas as coisas, empolgante e doce...

E pensava agora como o contacto dos homens e o bulicio da capital em primeiro lugar lhe começaram a revelar o arduo problema da vida, e como da criança brincalhona de outr'ora que trepava com agilidade nas arvores e roubava os ninhos dos passarinhos — as desillusões e os soffrimentos fizessem esse rapaz pensativo e melancolico, amigo da solidão e do isolamento!

E Lucia, o seu primeiro namoro, o seu primeiro amor! Com que ternura chamava-a «Yú», essa abreviatura doce e barbara que lhe ficára de sua linguagem de criança!

Como o seu perfume de innocencia viera de tão longe e enchera-lhe e aggravara-lhe, com uma ascendencia irresistivel, tornando-se ideia fixa, todo esse ser moral que lhe era proprio, indeciso e timido, quasi incomprehendido de si mesmo, abysmo que se lhe tornára em tormento e em indecifravel enygma!

Coitadita! morrera tão cedo!...

Como lhe enchia de prazer as horas que lhe sobravam dos longos passeios, com sua tagarellice insinuante e meiga, aquelle sorriso que lhe aclarava toda a alma, purificando-a e ele-

vando-a, aquelles beijos ás escondidas, com um ligeiro travo de peccado, infindaveis e ternos!

E Armando sentiu, como tantas vezes, os olhos turvos a essa dolorida recordação; e como que um sopro gelido de além tumulo, lhe veio lento ao coração, n'aquella hora religiosa do crepusculo, alli só na sua janellinha, a luz apagada, emquanto chegava até elle o confuso rumor da cidade, o indistincto rumor da lucta da vida sobrepondo-se a todas as ternuras!

Pareceram-lhe então muito pesados e longos os 24 annos que agora tinha e extremamente solemne áquelle titulo scientifico adquirido á custa de tantos esforços, de tantos labores! E trocaria,—com que prazer!—tudo aquillo para recomeçar de novo aquelle caminho, trilhar pelas mesmas difficuldades, ferir-se nos mesmos espinhos—porém tendo ainda os seus 14 annos, as férias gosadas lá no sertão, no remanso da casa paterna, e os beijos, outr'ora furtados á sua «Yú,» pelos esconderijos do quintal florido, entre os abraços das trepadeiras amorosas, a subir pelo beiral do telhado!

A existencia naquelles tempos era tão leve, tão despreoccupada, tão doce—e agora se lhe afigurrva tão carrancuda, tão austera!...

Definitivamente os risos angelicos da infancia e os primeiros sonhos da juventude, valiam bem mais que todas as glorias da vida, todas as loucas ambições da sociedade. O isola-

mento do mundo não lhe apparecia então como um balsamo para o coração? Como elle reconhecia, dentro d'essa muralha, a alma engrandecer-se e elevar-se, ao mesmo tempo que se deprimia e se rebaixava ao contacto egoistico dos homens, ao torvelinho da «lucta pela vida»!

Armando comprehendia-o muito bem, pensando n'isso agora, minado de incuravel melancolia, que lhe vinha profundando intimamente o coração, descendo tudo isto vagarosamente ao recesso da sua alma sonhadora, como as grandes azas abertas da noite...

Essa desillusão feria-o mortalmente: viera a principio com sede de glorias, com o espirito cheio de todas as ambições da mocidade, confiado na justiça do mundo e nos applausos que devem caber aos que trabalham pela victoria de um grande ideal—e conseguido o fim do tirocinio academico, alli estava, ao canto da sua janella, sentindo-se inutil e vasio, aborrecendo o mundo e detestando os homens,—unica coisa realmente que aprendera a praticar.

Definitivamente o espirito estava gasto e cansado da lucta, uma lucta que na propria victoria lhe trazia uma derrota, e cujo trophéu, guardado n'um canudo de folha de Flandres, não realisava effectivamente a aspiração do seu espirito.

Felizmente restava-lhe o coração, que conservara intacto em todas as luctas: só tinha até

alli encontrado, excepção feita da amada morta, mulheres gastas e ridiculas, vaidosas e tolas, incapazes de satisfazer ao ideial alimentado em sua alma — unico trapo que lhe restava de todas as illusões que lhe douraram os sonhos da primeira juventude.

E temia agora essa ultima desillusão n'esse meio depauperado em que tinha encaminhado os passos sósinho e desamparado, aggravando seu mal estar, augmentando sua doença, avolumando cada dia no espirito a onda de pessimismo, em que ameaçava naufragar!

Pensando agora em tudo isto, Armando comparava sua satisfação de outr'ora, no dia almejado das férias, com o presente em que, completo o seu tirocinio, teria maior motivo para regosijar-se, ao passo que voltava, desilludido e triste, com a alma ferida de desenganos, e o espirito abatido de decepções.

O que fizera afinal? Formára-se em direito e mais nada. Tinha um titulo para juntar á sua vaidade mas não tinha o ideial realisado para juntar ao coração.

Voltava agora, para fazer o que? Qual o estimulo que ia encaminhar-lhe os passos, amparar-lhe a alma e encorajar-lhe o espirito desilludido?

A volta, presentemente á casa paterna, tinha um ar insipido. Despedia-se, agora, saudoso da «republica» onde não voltaria mais a habitar e

a confiar-lhe as suas aspirações de futuro, os seus sonhos ambiciosos da mocidade.

Ah! e elles tinham sido tão grandes e tão deslumbrantes! Haviam-lhe embalado tanto o somno da juvêntude, que sentia n'este momento um abysmo enorme cavar-se, trevoso e incommensuravel, dentro do seu espirito indeciso. E um deserto infinito estendia-se-lhe ante os olhos turvos, com a brancura dos areiaes do Saharà, dentro de sua alma sonhadora, formada para as grandes contemplações, para galgar a escadaria luminosa que conduz para o céu azul dos grandes ideiaes!

Havia amado e acariciado tanto essa visão adorada que o tinha acompanhado, cheia de aureolas, por todas as estancias da vida, que agora se sentia pequeno e desamparado, ao tocar com os dedos n'essa evidencia aspera que lhe dava a sensação dolorosa d'um abandono absoluto.

Tinha vindo com tantas illusões e voltava agora tão desilludido! No dia em que, apenas com os seus 16 annos, avistara, ao chegar, pela via ferrea do Limoeiro, a casaria branca do Recife, espelhando-se, serena, na limpidez tranquilla do Capibaribe; as torres das igrejas numerosas e agudas, atirando para o espaço as audaciosas settas, douradas pelo ultimo raio do sol poente; as pontes, cortando a linha azul do rio, ligando os bairros da cidade; e, no derra-

deiro plano, o oceano, grave e infinito, erguendo para o ceu o tremendo fragor das ondas—n'esse dia contemplara tudo isto como o theatro de suas ambições queridas que de longe lhe haviam seduzido a alma tantas vezes!

Filho das montanhas, forte e cheio de animo, então, com o pulmão repleto do ar sadio e puro das selvas e a alma intacta de todas as desillusões, estava predisposto para as supremas luctas em que a victoria pertence aos espiritos fortes.

Não pensava, não conhecia, então, a influencia que o meio teria de exercer-lhe sobre o animo, o meio dissolvente em que a civilisação doentia vae levantando seu estandarte victorioso; não cogitára no egoismo tremendo que lhe plantaria n'alma o scepticismo e arrancar-lhe-hia as palpitantes illusões em flor—tudo isto concorrendo para desenvolver o mal que tinha em si, em estado latente e que, como o germen no seio da terra, procurava apenas a occasião propicia para desenvolver-se.

Como lhe custaram as primeiras provas a que fôra submettido! Como lhe doeu arrancar do coração, como um pedaço sangrento do proprio ser, a primeira illusão querida, das muitas que lhe tinham enflorado os sonhos da infancia, passada entre os costumes primitivos e austeros das populações sertanejas, perfumada das orações piedosas que sua mãe lhe ensinára, de mãos

postas, quando o sino da ermida badalava melancolicamente o *Angelus!* Uma ideia feliz a que nos ligamos é como uma pessoa querida a quem nos prende a mais perfeita affinidade de sentimentos: a separação de uma e de outra, enchenos, da mesma maneira, os olhos e o coração de lagrimas, comsigo levando um pedaço de nosso proprio ser.

Armando sentia bem isto doendo-lhe profundamente no espirito como uma chaga incuravel; e as saudades, como bandos de andorinhas em revoada — as saudades de sua infancia e de sua primeira mocidade, voltavam mais pungidoras, voejando-lhe em torno da cabeça dolorida, mais insistentes, descendo-lhe, com as garras ponteagudas, sobre o coração, como pontas afiadas de espinhos dilacerantes.

A saudade! — pensava. Era bem verdade que passavamos metade da vida a esperar com ancia, a desejar com ardor o futuro; e a outra metade, a recordar o passado, para sempre morto, que, lá muito longe, ficou na curva poeirenta do caminho doirado, morrendo aos poucos, sob o pó que os annos vão accumulando nos cemiterios e nas sepulturas! era bem verdade que a felicidade consistia na espera no dia de ámanhã e que, como a flor phantastica dos Alpes, apenas tocada, se desfaz em pó e essencias!

A vida humana não era um eterno enygma? Quando corriamos em busca d'um ideial, o que

lá encontravamos senão a saudade que nos espera e a morte que nos espreita?

Insensatos não eram aquelles que pensavam ter realisado a felicidade sobre a terra, insensatos que não imaginavam que essa felicidade, como um terreno vulcanico, podia, d'um momento para outro, escancarar a bocca para tragal-os?

A felicidade não era a miragem com que o destino nos arrasta e nos illude? Ah! como era mister tel-a de longe, uma vez que sobre ella se levantava a arcada silenciosa do tumulo!

E Armando detinha-se doloridamente a considerar estas ideias doentias que lhe subiam d'alma como uma onda envenenada em que sua vida inteira naufragava, n'uma inevitavel submersão lenta... Esperar, elle? esperar, o que?

Esperar era desejar o dia de ámanhã, vasio e nú: esse dia não era mais que uma illusão arrancada ao espirito, não mais que um passo avançado para a velhice—o nebuloso epilogo que elle já entrevia precocemeate, no desabamento de todas as suas esperanças.

Era correr para o marco fatal, para a aspereza d'essa ultima estancia núa em que todas as esperanças, todas as illusões, todos os desejos se teem diluido no desapego da propria vida—ultimo instincto que abandona o homem.

Para que desejar? para que esperar? Felizes

os que podiam viver, pois, sem esperar nada do futuro, sem olhar ambiciosamente para esse «ámanhã» que é sempre como o despertar de um delicioso somno!

Felizes, os que olhavam o mundo sem aspirações de dominação e de gloria: esses ao menos seriam poupados ás severas decepções que estão guardadas aos espiritos superiores que vivem para um ideial que lhes consome a existencia inteira, sem que essa dedicação, na maioria dos casos, lhes possa servir para levantar um culto á sua memoria.

Felizes os que volviam, depois da morte, para a impenetravel e pacifica obscuridade que é a noite final dos desherdados que dormem esquecidos o ultimo somno na valla commum dos cemiterios...

Quem se lembrava mais d'esses? o que restava da sua memoria? Se existia ainda alguem que os amara na terra, continuariam a existir ao menos no coração desse alguem, no culto santissimo da saudade.

Para o mundo, nunca existiram, e foram talvez bemfeitores d'essa humanidade que lhes voltava as costas, que os esquecia para sempre, porque a sua acção já não se fazia sentir, a sua mão já não podia beneficiar, já não podia servir de amparo.

Mas esses, ao menos, nunca tiveram ambições nem viveram para um ideal. Fizeram o bem por

instincto, beneficiaram por inclinação: mais nada. Não pensaram sobreviver além do tumulo, senão no ámago do coração d'aquelles a quem amaram e por quem foram amados: ao morrer, com a consciencia tranquilla e o espirito resignado, de certo se julgaram quites com o mundo.

O homem que pensava, porém, que vivia pelo espirito, em busca de um ideial, não se destinava a terminar a sua missão no tumulo. Morto, decomposta a materia, o seu espirito havia de continuar influindo sobre os povos, proseguindo silenciosamente em sua luminosa trajectoria, realisando e completando sua grande missão apenas começada.

E Armando teve um doloroso sorriso de duvida. Ah! é que raros attingiram o escopo de todos aquelles que pensam e deixam nas suas obras o resultado dos seus esforços, contribuindo para enriquecer o peculio intellectual dos povos. A ingratidão dos homens e o egoismo ferrenho que os caracterisava, haveriam de sempre influir poderosamente para esmagar a cabeça d'aquelle que tentava levantar-se um pouco acima do plano commum, desviando a linha de seus esforços, supplantando os estimulos do seu espirito, espesinhando os sonhos do seu coração!

Demais as proprias leis naturaes não concorreriam para fazer um condemnado do homem de superioridade mental?

Esse espirito que não se contentava, que desejava elevar-se, para devassar a grandeza do coração, mortificado pelo sonho que é a sua propria alma, seu alento, sua vida—afinal não cahia espesinhado e exhausto, baldo de quem o comprehendesse, isolado no deserto do mundo creado para seu proprio espirito, unico na immensidade de sua imaginação, repudiado pelos que nunca poderam avaliar a grandeza do seu coração e a superioridade do seu designio?

De pouco a pouco, os pensamentos de Armando haviam tocado a essa culminancia em que seu espirito pairava angustiado, contemplando o espectaculo das miserias intimas dos homens e a fatalidade systematica da grande lei das compensações, que é a suprema reguladora da nossa existencia. Não se póde subir muito alto sem sentir vertigens; a abundancia da luz ha de sempre fascinar os nossos olhos.

Para que haver sahido de sua terra, para que ter surgido de sua obscuridade?! Procurando felicitar-se, tornára-se mais desgraçado. Querendo alar-se para o infinito, as suas azas de aguia estavam queimadas da ardentia do sol. A interrogação voltava a doer em Armando.

Desejar subir para poder contemplar o mundo, e o espectaculo das miserias humanas tinha enchido de veneno e tedio seu coração, tinha evidenciado o seu desiquilibrio no meio social,

elemento inassimilavel ao todo pela sua propria natureza!

Debruçou-se sobre os livros, identificou-se e absorveu-se n'elles para reconhecer-se e conhecer a vida.

E o espectaculo do proprio «eu» e o espectaculo da vida faziam-n'o voltar o rosto com medo de si proprio e com um supremo desdém de tudo. Quizera outr'ora subir tanto que se tornasse inacessivel; e quanto mais subira mais a grilheta da miseria humana o prendera e o chamara para a terra d'onde viera e para onde era attrahido por esse pó que era a sua propria origem.

Então bem razão tinha o poeta da «Legenda dos Seculos» em dizer que ha dois modos de ser inaccessivel, os quaes consistem em estar altissimo ou o mais baixo possivel. E assim, o segundo, é talvez tão desejavel como o primeiro? Com toda a certeza o infusorio escapa mais facilmente ao esmagamento que a aguia á setta.

Armando comprehendia agora toda a profunda verdade d'este conceito. Demais, tudo que estava ao alto não tendia para o seio da terra, não era impellido a cahir pela propria lei physica que regula a harmonia universal, a mesma harmonia que mantém no espaço as estrellas, brilhando eternamente no infinito, como a propria immortalidade?

Subindo, o seu espirito pairou alto para que melhor podesse devassar a miseria da vida, como o condor que abre o vôo acima dos Andes para contemplar melhor os seus alcantis e melhor sondar a profundidade dos seus abysmos insondaveis.

E elle sentia claramente que quanto mais o espirito do homem se elevava, mais elle conhecia a immensidade de sua miseria incuravel; quanto mais estudava, melhor conhecia a sua propria insignificancia no grande drama da vida, a sua inutilidade n'esse vasto theatro a que fôra atirado para realisar uma tremenda e mysteriosa missão.

Estudar e pensar, elevar-se em espirito para apalpar a chaga da vida, eternamente a porejar sangue, para sondar o enygma do coração humano, levantando a ponta do véo mysterioso que a encobre; para conhecer a miseria dos homens, devorando-se mutuamente em busca do alcance de uma victoria pueril atraz de galgar as posições, as honras e as riquezas, e d'ahi pisar á vontade a onda faminta que pede uma codea de pão—era mais porventura do que procurar na elevação do espirito a triste compensação do espectaculo de todas as miserias humanas?

Elle, Armando, bem desejaria agora de todo o coração, nunca ter conhecido isso tudo, todo o nebuloso enygma. Ignorando-o, ao menos,

ser-lhe-ia poupada a decepção de prevenir-se contra essa miseria que em toda a parte se os tentava, ante seus olhos, com a eterna mascara hypocrita collada ao rosto!

Sim! seria muito mais feliz, obscuro e ignorante, simples camponez que passasse a vida como um sonho, bom e despreoccupado, envelhecendo entre os carinhós da esposa e os beijos dos filhos, indo adormecer depois, tranquillo e resignado, no derradeiro somno, á sombra olorosa e pacifica, no rude cemiteriosinho da sua aldeia.

Repousaria alli tão suavemente ouvindo o arrulhar das aves amantes!...

II

RECORDANDO o logar em que vivera, trechos de sua infancia e de seu passado, com as ideias que alimentara nesse vôo retrospectivo de seu pensamento, Armando, como tantas vezes fizera outr'ora. começou a interrogar-se sobre seu intimo, sobre toda a singular instructura moral que traçava uma norma para seus actos. Por mais que quizesse repellir a ideia de que era um degenerado, e que seus actos corriam por conta d'esse desequilibrio—esse pensamento impunha-se-lhe com toda a evidencia dolorosa de sua propria vida, querendo um ideial superior á possibilidade das coisas; aspirando, na sua agonia impotente, uma perfeição que o mundo não comportava e as ambições humanas excluiam; correndo, como um louco, em busca de um goso cujo resaibo lhe escapava, e antevendo a posse de um sonho que tinha em essencia dentro em

si, porém, cuja fórma impalpavel e incorporea se lhe diluia, ante os olhos, como uma encantadora miragem.

Essa timidez que ás vezes o caracterisava, uma especie de castidade que o velava, o odio das coisas pueris, o aborrecimento da miseria da vida, a tendencia para as ideias fixas, o obstinado pessissimo por todas as coisas, todo o cortejo de anomalias, de incertezas e incongruencias, que em si proprio notára, por vezes, davam a ideia de seu desequilibrio, incompatibilisando-o com o meio social, tornando-o um elemento á parte, heterogeneo e inassimilavel.

D'onde vinha isto, de que fundo mysterioso e incomprehendido? Tremia á ideia de chegar a conclusões fataes!

Formado em direito, embora, estudara com afinco certos ramos da medicina que o habilitavam a uma analyse demorada de suas tendencias. No estudo da Anatomia, da Histologia, da Anatomia Pathologica, da Pathologia geral e da Physiologia, por vezes, aterrorisado, julgara encontrar as leis a que obedecia. Quantas vezes, não achando explicações para seus actos, discutia comsigo mesmo essa grande questão que envolvia seu proprio destino!

E agora revivia-a de novo em seu espirito cansado, recapitulava-a, por todos os lados, procurando soluções, analysando-a por todas as faces.

Effectivamente! Seu pae, ao que sempre lhe parecera e lhe fôra confirmado por um clinico seu amigo, soffria de uma lesão no centro trophico dos cordões posteriores da medulla; era, pois, um tabetico. E' verdade que Picot e os fosseis da Anatomia Pathalogica, conhecendo apenas cinco ou seis cordões da medulla, não poderiam comprehender como tal lesão se procreasse em semelhante centro; mas que valiam elles contra a doutissima opinião do Ziegler? Ah! o centro trophico dos cordões posteriores, que diabo! e porquè ahi, de preferencia?

Porque a fatalidade incomprehensivel que encaminha as coisas e faz com que um minuto decida de nossa vida, não fixara essa lesão no cordão de Golgi, por exemplo no cordão Turch —no pyramidal crusado?! Mas que importava a localisação? D'ahi sentia vir o mal, subtilmente infiltrado no organismo, vivendo ahi em estado latente, como o grão que espera o momento propicio para germinar.

Poderia, pois, ter duvidas, que elle era portador de uma psychose? Sim, era isto mesmo! O filho de um doente de «tabesdorsalis» podia deixar de ser um tabetico; mas podia eximir-se porventura de uma grande tara nervosa? E se, herdeiro, escapava das nevroses, escaparia egualmente das psychoses? Diante d'essa pergunta que o dogma scientifico respondia n'uma esmagadora evidencia, Armando dilatava sua

observação, ia mais longe, na linha de sua ascendencia, procurando ligar as pontas do fio que vinha até elle, partindo da mysteriosa origem que o seu olhar indagador procurava descobrir.

Ia até seu avô: este, já fallecido, era, pelas informações do pae, um hysterico. Já não era, pois, uma simples questão de herança physiologica; era a implacavel lei do atavismo exercendo sua esmagadora acção. E reconstituia a linha descendente da geração: o avô soffrendo do systema nervoso «cerebro-rachidiano», cuja namnese desconhecia por falta de detalhadas informações; esse avô atacado de tal nevrose tendo um filho soffrendo de «ataxia locomotriz progressiva»; e elle, producto directo d'essas anomalias, portador talvez de uma hysteria, de uma lepemania hysterica ou — quem sabia? — de epilepsia ou epilepesia-psychica que lhe é succedanea.

Mas Armando, na sêde de conhecer-se, construia outras hypotheses. Não seria elle um doente de paralysia geral? Mas como admittil-a sem o factor syphilitico? N'este ponto faltavam-lhe pormenores, sobre se o pae era um syphilitico. Admittido, porém, tal caso, em que suas opiniões fluctuavam, era ponto assentado nas leis da pathalogia geral que a syphilis não se herdava.

Sim! o que se herdava do syphilitico não

era mais que um terreno predisposto em que o mal póde evoluir: em summa, uma «diathese parasyphilitica» que era em si insufficiente para dar origem á paralysia geral. Ter-se-hia elle infeccionado? Não! a hypothese era insubsistente porque em summa, elle nunca tivera o syphiloma que é o unico agente especifico da syphilis. Não! elle não era um paralytico geral, estava certo!

Qual seria, pois, a especie de tara herdada, essa força desconhecida, que dentro em si sentia arrastal-o inconscientemente? Onde o levariam seus «neuronios» destituidos de resistencia? Chegaria até a ser um paranoico? E a essa noite de aniquilamento em vida, invocada, essa loucura prevista friamente, espantou-o, afastando esses tristes pensamentos.

Não! não! elle não queria, apezar de tudo, capacitar-se do mal! E evocou de novo, em seu auxilio, como um querido asylo, a visão cariciosa da noiva morta, continuando a ser o seu amor além da vida, zombando de todas as cadeias que a morte forja entre os entes que se amaram na terra.

Uma lagrima bailou-lhe então, nos olhos, descendo vagarosamente pelas faces abaixo...

E a lembrança do primeiro amor, innocente e puro, com todos os mais infimos detalhes, veio-lhe doce á imaginação, penetrando-lhe a alma, tenazmente, e fazendo-o soffrer.

«Yú» fôra até alli seu unico amor... Enchera toda sua infancia de sonhos, todo seu coração de esperanças; morta, roubada tão cedo á vida, mal tinha começado a viver, a sua memoria querida ficara-lhe como um culto, amando-a ainda atravéz do tumulo, do inexoravel tumulo que a roubara para sempre, tão menina, tão formosa!

Se ella por acaso tivesse sobrevivido, talvez não a recordasse mais; a morte, porém, havia-a consagrado na sua memoria. Haviam impresso um resaibo eterno nos seus labios, os beijos que ella lhe déra, entregando-se, confiante e pura...

Mal a sua intelligencia havia desabrochado aos primeiros sentimentos reaes, fôra ella que lhe apparecera, a principio como um anjo louro a quem aprendera a affeiçoar-se, depois como a uma amiga terna e desvellada, cujo amor era toda sua aspiração, toda sua vida.

Recordava-se agora nitidamente de todas as peripecias do amor que mal merecia esse nome, porque nem chegara a epocha de firmar-se e crear raizes no coração.

Como as flores que vivem apenas uma manhã, o seu amor vivera sómente a infancia que é a madrugada da vida... Passou-lhe apenas como um sonho ditoso no primeiro despontar da existencia, quando as flores d'alma começam a desabotoar; e no emtanto deixara-lhe um rastro luminoso no coração, ensinando-lhe a ser terno, a supportar resignado as miserias da vida. E

como, n'este momento, essa lembrança o enternecia, o enlevava para as estrellas que lá muito no alto scintillavam, enchendo o céo de constellações, polvilhando o infinito de uma poeira luminosa, longe, tão longe como a grandeza de sua immorredoura recordação!

Como se lembrava de tudo tão nitidamente, tudo que pertencera á sua «Yú»!

A meiguice dos seus olhos, limpidos e scismadores, os longos cabellos caracolados e louros, a fronte rasgada n'um traço ousado e forte, o timbre unctuoso da voz, cheio de uma sensual ternura que ella, inconsciente, deixava emanar de toda a seductora candura do seu ser — todas essas linhas do que ella era, toda essa harmonia que só agora, por uma singularidade moral, podia verdadeiramente comprehender, evocando no intimo da memoria, alli estavam diante d'elle, em toda uma perfeição superior, exigindo um culto, pedindo uma adoração.

No emtanto tudo aquillo era uma phantasia vã que desejaria banir do seu espirito. Ella já não existia e todos aquelles encantos estavam hoje devorados pelas larvas do tumulo, e reduzidos a um esqueleto que o tempo ia fazendo negro e que os annos iam reduzindo a pó e a terra.

Sim! «Yú» já não existia, e debalde emtanto tinha tentado banir do seu espirito essa visão luminosa que o tinha acompanhado sempre,

ora mais, ora menos, para toda a parte, povoando-lhe até os proprios sonhos, enchendo-lhe a existencia inteira!

Todas aquellas scenas da infancia, que lhe pareciam votadas a um breve esquecimento, á proporção que as ambições da mocidade lhe fossem ganhando logar no espirito, voltavam-lhe, pelo contrario, com insistencia, á alma, com todas as recordações dulcissimas, com toda a exhuberancia de seus anhelos pueris, com todas as claras noites de luar cheias de estrellas no céo e de flores abertas no campo!

N'esse tempo, muitas vezes, — recordava-se — tinha desejado que as flores abrissem no céo e as estrellas despontassem na terra, para que com ellas podesse coroar a fronte de sua bem amada, que fôra o sonho de sua infancia e o tormento de sua mocidade.

Tinha quasi a mesma idade d'ella — um anno demais apenas. E todo o tempo vivido lá na sua obscura terra, gastára-o na sua companhia, nunca se cançando de ouvir as puerilidades d'aquelles labios, de sentir a caricia d'aquelle olhar, envolvendo-o amorosamente, longamente, nas noites de serão, de luar, no terreiro, a ouvir historias de Trancoso! Que doces eram aquelles momentos, ao lado d'ella, apertando-lhe furtivamente as mãos, sentindo-lhe o calor do corpo perto ao seu, confundindo a respiração, entregando-se ao acaso, deixando-se

levar pelo tempo — que confiava então — haveria não muito longe de unil-os por laços indissoluveis...

Os paes de ambos gostavam d'aquella inclinação, e os deixavam entregues ao seu enlevo...

Alguns annos se escoaram assim; annos que, agora reflectindo, davam-lhe a sensação de ter-se passado apenas como momentos ditosos — momentos que lá haviam ficado para traz, na bruma da noite, e que nunca, nunca mais! haviam de voltar para preencher o vacuo que se havia cavado nas profundezas de seu coração!

Chegára ás vezes a duvidar, em horas de allucinação, se tudo aquillo teria realmente existido, se elle não seria victima de um pesadello, se aquella ideia seria normal, se tudo aquillo teria sido effectivamente uma realidade!... Chegava a duvidar de sua propria integralidade mental.

Mas não! tudo tinha sido real, e lá estava, no fundo do seu bahú, a flor resequida que ella lhe dera na hora da despedida, essa despedida que fôra para sempre, para todo o sempre! E quanto mais as desillusões da vida real lhe salteavam o espirito, quanto mais se enchia de repugnancia pela miseria da sociedade, quanto mais o coração transbordava de tedio com o egoismo dos homens, mais sua alma

procurava inconscientemente asylo n'aquella miragem azul da infancia, na recordação consoladora d'aquella morta querida, na evocação mystica d'aquelle olhar cheio de sonho — fóra do que, tudo lhe tinha parecido, até alli, uma mentira torpe e abjecta!

Ah! só «Yú» tinha para elle existido até alli! Só ella tinha enchido sua alma d'um efluvio eterno — e morta embora, continuava, unicamente, a encher de luz o cháos do seu coração, o deserto infindavel da noite de sua descrença! Só a sua memoria querida o podia convencer agora que ainda havia alguma coisa de verdade na vida, que fôsse capaz de compensar o sacrificio de existir, que podesse dar alento para levar ao Calvario a cruz da existencia! Só ella lhe apparecera como a revelação da luz — para elle que se via cercado de trévas. Só ella lhe revelara o céo, quando elle, descrente de tudo, quizera repudiar a immortalidade!

Não podia, pois, contestar-lhe a existencia, negar o sonho de sua infancia, a luz que illuminara, até alli, os seus passos mal seguros.

Recordava, em toda a evidencia, sua despedida, que, sobretudo, nunca se lhe apagara da memoria.

A manhã vinha abrindo lá para o oriente, limpida e dourada. As estrellas, em cima, começavam a desmaiar, tremeluzindo, saudosas, no céo de opala, alto e sem nuvens...

A orchestra das aves rompia do fundo da selva, inda cheia de sombras, o seu primeiro hymno, quebrando o silencio mysterioso das grutas.

A lua, no ultimo quarto, em pallidez de noivado, olhava a terra, por traz das arvores, diffudindo seus ultimos raios indecisos, que já se confundiam com os primeiros albores triumphantes da manhã.

Vinha de tudo uma nostalgia suprema que se estendia espiritual descendo do céo, como grandes azas abertas para a terra.

Emquanto se faziam os ultimos aprestos da viagem, «Yú» chamara-o para um canto e com os grandes olhos muito cheios de lagrimas, dissera-lhe, mal podendo conter o pranto que se avolumava no seio, embargando-lhe a voz querida:

—Eu tenho um presentimento que não te verei mais... Adeus! não te esqueças de mim!

Ah! nunca ella lhe parecera tão formosa. Seus longos cabellos desatados, tão perfumados como se as rosas alli florescessem, quasi que cobriam-n'a de todo. Evocava agora, com uma extraordinaria precisão doentia, os seus bellos olhos rasgados, o assetinado da cutis de neve, pondo em destaque a adoravel bocca rubra e assetinada, no gesto instinctivo de um beijo que se dá no amplexo das infinitas delicias. As volumosas lagrimas dançavam-lhe nas palpebras, a

ternura da separação subia-lhe aos labios, n'uma dolorida ancia de martyrisantes caricias, jurando-se que se encontrariam, como no céo se encontram os bemaventurados. E no doloroso renunciamento da ventura de se verem, de repente elles se acharam abraçados e suffocados, chorando lagrimas ardentes.

Elle partira com o coração despedaçado, e em toda longa viagem — quer sonhasse, quer estivesse acordado — aquella visão luminosa não o abandonava, não lhe deixava, um só instante, o martyrisado pensamento.

Arrastou os primeiros dias na cidade como um somnambulo. Toda aquella multidão de caras desconhecidas que encontrava, o numero immenso de indefferentes que por elle passavam em todos os instantes, nas ruas, produziam-lhe um tedio insupportavel, uma suprema sensação de sua propria inutilidade no drama da vida.

Todavia a ambição de firmar um nome, de estudar, de impor-se aos homens com a superioridade do seu talento, absorviam grande parte de suas preocupações e alliviavam-n'o do peso moral que lhe produzira a separação d'aquella a cuja convivencia tanto se habituara.

Passou assim tres mezes absorvido no estudo, procurando impôr-se aos mestres e condiscipulos, com o espirito cheio do sonho de gloria, que, a par do sonho de amor, se consti-

tuira o alvo de sua mocidade, cheia de vida e de esperanças.

As primeiras cartas de «Yú» alliviaram-n'o. Guardára-as por muito tempo, ao aconchego terno do coração, como o evangelho a cuja musica harmoniosa, havia de subir a escadaria resplendente da sua gloria, do seu sonho.

Respondera-as animado e fazendo grandes projectos de futuro. Dissera-lhe que cada dia mais se aferrava ao estudo, mais procurava elevar-se para que melhor podesse merecel-a.

Sua saudade era seu culto. A esperança de vêl-a no fim do anno, nas férias, o tornava, desde então, expansivo e eloquente, prelibando aquelle goso.

E fizera projectos de meninices e de loucuras... Haviam de correr muito os campos cheios de relvas, teriam de roubar ninhos nas arvores, ouviriam juntos a missa do Natal que o velho cura havia de dizer á meia noite, do lado de fóra da ermida, tremulo e curvado, com muita uncção, para o Missal amarellecido pelo tempo... E relembrava-lhe, apaixonado e meigo, a ancia com que sempre costumavam esperar pela noite de Natal, que resumia para elles a somma de todas as felicidades da vida, o cumulo de todas as aspirações da terra! Ninguem pensava em dormir n'aquella noite festiva, cheia de muitas estrellas no céo e de muitas alegrias no intimo, que, como outras tantas es-

trellas, brilhavam rutilantes, n'alma de cada um d'aquelles bons camponezes, tão simples e tão despreoccupados do peso rude da vida, que só nos grandes centros se faz sentir com verdadeira evidencia.

No emtanto, um mez depois d'essa carta que elle enviára tão cheia de sonhos roseos, chegara-lhe ás mãos uma missiva severa tarjada de luto.

O coração bateu-lhe com desmedida violencia como querendo romper-lhe o peito, e ante aquelle presagio de desgraça, insensivelmente vieram-lhe ao pensamento as ultimas palavras —as unicas —que «Yú» lhe dissera despedindo-se-lhe, com lagrimas nos olhos.

Parecera ouvir de novo, nitidamente, aquellas palavras fatidicas, batendo-lhe no espirito cruelmente, como um camartello inexoravel, com a sensação horrivel de um pesadello.

Quizera então afastar—lembrava-se bem—ainda por um momento, o peso d'aquella desgraça que presentia imminente sobre sua cabeça. Atirara a carta para um lado e chegara-se á janella—aquella mesma janella onde estava agora.

O sol batia de chapa na casaria branca do bairro de Santo Antonio, faiscando n'agua do rio e no alto, nas torres das igrejas. Fazia uma calmaria immensa, uma calma de meio dia, confundida apenas pelo indistincto rumor que

vinha lá de baixo—o rumor da vida, da lucta, das paixões. Pelo rio abaixo, sereno, descia um bote apenas com dous homens, batendo preguiçosamente n'agua com os remos, a assoviar despreoccupadamente uma canção popular. Invejou-os com aquella indifferença do mundo, aquelles semblantes de quem não sonha, não pensa, nem deseja e vai preenchendo indolentemente a vida, sem paixões, sem nada...

E seu olhar dolorido acompanhou-os melancolicamente até além, até a curva do rio, com os olhos turvos de lagrimas. desejando ir com elles, incarnar-se n'elles, aspirando não sentir nada na anesthesia de seu espirito, no aniquilamento absoluto de todas as ambições...

Voltara-se então para a carta, que parecia olhal-o com severidade, reprehendendo-o de sua fraqueza, de sua cobardia... E, n'um gesto violento e resoluto, pegara-a tremulo, rasgara-lhe nervosamente o involucro, passando uma vista longa para o seu conteúdo fatal.

Realisara-se o seu presentimento!

«Yú,» a sua «Yú» não existia! E louco, blasphemo, convulsivo, elle soluçara longamente, com a cabeça entre as mãos!

.....

Desde esse dia, a vida tornara-se-lhe, por muito tempo, um pesadello horrivel, um soffrimento ininterrupto. Procurou no estudo o esque-

cimento de todas as paixões, afogar ahi para sempre o passado, irremissivelmente perdido, e imbuir-se no seu sonho de gloria!

A tarefa a principio — depois de serenado o espirito — afigurou-se-lhe mais difficil do que lhe parecera.

A lembrança de «Yú» não o deixava um só instante, acompanhando-o onde quer que estivesse, onde quer que vagasse com a sua imaginação.

Quando teve de voltar, ás ferias, á casa paterna, a visita piedosa ao seu tumulo fizera-o soffrer atrozmente. Ante aquella sepultura em que estava, para sempre, irremissivelmente, encerrado o periodo de sua infancia tão cheio de risos; aquella sepultura que talvez fechasse toda a aspiração de sua mocidade e todos os anhelos do seu coração moço e cheio de vida, ante aquelle crepusculo que vinha obscurecer a formosa madrugada de sua mocidade — elle sentira-se aniquilado, exhausto de forças, como se, de repente, o mundo inteiro lhe houvesse desabado aos pés.

O pensamento doloroso de toda aquella felicidade perdida, de todo aquelle encanto desapparecido, de toda aquella formosura esvaida, fazia-o afastar de si horrorisado a ideia do aniquilamento final.

Não! não era possivel! a morte não poderia ser o Nirvana! a morte deveria ser a aurora de

uma nova vida, a resurreição de um novo sonho. A materia decompunha-se para que o espirito ascendesse ás regiões luminosas da immortalidade, para continuar a realisação de seu aperfeiçoamento em busca de sua eternidade. Como o somno era o intermediario entre a vida e a morte da materia, — a morte era a intermediaria entre a vida terrena e a immortalidade do espirito.

E a esses pensamentos que lhe bailavam na mente, enlouquecendo-o, com os labios collados á lapide do tumulo — o velho guarda, tremulo e amigo da morte, já pendido para a terra que o chamava, despertara-o quasi noite, tocando-lhe no hombro.

Oh! como elle se recordava agora da tristeza d'esse Natal que o encontrara de lucto pela primeira vez na sua vida!

Como o coração assistiu despedaçado, presenceando todas aquellas ruinas do seu passado que então lhe parecia tão distante, quando d'elle o separavam sómente alguns mezes! Como lhe parecera ter envelhecido tanto n'esse pouco tempo, quando apenas despontava a vida, quando para elle deviam começar a sorrir todas as esperanças do futuro!

Ah! é que a velhice se conta menos pela idade do que pelas desillusões que se vão accumulando no espirito. A alma póde envelhecer mais depressa que o corpo; e quanta mocidade

não existe por ahi empanada ao peso das decepções crueis da vida, das luctas cruentas em que o espirito baqueia!

E Armando comprehendera que aos 16 annos tinha dado o primeiro passo para a velhice; a semente da primeira ruga, do primeiro cabello branco, estava para sempre plantada no coração.

Podiam novos sonhos encher-lhe o coração de novas illusões; podiam novas primaveras vir encher-lhe de flores a mocidade... Nada porém impedia que a semente germinasse, passados annos, passado esse primeiro impulso da mocidade que tende para o riso e para a felicidade, n'essa epoca em que as lagrimas se evolam como ligeiras nuvens n'um céo d'estio, que apenas por momentos obscurecem o azul do infinito. Ah! só na velhice é que as lagrimas são como o inverno; só na velhice, na idade da reflexão, é que ellas vestem de tristeza infinita todo o céo de nossa imaginação, despindo-a de todos os arroubos, arrancando ao coração as derradeiras esperanças que lhe restam do naufragio inevitavel da mocidade. As sombras da primeira aurora não entristecem, fazem scismar: as sombras do crepusculo, pelo contrario, penetram a alma, enchendo-a de todas as melancolias da natureza.

Armando, pois, n'aquelle tempo, apenas aos 16 annos, tinha vigor e força de vontade bastan-

tes para ir esquecendo o golpe immenso de que fôra ferido tão precocemente o seu coração.

Com effeito, apenas voltara para a cidade no anno seguinte, havia tratado d'essa obra de transfundir o seu coração, arrancando-o áquelle sentimento que o prendia como uma penosa grilheta que tivesse ao pé.

De volta encontrara um bom companheiro para a «republica». Era o Alberto, um brincalhão de força, eterno academico, filante de provas conhecido, com uma bôa meia duzia de reprovações no costado, e uma «perna» indispensavel de todo o divertimento, fosse ou não convidado.

Fóra d'isso, muito leal, muito dedicado e muito bom amigo. De resto não acreditava no amor, e namorava a humanidade em peso, sem paixão, nem pieguice. Tinha então 35 annos, e ninguem lhe sabia a idade.

Uma tal companhia, é bem de vêr que muito servia para Armando que precisava de distracções, que necessitava esquecer a impressão funda que lhe havia causado o desapparecimento d'aquella que se havia empossado de seu espirito n'uma doentia obsessão.

Como é um proverbio, que os extremos chocam-se, aquelles dois rapazes com ideias e sentimentos tão differentes entre si, vendo-se um dia, sympathisaram-se e deliberaram fazer a «republica» em commum, um delicioso e desarranjado «menage» a dois.

Armando fez logo a seu companheiro a confissão da historia dos seus amores perdidos: e fel-o, sem esquecer uma só minudencia, desde os brinquedos da infancia até a scena do cemiterio em que o guarda viera surprehendel-o, quasi noite...

Alberto escutou com muito interesse — com o interesse de quem ouve um romance — mas declarou peremptoriamente que aquillo não valia nada, que era preciso esquecer para sempre...

— Não vale a pena estares a amofinar-te, menino! — dissera-lhe.

Pois então? a vida é isto mesmo e não vale nada viver a gente a malucar n'aquillo que não tem mais remedio. Aqui na cidade, para quem tem bom faro, como eu, não faltam diversões, não falta em que se empregue o tempo... Era preciso distrahir — fôra a conclusão.

E acompanhou á palavra a acção. A'parte o tempo que deixava o amigo entregue aos estudos — cousa em que elle nunca se occupara — levava-o consecutivamente ás excursões eternas pelos arrabaldes — á Caxangá, á Olinda, á Tegipió, á Boa Viagem, a toda a parte, afinal.

Foram então gentis patuscadas, especialmente aos domingos, em que o Alberto arranjava sempre outros rapazes que se alliavam ao bando — rapazes da sua mesma tempera, já se vê.

Passou-se assim esse novo anno: Armando divertira e estudára muito, dividira equitativa-

mente o seu tempo entre a diversão e o estudo, e teve nos exames a approvação plena de diversos preparatorios.

Alberto tivera mais uma reprovação, o que tornou mais expansivo o seu bom humor, e como prova associou-se ás férias do amigo, indo passal-as ao sertão com elle.

Que deliciosas foram essas ferias! Alberto valia por um exercito e revolucionou, só elle, a pequena localidade sertaneja, com sua presença e seus planos arrojados.

O povo simples do sertão, em presença d'aquelle espirito lhano e communicativo, estimou-o deveras.

O Natal passou-se deliciosamente para Alberto e o amigo, em danças, em festas de toda a ordem que promoveram, em caçadas, em longos passeios pelas visinhanças.

Quando voltaram, no começo do anno, ao Recife, vinham francamente saudosos, especialmente Alberto que namorara e revolucionara a terra em peso.

Os outros annos seguiram-se com pequenas variantes, da mesma maneira para Armando, a quem a companhia do amigo muito tinha concorrido para desvanecer o peso que existira em seu coração.

O sonho de gloria passou a occupar, unico, no seu espirito o lugar que tambem outr'ora coubera ao sonho de amor.

A amada morta continuava a existir no seu espirito apenas como uma lembrança longinqua, uma recordação vaga e querida que vinha, por momentos, toldar-lhe a fronte e o coração de melancolia...

Mais nada. A mocidade ardente que lhe palpitava nas veias, que sentia subir-lhe ao cerebro, communicando-lhe ideias grandiosas, — parecia-lhe de todo ter espancado aquelle sentimento morbido que se apossara d'elle e que ameaçara arrastal-o na mesma vaga espumante e devoradora.

Voltara-se para o sonho de gloria: este começou então a consumil-o, unico, dominando sosinho, como o vencedor que sobrevive no campo da batalha, exigindo o tributo que lhe é devido.

E fôra dominado por esses sentimentos que afinal se havia formado em sciencias juridicas e sociaes.

III

Passando assim em larga revista todo seu passado, Armando sentia-se agora mais desalentado do que nunca. Do seu espirito, nos ultimos tempos de estudo, pouco a pouco, reapossara-se a antiga obsessão, e elle experimentava, n'esse instante, encarando a solidão que se lhe estendia em torno, uma sensação de abandono e de frio, um desejo insensato de gritar para acordar o echo adormecido, de sacudir o torpor que o empolgava de todo e o abraçava, subjugando todas as suas energias.

Que fôra feito do sonho de amor? A natureza, egoistica e impassivel, cortara-o em plena florescencia. E do sonho de gloria o que fizera? Ah! O sonho de gloria! vira-o desfazer-se e volatilisar-se como uma nevoa, de encontro ao egoismo dos homens; e, mais do que nunca, o despertar d'essa illusão querida que havia sido sua com-

pensação nas dôres, deixava-lhe ante os olhos a desoladora perspectiva de uma existencia inutil, de um futuro vasio, desenrolando-se com a monotonia de uma estrada deserta, sem accidentes nem curvas, prolongando-se como uma fita intermina para longe, para o horisonte, confundindo-se com a poeira, para além...

Estudara, luctara para as conquistas das posições; dentro do circulo de sua altivez, na insensata confiança do seu merecimento, faltara-lhe a protecção venal que levanta os individuos sem distincção de merito e arrasta ao chão as aguias para cortar-lhes as azas audazes.

Elle desconhecera que a justiça é menos um ideial do que uma fórmula; menos uma legenda do que um rotulo. Quaes eram, portanto, os mais aptos para merecel-a? Não seriam de certo os individuos de maior valor moral e intellectual, e sim aquelles de quem a sociedade podesse auferir maior somma de utilitarismo.

E Armando via agora claramente o motivo de incompatibilidade com o meio... Na medida da desproporção entre o valor moral e o material, achava-se elle, espirito que tinha a religião da justiça, diante de uma collectividade que erigira o utilitarismo como sua suprema norma reguladora.

Quantas vezes tinha elle perguntado a si

mesmo, na sua dolorosa sêde de justiça, se esta lucta encarniçada entre o forte e o fraco, se este duello tremendo entre a força e a razão, não encontrariam, n'uma epocha remota, a solução que viesse consolar a todos a quem a sociedade desherda em nome de seus preconceitos! A lucta vinha de longe, cruel e ininterrupta, enchendo a historia da visão extraordinaria dos grandes sacrificios.

E elle rememorava, cheio de dolorosa angustia, que tinham já decorrido 20 seculos que o grande doutrinador, em Jerusalém, expulsara os vendilhões do templo; e elles continuavam a occupar o mesmo lugar, sem que o vulcão annunciado viesse varrel-os da face da terra, o vulcão que derribasse tudo e tudo arrastasse nos seus escombros, para que a nova sementeira brotasse, fructificasse e povoasse a terra.

E o seu olhar investigador descia a rememorar a historia, a estudar a tendencia dos povos, a perscrutar a consequencia dos factos.

Era bem verdade que nenhuma das muitas revoluções que registra a historia de todos os povos—haviam tido ainda um caracter verdadeiramente universal! A todas, porém, precedera uma successão remota de factos, que fôra accumulando a onda, fermentando a alma das multidões, para expludir depois, terrivel e destruidora, so-

lapando instituições e nacionalidades, levando de vencida thronos e tradições, exercitos e povos. A propria revolução franceza, que derribara o throno de Luiz XVI, não fôra a consequencia de uma serie de erros e de dissoluções accumulados durante um seculo—isto sem levar em conta as causas remotas?

Os direitos do homem, porém, ainda não tinham sido proclamados! A guerra ainda subsistia como uma herança da barbaria, e o direito do mais forte ainda coutinuava a opprimir o direito do mais fraco! Loucos eram os que suppunham que haviamos chegado a uma expressão elevada da organisação social. O seculo XX talvez não reservasse bem profundas surprezas aos que do alto da soberania do capital e da intolerancia suppunham que haviam de ter eternamente o mundo aos pés, arrastando a pesada grilheta da miseria e da oppressão, emquanto os parasitas se riam, sugando-lhes o trabalho e a vida?

A somma de todas as revoluções que tinham convulsionado os povos, de todos os problemas sociaes que tinham agitado os grandes espiritos —não haveriam de em breve, talvez, determinar o grande cataclysmo que havia de estabelecer a sociedade em bases differentes? Todos esses factos isolados a que presidira sempre a suprema razão do direito do opprimido, não poderiam

constituir a «Genesis» da nova sociedade que viria abrir para a humanidade uma nova era, e para o homem um novo destino em que não fosse uma ficção a effectividade dos direitos?

O christianismo dissipara os erros grosseiros do paganismo, de que se achavam imbuidos os povos mais cultos da antiguidade, como os egypcios, os romanos e os gregos, destruindo-lhes as divindades monstruosas que constituem a historia da Mythologia. Fundara-se uma nova religião que viera aclarar os horisontes tenebrosos que envolviam a humanidade. No emtanto, as doutrinas de Christo, as mais justas que tem cahido sobre a cabeça da humanidade, ainda não tinham sido realisadas, como não haviam sido esquecidas. E do martyr que expirara, no cimo do Calvario, e cujas palavras 20 seculos não foram sufficientes para apagar-lhes o brilho — não poderia partir a flamma que estabelecesse no mundo a igualdade de direitos, a superioridade do bem, a paz e o amor? Os idolos modernos, — mais bellos na fórma e mais grosseiros na essencia — haviam de ser quebrados pelo mesmo sopro inspirado que ficára eternamente guardado nas solidões da Palestina, e se transfigurára em luz eterna no cimo aspero do Calvario.

Não haveria talvez mesmo necessidade de novas philosophias para as reformas sociaes: a

semente estava bem plantada e havia de germinar um dia — elle o confiara.

Para que as fórmas actuaes não subsistissem, faltava-lhes o principio essencial da justiça: sem esse apoio não eram falliveis todas as organisações sociaes?

Diante de todas essas reflexões que lhe vinham das profundezas do ser moral, Armando melhor comprehendia a razão de seu insuccesso, elle que tivera a loucura de erigir a justiça como directriz de seus actos. E via agora, bem claro, com toda a intensidade de um vidente, os olhos espantados para todo esse mundo que não soubera comprehender, a bancarrota de seu talento, a inutilidade de seu altruismo, o vão esforço de sua bondade.

E tudo isto, depois de ter experimentado o despedaçamento do seu coração! Ah! Nada poder conseguir no mundo, nada poder edificar — nem o amor nem a gloria! — Para que servia a vida? E o echo dolorido d'esta phrase subia como uma ancia mal contida, vinha do coração como um brado estrangulado contra sua propria impotencia e inutilidade! Para que então a vida? E elle ficava a escutar demoradamente dentro de si a pergunta que voltava insistente, tremenda, pedindo uma solução á sua covardia, pedindo um desenlace á dôr de sua vida!

Viver! viver! mas porque? Porque?

Amara, posera no amor a sua primeira aspira-

ção, e a fatalidade ou o acaso arrebatara comsigo a querida esperança.

Confiado no seu merecimento tinha estudado e tinha sido sobranceiro: e agora naufragava a sua aspiração de gloria como um castello de cartas na sua infantil fragilidade.

Ah! o mundo era a miseria, o egoismo! Não conhecera os homens e, escudado somente no seu proprio merecimento, quizera, louco, fazer-lhes competencia!

Agora, desilludido de tudo, com a laurea inutil conquistada pelo seu talento, eis que se sentia sem animo, eis que se encontrava cobarde para proseguir na tremenda lucta pela vida, para enfrentar a miseria do mundo, toda a lama que o cercava!

Sentia agora, ao rememorar tudo isto, o cerebro em fogo; uma ideia ignota e desconhecida perseguia-o, tenazmente, sem perceber o que queria, o que desejava... E a mesma pergunta voltava, dolorida e lenta como um dobre a finados: para que servia a vida?

Puxou invensivelmente o relogio.

Oito horas, já!

Elle percebeu então que a «republica» estava completamente ás escuras, emquanto estivera alli na sua janellinha a recordar todo o passado, a relembrar todas as illusões perdidas, toda a miseria do mundo.

Ergueu-se como quem se levanta de um

pesadello, e apalpando os bolsos riscou um phosphoro e accendeu uma vela proxima, collocada sobre uma mesinha.

«E o Alberto que não tinha vindo! — pensou. — Se ao menos elle alli estivesse para conversar um pouco...»

E começou a passear nervoso e impaciente pela sala, medindo-a a passos largos.

A cabeça ardia-lhe. Apertou os pulsos e verificou um toque de febre.

Depois voltou á janella, debruçando-se para fóra.

A noite — uma noite sem lua — ostentava-se limpida e serena. As estrellas, muito altas, scintillavam em constellações lucidas que polvilhavam longinquamente o espaço. Havia uma paz infinita e grandiosa em cima — e elle teve inveja d'essa paz da natureza...

Esteve um largo momento com os cotovellos fincados no peitoril da janella, a contemplar o espectaculo.

A cidade começava a recolher-se, e raros transeuntes passavam na calçada, indifferentes, palrando sensaborias, emquanto outros atravessavam calados e distrahidos, com o cigarro acceso entre os dedos.

Teve inveja de tudo isto...

Aquelles não soffreriam de certo como elle, com aquella chaga incuravel aberta no coração, com a perda irreparavel de todos os ideiaes

mortos, de todas as suas illusões desvanecidas, de toda a sua mocidade infeliz... Ia cada um vêr a familia, abraçar a esposa, beijar os filhos, felizes e contentes com a vida, da qual nada aspiravam e com a qual se conformavam.

O tedio da vida, o aborrecimento de tudo, entravam-lhe n'alma, pesadamente...

Fez-lhe mal então o silencio que o cercava, e resolveu sahir, para espairecer lá por fóra alguns momentos... Talvez o contacto de outras pessoas o arrancasse áquelle torpor que o minava, que lhe devorava o coração lentamente...

Poz o paletot preto, calçou os botins e tomando o chapéo e a bengala, sahiu automaticamente.

Lá fóra, os transeuntes começavam a rarear cada vez mais. Os sinos das igrejas davam somnolentamente nove horas... Algumas pessoas retardadas, passavam ás pressas, naturalmente, para a casa.

Armando dirigiu seus passos ao acaso pelo caes, sob as arvores ramalhudas e sombrias, em direcção á ponte da Boa Vista.

E caminhando, só, o cigarro acceso entre os beiços, olhando para os lados, indifferente ao que se podesse passar em volta de si, ganhou a ponte, em cujo centro ficou a olhar vagamente, com os cotovellos sobre as varandas, para o lado do norte.

A limpidez da noite, comquanto sem lua, fazia destacar bem os contornos do panorama que se desenrolava até certa distancia.

Ao longe, o horisonte fechava-se sombrio, mergulhado na noite, esse horisonte que era como seu proprio futuro murado e sem perspectivas. Seus olhos de somnambulo afundaram-se na tréva.

E esteve alli a olhar fixamente, como se visse, pela primeira vez, a fila de lampeões, alinhados, ao caes, que se perdiam até muito longe, isolados como sentinellas de espreita, perdidas na escuridão. Ao fundo, muito ao longe, elle divisava a massa escura do monte onde está edificada a legendaria Olinda, ponteada de luzes longinquas que davam effeito de estrellas, em multidão, emergindo do horisonte. De cima, vinha uma paz religiosa, coroando tudo, envolvendo em trévas os contornos da paysagem. Raros sons confusos de vozes chegavam até elle com a branda aragem que lhe acariciava a fronte, cortando de longe em longe, o silencio, o silvo agudo de um trem que passava fronteiro, na outra ponte, fumegando...

Tudo lhe dava a sensação aspera de um abandono absoluto.

E a lembrança do seu primeiro amor, tenue e vaga, amorosa e longinqua, voltava como a aragem fria dos cemiterios, penetrando-lhe a

alma, envolvendo o coração como uma sombra indecisa.

Realmente, desíeito esse sonho de gloria, desilludido dos homens e do mundo, abominando toda a perversidade hypocrita da sociedade que o cercava,—que maior ventura agora de que olvidar todas as maguas, esquecer todas as miserias humanas no seio da mulher amada, como a ave que esconde a cabeca entre as pennas, á approximação do temporal! Como seria agora feliz n'esse retiro tranquillo, fugindo ao contacto pernicioso dos homens, distanciando-se do bulicio perturbador das cidades, para ir viver, feliz no seio da natureza, no azylo ideialisado pelo seu coração, como as andorinhas amorosas que partem em busca da primavera para procurar o ninho tecido, madrigalescamente, no silencio das ogivas das cathedraes!

Ah! se existisse ainda aquella por quem tinha sentido no coração os primeiros impulsos, por quem havia aprendido a construir o primeiro sonho!

Se vivesse ao seu lado aquella em cuja companhia ouvira, em noites de luar, as historias contadas ao terreiro, em cujo contacto tão doce lhe era ouvir as missas do Natal, celebradas pelo velho parocho, quebrado e encanecido!

Mas não! tudo se tinha ido, tudo se tinha passado na voragem cruel que lhe devastara o

phrase tão banal e tão doce, tão velha e tão formosa: «eu te amo»! Se fosse possivel ainda esquecer o mundo, fechar os olhos á sua miseria, viver no azul do seu sonho, no céo do seu ideial, ao lado d'essa mulher que viesse piedosamente pensar as chagas de seu coração dilacerado, de seu espirito desilludido!...

Mas não era possivel! elle sentia-se cançado aos 24 annos, aborrecido do mundo e da vida, precocemente envelhecido e gasto!

Não era melhor acabar logo com o tormento? E do fundo amargo e enygmatico d'onde já tinha vindo, voltava a mesma phrase, synthese de toda a sua dôr: «Para que servia a vida?»

Automaticamente, como arrastado por uma força superior, olhou para baixo, para o rio...

O marulho surdo e longinquo, como um trabalho giganteo e subterraneo, subia até elle, de toda profundeza do abysmo frio e negro sobre o qual se debruçava. O rio alto pela affluencia da maré, tornava-se mais profundo e mais largo.

E na sua obsessão, essa profundidade e essa largura tomavam proporções phantasticas.

N'aquelle espelho terrivel, os combustores da illuminação reflectiam-se n'uma dança macabra... E Armando, fascinado e alheio ao mundo de seus pensamentos, para obedecer sómente a uma especie de resolução instinctiva, acompanhava, com a vista, attento e absorto, os raios

tremulos que dançavam á tona d'agua e desciam ás profundezas como raizes luminosas que procurassem attingir a terra, no fundo escuro e desconhecido.

E quanto mais fitava, quanto mais se absorvia e se identificava com sua propria apprehensão, mais o abysmo crescia no seu poder fascinador.

Armando continuava debruçado, debruçava-se cada vez mais, muito mais, como se fosse precipitar-se...

O abysmo continuava a sorrir-lhe, escancarando a bocca voraz na tréva.

E na testa de Armando abriu-se um vinco profundo, como se um pensamento supremo alli se cravasse.

Ia cahir, mas um movimento instinctivo reteve-o, sobresaltando-o; olhou para o alto, para a soberana paz das estrellas...

A grandeza d'aquella doçura tranquillisou-o um pouco. Passavam-lhe ao lado algumas pessoas, transeuntes pacatos, e elle accendeu um charuto para disfarçar a sua situação. Durou pouco a transição. Uma voz gritou-lhe: «covarde! covarde!» tão alto, na sua allucinação, que elle julgou que o apupavam. Voltou-se e ficou assombrado de estar só. Quem fallava então?

E a outra voz que viera de longe, como uma queixa, agora levantava-se imperiosa dentro de si, do desconhecido do seu ser, como querendo arrastal-o: «Para que serve a vida?» E tinha depois blandicias, inflexões de ternura, persuasões de amante: «Vai! vai! cahirás n'um segundo, fecharás os olhos e estará morta a tua dôr. Vai!» Ouvia agora n'essa voz a voz de «Yú», penetrando-o com sua immensa ternura, sentindo-a tão perto que bastaria dobrar a fronte para mergulhal-a nas rendas do seio querido.

Pois não era assim?

Quebrada a cadeia da vida, elles se encontrariam, no enlace espiritual das almas que se amaram na terra, como os bemaventurados que se encontram no céo. Era o idyllio que não mais findaria, o grilhão partido d'esta separação abominavel e tremenda.

«Vai! vai!» continuava dentro d'elle a voz queixosa e meiga. «Sim! eu vou! eu vou!» disse elle tão alto que ouviu risos em torno. Voltou-se e notou que, effectivamente, passavam rapazes que riam. Agora, seria d'elle, naturalmente; já não tinha duvida!

Apupavam-n'o, então! julgavam-n'o doido certamente! Ao longe, elle continuava a ouvir as gargalhadas sonoras.

E então todo o supremo nojo da vida lhe cresceu no intimo, como uma onda transbordante em que se sentia afogar. «O mundo, o

*

mundo, que abjecção!» E voltou-se de novo para o abysmo, n'uma resolução suprema.

Mas o instincto ainda o deteve. «Não! não!» E uma grande saudade da vida encheu-lhe o dolorido coração, na visão rapida da sua terra, lá, bem longe, dos velhos paes, da irmã, da familia, do aconchego terno que alli deixava cruelmente, como um ingrato vulgar, para todo o sempre. Emquanto pensava, detido, meio debruçado, os olhos procuravam de novo o abysmo, na sua obsessão constante. «Vai! vai!» ouviu de novo a voz dolente.

Sim! não era melhor acabar? Alli, no seio da tréva, deixaria de soffrer, aniquilar-se-ia tudo... O somno da grande noite viria curar todas as suas chagas... Não sentiria mais nada; passado, presente e futuro — tudo evaporar-se-ia do seu ser, no cháos do nada, do não existir... Alli afogar-se-ia para sempre, tudo o que foi, tudo o que viria a ser... A morte era um balsamo: era o esquecimento, a paz infinita...

Sim! era melhor acabar...

N'este momento bateram-lhe familiarmente no hombro. Elle voltou-se sobresaltado: era o Alberto, risonho, uma flôr á lapella.

— Caramba! tu aqui a esta hora! estavas naturalmente a «pescar»... Anda d'ahi!

E rematou a conversa a entrar em casa:

— Tenho-te uma proposta para ámanhã.

IV

Armando passou mal esta noite... Logo que entrara em casa, com Alberto, este, habituado ás mudanças subitas a que estava sujeita a organisação do amigo, ás melancolias bruscas que o tornavam como animal selvagem, deu-lhe as boas noites e foi deitar-se como um bem-aventurado, assobiando um trecho, então popular, do «Tim-tim», emquanto mudava de roupa.

Armando, uma vez só, abriu um livro ao acaso, folheando-o distrahidamente, para o conseguir entreter alguns momentos. Longe, ouviu soar melancolicamente dez horas. Do ponto em que elle se achava chegava a voz somnolenta dos clarins tocando a silencio nos quarteis. De outro ponto, distante, vinha-lhe a melodia grave de uma flauta, e tudo isto o embalava como n'uma rede, n'uma caricia empolgante e consoladora.

Quiz fixar a leitura e não pôde; o pensamento continuava longe, sem ponto fixo, fluctuando como n'um sonho, arrastado pela melodia grave da flauta que continuava a soar como uma queixa exhalada na paz soberana da noite.

O livro cahiu-lhe sobre os joelhos, aberto, e elle continuava a olhar as paginas, com os olhos vasios, n'uma posição automatica.

Os clarins, ao longe, haviam-se calado, a flauta exhalou a ultima nota aguda e prolongada como um grito de dôr soltado na grande paz da noite. Fez-se de repente um tranquillo silencio que arrancou Armando de sua posição e seus olhos voltaram-se para fóra, d'onde, pela janella aberta, entrava a indecisa luz das estrellas. Levantou-se, fechou o livro e foi debruçar-se na janella. Alli, sentiu uma indefinivel sensação de apasiguamento, sob a acção da brisa que vinha acariciar-lhe a fronte, n'uma ternura felina, amodorrando-o alli, no seio d'aquella solidão, sentindo-se afastado do mundo e da vida... No horisonte em frente, recortando-se na casaria do bairro do Recife, uma luz leitosa accendia-se, espraiava-se, prejudicando o brilho inquieto das estrellas: era a lua que nascia em minguante, annunciando-se.

Os transeuntes agora eram absolutamente raros e a solidão crescia em torno abafando todos os echos. Essa solidão penetrava-o, augmentando a sua exquisita sensação, agora

feita de uma dormencia de todas as suas revoltas, um apasiguamento de todas as energias, uma absoluta anesthesia de todos os nervos.

As impressões que tivera voltam-lhe desconnexas, tomando fórmas estravagantes, bizarras. A depressão nervosa soffrida actuava agora desapiedada sobre o organismo cansado. Quiz de momento sacudir aquella especie de torpor e não pôde.

Sentia mais e mais o cerebro no vacuo e as impressões do mundo exterior afogarem-se, diluirem-se, como tenuissimas sombras phantasticas, adelgaçando-se, volatilisando-se, em vaporisações subtis. N'um impulso quiz levantar-se. Não poude; abriu desmesuradamente os braços como para cingir alguma visão, e cahiu para um lado, no soalho, a cabeça desamparada, o livro aberto, sobre as pernas.

Aterrorisado a esse ruido, Alberto, despertando precipitado, correu, do interior da casa, cheio de inquietação. Ao chegar junto do amigo, petrificou-o aquelle quadro triste.

Armando, estendido, junto á cadeira, tinha contracções jacksonianas, todas as manifestações epileptiformes, com grande agitação da cabeça, salivando abundantemente devido á secreção das glandulas sub-lingual, sub-maxillar e parótida.

Correu para elle, tremulo e afflicto, sem saber bem o que aquillo era, desconfiando

apenas... Nunca o tinha visto assim, e o que fazer áquella hora da noite, isolado alli, sem ter a quem pedir soccorro?

Lembrou-se de pedir auxilio ao andar visinho; mas como deixar o amigo por um minuto? Tomou-o, pois, ao collo, n'um carinho de mãe, guardando entre as suas, as mãos d'elle, cujas extremidades estavam frias. E sem saber o que fazer, limitava-se a chamal-o, como embalando-o, cheio de caricias, afflicto por aquelle agitar de cabeça ininterrupto... «Armando! Armando!» Passaram-se assim para Alberto dez longos minutos de dolorosa espectativa... Notou, porém, mais tranquillo, depois, que as contracções cediam, a cabeça ia-se immobilisando. Teve, porém, um terror supremo. Iria o amigo morrer? Na sua agitação, tomou-o, em ambas as mãos, sem saber o que fazia, sacudindo-o com força.

—Armando! Armando! não me ouves?

Sentiu então um gemido quasi imperceptivel que o tranquillisou—esse gemido pathognomonico dos epilepticos. Chamava-o, mais, animando-se, com a voz cariciosa:

—Armando; Armando!

Era evidente que elle melhorava. Outros gemidos vieram mais distinctos, gradativos, e, por fim, Armando abriu os olhos, sem expressão, vasios, fitando-os demoradamente no amigo.

—O que tive eu?—perguntou.

Alberto, agora, ria-se tranquillo, readquirindo seu bom humor. Ajudou-o a levantar-se, sentando-o na preguiçosa.

— Ora que bom susto me pregaste! O que tiveste, devo-te eu perguntar. Andas porventura a ter agora desmaios, como as mulheres? Quando eu te digo que essa tua vida não anda direita...

Armando sorria agora, frouxamente, em perfeito estado de «collapsus», em franca adynamia.

Que diabo! que seria aquillo?

Ficou alli muito tempo, aniquilado... Pediu depois ao amigo que se recolhesse. Elle não tinha mais nada e chamal-o-ia se fosse preciso. E sobre elle, sem pensar em nada, o cerebro vasio, os olhos inexpressivos, cahiu aquelle soberano silencio da noite que se divisava atravez da janella aberta.

De repente, quebrando o silencio, elle ouviu, em sua leve modorra, uma «serenata» que se approximava pela rua afóra...

Alguem, acompanhado de um violão, cantava uma canção popular. Triste e prolongado, chegava-lhe o estribilho aos ouvidos:

«Adeus que eu vejo na soidão dos mares
O lenço branco a nos dizer adeus»

O violão gemia, alteava-se, abrandava o queixume, quasi imperceptivel, contando maguas

com as dôres que rugem e as contemplações que distendem o espirito. Havia ciumes que alanceavam a alma, nas notas vibradas nas cordas retesadas, e saudades que vinham nos «pizzicatos», nos graves das cordas frouxas, acabando n'um imperceptivel queixume que o vento arrastava e se confundiam com os sussurros das arvores, em frente. E o estribilho voltava lento, doce, molhado de lagrimas, prolongando sua melancolia.

«Adeus que eu vejo na soidão dos mares,
O lenço branco a nos dizer adeus».

A canção, trazida pelo vento, parecia vir e fugir, emballando-o. Cerrou as palpebras a um somno leve, subtil, e parecia-lhe, confuso e longinquo, voltar o estribilho doce e demorado:

«O lenço branco a nos dizer adeus.»

E levemente adormeceu, cheia toda a sua alma da dolencia do estribilho, como que dizendo-lhe os adeuses das proprias illusões mortas.

Cedo acordou; e—caso singular—a sorridente gloria matinal da luz o predispoz bem. Levantou-se—apenas um leve peso na cabeça—fez rapidamente as abluções matutinas e dis-

poz-se a sahir. Era, de momento, um grande desejo de respirar a plenos pulmões, livre emfim d'aquella noite de atrozes pesadellos. Apenas veio á janella, a cidade em frente como que lhe appareceu resuscitada, ella tambem, de um longo pesadello, toda alegre e risonha, n'um adoravel pollulamento de fachadas brancas.

Agora o rio já lhe não parecia tão profundo; as aguas quasi verdes rolavam, tão transparentes, que dir-se-ia poder divulgar o fundo arenoso.

Este bem-estar decidiu definitivamente a Armando. Fez uma leve *toilette* de campo e sahiu, sem destino, rua da Aurora a baixo, em direcção ao bairro de Santo Antonio.

E agora, atravessando a ponte da Boa Vista, com o olhar curioso abragendo o delicioso panorama que alli a natureza prodiga offerece ao observador, elle pensava na inutilidade do seu sacrificio covarde, que iria arrastar talvez outro sacrificio, e de mais dois entes caros de que elle era o bordão a que se arrimavam os passos tremulos de sua velhice. E, nas inconstancias de seus impulsos, nem sabia agora como esta ideia tinha podido apossar-se-lhe do espirito!

«Não! o homem não tinha direito de dispôr da vida, não tinha direito ao suicidio—pensava. Todos soffriam, todos luctavam. A morte

viria no fim da estrada, compassiva e terna, para fechar-nos os olhos ao espectaculo do mundo, para arrancar-nos da lucta cruenta, para fazer-nos esgotar o calix da amargura que, mais ou menos, todos empunham na existencia. Para que provocar mais depressa a solução natural de todas as coisas — a solução a que ninguem se poderia furtar? Era cobardia, esse acto!»

Nascer, luctar, soffrer, morrer, não era bem o cyclo fatal da vida? Esperar que elle se completasse, com resignação e perseverança, eis o alvo das almas fortes, das almas que não se dobram senão quando o raio da morte vem feril-as para sempre.

Cheio d'esses pensamentos, Armando atravessara a ponte e entrou n'um café ainda deserto áquella hora da manhã.

Um caixeiro ainda somnolento, com uma toalha sobre os hombros, veio saber o que elle queria.

—Traga-me café...

E ficou sentado mollemente a olhar ao acaso os transeuntes que passavam lá fóra.

Tudo tinha para elle um ar de impertinente felicidade, n'aquella clara manhã de domingo.

A gente passava aos grupos, palrando alto, com embrulhos nas mãos, a fazer projectos para o dia. Quasi todos tinham o ar de satisfação de quem preliba os gosos de algumas horas passadas no campo, depois da semsaboria dos seis dias de trabalho.

Dois sujeitos nedios pararam á porta do café, com ares superiores, a fallar sobre transacções commerciaes, alludindo á baixa do cambio.

O caixeiro voltou trazendo n'uma bandejinha o café pedido e bolinhos, que collocou defronte de Armando.

Mexendo o liquido, Armando ficou-se a olhar para o grupo dos dois homens defronte d'elle, que continuavam pacatamente a discutir o cambio e a situação economica do paiz, conversa em que o governo ia levando a sua conta de bons arranhões.

Recordou-se então que antes de estudar, seu pae manifestara a ideia de que elle deveria seguir a carreira do commercio. Elle não quizera... Repugnara-lhe a materialidade d'aquella vida de algarismos e de contas correntes, sem a pontinha de um ideial que satisfizesse os impulsos do espirito...

Não! não era isso que elle queria n'esse tempo, não era isso que satisfaria a sua vaidade nem alimentaria o seu sonho de gloria. Ter dinheiro, muito dinheiro, cercado de todas as commodidades da vida, de todos os confortos que a riqueza podesse proporcionar, mas não passar de um simples burguez, de ventre obeso, cara rapada e gorda, cabello repartido ao meio — isto nunca!

Elle queria elevar-se pelo merecimento real,

subir, degráo a degráo, pela escada tortuosa de todas as luctas — mas impôr-se por um valor verdadeiro, e deslumbrar as multidões pelo proprio talento.

Ao seu espirito recto, repugnava tudo quanto não fosse justo, todo o merecimento que não tivesse base no lado moral do individuo. A riqueza sem esse apoio não o obrigava a homenagens; a posição social que d'ahi proviesse, não lhe merecia respeito.

Elle pensava assim — mas o mundo assim não raciocinava. E era forçoso convir que a estupida maioria que o esmagava, é que devia formar a opinião publica, essa coisa incolor e vaga que, ao sabor das conveniencias, fluctua sobre a cabeça do individuo para absolvel-o ou condemnal-o.

Elle tinha alli o exemplo diante dos olhos, n'aquelles dois burguezes que se apoiavam no dinheiro como a uma columna de bronze, que nos proprios gestos physionomicos cheios de uma indifferença desdenhosa, trahiam claramente o desprezo em que tinham esse resto de gente faminta, que commette indignidades por uma codea de pão, e esse mundo espiritual que não faz valer a sua importancia na praça, com o peso das libras sterlinas.

Tinha mesmo notado a differença com que o caixeiro os tratara — a elle com gestos de quem não dá muita importancia; e aos dois sujeitos

fazendo-lhes mesuras em distancia respeitosa, perguntando se *Suas Senhorias* desejavam alguma cousa...

Armando levantou-se intimamente indignado, dando um repellão no prato e na chicara, que chegou a chamar a attenção dos dois sujeitos que conversavam apprehensivos sobre a desvalorisação do papel moeda.

O caixeiro voltou para elle, de máo humor, a perguntar se era só o que queria...

— Mais nada! — respondeu franzindo o sobr'olho, com impetos de jogar-lhe o dinheiro á cara. — Quanto é isto?

E atirou sobre o prato o dinheiro, retirando-se acompanhado de um olhar de mofa do caixeiro, que o achincalhou pelas costas, resmungando.

— Como se eu lhe houvesse furado as tripas! E' bôa.

Armando sahiu para a rua com um certo máo humor intimo, pela presença d'aquelles dois burguezes bojudos que synthetisavam os seus grandes rivaes, na arena da sociedade aonde agora se considerava um vencido.

Realmente! — ia pensando, rua abaixo, — elle, cheio de espirito, illustração e talento, era um vencido; e aquella ignorancia chata e vasia, conquistara a victoria!

O predominio do dinheiro impunha-se-lhe aos olhos, patente e irrecusavel, ostentando

todo o seu poderio desdenhoso, toda a solidez do seu pedestal assombroso.

Os vencedores eram aquelles, os que podiam comprar as consciencias a peso de ouro, os que podiam moldar a justiça ao capricho do dinheiro! Os vencidos eram os que sonhavam com uma gloria na terra, os rebellados ás leis que estão impostas á sociedade — vencidos como elle que sonhara com uma justiça, com a equidade e a solidariedade entre os homens.

Aquelle caixeiro era o mundo, era a personificação da miseria em que vivia — aquelle caixeiro que fôra perguntar a *S. S.as* os burguezes, com uma curvatura servil, se as *Senhorias* não queriam alguma cousa, a vêr se lhe escorregavam um nickel pela mão á mão d'elle — de cão faminto que espera que lhe atirem um osso...

Oh! a miseria da vida encharcava-o!

Ouviu então os sinos da Penha, cuja sonoridade cantante atravessava o ar, como uma vibração crystalina que estremecia as coisas. Lembrou-se de ir ao templo como costumava fazer, menos por sentimento religioso do que para sentir as emoções que esses vastos recintos lhe despertavam, as imagens evocadas, com os seus cirios ardendo, as suas estatuas, a sua velada penumbra, as suas altas abobadas.

Ao chegar ao templo, a voz solemne do orgão enchia todo o recinto de sua alma grandiosa e melancolica. De pé, recostado a uma das gran-

des columnas, Armando começou a observar, todo invadido d'aquella austera poesia que o cercava. Como sempre, no seu fervor pela arte, elle agora admirava esse interior tão primorosamente completo, o indomavel arranco de fé prodigiosa e immortal que reunira alli todas essas coisas. N'aquelle interior, evidentemente, duas escolas architectonicas haviam predominado: de um lado a theoria romanica, com todas as recordações monasticas, com seus poucos arcos de volta perfeita, um tanto sophismada pela sua cupula bysantina; e de outro lado, notavelmente preponderando, o estylo gothico moderno ou, mais propriamente, ogival, com o caracteristico dos seus arcos mixtos, evidentemente mais numerosos, todo o conjuncto de linhas ascendentes subindo para o alto como uma oração, como que augmentando o espaço e engendrando perspectivas de inesperado effeito. Esse movimento ascencional das grandes linhas, obedecendo ao seu principio architectonico, era interrompido pelo arco dobrado que separa as pilastras, quebrando-se pouco a pouco, primeiro no arco triumphal do cruzeiro e depois nos arcos da nave principal, em torno da rotunda de cujos vitraes multicores, a luz descia a jorros, prejudicando porventura a perspectiva das naves lateraes, mas formando n'aquelle ponto do templo toda uma alleluia de côres, empallidecendo os cirios accesos nos alta-

res, e a lampada solitaria que velava o Sacramento.

A superposição alli, do arco mixto ao de volta perfeito, não só como meio de construcção visando restringir o repucho das abobadas, mas como principio de architectura, longe de diminuir a unidade do conjuncto, dava-lhe uma elevação maior pela diminuição do módulo das columnas, uma harmonia mais grave e soberana, tal como essa harmonia que nos monumentos produz a superposição da ordem jonica sobre a dorica. E era de vêr a suprema flexibilidade das linhas, nos pormenores da ornamentação, desde os cordões das portas ao vão das janellas, variando infinitamente no seu feitio, até accentuar-se em difinitivo no altar-mór, todo dourado, emergindo das luzes e dos florões com suas arestas agudas, n'uma apotheose de gloria a que o fumo subtil do insenso, subindo lento, communicava alguma çoisa de lenda e sonho.

Logo o espirito de Armando, por um d'esses vôos que tão peculiares lhe eram, desgarrou-se por uma associação de ideias, para esse remoto passado, para essas luctas que a architectura religiosa atravessou, em todo seu evoluir. Em primeiro logar, a influencia exercida pelo christianismo acompanhando a architectura ás catacumbas de Roma, onde dispoz as campas do martyres, abriu os *cubicula* onde o culto se celebrava, ergueu e aperfeiçoou as abobadas sob

cujo silencio arrastou os trezentos annos que lhe asseguraram a eternidade. Foi em seguida, depois de Constantino, sob a luz do sol, onde purificou os templos, despojos opimos dos vencidos deuses do Olympo, fulminando Venus Aphrodite para levantar a figura macerada de Christo sob a penumbra da Basilica romana, onde a architectura teve que affeiçoar a religião ao seu destino.

D'ahi, todas as transformações da basilica, sua difinitiva adaptação ao culto, desde Constantino até á Renascença, tornando-a esse typo de construcção em cujo seio o homem se encontre isolado das coisas terrenas e se veja, por fim, face a face com o Infinito, n'essas horas de repousadas harmonias de que falla Montaigne.

De Roma irradiou então toda essa variedade de estylos architectonicos, que se espalharam pela França, Allemanha, Hespanha, Inglaterra e Oriente. D'essas transformações nasceu o typo bysantino, com a sua cruz grega e a sua suggestiva cupula. Da basilica romana, por taes transformações, nascia ainda a architectura ogival, porventura a fórma difinitivamente completa e expressiva dos templos, esse typo em que os theoricos desde logo encontraram a ideia primordial no sombrio e bizarro entrecruzado das ramagens das florestas. De que vaga recordação vinha esse typo architectural? A importa-

ção pelas cruzadas, como em geral se cria? Mas não seria elle por ventura uma vaga recordação aperfeiçoada de certos arcos das velhas construcções egypcias? Proviera dos emigrados de Hespanha, ainda, a influencia exercida sobre as edificações christãs pelos magestosos monumentos mouriscos?

Mas tudo isto de facto confundia-se entre os ensinamentos das associações de artifices que possuiam o segredo da organisação theorica e pratica da architectura, corporações que remontavam á remota antiguidade, em cujo seio as doutrinas e processos da arte se transmittiam de geração em geração.

Acabava n'este instante a missa e o ruido das pessoas que se retiravam arrancou Armando de seu enlevo.

Sahiu do templo, desceu rua abaixo até á Praça da Independencia onde tomou o primeiro *bond* da Magdalena que passou.

V

Áquella hora, o *bond* conduzia raros passageiros que iam naturalmente espairecer a insipidez e a preguiça do domingo pelos arrabaldes. Armando não fez reparo em nenhum, e reaccendendo o charuto, recostou-se n'um canto do banco, a olhar distrahidamente para fóra.

Tinha chovido um pouco á noite, pela madrugada, e o cheiro de terra molhada, o aspecto das coisas, as folhas verdes e as flores desabrochadas dos jardins—deram-lhe uma sensação infinita de bem-estar.

E ficou-se alli, preguiçoso, sem pensar em nada, abandonando-se ao acaso, a olhar para os *chalets* ainda fechados, para as paysagens que se iam offerecendo aos olhos, emquanto o *bond* rodava. E um repique de sinos vibrava agora alacremente, atravessando o ar fino, vindo até elle em ondas sonoras... Aos poucos,

apossava-se do seu espirito uma saudade indefinida e longinqua, sentimento atavico acordando nas profundezas de sua alma, como uma musica aerea, em surdina, penetrando lenta, empolgando toda a sua doentia sensibilidade...

Os campos de sua terra, as montanhas azuladas que se confundiam nos longes de téla, com o ceu de turqueza, as flores sylvestres, em profusão, abertas ao ar livre, os aromas embriagadores da selva cheia de cio animal, as arvores copadas e verdes, erguendo bem alto a magestade dos galhos onde os ninhos se teciam, — tudo lhe vinha como uma recordação vaga, quebrantando-lhe a energia, enervando-lhe o espirito, n'uma dolorida vontade de fugir para longe, onde as vozes humanas não chegassem, onde a lucta pela vida não impuzesse o seu ruido atroador e tremendo.

E esse desejo crescia n'elle, empolgando-o, como uma necesidade immediata e inadiavel de sahir da cidade, dar-lhe as costas para sempre, em procura da velha aldeia plantada no seio das arvores, que lhe sentira o primeiro alento e que deveria receber-lhe dos labios, como mãe carinhosa, o ultimo suspiro — quando tivesse de entrar, esquecido e abandonado dos homens, na brumosa noite infinita, para não voltar mais, para todo o sempre...

Que lhe importava que não existisse mais para amparar-lhe o fim da vida, aquella que

fôra a esperança unica do seu coração? Talvez que preenchendo o resto dos dias, por aquelles logares, testemunhas de sua felicidade morta; á sombra das arvores que fôram confidentes do seu primeiro sonho de amor; á luz das noites estrelladas em que tantas vezes cravara os olhos como procurando desvendar o enygma do destino humano; a ouvir a rustica orchestra dos passarinhos recontando a velha lenda das eternas saudades — talvez que assim preenchendo os dias, esquecendo o mundo e os homens, elle podesse morrer tranquillo, com um sorriso de vidente nos labios, entregando-se resignado á grande mãe commum — á terra, d'onde viera, para onde voltava afim de completar o cyclo do seu destino...

Lá, toda a lembrança do passado havia de ir pensando, aos poucos, as cicatrizes abertas no seu coração. Havia de identificar-se com esse passado, viver por auto-suggestão na propria vida de outr'ora, como se todo elle ainda existisse, como se nada se houvesse perdido do poema que sonhara na mocidade, que lhe embalara os sonhos com uma surdina de beijos, que lhe fizera despontar n'alma todas as rosas do amor e da juventude.

Cada pedra, recordaria uma estrophe luminosa do seu poema de mocidade; em cada tronco de arvore, estaria gravada, como em seu espirito, uma data d'aquelle passado; em

cada manhã dourada, elle gosaria os risos que para sempre haviam morrido nos labios d'aquella a quem amara...

E vivendo de recordações, elle mataria a propria materialidade presente n'essa ascenção phantastica do infinito, a acompanhar a procissão infindavel dos astros: recordando e revivendo o passado todo inteiro; identificando-se de novo com todos os sorrisos que lhe aclararam o rosto; com todas suas dôres, transformadas já em supremas melancolias; com todas suas esperanças perdidas nas asperesas do caminho percorrido, como os astros que o dia apagou no céo; sentindo o alento de todas as illusões que se esvairam, como o floco de espuma que a onda quebra e desfaz...

Alguem tocou no hombro de Armando embebido n'estas ideias. Era o conductor que lhe pedia permissão para voltar o encosto. «Tinham chegado ao ponto final da linha...» Armando riu-se comsigo mesmo da sua distracção, e voltou elle mesmo o encosto, sentando-se novamente no banco, resolvido a regressar no mesmo *bond*, como fazia de outras occasiões.

Consultou o relogio. Eram oito horas mais alguns minutos.

Chegaria ás 9 horas á rua Barão da Victoria, daria mais algumas voltas para fazer tempo e chegaria ás 10, ao *Commercial*, afim de almoçar com o Alberto. E a proposito, estava um

tanto intrigado com o que desejava dizer-lhe o amigo... Tinha dito aquillo com um ar de tanto mysterio...

Algumas pessoas vieram tomar o *bond*. D'entre estas, surgiu-lhe um velho conhecimento, o Torres, o conhecido e glorioso litterato recifense, com a mania de discursar em toda a parte, sempre a par das ultimas novidades litterarias, de monoculo entalado desdenhosamente no canto do olho, fixando sobre a multidão ignára...

O Torres, apenas o enchergou, veio com os braços no ar, para elle, com exclamações, a endireitar o monoculo.

—Oh, menino! ha que tempo não te ponho os olhos em cima! Definitivamente já não fazes conta dos camaradas velhos e leaes como eu.

Armando desculpou-se como pôde.

Ora essa! o Torres estava enganado. Dos bons camaradas como elle, não estava nos seus habitos esquecer. E' que elle não sabia; desde a sua formatura...

—Ai, é verdade, oh Armando! e eu que ainda não te tinha apertado os ossos pelo triumpho da formatura... Tinha já sabido, *seu* maganão; e viesse de lá um abraço—concluiu com ar de enthusiasmo.

Armando abraçou-o dando-lhe logar ao lado, no banco.

—Então como vae isso de lettras?

O Torres fez um gesto de desolação, abrindo os braços dramaticamente.

Oh! de mal a peior! Isto... Estava-se em uma terra que progressivamente se materialisava e retrogradava! A burguezia cada vez mais asphyxiava o resto de pensamentos elevados que alguem ainda se animava a nutrir, resto de vergonha dos que teem sangue na cara e patriotismo no coração. E depois, que phase de pobresa intellectual, essa que se atravessava! Não havia mais nada, além da politicagem réles que absorvia tudo, que estava entranhada n'esta geração até á medulla dos ossos. Era uma vergonha! — concluiu, atirando uma baforada do cigarro para um lado, cuspinhando de nojo a um canto, emquanto Armando lhe pagava a passagem.

Estiveram alguns instantes calados, e foi Armando de novo quem rompeu o silencio.

—Mas o que fazias tu a esta hora já aqui pela Magdalena! Só podias ter vindo pela madrugada, ao que parece.

O Torres ergueu os braços, com um estudado gesto de admiração, a endireitar o impertinente monoculo.

—Oh, homem! pois se não estás com o pensamento na China e morando na Hottentotia, não era lá muito difficil adivinhar a que eu vim, pois que passei a noite por cá...

E ficou ancioso, com a bocca entre-aberta, a esperar resposta.

Armando sorriu subtilmente, baixando a voz confidencialmente. Naturalmente, alguma conquistasinha amorosa em que elle sempre fôra tão fertil, pois não era?

O Torres considerou o amigo com ar desolado, quasi tragico.

Ora essa! então o Armando não sabia que elle estava escrevendo um romance de costumes, um romance de largo folego sobre o Recife? O amigo não sabia d'isso!

Armando não sabia nada absolutamente a esse respeito, senão já o teria felicitado; e aproveitava a occasião para isso...

Pois não! era essa a verdade. E o Torres entrou em detalhes.

Já tinha ahi umas 100 tiras escriptas, e havia ido hontem passar a noite no Hotel, por ser um sabbado, afim de observar costumes. Que elle em questões de naturalismo, era muito exigente e não admittia a uma obra d'essa escola, obedecendo aos principios do immortal mestre Zola, que fosse lá discrepar n'um ponto qualquer. Lá isso não! nem n'um só ponto! A sua obra havia de fazer furor no mundo litterario, no alto mundo, e não no seio da burguezia sem altruismo que o cercava. O que o admirava é que o amigo Armando não tivesse tido ainda noticias d'ella...

Armando confessou que tinha andado um tanto afastado do mundo litterario n'estes ulti-

mos dois mezes. Tivera de estudar muito para não fazer figura feia no exame; depois d'isto, contrariedades de sua vida... Uma infinidade de cousas.

E o Torres gosava a opportunidade de continuar a fallar de si.

—Pois olha; ha poucos dias apenas, o *Novidades* deu noticia do trabalho, e assegurou que elle havia de dar-me «um excellente logar entre aquelles que entre nós cultivam as lettras». Eu hei de ler-te ainda alguns capitulos. E' de arromba, menino! é Zola puro!

Esteve um momento calado a vêr o effeito que suas palavras produziam em Armando, e atirou-lhe em seguida uma pergunta com ares de novidade.

—A proposito do Zola, já lêste o *Lourdes?*

Armando já tinha lido, se bem que fosse uma leitura ás corridas.

—Monumental, menino! —assegurou o Torres, a olhar para todos os lados do *bond*. E entrava em apreciações criticas gosando a vaidade de chamar a attenção do *bond*.

Não se escrevera ainda coisa igual, e elle acreditava que da trilogia comprehendida pelo celebre escriptor, era essa a sua obra prima. O lado descriptivo, então, era feito com o verdadeiro cunho do mestre superior como é Zola que, em lettras, estava destinado a dar a nota culminante do fim do seculo. Depois as con-

clusões que o grande escriptor deixava ao seu leitor, pelo lado de propaganda, pareciam-lhe de todo o ponto irrespondiveis. Maria, que é um personagem real e que se sente mover atravez de todo o romance, uma doente por effeito da auto-suggestão, e que pelo abalo moral que soffrera durante uma procissão em Lourdes, fica curada, como lhe previra o seu medico — era, não havia negar, a destruição completa do milagre que assim cahia pela base como um idolo de pés de barro. Que achava o amigo Armando?

E perguntou, a firmar o monoculo para Armando, olhando disfarçadamente para os lados.

O litterato tinha fallado em voz alta e o assumpto tinha interessado effectivamente algumas pessoas no *bond* — naturalmente povinho do officio, como parecera ao Torres.

Armando começou dizendo que a leitura rapida que fizera do romance não o auctorisaria a um juizo seguro. Entretanto parecia-lhe que no ponto de vista do dogma, o romancista deixou sahida aos adversarios que podiam responder-lhe com certa vantagem... O caso unico que Zola segue e estuda no decurso da peregrinação a Lourdes, auctorisaria a alguem estabelecer uma lei que abrangesse todos os casos? A these podia ser exacta — nem elle a estava contestando, verdadeiramente — mas não ficava, tambem, provada em absoluto! Se este era o

fim principal do romance, talvez existisse essa falha que, provada, havia de parecer enorme. Entretanto, existisse ou não o milagre, Lourdres havia de subsistir durante largos annos, como um conforto para a desenganada humanidade que soffre, e que appellando, em vão, para todos os recursos do mundo, tinha necessidade intima de erguer os olhos para um poder sobrenatural em que confiasse, em cujo seio podesse derramar suas lagrimas cançadas de cahir entre o egoismo dos homens e da sociedade. «A pobre vidente—tinha dito Zola sobre Bernardette, e elle recordava-se bem—representava a eterna esperança, a eterna consolação».

E Armando continuou exaltando-se em seu sentimento de fraternidade.

A alma collectiva não necessitava d'essa luz que haveria de guiar eternamente a humanidade, essa luz que é a bussola do seu espirito, que é a estrella que ha de luzir eterna no espaço, emquanto se vão succedendo as gerações? Se ella chegasse a faltar-lhe, triste d'essa humanidade que cada dia se torna mais miseravel, que a cada anno que passa, se degenera e se atrophia, perdendo a felicidade primitiva e idyllica em cuja aurora passaram as primeiras gerações! As condições sociaes do seculo exigiam, mais do que nunca, que o povo tivesse n'alma uma religião. Hoje, que tudo se methodisa, que tudo se torna positivo, que tudo passa

pelo cadinho experimental, não era uma necessidade social que a pobre humanidade, tão cheia de acerbas desillusões, podesse ainda encontrar, n'esse ultimo reducto, uma compensação para os seus males, um lenitivo para o seu estado moral? Todavia—áparte todo esse lado da obra, que é grandemente verdadeiro—havia no *Lourdes* dois personagens immensamente humanos: Pedro, o joven sacerdote, que incarna, ao que parece, o proprio romancista, e o Dr. Guersaint. Existia um enorme contraste entre os dois, que vem mostrar o estado psychologico, em que a fé nas coisas religiosas é susceptivel de dominar o individuo: Pedro, perdendo a crença aos embates rudes do pensamento indagador que viera illuminar o seu espirito, e embalde tentava dobrar os joelhos com fervor dentro da grande Basilica de Lourdes; e o Dr. Guersaint, o homem de scienoia que não acreditava senão na propria sciencia, e que, com a morte da mulher e da filha que lhe mostrara o limite da sabedoria humana, readquiria a fé perdida, talvez por um admiravel phenomeno de atavismo que n'elle, rude filho dos Pyrinneos, se operasse, na esperança suprema e consoladora de encontrar, depois de quebradas as cadeias da vida, na existencia de além tumulo, as suas mortas queridas cuja sepultura velava e cuja lembrança passara a ser a unica preoccupação do antigo homem, escravo da sciencia!

O *bond* passava n'esse momento sobre a ponte da Boa-Vista.

O Torres, encantado pela maneira por que o amigo fallara sobre o *Lourdes*, mostrando não ter esquecido a sua velha *cachaça* litteraria, apertou-lhe as mãos, atarefado, para saltar do *bond*—o que já deveria ter feito na Rua da Imperatiz, como explicou.

—Olha, disse elle ainda com o pé no estribo; hei de ler-te algum capitulo da minha obra. E' de arromba! é Zola puro!

E saltou, admirando-se a si proprio, a entalar o monoculo no olho.

VI

Ás 11 horas, defronte um do outro n'um compartimento completamente isolado, no *Hotel Commercial*, Armando e Alberto tinham acabado de almoçar regaladamente um bom almoço com que este ultimo quizera surprehender o amigo.

Tomavam agora o café, demoradamente, aos goles, sorvendo com delicia a bebida de que ambos eram intransigentes apologistas.

O almoço, contra os habitos de Alberto, que onde estava, ria sempre e fallava muito, correra quasi silencioso, regado embora por um esplendido vinho.

Armando bem vira que estava imminente a saltar da cabeça do amigo uma d'essas ideias exquisitas e ousadas que o caracterisavam, em certos momentos decisivos, sem que podesse adivinhar o que seria — e que desde a vespera o havia intrigado seriamente.

Alberto era em geral franco e ousado, leal até a medulla dos ossos, inimigo de todos os ceremoniaes. A sua opinião, si se fizesse sentir, nunca a regateava, e em seu proprio desproveito não hesitava em dal-a, uma vez que fosse preciso dizer a verdade. Devia ser, pois, de gravidade, o que tinha a communicar-lhe o Alberto, para que elle se cercasse de taes reservas, contrarias ao seu genio franco.

Era facil de vêr, pois, que Armando ardia em impaciente curiosidade por saber o objecto da communicação que lhe ia fazer o amigo; e pousando demoradamente a chicara vasia sobre a mesa, tocou no assumpto que os tinha alli reunido.

—Pelo que vejo, oh Alberto, quizeste solemnisar as minhas despedidas ao Recife, com este almoço...

Alberto guardou silencio ainda por alguns instantes, e depois com um riso significativo, disse chegando-se para o amigo:

—Justamente por ahi, meu caro, é que vou começar o que tinha a dizer-te. Não solemniso as tuas despedidas, porque preciso e quero que não te vás...

E sua voz revestiu um tom imperioso e firme ao pronunciar estas palavras, que assumiram um cunho de estranha solemnidade.

Armando quiz sorrir, julgando gracejo a proposta do amigo, e o riso morreu-lhe nos labios

*

com o ar de seriedade que este assumira diante dos seus olhos. Não estava alli em frente a elle o Alberto folgasão, de flôr no peito, de riso voltaireano nos labios: via um outro homem, cheio de força moral, diante d'elle.

E retrucou, não obstante, forçando um riso que, a seu pesar, se contrahia.

—Quer-me parecer que gracejas, ainda — bem sabes que tenho tudo prompto afim de partir dentro em dois ou tres dias para o sertão. Escrevi a minha familia e ella me espera. Bem vês que ser-me-ia impossivel mudar de resolução e acredito que me não vás exigir um sacrificio inutil.

Alberto guardou ainda um momento de silencio para depois responder.

—Eu seria incapaz de exigir-te um sacrificio inutil. Quero que fiques porque é necessario para a tranquillidade de minha consciencia de amigo e tambem do teu coração e do teu espirito.

Armando alarmou-se com a enscenação d'essa solemnidade.

—Como assim? De meu coração e de meu espirito? Explica-te então.

Alberto passou o lenço pela fronte como recuperando uma ordem de ideias, e chegando-se para o amigo, começou lentamente, com uma gravidade doce na voz.

—Armando, eu creio ter direitos para exigir,

perante a tua pessoa, o titulo de amigo; creio ter feito jús á tua confiança plena e incondiccional; e ter o direito, portanto, de pugnar pela tua felicidade e pelo teu futuro.

—De certo, meu amigo—respondeu Armando cheio de commoção—nunca precisarias invocar esses direitos que tenho tacitamente reconhecido, para que me possas exigir qualquer sacrificio, da mais aspera natureza.

E estendendo lealmente a sua mão aberta, accrescentou, apertando com sinceridade a mão do amigo:

—Dize o que queres, e eu farei; explica-me a razão porque entendes que eu devo ficar, faltando embora ao compromisso que assumi perante minha familia, e eu ficarei satisfeito de ter encontrado opportunidade de dar-te uma prova de estima, ao unico amigo que encontrei entre o egoismo que me tem cercado por toda a parte. Falla, e eu ouvir-te-ei.

Alberto apertou silenciosamente a mão do amigo e recomeçou pausadamente.

—Eu leio em tua fronte como n'um livro aberto. A nossa longa convivencia, as ideias que temos trocado, as confidencias a que nos temos dado mutuamente, toda a historia pungente do teu passado, tudo isso habituou-me a julgar-te e a ler em cada traço de tua physionomia, o que pensas e o que sentes. Como prova d'isso—peço-te que m'o digas lealmente—não

é verdade que tens soffrido muito n'estes ultimos dias?

Armando affirmou silenciosamente

—Pois bem; é devido a isto que agora acho que me cabe tomar a iniciativa de trabalhar afim de que eu possa de novo restituir a paz ao teu espirito e ao teu coração...

—E julgas possivel?—interrompeu Armando, com desanimo.

—Tudo é possivel n'este mundo, meu amigo. Ter fé e esperar, dizia o Dumas no seu *Conde de Monte Christo*, é a grande sciencia da vida.

Armando ia interrompel-o de novo.

—Ouve-me, e não faças objecções por ora. Eu conheço toda a tua historia para avaliar bem o teu estado moral, profundamente aggravado pela tua propria sensibilidade. Os homens como eu, que aprenderam a rir do mundo e a considerar a vida como um carnaval eterno, vivem sem ideial, sem crenças, sem nada: para esses está tudo muito bem, porque tudo se reduz a coisa nenhuma.

Os homens, porém, do teu quilate, homens que aprenderam a sonhar, e olham a vida pelo seu lado serio, procurando realisar uma missão elevada a que se julgam destinados—relativamente ao espirito ou ao coração—esses, se lhes falta o alimento d'esse ideial, é como se lhes faltasse a lei physica em virtude da qual nos

sustentamos de pé, sobre a terra. Para manter o equilibrio moral d'esses, é preciso que, ou o coração ou o espirito, esteja na posse de seu ideial ou em perspectiva de realisal-o. No caso contrario, torna-se inexequivel esse equilibrio, sem o qual o lado physico ha-de aggravar-se, inevitavelmente, fazendo de um individuo normal um maniaco, um doente.

Alberto calou-se um instante como recapitulando o que tinha a dizer, emquanto Armando trahia no olhar a ancia que esperimentava pela conclusão a que desejaria chegar o amigo com as premissas estabelecidas.

E Alberto continuou a fallar com estranho vigor.

Pois no proprio Armando não tinha elle uma prova perfeita do que acabava de affirmar? Quando o conhecêra, em bôa hora, e lhe ouvira a confissão d'aquelle amor para sempre perdido no tumulo, enchergara a possibilidade de emprehender a sua cura moral, fazendo convergir a attenção, a par das distracções proporcionadas, para o sonho de gloria que logo comprehendera que Armando alimentava. Demais, seu amigo estava na idade em que as impressões de tristeza não podiam ser muito duradouras, em que tudo se nos apresentava por um prisma côr de rosa, em que as illusões occupavam no espirito o logar que estava mais tarde reservado ás reflexões. Não seria pois difficil arrancal-o áquella

impressão de melancolia, cheio, como elle estava, do pensamento de deslumbrar as multidões pelo seu talento e pelo peso de um merecimento real.

Até ahi havia, pois, para a doentia sensibilidade de Armando um ponto de apoio para que não desanimasse na lucta pela vida. Em principio, era o ideial do amor a encher o coração de todos os sonhos dourados da mocidade — tributo que todos pagam mais ou menos, n'aquella idade que ainda participa da infancia, porque a razão ainda não veio com o seu peso dar a comprehender a missão real da vida. Depois, perdido esse sonho, viera um outro, tão grande como o primeiro, occupar o seu logar no espirito, deliciando-lh'o com a encantadora perspectiva das grandes ambições que o estudo e o talento geram no individuo. Tinha-se mantido, pois, o equilibrio para aquella organisação susceptivel. O coração firmou-o primeiro; e o espirito sustentou-lhe a energia, depois.

Alberto calou-se ainda um momento como tomando folego para enfrentar o motivo capital que o levava a fallar ao seu amigo.

Armando permanecia calado, com a fronte pousada n'uma mão, a olhar fixamente o amigo que ia desenrolando, com uma precisão concisa e justa, toda a historia moral de sua atribulada vida. E Alberto proseguiu ganhando ascendencia sobre o espirito do amigo.

*

Não era bem verdade que o caso mudava agora de figura? E elle, Alberto, seu intimo, podia deixar, em consciencia, que a fatalidade que parecia querer arrastar o amigo, se cumprisse? Era contra isso que elle ia se oppôr para não deixar o amigo entregue ao acaso de um sentimento que lhe ia minando a energia e a vida. Armando ia protestar e elle deteve-o. Para que? porventura não lhe dissera já que lia em seu rosto como n'um livro aberto! O ultimo esteio a que Armando se amparava, quebrara-se; a sua ultima illusão se desfizera. Já não alimentava o ideial de gloria que podera salval-o do naufragio do primeiro sonho perdido do coração, que tivera força bastante para guial-o na lucta pela existencia, para fazel-o vencer as difficuldades que encontrara no seu caminho.

—Bem vês — interrompeu Armando — que é incuravel o meu mal. A fatalidade destruiu-me a primeira illusão; o egoismo dos homens incumbiu-se de desfazer a ultima. E' claro que não me resta mais nada...

—E' justamente por saber que assim pensas — proseguiu Alberto — que venho fallar-te, para convencer-te, para arrancar-te a essa impressão...

—Mas não comprehendes que é impossivel? Tu mesmo não me acabas de dizer que o ultimo esteio a que eu me amparava já não existe,

que a minha ultima illusão está desfeita? De que me pódes mais convencer, ao contrario d'aquillo que tu és o primeiro a reconhecer?!

Alberto passou a mão pela fronte como para procurar inspiração afim de abordar o ponto principal da questão que tinha a resolver.

E continuou a fallar com uma solemnidade que contrastava com a sua habitual maneira de agir. Bem sabia elle que a fatalidade rasgara o coração de seu amigo e que a maldade dos homens se incumbira de destruir o ideal que Armando alimentara depois. Bem sabia que nada mais lhe restava de todos os sonhos que lhe povoaram os somnos da infancia e os poemas da juventude. Bem sabia tambem que, sob o dominio d'essas impressões crueis que lhe haviam avassalado o espirito predisposto por outras causas, o desanimo de continuar a lucta da vida se lhe apossara dia a dia, ameaçando leval-o talvez a uma acção extrema. Pois não era essa a dolorosa verdade?

Nos olhos de Armando uma lagrima havia assomado, turvando-lhe a vista, vinda do desconhecido enygma do seu coração. E respondeu em voz dolente e pausada.

—É verdade — é desgraçadamente verdade. Ainda hontem á noite, quando me encontraste, o abysmo fascinava-me. Eu pensava n'aquelle instante que era melhor acabar logo com esse tormento da existencia, em que só tenho en-

contrado lagrimas e decepções. Foi um momento de fraqueza, talvez, mas que queres? Ha em mim desconhecidos impulsos de que sou escravo, estranhos momentos que me arrastam, toda a irrespondivel convicção da inutilidade da vida. Para que viver, não é verdade? O sacrificio da vida valerá o seu proprio tormento? Para que, pois, meu amigo, para que?

E fallando, Armando exaltava-se, dominado da sua obsessão, os olhos exprimindo todo o seu horror á lucta inutil, as mãos instinctivamente para diante, como se o perigo que o devorava de novo se lhe apresentasse á vista. E ouviu, dentro de seu intimo, com uma nitidez assombrosa, emquanto o amigo em frente o fitava silencioso e triste, aquelle rumor do rio descendo sob a ponte, o abysmo frio e negro, escancarado, reflectindo a palpitação das estrellas, convidando-o a dormir, no seio gelado, o grande somno onde tudo esqueceria, tudo... A voz d'aquelle marulho levantava-se-lhe de novo dentro d'alma, como na vespera, com todas as caricias da amante que espera o amante para apertal-o n'um infinito abraço, para todo o sempre, com todo o dorido appello de uma separação dilatada. «Para que? para que?» e o clamor d'esse supremo desengano possuia todas as espirituaes harmonias de uma orchestração em surdina.

Alberto adivinhou a lucta suprema que se

debatia no intimo do amigo. Deixou-o acalmar um momento para proseguir.

Começou por dizer que era a cura moral do amigo que elle tencionava emprehender. Porque fallar em morte, quando a mocidade reclamava a vida? Essa covardia não era filha senão de um estado moral que se tornava necessario modificar; não era senão a tara de uma fraqueza que no amigo se aggravara, por uma predisposição especial, minando as energias de um espirito superior para quem a vida devia ser o supremo bem da natureza e o campo aberto a todas as grandes conquistas. A vida era uma grande lucta e ai! dos vencidos. Era por isso que usando de direitos de amigo, elle, Alberto, vinha prohibir a sua volta, agora, ao proprio theatro da sua infancia onde existiam fragmentos de um passado que era imprescindivel arrancar da memoria, para que o seu amigo podesse luctar e subsistir aos seus proprios desenganos. A par d'isto, elle ia revelar um segredo em que consistia um dos remedios de ordem moral que desejava proporcionar ao amigo.

E como Armando sorrisse admirado, a perguntar se o Alberto andara á procura da pedra philosophal, este, n'uma affectação de solemnidade, como em repto indiscutivel, perguntou, levantando-se e pondo-lhe as mãos sobre os hombros, os olhos fitos no amigo como desejando suggestional-o:

— Promettes-me ser sincero no que me deves responder?

— Porque não? porque não?

E Armando sorria d'aquella enscenação, d'aquelle nobre impulso impotente do amigo para pensar-lhe aquella chaga profunda e incuravel.

— Consulta-te bem, — disse Alberto — e responde-me se ainda haveria probabilidade que um outro affecto tão santo como o primeiro, viesse preencher o logar que se acha vasio no teu coração.

E fallando, exaltava-se. Ah! Armando era moço, tinha ainda um sangue rubro a ferver-lhe nas veias! Não era susceptivel mais de apaixonar-se por uma mulher que reunisse todos os requisitos para ser amada, para preencher todo o sonho de uma mocidade, toda a immensidade de uma alma contemplativa?

Armando, a estas palavras que lhe fallavam de um desconhecido mundo, sentiu uma nevoa de tristeza vaga e fria, vinda das remotas regiões do passado, cahir-lhe melancolicamente n'alma como as sombras lentas do crepusculo da tarde... E aquellas palavras do amigo, repassadas de um nobre affecto, aquellas phrases que pareciam querer prometter-lhe um novo paraizo da terra, d'onde a força invencivel de uma incomprehensivel fatalidade o havia expulso para sempre — aquellas palavras penetra-

vam-lhe no coração como uma longinqua surdina, como uma melodia etherea, recontando-lhe toda a historia de sua felicidade morta, para sempre morta...

Alberto presentiu o enleio em que o amigo cahira e insistiu na pergunta.

—Não me respondes, então?

Armando, voltando de seu enlevo, estremeceu.

Responder? responder o que, se nada mais o tentava, se o espectaculo da vida o enojava?! O que elle comprehendia nitidamente, em sua dôr, é que ninguem mais poderia substituir no seu coração, a memoria d'aquella que se fôra para sempre. Mas porque lhe fazia o Alberto essa pergunta? O amor não vinha assim a um impulso da vontade, sómente. Por ventura não tinha leis que o regiam, leis que eram immutaveis e eternas, leis que podiam mais que a vontade, porque estão acima da razão? O coração tambem não envelhecia, e muitas vezes antes que o primeiro cabello branco despontasse na cabeça? Ah! seu coração era bem um velho, um velho que nem ao menos tinha um bordão a que se arrimasse!

Sem fazer caso das theorias do amigo, Alberto interrompeu-o, para insistir na sua pergunta.

—Dize-me cá: se houvesse uma mulher moça e formosa que te amasse, serias insensivel a esse amor?

—Porque não? — e o doloroso sorriso de Armando voltou com esta negativa. Porque não? Depois, porque essa hypothese absurdamente gratuita, tão longe da opportunidade de fazer a experiencia, de tentar convencer a decrepitude do meu coração, para reviver as chammas onde só existem cinzas frias? Ah! como elle se considerava sem encantos para prender um olhar apaixonado de mulher! Faltava-lhe o garbo ostensivo d'esses para quem a sorte tem sido cheia de todas as seductoras promessas da existencia; d'esses que ostentavam nos labios o riso que só a felicidade póde dar; d'esses para quem o mundo apparecia debaixo de todos os attractivos e de todos os gosos! Agradava a bem poucos e muito menos ás mulheres, aquelle seu ar pesado de velho, aquelle seu olhar carregado e frio que devia insensivelmente a cada hora reflectir todos os desenganos em que elle havia tropeçado na vida, em cada estancia da dôr! Elle soffria e a sociedade detesta a quem soffre; elle tinha chorado, e o mundo adora o riso! Um palhaço seria mais facilmente preferido a elle!

Alberto interrompeu-o, com gravidade.

—Enganas-te, meu amigo, o teu scepticismo exagera todos os teus sentimentos. O mundo é realmente máu, realmente egoista; negal-o seria negar uma das mais transcendentaes verdades. Mas tu te esqueces que esta grande re-

gra geral, tem excepções que ennobrecem, justamente porque vão cada dia tornando-se mais raras. Nem todo o mundo é mau, em absoluto; tu não és uma prova d'isso? Acabaste de dizer que não reunes mais nenhum dos encantos capazes de fazer-te amado aos olhos de uma mulher. Effectivamente assim é, para a maioria dos casos, assim é com muito raras excepções. E erguendo-se, concluiu pegando-lhe nas mãos, convictamente:

—E a prova d'isto é que ha uma mulher digna de todas as adorações, uma joven em cujo coração buscam asylo todos os grandes sentimentos, que te ama, Armando, que te ama com toda a sinceridade de seu coração...

Armando, abalado por aquelle imprevisto, levantou-se em sobresalto, como se o coração quizesse saltar-lhe do peito.

E aturdido, não teve uma palavra para responder. O que? Porque se perturbava, porque se commovia? Que estranha sentimentalidade o abalava para que todo o seu ser moral estremecesse até ás mais intimas profundezas? A que directriz obedecia sua vida, para que os sentimentos mais imprevistos e desencontrados se lhe chocassem n'alma, n'um surdo fragor de vagas encapelladas que o vento faz girar em doidos redomoinhos?

Mas não! Alberto queria de certo zombar com elle! Ninguem poderia amal-o, ninguem...

No emtanto, como desejaria adormecer a cabeça n'um seio amado, desvanecer sua dôr no perfume d'essas rendas entrevistas e adivinhadas apenas, abafar o seu gemido na brandura de um beijo prolongado e terno! «Mas era impossivel, era impossivel! — pensava — o Alberto, até elle, zombava de sua dôr!» E alto, depois de um commovido silencio, interpellou-o.

— Mas porque zombas de mim? Não vês que é isso impossivel?

O amigo sorriu, a seu pesar, tambem commovido, em presença d'aquella profunda agonia moral.

— Ouve-me e saberás. Certamente que não se trata de nenhum conto de fadas.

E o Alberto fallou ante o silencio de Armando em quem, n'aquelle instante, só viviam os olhos cheios de sonho.

Martha — que tal é o nome da joven a quem elle se referira — era a filha unica e dilecta do Desembargador Castro, com cuja familia mantinha, de ha muito tempo, estreitas relações, pelo facto do parentesco que ainda os ligava. O amigo recordava-se de certo agora, que havia uns dois mezes, no Derby, elle tivera occasião de fazer-lhe a apresentação pessoal áquella familia, e que alguns dias depois o amigo se escusara a acceder a um seu convite, auctorisado pelo desembargador, afim de que Armando fosse passar algumas horas nas reuniões se-

manaes que havia em casa d'aquelle, aos domingos, á noite, para os seus intimos, que eram em geral pessoas de muito bôa roda, e notadamente gente de lettras, porque o homem era perdido pelas pessoas d'essa classe. Não ia frequentes vezes a casa d'aquelle seu amigo porque, bem o sabiam, elle preferia as pandegas de rapazes a qualquer outra diversão, comquanto alli a roda do desembargador fosse de gente com quem se podesse confabular alguns instantes. Todavia, depois do encontro do Derby, que se limitou a simples cumprimentos de cortezia trocados de parte a parte, não lhe escapara a maneira significativa com que Martha olhara ao amigo.

E' verdade e o confessava que já havia contado a Martha toda a pungente historia do amigo. Martha tomara muito interesse pela sua narrativa, a que elle dera uns tons de romance e lhe havia pedido, instantemente, que o apresentasse á familia, reprehendendo-o de não tel-o feito ainda, intimo como era da casa. E elle explicara-lhe o temperamento reservado de Armando, pouco amigo de expansões e de reuniões, vivendo para seus estudos, de que só elle conseguia ás vezes arrancal-o, isto mesmo para diversões entre rapazes. Compromettera-se entretanto, perante ella, de apresental-o na primeira opportunidade que se lhe offerecesse. Sempre descobrira em Martha uma organisa-

sação muito sensivel e nervosa como a do amigo. Era sobretudo muito romantica, muito amante da solidão e das scismas, gostando dos bons livros e dos bons poetas, detestando o muito riso como signal evidente de puerilidade. Elle acreditara que a historia do amigo lhe interessara deveras o espirito propenso a coisas d'essa natureza, e fôra esta certamente a causa por que Martha mais insistira pela sua apresentação, que aliás ser-lhe-ia muito difficil, se não se lhe offerecesse a opportunidade de estarem todos no Derby n'um dia de corridas, de que o amigo deveria recordar-se.

E diante da attenção concentrada do amigo, Alberto punha toda a sua eloquencia descriptiva em rememorar, com accentuada ternura, todos os incidentes d'esse dia. Oh! como se recordava! Apoz o encontro de ambos, rapido encontro de alguns momentos, Martha fôra para casa, triste e cheia de enleio...

— A' noite, quando lá estive — accrescentou — foi a teu respeito a primeira pergunta que me fez, Indagou minuciosamente de alguns dos teus habitos, se eras assim sempre com aquelle ar melancolico, revelador de um sentimentalismo accentuado. — Desagradou-lhe o ar do meu amigo?» perguntei-lhe eu, sondando-lhe intimamente nos olhos o que eu já presentia estar-lhe no amago do coração.

«— Pelo contrario, respondeu-me ella com a

natural franqueza com que sempre costuma fallar-me; bem sabe, — accrescentou, — que eu detesto occupar-me das pessoas que me desagradam; prefiro esquecel-as a ter occasião de censural-as. O seu amigo tem apenas uma coisa que póde desagradar aos olhos de uma mulher, ainda que o não seja em absoluto: ter amado alguem a quem não soube esquecer, e não poder portanto amar a mais ninguem».

«— Então — volvi eu — confessa que o meu amigo desagradou-a.

«— Já lhe disse que não — concluiu ella de máo humor, indo para o piano onde começou a tocar uma aria repassada de melancolia.»

N'esse dia nada mais conseguira elle arrancar de Martha. Resolvera-se, porém, a perseverar, pois que n'essa joven descobrira a cura para o amigo.

Assentado, pois, o plano, determinou-se seguil-o sem afastar-se uma só linha. Da fusão d'aquellas duas almas tão semelhantes, elle esperava, confiante, o prodigio. Tornara-se, pois, para conseguir os seus fins, em frequentador assiduo d'aquella casa onde outr'ora tão raramente apparecia. Com prudencia seguira seu plano, observando todos os movimentos de Martha, não tocando nunca no ponto importante senão por uma habilidade estrategica que illudia a vigilancia da joven. E narrou com muita vivacidade este incidente:

—Um mez depois, Martha, arrastando a conversa para um ponto que lhe servia, perguntou com interesse por ti, indagando do motivo por que eu não te tinha levado á casa de seu pae.

« — Olhe, accrescentou ella, ámanhã é domingo, dia em que os nossos intimos se reunem; podia trazel-o...

« — O meu amigo é um salvagem, Martha, e não ha geito de arrancal-o ao seu modo de vida. Eu vou convidal-o, prometto-lh'o, mas quanto a garantir-lhe o exito, não avanço a tanto. Não quero proporcionar-lhe desillusões — disse com intenção.

« — Ah! não! — respondeu ella pressurosa, vendo que eu tinha trahido uma ponta do seu segredo. — Bem sabe que eu não tenho outro fim senão ser-lhe agradavel, tratando assim de mostrar interesse pelo seu amigo.

« No outro dia, ao vêr que não tinhas ido, não poude conter a sua contrariedade, comquanto me dissesse com a sua maneira de gracejar commigo:

« — O seu amigo é realmente um selvagem; naturalmente deviamos ter-lhe produzido muito má impressão...

« Assegurei-lhe que não, que tu tinhas sympathisado muito com todos, ao que ella recalcitrou em fingir não acreditar-me. Alguns momentos depois, encontrei-a triste no vão de

uma janella, a olhar melancolicamente para a paysagem que se desenhava lá fôra... Perguntei-lhe porque estava triste e ella negou-m'o formalmente, pretextando uma enxaqueca.

« Docemente pedi-lhe que me declarasse a verdade de sua tristeza que eu me compromettia a dar um remedio á sua magoa. Disse-lhe que vendo-a muitas vezes triste, isto muito me affligia, tanto mais quanto me parecia que estava em mim proporcionar um lenitivo ao seu mal.

« — Mas eu não tenho nada, creia — retorquira-me Martha; — tenho-me sentido indisposta, simplesmente. Não ha nada mais. Quanto aos seus cuidados, eu lh'os agradeço, mas por ora não posso utilisar-me dos seus offerecimentos.

« Retorqui-lhe que não acreditava na sua affirmação e adivinhava o motivo por que ella estava tão incuravelmente melancolica desde o dia em que estiveramos juntos nas corridas do Derby! A estas palavras senti todo o rubor de sua confusão, no seu gesto de quem amavelmente reprehende, querendo tapar-me a bocca com as mãos.

« E sem attender ás supplicas de seus olhares commovidos e aos seus gestos impacientes, desejando ir logo ao meu fim visado, para cantar meu triumpho, eu lhe disse:

— Ouça: eu sou muito seu amigo e muito amigo de Armando; não é verdade que o ama?

« Martha curvou a cabeça com ar confuso.

« — Prima ! — insisti eu pegando-lhe n'uma das mãos ; não ha nenhum desaire para si em amar esse moço. E disse-lhe com a mesma severidade de um pae, que toda a mulher, uma vez chegada á idade do amor, tem direito de escolher aquelle que ha de ser o companheiro de sua vida e o amparo de sua velhice. Disse-lhe que sabia que ella nunca amará por não achar ninguem que satisfizesse, em sua plenitude, o ideial do seu coração. Se Armando preenchera o seu sonho, nada mais natural que assim succedesse e que depositasse o seu segredo no coração de um amigo que se interessava pelo triumpho glorioso do seu amor.

« A lealdade e o desinteresse de minha linguagem convenceram Martha, e eu triumphei quando ella, erguendo a seductora fronte, n'um grande assomo de verdade e de amor, confessou afinal que te amava e o pesar que sentia diante da tua indifferença.

Alberto estudou o effeito de suas ultimas palavras no animo do amigo, e disse-lhe, concluindo, juntando as mãos ás d'elle n'uma eloquente expressão de fraternidade :

— Perdoar-me-ás se fiz mal em tudo isso. Quiz curar-te *dando-te* esse amor que é digno de ti, porque sei que só ahi está a tua cura. Não serás insensivel e vaes prometter que não seguirás a tua viagem por ora.

E accrescentou, sem esperar uma resposta, assumindo a sua habitual attitude pandega:

—Agora, espero que não me deixes ficar com cara d'asno. Martha vae hoje ao theatro e eu prometti levar-te ao camarote de sua familia.

Armando ouvira toda essa narração, sem proferir uma só palavra. No seu commovido silencio, os olhos quasi voltados para o tecto, na concentração absoluta do que ouvia, todo o seu ser experimentava um d'esses abalos inexplicaveis que tantas vezes o haviam fascinado em torno de uma ideia fixa que o absorvia e lhe aniquilava todas as energias do espirito. Como explicar o que ouvia? Como comprehender o sentimento que inconscientemente despertara em outrem? E sobretudo de que imperceptivel trama era formado esse sentimento que se alimentara da propria dôr alheia, que se levantara entre elle e um tumulo, formado talvez de compaixão e de misericordia? E em espirito reconstituia todo esse novo romance: Martha vendo-o pela primeira vez; impressionando-se da sua melancolia; pensando n'elle em longas scismas; chorando pela crueldade da sua indifferença; procurando esses olhos que estavam tão alheiados, tão vazios de sua miragem; indo para longe, em face d'ella; tendo-se presente, sem vêl-a, para ir distante vêr outra imagem longinqua, perdendo-se na bruma gelada d'um sonho... Toda a sua sentimentalidade exaltava-se

a essa ideia de fazer soffrer a outrem. «Pobre creança! pobre creança!» — pensava. E repetiu alto seu pensamento, com toda sua alma vibrante e de si mesmo incomprehendida.

—Pobre creança!

E assustado com o echo de sua palavra, só então reparou que o amigo se calara aguardando uma resposta.

—Até á noite, no theatro... Já que o queres, não farei a viagem, agora. Conversaremos.

E ergueu-se pallido, transtornado, accendendo um charuto para disfarçar a commoção, procurando a presença de espirito.

—Até á noite, meu velho—repetiu batendo familiarmente no hombro do amigo.

VII

Armando sahiu do Hotel com a cabeça ardendo. Precisava estar só, para pensar, para avaliar bem sua situação, e consultar em silencio seu coração.

Era meio dia já, e dirigiu-se á casa. O dia tornara-se nublado e quieto, dia de domingo cheio de espreguiçamentos, com os estabelecifechados e o commercio paralysado, dando á cidade um ar pacato de campo.

Os transeuntes não erão em grande numero, como succede em geral aos domingos. Apenas familias que iam ás pressas á missa conventual do Espirito Santo, algum burguez obeso de passo vagoroso que saboreava o descanso, dando passeios ao acaso, e pessoas do povo que fugiam para o campo a resfolegar entre as arvores, longe do bulicio em que tinham vivido durante a semana.

Armando atravessou a ponte, e o aspecto tranquillo da paysagem que se desdobrava pelas distancias, n'aquelle bucolismo de domingo, deu-lhe uma paz infinita á alma, confortando-a das luctas que desde a vespera, com especialidade, se lhe desdobravam no espirito.

Entrou em casa apenas com uma resolução firmada: de não voltar ao sertão por ora, como promettera ao amigo.

Despindo-se e tomando o seu *robe de chambre*, Armando pensava no motivo plausivel que haveria de apresentar á familia, afim de que esta não se escandalisasse com a sua resolução, tanto mais quanto depois de formado, era natural a ancia com que todos os seus amigos e parentes do interior o aguardavam para abraçal-o.

Era o diabo! E elle ficou muitos minutos com a penna suspensa no ar diante da escrivaninha e da folha de papel que o interrogava com a sua brancura.

Tinha apenas datado e escripto:

«Meu querido pae».

E ficou muito tempo indeciso para escrever o primeiro periodo, garatujando com a penna as palavras que lhe sahiam difficeis.

E á primeira phrase que escreveu a custo,

pareceu-lhe commetter um sacrilegio, como se fôra a profanação de um cadaver.

A consciencia recta e austera, aquelle tribunal que dentro em si julgava todos os seus actos em ultima instancia, e a cujos dictames sempre obedecera — pareceu-lhe assumir proporções assombrosas para reprehendel-o de sua fraqueza, para injurial-o de sua vileza... E cerrando as palpebras afim de nada vêr do mundo exterior, pareceu-lhe que como a visão biblica do olhar terrivel que acompanhara Caim ás profundezas da terra, aquella creação phantastica reapparecia com maior nitidez, na fórma de dois olhos que se cravaram n'elle com uma fixidez espantosa, reprehendendo-o atrozmente.

Armando levantou-se para sacudir do espirito aquella impressão morbida que o perseguia, e n'um impeto rasgou a folha de papel que conservava entre os dedos tremulos.

Não! não haveria de escrever nada! o seu dever ordenava-lhe que não ficasse! A sua consciencia reluctava e elle não quereria combatel-a! Havia de voltar ao sertão, e lá ficar para sempre esquecido de todos, olvidado do mundo, na adoração do tumulo d'aquella que tanto tinha sabido amar na terra, d'aquella em cujo olhar elle tinha surprehendido uma nesga azul do ceu... Que loucura, ficar! não, elle não haveria de ficar, porque seria insensato, porque seria romper a fidelidade áquella que, morta,

enchia todos os seus pensamentos e vivia no seu coração, como d'antes. Seria cuspir na sua memoria querida, ultrajar o culto que tinha dentro de sua alma, esquecer todo o passado e volver o olhar para alguem que lhe pedisse amor, ao calor de cujo seio fosse aquecer a friêsa do seu coração, e a cujos beijos enamorados aprendesse o evangelho de um novo affecto.

E elle que chegara tacitamente a prometter ao amigo aquelle absurdo — o absurdo de violar as leis do seu coração, de profanar o sacrario do seu amor, morto para o mundo, porém vivo para a sua alma!

E vagarosamente chegou á janella a olhar ao acaso para fóra, d'onde vinha uma calma immensa de um meio-dia de domingo...

E com o rosto nas mãos, a contemplar absorto tudo que tinha diante dos olhos, envolto na claridade de leite do dia sem sol, Armando ficou a conjecturar n'esse grande enygma — o coração — que todos temos dentro em nós, e ao qual embalde volvemos a cada instante o nosso olhar interrogador.

O que era o coração, o que significava o seu coração?

Ha pouco, quando seu amigo fallara, como por encanto, elle ficara suspenso dos seus labios; e quando elle declarara que havia uma joven cheia de encantos que o amava, no silen-

cio de sua alma, e que naturalmente nas suas orações, ao erguer o olhar agradecido para o ceu, pensava n'elle — não podera conter um impulso violento, não podera sopitar uma commoção extraordinaria a invadir-lhe todo o ser, como o grito de sua mocidade enjaulada no circulo de ferro das suas desillusões.

E emquanto o amigo continuava a desenrolar a sua narração, fallando d'ella, contando a historia simples d'aquelle amor que nascera apenas de um encontro; a melancolia de que ella se enchera por não vêl-o — a elle que nem por sonhos supporia que uma mulher no mundo ainda o podesse adorar com o transporte das almas apaixonadas; que ella o esperava um dia para lhe dar uma prova do seu affecto, o primeiro talvez que havia nascido na sua alma virgem — elle construia, durante esse tempo, no azul de sua imaginação, um novo sonho dourado em cujo abrigo podesse emfim esquecer a estupidez dos homens e as mentiras do mundo. Elle pensava olvidar, ao aconchego de um seio, as suas proprias miserias e as suas amargas desillusões; e ao calor de uma falla apaixonada, balbuciando palavras de amor, embriagar-se ao effluvio n'essa melodia divina, fazendo calar o grito desesperado da razão. Como a ave que se esconde no ninho em quanto brame lá fóra a tempestade — elle no seio amado esconderia a cabeça para não ouvir

o bramido da lucta humana, o choque dos interesses desencontrados, as ambições da vida, em disputa, n'uma batalha sem treguas... E dava agora novas proporções ao romance sonhado. Iria para longe de todos, no seu egoismo de quem ama, e no cimo de uma eminencia longinqua, edificaria o seu ninho ao lado da mulher eleita, no seio amoravel da natureza, na felicidade primitiva de dois corações que se pertencem, vivendo um só para o outro, no silencio solemne das selvas, quebrado apenas pelo trinar dos passarinhos esvoaçando e pela queda grave das cascatas vindo lá do fundo das solidões adormecidas...

As noites claras de luar desceriam do ceu como auroras para cantar o poema do seu amor ininterrupto; e as estrellas desabrochariam no azul do infinito, como pontos d'ouro a recamar o manto que os envolveria, na plenitude do seu ideial e da sua felicidade.

Ahi esperariam que se completasse a sua missão na terra, e quando chegasse a occasião de entrar na eterna noite, ascenderiam juntos para o infinito, a continuar o sonho apenas interrompido na terra...

E que singularidade! para confessar bem a si proprio o sentimento que o dominava ao sahir do hotel, o que era verdade é que tivera impetos de agarrar agradecido as mãos do amigo com desejos de beijal-as, ao assegurar-

lhe que iria ao Theatro, á noite, para vêl-a—para vêr aquella que o amava, que lhe promettia a elle, desenganado de tudo, um novo ceu na existencia quando essa mesma existencia tão pesado fardo era para elle.

Porque teria sentido em seu ser toda aquella revolução extraordinaria, que eliminara a sua faculdade de pensar na responsabilidade do compromisso que assumira perante o seu amigo; que não lhe deixara vêr a loucura do passo que tentava, uma vez que elle nem sabia que em si encontraria ainda energia bastante para calcar todo o seu passado e dictar, ao seu coração, uma nova lei?!

Porque teria procedido assim, arrastado por uma força estranha que toda a sua vontade fôra insufficiente para domar?

Só agora, depois de momentos reflectidos, estabelecida a reacção em todo o seu ser, experimentava um sentimento de absoluta estranheza por tudo quanto sentira, por tudo quanto praticara, por aquillo a que um impulso inconsciente o levara a prometter a Alberto.

Que iria fazer agora, como procederia de maneira que não fosse magoar a nobre generosidade do seu amigo, cuja dedicação tanto o engrandecia aos seus olhos, impondo-se como um contraste perante a hypocrisia dos homens que o tinham cercado?

Mas não! Alberto era bastante grande em

caracter, verdadeiramente nobre para não acceitar uma desculpa sua. Aguardal-o-ia em casa antes do theatro, para prevenil-o de que não podia cumprir a sua palavra por motivos dictados por um sentimento de dignidade. Dir-lhe-ia temer que o seu amor não fosse sufficientemente grande para fazer a felicidade da joven que o amava, com o immenso desinteresse do seu coração virgem. Não o vendo mais, ella esquecel-o-ia depressa, e encontraria alguem no seu caminho que realisasse, melhor que elle, as aspirações justas da sua mocidade — alguem que não tivesse, como elle, aquella dôr incuravel a minar-lhe, dia a dia, o organismo. Sim! o seu amigo haveria de convir na justeza d'essas razões...

E mais tranquillo, ficou a olhar melancolico, para a rua.

A calma insipida do domingo, o ar de preguiça e languidez que vinha de tudo que o cercava, penetraram-n'o, amollentando-lhe o espirito, trazendo-lhe á alma uma nostalgia infinita e vaga, uma serie de desejos desconhecidos — sem saber o que queria, sem saber para onde o arrastavam os seus pensamentos que pairavam n'uma indecisão estranha sobre todas as coisas.

De repente o seu olhar foi attrahido por um padre que passava em baixo, na calçada, com o seu longo habito preto e o largo chapéo de

pastor, ostentando uma gordura sadia, o ar despreoccupado e molle de quem não quer mais nada do que aquillo que é effectivamente, de quem não aspira outra cousa senão preencher os dias da existencia n'uma obscura felicidade... E pensou na vida que elle levaria. De manhã, muito cedo, diria missa, prégaria um sermão nas festas, leria o *Breviario* nas horas vagas, conversaria pacatamente com os amigos sobre os males da patria e a ausencia de religião nas diversas classes da sociedade actual — e dormiria pesadamente um somno de chumbo, sem sonhos, certo de encontrar no dia seguinte todas as commodidades da vida, cercado de eterna tranquillidade.

Definitivamente, a felicidade da vida era para os que nada queriam, para os que nada aspiravam. Estar contente comsigo mesmo e com a propria vida — que ventura para os que conseguem realisar esse ideial!

Armando, do intimo do coração, invejou aquelle homem, aquella vida pacata que não tinha deixado, certamente, vincos profundos na physionomia, que não havia aberto chagas incuraveis no coração! E se elle fosse padre! a ideia atravessou-lhe o espirito, impondo-se-lhe como uma imprevista e racional solução. Sob aquelle habito de eterno luto, poderia agasalhar melhor a tristeza do seu coração. Nas solidões dos retiros espirituaes, encontraria

mais desafogo para as oppressões do seu espirito atormentado; e no silencio religioso das naves dos templos, acharia talvez a paz perdida para elle, tão ferido de todos os desenganos da vida.

N'essa ordem de ideias, sua attenção foi de novo attrahida para um joven par que passava na calçada, um rapaz sadio e risonho, com uma flôr á lapella, a contemplar com olhar de posse satisfeita aquella que ia ao seu lado... E ella, contente e feliz, recostando-se-lhe ao braço, com amoroso abandono, a fallar-lhe muito perto do rosto, sorrindo...

Aquelle conjuncto adoravel commoveu-lhe extraordinariamente o coração, e o grito impetuoso de sua mocidade percorreu-lhe de novo todo sêr, vindo irresistivel das profundezas intimas... Não! não! o amor era a vida! era a seiva para o corpo, a saude para a alma!

A mesma sensação que experimentara quando ha pouco fallara com o amigo, de novo apossou-se do seu espirito, mais forte, mais energica, fazendo calar-lhe os sentimentos morbidos do coração.

E com o olhar ávido, com o peito offegante, com lagrimas estranhas a querer-lhe rebentar dos olhos, elle seguiu, todo sequioso, o enamorado par, até que este se sumiu, dobrando ao longe a esquina da rua.

Aquelles deviam ser casados de novo, agora

experimentavam toda a plenitude da lua de mel, esquecidos dos homens e do mundo, vivendo para o seu enleio, para os seus beijos quentes trocados no silencio da alcova — o ninho azul aonde erguiam o sanctuario inviolavel de seus amores... Deveriam ser felizes, muito felizes! sem outra preoccupação que não fôsse o seu proprio affecto, reconhecido perante Deus e a sociedade, sem outro pensamento que não fôsse o seu proprio amor, em cujo enleio se deixavam levar como nas azas velludosas de um sonho feliz.

E entre os dedos tremulos, elle dobrou a fronte escaldada a pensar em todos os infinitos contrastes da vida.

Ah! o amor! — como eram felizes aquelles que podiam amar na terra, esquecendo a condição de sua propria miserabilidade humana, olvidando as decepções que ferem o espirito na lucta pela vida! E elle não poder amar como os outros, na epocha em que o coração reclama o tributo que lhe é devido, quando os sonhos dourados desabrocham n'alma, como as estrellas no céo por uma noite de estio, como as flôres no campo quando a primavera chega!...

A natureza não era uma eterna harmonia? E para comprehender toda a grandeza das cousas que a compõem, era de certo preciso que o coração amasse, para contemplar, de joelhos, o azul incomparavel do céo; para admirar o en-

canto enorme do oceano; para traduzir a melancolia infinita das selvas adormecidas; para sentir-se penetrado da belleza grave do crepusculo da tarde, enchendo de sombras, lento e profundo, o céo transparente, na lucidez da opala.

Armando sentia o phenomeno avolumando-se-lhe no espirito, tomando corpo em sua imaginação exaltada... E para elle, que nunca experimentara o amor senão como um sonho; para elle, que não beijara senão os labios de uma creança; para elle, que não experimentara ainda a sensação produzida pela bocca vermelha da mulher amada, a pedir, offegante e tremula, junto á sua bocca, beijos que só o impulso do amor é capaz de produzir — tudo isso revolucionava-lhe o sêr intimo, proporcionava-lhe uma sensação indefinida e intensa que o deixava prostrado physicamente. Ah! e porque não haveria de amar tambem? porque haveria de condemnar-se a esse martyrio, encarcerando sua mocidade, afogando na bocca os beijos por que os seus labios anciavam? Não havia uma mulher joven e formosa que o amava, que o queria para si, que o tinha eleito no coração? Não tinha promettido vêl-a d'alli a algumas horas, para affirmar-lhe que a amava, que a queria para encher o vacuo do seu espirito, para habitar de sonhos todo o deserto immenso de sua alma?

E por um phenomeno que não poderia explicar a si mesmo, tendo-a visto uma só vez, sem que ao menos lhe fizesse reparo — agora, recordando-se, recompunha na sua imaginação os traços geraes de sua physionomia, como se a tivesse visto no dia anterior.

Recordava-se bem, agora...

Ella o olhara com uma expressão singular — um mixto de volupia e de enleio, de pasmo e de interrogação, de desejo e de medo... Havia, n'aquelle olhar, o retrahimento instinctivo do pudor que se defende, a audacia sobrehumana do coração que interroga, o abandono inconsciente da mulher que se entrega. De um lado, preponderavam os sentimentos que haviam creado raizes no coração; do outro lado, combatia a eterna força da natureza, procurando realisar o complemento de suas leis fataes.

Os olhos de Martha tinham o mysticismo das almas cheias de enlevo; revelavam a profundeza dos espiritos que se concentram; eram o espelho de uma alma firme e o reflexo de um coração que sonha.

A sua fronte espaçosa ficava bem disposta para aquelle olhar intelligente que, nas gradações da sua luz, percorria a gamma dos grandes sentimentos humanos.

A sua falla tinha uma inflexão de firmeza e uma tonalidade de doçura. Era uma entonação de quem não sabe pedir sem que inconsciente-

mente ordene; de uma gravidade doce que penetra a alma de effluvios incomparaveis, que amollenta o espirito, que dobra a energia, que doma a vontade.

Armando sentira tudo isto no rapido momento em que a encontrara, e em que trocara banaes cumprimentos de simples cortezia.

Sentira-o n'aquella occasião, e no emtanto esquecera tudo em rapidos instantes; nem um só minuto de insomnia lhe roubara a profusão d'aquelles encantos.

No emtanto, agora que se sabia amado por ella e que a sua sensibilidade fôra despertada pelo espectaculo que ha pouco se lhe deparara deante dos olhos — tudo voltava á imaginação com uma nitidez assombrosa, tudo aquillo que julgara para sempre sepultado dentro de si... E a necessidade de amar impunha-se-lhe mais forte, mais violenta, ao sêr physico e ao sêr moral. Ah! elle queria amar — elle tinha tambem direito ao amor e á vida! Havia alguem que o amava, que o idolatrava? pois bem! saberia corresponder ao amor d'esse alguem cujos encantos lhe vinham á imaginação, produzindo-lhe uma especie de embriaguez.

E com um gesto nervoso, voltou a escrever a carta que tinha abandonado sobre a secretaria:

«Meu querido pae.

Motivos grandemente imperiosos me privam do prazer de ir agora abraçal-o e á minha boa mãe, como havia promettido. Escreverei em breve explicando esse motivo, pedindo entretanto, desde já, que não se encha de cuidados. Beija-lhe as mãos

Armando.»

Com a carta aberta em frente, os braços cruzados, ficou um momento sem animo de fechal-a. Um terror supersticioso o detinha, como se fosse violar alguma cousa sagrada. «Não! não! era covarde isso!» — pensava. Do fundo de sua propria consciencia, subia uma fórma vaga, intangivel, que se adelgaçava, espiritualisada, vindo, fugindo, apontando-o, com um sorriso de escarninho... Quiz fazer um esforço sobre si mesmo, agarrar a carta e não pôde. «Covarde! covarde!» era a mesma voz da vespera que agora se fazia ouvir de novo, impellindo-o á morte, quando se debruçara sobre o abysmo. Agora eram as proprias lettras que assumiam proporções phantasticas, dançando-lhe, entre os olhos, com esgares, emquanto os caracteres traçados cresciam prodigiosamente. «*Yú! Yú!*» — murmurou. E acalmou-se aos poucos, na evocação d'essa sau-

dade da pobre morta esquecida, longe, no cemiterio ingrato da aldeia. Esteve um largo momento immovel, os olhos parados, ante a carta aberta—mortalha em que ia envolver todo o passado irreparavel. E n'um momento impulsivo, ergueu-se com rancor de sua propria indecisão. «Porque? porque viver amarrado a um phantasma?» E com as mãos tremulas, febrís, na pressa de quem rouba, fechou a carta convulsivo e metteu-a no bolso.

VIII

A's oito horas, Armando e Alberto sahiram em direcção ao theatro, bem que o primeiro se sentisse muito fraco da *debacle* nervosa da vespera.

Armando, depois de ter dito algumas palavras ao sahir da *republica*, guardara silencio, ao passo que Alberto, com a sua eterna flôr na botoeira, ia a discretear sobre assumptos indifferentes, a proposito de qualquer cousa.

Armando tinha-lhe referido a impressão que lhe causara, pela manhã, o encontro dos dous burguezes, quando ia a tomar o *bond* da Magdalena.

—Uma sucia de bestas!—apoiava Alberto a chupar gostosamente a ponta do charuto. E discreteou largamente sobre o caso.

Ah! não era mesmo de fazer crear cabello nas ventas de um individuo qualquer? Elle, por si, quando os via com aquelles ares impertinen-

tes de sujeitos dinheirosos que imaginam ter o mundo inteiro no bolso do paletot, tinha mesmo impetos terriveis de encher-lhes a cara de bofetadas, palavra de honra! Alli, onde o viam, possuia tambem uma alma revolucionaria! Na Inglaterra, elle seria um republicano; na Allemanha, um socialista; na Russia, um nihilista; na França, um anarchista; mas, como estava no Brazil e era um brazileiro, bem se via que não devia ser senão... uma besta de carga. Que importava, porém? era de seu sentimento revoltar-se contra toda a ordem de oppressões. Ah! essa burguezia pôdre não era um verdadeiro sorvedouro de todas as energias, de todo o trabalho, de toda a força? E fallassem-lhes n'isso, a esses senhores, e haveriam de vêr como elles cuspiriam na cara do interlocutor a sua gargalhada alvar. Fallassem-lhes n'uma ideia alevantada e haviam de vêr como elles encolheriam os hombros n'um arrojado desdem de grosseria e má educação. E no conceito idiota d'essa gente, elles, os homens de espirito, é que eram os parasitas da sociedade, porque procuravam eleval-a pelo pensamento e não iam puxar a charrua. Uma choldra!

Alberto parou o seu desabafo defronte do saguão do theatro.

Era noite de enchente real, a avaliar pelo grande numero de pessoas que alli se agglo-

meravam, estando o pateo, em frente, cheio dos carros que chegavam, despejando a alta roda.

No botequim, a um lado, grupos de rapazes de flôr á lapella e monoculo, conversavam animados, discutindo merito de artistas e bebendo cerveja.

Lá de dentro vinha um ruido confuso de pessoas que subiam para as plateas, camarotes que se abriam com estrondo, *zuns-zuns* de cochichos, e conversas altas acompanhadas de risos abafados...

Nas portas de entrada, havia um vai-vem ruidoso de pessoas que entravam e sahiam, trocando cumprimentos para os lados e pedindo senhas, com um gesto.

Armando e Alberto, emquanto esperavam a hora do espectaculo, haviam-se postado para um canto mais isolado, a observar o movimento, que iam commentando.

Perto d'elles, um grupo discutia calorosamente a politica, achincalhando atrozmente o governo e os governistas.

Um typo ruivo de lunetas ferozes, fallava para trez ouvintes, gesticulando com as mãos e o corpo, e batendo com os pés, enthusiasmado e cheio de furor patriotico.

—Pois olhem que isto é demais! Não sei aonde as cousas irão definitivamente parar. O culpado é sómente o governo e a roda que o sustenta, que exerce em larga escala a advoca-

cia administrativa. Pois hão de convir que no tempo do Imperio, havia as suas bandalheiras grossas — não contesto — mas ao menos existia mais vergonha, e o nosso paiz impunha-se ao respeito...

— Mas a Republica — observava um dos ouvintes — não é lá culpada d'essas poucas vergonhas. Hão de concordar que é o unico governo digno de um povo livre, não ha duvida...

— Já não colhe a *chapa*, que é velha — chacoteava o ruivo; é muito bôa cousa, como lá dizes, muito digna de um povo livre, muito não sei mais o que; porém foi com ella que se acabou de todo a vergonha, ahi tens. *Res non verba.*

E o outro respondia furioso, apopletico, o rosto congestionado, erguendo-se no bico dos botins.

— Protesto! protesto! Já não me pareces um patriota com esses ares caturras de sebastianista. Ora essa!

— Mas é a verdade, filho!

— Nem meia verdade! Pilulas!

Armando e o amigo iam retirar-se do logar onde estavam, aborrecidos com a discussão, quando lhes surgiu repentinamente diante dos olhos, o Torres, vestido de casemira clara, de rosa á botoeira, apertando o monoculo no olho, com os braços no ar... E envolveu-os n'um longo abraço familiar, entre exclamações

— Oh, meninos! mas que felicidade havel-os encontrado aqui! — E tu que hoje não me disseste nada, creatura! — volveu para o Armando. — Já vejo que não presam a minha companhia...

Ora esta! não era lá isso. — E Armando explicou que só á tarde, elle e o Alberto haviam definitivamente resolvido vir ao theatro. Se na occasião já estivesse resolvido, tel-o-ia prevenido; pois então?

O Torres, estourando de goso com o encontro, e procurando tornar-se notavel entre a multidão, convidou logo os amigos para tomar um «copito de cerveja.» E explicou, como entendido n'essas cousas elegantes: — Era preciso, que diabo! fazia um calor do inferno alli, com aquelle apertão, e era necessario desalterar com qualquer cousa. E acrescentou amavel: — Mesmo era um grande prazer para elle, ter occasião de beber com os amigos.

E tomando, em cada braço, um dos rapazes, arrastou com elles para o botequim.

— Vejam vocês que semsaboria estupida — disse apontando com desdem para o grupo em que a discussão continuava acalorada, — vem-se ao theatro para ouvir discussões d'essa ordem, sobre politica. E' de indignar a gente! E' sobretudo grosseiro n'este logar!

E pediu cerveja com estrepito, entre a indignação de que se ia possuindo, ao recordar

aquelles defeitos de educação, que elle julgava profundos.

—Imaginem que n'esta terra é bem raro que se encontre uma pessoa, mesmo entre essas da *elite*, que por aqui nos rodeiam, que sejam capazes de discutir e interessar-se por um ponto de arte. O panno está em cima, e discute-se apenas, se se trata da peça, os dotes physicos d'esta ou d'aqulla artista. Sobre o valor litterario ou o trabalho artistico, raros se atrevem a adiantar uma opinião ou mesmo a ter paciencia de ouvir essa opinião. Uma miseria, meninos! — acrescentou com o copo de cerveja erguido fazendo chocar os copos. — Esta vae á nossa saude, e tambem á saude das artes tão malbaratadas n'este paiz.

E limpou os beiços, indignado.

—Felizmente encontrei-os hoje aqui, e dou sinceras graças aos céos por ter com quem possa trocar algumas ideias. Vamos para dentro.

E deu os braços aos amigos, atravessando a multidão com ares de superioridade.

—E olhem que já não é pouca cousa ter a gente com quem trocar ideias n'esta terra em que a politicagem absorve tudo — disse entrando de monoculo fixado. — Vamos para o salão, emquanto esperamos alguns instantes. Mesmo porque isto de ser a gente a chegar em primeiro, não é lá muito de bom tom, não acham?...

Perfeitamente! — Alberto concordava.

O Torres passou a fallar da peça que se ia representar, *A morgadinha de Val Flor*, do Pinheiro Chagas.

O que achavam os amigos, a proposito? Era já uma cousa muito vista, mas sempre valeria a pena ouvir uma opinião de gente entendida no assumpto. Felizmente tenho com quem discretear sobre essas cousas... Uma noite cheia, portanto. Mas, é verdade, que opinavam sobre a *Morgadinha?*

Armando achava-a uma boa peça imaginosa e de um entrecho muito bem combinado. «Um dos melhores trabalhos de Pinheiro Chagas.»

— Lá que era um bom trabalho, — objectou o Torres, na faina de critica, — não havia dúvida. Um trabalho imaginoso, cheio de arroubos, capaz de electrisar uma plateia. Mas repugnava um pouco ao seu naturalismo, uma ou outra scena em que a imaginação soltara muito as azas em prejuizo da situação real das mesmas scenas; porque lá elle, em questões de escola, era um intransigente nos principios e não admittia vêl-os burlados... A prova mais eloquente que podia dar d'essa intransigencia, era a sua propria obra, que estava escrevendo, *Antros do Recife*, como deviam saber os amigos...

Não! estes não conheciam ainda o titulo da obra, e lh'o disseram.

O Torres considerou-os, no meio do salão, com os braços cruzados e o ar desolado.

Como? pois era certo que não sabiam realmente do titulo da obra? Se não havia no Recife ninguem que se interessasse por essas cousas, que não soubesse... Naturalmente gracejavam com elle, não podia ser outra cousa. Não era assim?

Não! effectivamente os amigos não sabiam e confessaram penalisados não o ter sabido. «Tinham andado muito preoccupados com certos negocios particulares, e não haviam, por esse motivo, acompanhado o movimento litterario...»

—Mas eu fallei-te, pela manhã, sobre a minha obra, oh Armando...

Não! mas o Torres não lhe havia dito o titulo... Afinal isto pouco importava. O essencial era saber o fundo do trabalho...

—Ah, lá isso era a verdade. Pois como lhes dizia, era aquillo a prova mais eloquente de sua intransigencia aos seus principios de escola. Não admittia que se falseasse a verdade n'uma obra d'arte. «A arte, é a natureza vista atravez de um temperamento», e só assim a comprehendia, e só assim a admittia. O mais eram monstruosidades, meninos! creações phantasticas, que a bôa razão repellia, que um espirito equilibrado não tolerava. Olhem —acrescentou — na minha obra...

E passou a dar o plano geral dos *Antros do*

Recife. Era uma auto-biographia sua que escrevia; figurava-se elle proprio, que era o protogonista, naturalmente, visitando o Recife pela primeira vez e dizendo as suas impressões sobre todas as cousas que ia encontrando. Para analysar detidamente os costumes — aqui é que entrava propriamente nos *antros* — tinha que visitar logares escusos, observar a vida dos lupanares, das tascas, da baixa sociedade, em summa, para d'ahi partir ás conclusões philosophicas sobre o caso.

— Tudo isto, meninos — concluiu elle, — sob um ponto de vista perfeitamente real. Ha de fazer successo a cousa, porque é Zola puro! Então o que acham?

Armando e Alberto, por delicadeza, combinaram... Perfeitamente! devia ser um successo a valer!

Um successo de luxo! pois então? Elle estava a vêr todos os dias as mediocridades a subir, em prejuizo dos talentos que viviam ahi, Deus sabe como! — Uma miseria, filhos! — apostrophou — uma miseria que revolta e contra a qual, eu hei de mostrar a vocês, se não posso rebellar-me.

E como se segredasse um alto mysterio, disse com veneração, curvado para os amigos:

— Aqui entre nós, que não nos ouçam, a cafila reles de invejosos — eu cá espero uma cartinha do mestre, o Zola, para o prefacio do li-

vro. Imaginem com que cara não hão de ficar os meus mesquinhos detractores com essa prova de monumental confiança e de alta solidariedade, que vou ter da primeira cabeça da actual litteratura. Uma carta de Zola, que luxo! pois não acham que é mesmo uma de fazer acaçapar os réles?

Oh, sim! os amigos pensavam da mesma maneira! Era um triumpho que ninguem tinha ainda obtido nas rodas litterarias do Recife. Um triumpho mesmo de fazer calar a adversarios!

— E' de luxo, meninos! — repetia o Torres, a estourar de goso, applicando, com altivez, o monoculo para os lados. Imaginem tudo isto como não ficará! — acrescentou com um gesto largo, abrangendo todo o povo, que se apinhava no salão.

E voltando-se para os amigos que se distrahiam, ao vêr passar, diante d'elles, as variadas *toilettes* de senhoras, mollemente recostadas nos braços dos cavalheiros, o Torres disse com um supremo desdem de superioridade, como quem estava já em pleno goso da victoria almejada:

— Hei de fazer calejar todas essas mãos em bater palmas a mim! Vocês hão de vêr, rapazes!

A sineta tocou n'esse momento lá nos bastidores, e fez-se um movimento geral de pessoas que se retiravam do salão, em procura dos seus logares, nos camarotes e nas cadeiras.

Armando e Alberto tinham de descer e de-

*

ram as mãos despedindo-se do Torres, que ficava n'um camarote.

—Mas espero vêl-os no entreacto — disse este.—Não me façam ficar isolado, seus egoistas. Não tenho com quem dar um *cavaco* e já não os posso deixar. Sinto não haver mais um logarsinho no meu camarote...

Os amigos não puderam prometter ir procurar o Torres no primeiro entreacto. Tinham de cumprimentar, no seu camarote, ao desembargador Castro...

Pois estava ahi o desembargador? muitissimo melhor então... Dava-se muito tambem com elle, e lá iria tambem fallar-lhe... — Pois tanto melhor! — concluiu o Torres. Faremos uma boa prosa. Aquillo é homem com quem se póde cavaquear a valer. E' cá dos nossos, da gente de bom gosto que adora a arte e detesta a politica. Lá nos encontraremos...

E apertando as mãos dos amigos, sahiu, entalando o monoculo no olho e olhando com affectada curiosidade para as senhoras, muito cortez para os conhecidos, fazendo garbo de importancia.

— Que massador estupido! — dizia Alberto a descer com o amigo para os corredores. — Definitivamente não nos deixará hoje com aquella prosa enfatuada, e com aquellas historias dos *Antros do Recife*. Faço ideia o que

será aquillo e que calote não lhe valerá a esperança da carta de Zola.

Armando tinha escutado, sem attenção, o que lhe dissera o Torres, e agora muito menos estava disposto a dar ouvidos ás invectivas de Alberto.

No seu intimo travava-se uma derradeira lucta. O ultimo elo do seu passado ainda o acorrentava defendendo-o contra o novo sentimento que lhe invadia impetuoso todo o sêr, enchendo-lhe o coração de estranhos effluvios. Não comprehendia bem a revolução que se operara dentro em si, que supplantara toda a sua alma sonhadora e melancolica. Sabia apenas que uma força superior e invencivel o arrastava aos braços d'aquella mulher que vira, pela primeira vez, com indifferença, e que agora exercia de longe uma attracção inexplicavel. Elle não tinha tido tempo de considerar bem a situação moral em que se achava, não avaliava as consequencias do passo que ia dar, mas não tivera encontrado força bastante para conter-se, para resistir ao impulso que o tomava nas azas phantasticas.

A orchestra já tocava a ouvertura quando elles entraram. A enchente era real. Raros camarotes estavam ainda vasios. As *torrinhas*, galerias e cadeiras achavam-se repletas.

Alberto, da primeira fila de cadeiras, fez uma saudação rasgada a um camarote de 1.ª or-

dem. Armando acompanhou-o no cumprimento, tirando o chapeu, reconhecendo, á primeira vista, a familia do desembargador Castro.

— Linda! — disse Alberto com enthusiasmo. lisongeando o amigo. — Os meus cumprimentos, *seu* felizardo.

— Quem são aquellas outras duas senhoras? — perguntou Armando para disfarçar a commoção forte que d'elle se apossara, ao encontrarem seus olhos o rosto de Martha.

— Pois não sabes? estiveram no Derby no mesmo dia de corridas. Uma, a idosa, é a senhora do desembargador, e a outra é mademoiselle Marie, que lecciona francez á Martha e que mora com o desembargador Castro. E' uma franceza muito distincta.

— Ah! — fez Armando procurando fingir-se calmo. — Sentemo-nos, o panno vae subir.

E sentou-se correspondendo ao *adeus* que o Torres, lá do alto da terceira ordem, lhe enviava na ponta dos dedos, applicando o monoculo á platéa.

— Que pedante! — rugiu Alberto voltando as costas com um gesto brusco, e sentando-se.

A ouvertura tinha expirado n'uma ultima nota aguda, arrancada de todos os violinos, e o publico aguardou, silencioso e concentrado, a subida do panno.

O drama principiou a desenrolar-se emquanto os binoculos se assestavam para o palco, a ob-

servar os artistas que começaram provocando signaes de sympathia de todo o publico.

O ambiente de vago sonho em que Pinheiro Chagas move os personagens da *Morgadinha*, o interesse com que a peça logo no primeiro acto sabe captar as sympathias geraes, conquistaram logo a plateia, que começou a bater palmas, enthusiasmada.

Armando acompanhou todo o primeiro acto, concentrado em suas impressões, cheio já do encanto que transpirava de Martha, cujo rubor, ao vêl-o, não lhe fôra difficil adivinhar.

Sentia agora, perfeitamente, que parte do seu destino na terra seria compartilhado por Martha. E então já lhe seria difficil condemnar-se a não vêl-a, a não admirar-lhe a graça infinita, a não adorar-lhe o irresistivel encanto.

Apenas desceu o panno, Alberto puxou-o.

—Anda d'ahi! Vamos agora fallar ao desembargador Castro.

E acenou ao desembargador para que os esperasse.

Armando transpoz a distancia até o camarote com emoção mais facil de adivinhar do que de descrever. E' que elle sentia-se já fascinado por aquelle olhar feminino, elle que até alli vivera de um sonho, e se alimentara de uma utopia engrandecida na sua imaginação exaltada, e ia agora trocar tudo isto, de um momento

para outro, por um sentimento que tinha origem n'um facto real de sua vida.

Quando entrou no camarote do desembargador, acompanhado de Alberto, e teve de cumprimentar a Martha, não viu bem diante de si uma mulher. Viu uma nuvem luminosa, cheia de gaze e plumas, d'onde emergia uma cabeça adorada, a baixar sobre a sua humildade um olhar profundo e doce, que lhe pareceu penetrar até ás profundezas da alma, rasgando, n'uma alleluia de luz, a dolorosa noite que toda a historia do seu passado e dos seus desenganos haviam n'elle accumulado.

Martha trajava um elegantissimo vestido fórma princeza. A seda côr de morango ficava-lhe admiravelmente em harmonia, fazendo realçar, n'uma suavissima tonalidade, sobre o collo nevado, os frocos de gaze, acompanhando os recortes, em angulos reintrantes, sobre o seio, apenas adivinhado... As mangas compridas, vindo cahir até ás costas das mãos, eram sustentados elegantemente por uma tira de renda *guipure* sobre os hombros nús, radiando entre aquellas alvuras. O cinto de fita de setim creme prendia o corpinho, confundindo a curva dos seios comprimidos, e ia morrer atraz n'um abraço de duas pontas, formando laço e cahindo depois abandonadas languidamente.

Os cabellos, sem adornos, eram sustentados negligentemente no alto da cabeça, atravessa-

dos por um grampo em fórma de alfange, cahindo frouxos para todos os lados.

Armando deteve-sé como fascinado ante aquella apparição que o revolucionava, que enchia toda a sua alma de uma desconhecida visão. Aos seus olhos se afigurava que aquellas frageis tiras de renda sobre a nudez dos hombros iam partir-se e que toda aquella orgia de brancuras ia cahir aos pés de Martha, para deixal-a impassivel, na contemplação do corpo, sem uma gaze, núa em toda a sua espiritualidade, casta e insexual...

Alberto, porém, impelliu-o e elle adiantou-se, sorrindo, calmo...

Trocados os primeiros cumprimentos, veiu a conversa sobre outros assumptos, começando o desembargador por admirar-se que o dr. Armando não tivesse querido utilizar-se de seu offerecimento, indo tomar uma chavena de chá, aos domingos, comsigo e os amigos...

E explicou com bonhomia.

Reuniam-se em sua casa, n'esse dia, algumas pessoas de intimidade. Jogava-se o sólo ás vezes, fazia-se um pouco de bôa musica, fallava-se de lettras e artes... Se convinha ao doutor a declaração, acrescentava que não entrava a politica para não exacerbar os animos....

— Perfeitamente ! — respondeu Armando apoiando—um programma magnifico! Se elle não tinha ido, não era por causa de não levar em alta conta o convite. Pelo contrario...

E explicou os seus vexames com os estudos e a resolução, só agora revogada, de ir ao sertão. Uma serie de atropellos... Um caiporismo que realmente lamentára.

N'esse momento chegava o Torres, suando, a abanar-se com uma ventarola, exhibindo o seu monoculo lusidio.

—Oh, desembargador! Minhas senhoras...

E cumprimentando cheio de urbanidade, veio ter com o Alberto.

—Custou-me a achar o camorote, menino! vocês não me tinham prevenido a ordem. E atirou dois dedos ao ar, com superioridade familiar, correspondendo para defronte a alguns rapazes.

—Que tal acharam o desempenho? Que tal a peça, M.lle? perguntou risonho para a franceza.

—*Trés jolie*—respondeu Marie com seu sorriso de deusa casta.

O Torres confirmou o juizo, mas quanto ao desempenho não lhe parecia ter sido o mais correcto. Tinha havido certa exaggeração nos papeis, o que não era toleravel...

—Faço excepção—concluiu elle—da primeira artista, que possue certa naturalidade, e parece ter merito.

—*Beaucoup de grâce*—confirmou M.lle que volveu um olhar pela platéa que se ia esvasiando aos poucos.—M.lle Marie era entendida em coisas de theatro, e o Torres estimou de veras en-

contrar esse *tête-à-tête* emquanto os demais se tinham reunido em grupo, ao fundo do camarote.

Dissertou largamente sobre o auctor, sobre a peça, vindo a dar até na orchestra com o seu furor de critico.

A orchestra tinha sido bem conduzida, — fôra a opinião de Marie.

Ah! elle não queria contestar, em absoluto, este ponto; mas visse M.lle que aquillo não eram lá modos de um bom regente conhecedor do officio. « Gesticulava em excesso, batia forte com a batuta; maneiras desastrosas... A ouvertura era muito linda e tinha sido bem executada, que duvida! »

— *Parfaitement* — confirmou Marie.

— Muito linda! — repetiu o Torres; — no genero eu tenho uma composiçãosinha...

M.lle admirou-se. Pois elle tambem era compositor? O Torres protestou, modesto.

Não! não era compositor. Arranhava apenas a musica e como a adorava, nos seus momentos vagos, compunha alguns compassos... O seu forte eram as lettras. Presentemente estava a escrever um pequeno trabalho naturalista, que teria opportunidade de offerecer á leitura, já que M.lle gostava d'arte...

N'esse momento a sineta deu segundo signal, e a orchestra começou a tocar para abrir o 2.º acto.

O Torres cumprimentou a M.lle Marie, encantado pela franceza, e esteve a escusar-se perante o desembargador Castro, antes de sahir.

Desculpassem-lhe, disse, curvando-se profundamente perante o grupo, não ter-se aproveitado da sua amoravel companhia, durante aquelles momentos, o que ser-lhe-ia precioso. Mas estivera com M.lle Marie a fallar sobre negocios de arte e o tempo passara-se. Bem sabiam que elle era perdido por essas coisas, e merecia, pois, desculpas.

—Merece-as e tanto mais lhe provo isto, convidando-o especialmente para o nosso chá dos domingos,—disse o desembargador.— Olhe, lá estará o nosso commum amigo, o dr. Armando. Espero, pois, que nao faltará, sim?

Ora esta! se um convite d'essa ordem era para elle um achado... se a casa do desembargador era a unica no Recife onde se podia palestrar livre do terrivel espantalho da politica... —Perfeitamente! lá estarei ás 7 horas da noite com uma exactidão do Phileas Foogg de Julio Verne. Sem mais cerimonia... —E rodou sobre os calcanhares, fazendo uma profunda cortezia ás senhoras, e demorando o olhar nos olhos azues de M.lle Marie.

—Pois estamos combinados,—disse o desembargador voltando-se para Armando e Alberto. —Agora, já que vae subir o panno, pódem utilisar-se das duas cadeiras vasias que tenho

no camarote. Prolongo assim a amavel companhia do doutor — disse voltando-se para Armando, que agradeceu sorrindo e accedendo ao convite.

Todos se sentaram, attentos para o palco, onde o panno começara a subir vagarosamente.

O grande jogo de paixões que ha n'esse acto — entre um pobre pintor que ama e occulta esse sentimento, por estar collocado acima de suas aspirações, e uma joven fidalga que é amada mas que não deve nem quer descer á obscuridade d'esse amor que entretanto lhe vive n'alma, explodindo em desdens a todos os instantes, em sarcasmos a todos os momentos; essa grande lucta de vaidades entre dois corações que se amam, mas que estão distanciados pelas posições sociaes — interessou vivamente a platéa que ouvia attenta e silenciosa o desenrolar emocionante do drama de Pinheiro Chagas.

Tinham chegado ao ponto em que a Morgadinha lê, anciosa e apaixonada, os inspirados *versos a Leonor:*

«Longe, bem longe, n'amplidão celeste
A estrella brilha, e seu brilhar, seduz,
E o pastor geme sobre o monte agreste
Fitando os olhos na adorada luz!»

A alta sentimentalidade dos versos commoveu a platéa que os ouviu n'um silencio concentrado. Os leques das senhoras agitavam-se

no silencio, como azas inquietas ensaiando o vôo para o alto.

Todo aquelle meio asphyxiante para os sentidos, todos aquelles perfumes subtis que se exhalavam das *toilettes*, os collos meio-nús, fazendo adivinhar palpitações commovidas, e a profunda e sentida nostalgia dos versos, soando na sua cadencia doce — acabaram de perturbar o animo abalado de Armando, defronte de Martha.

Insensivelmente seus olhos procuraram os d'ella, como quem procura uma promettida caricia para alliviar uma magua ha muito sentida. Ao encontrar, porém, aquelles olhos, de uma tristeza nostalgica, na empolgante expressão de uma supplica, elle teve um supremo impeto de abandonar o theatro, dar as costas violentamente a esse meio enervante que o seduzia e conspirava contra seu destino, a toda esta serie de circumstancias cumplices que o arrastavam contra os seus designios, a um ponto não sonhado nem aspirado de sua mocidade.

Desviou os olhos dos olhos de Martha, sem notar o pesar da pobre creança. «Não! não! porque entregar-se? porque violentar o destino?» E insensivelmente os seus olhos, por uma irresistivel fascinação, vieram novamente sobre Martha. Martha, porém, voltara-se para o palco e elle julgou adivinhar-lhe lagrimas... A fascinação completava-se: aquellas lagrimas apenas adivinhadas subjugaram-no. Teve então hor-

ror de sua covardia! Sem saber o que ia fazer, quiz levantar-se como se desejasse partir grilhões.

N'esse momento Alberto batia-lhe sobre a perna.

— Ouve! — disse elle. Esse final é de um soberbo sarcasmo de recitação.

E a artista concluia effectivamente os *versos a Leonor*, com o supremo desdem em que rebenta convulsivo pranto:

«Estrella! segue a rutilante estrada
Rescende aromas, orgulhosa flor!
E ah! nunca saibas que assim foste amada
Ah! nunca saibas que morri de amor!»

Depois de soado o ultimo verso, entre uma salva de palmas, Martha voltou de novo para Armando os seus olhos turvados. E esse olhar de supplicas repetia, apaixonado, aquelle ultimo verso cuja suprema melodia Armando sentia penetrar-lhe, como um balsamo, no coração, esse coração que tanto havia soffrido.

«Ah! nunca saibas que morri de amor!»

Quando n'essa noite elle voltou para a *republica*, tinha-se feito uma momentanea paz em seu espirito. Não luctou mais contra Martha. Vencido, entregou-se-lhe.

E dormiu tranquillo no seio acalentador de mais essa illusão...

IX

Diante da nova phase que Martha abria ao seu moral, Armando não se conteve, ao deixal-a, na vespera, sem que procurasse de si mesmo indagar o motivo por que esta nova fascinação o empolgava e o desviava da melancolia de seu caminho, tão longo tempo percorrido.

Era bem verdade, pois, que o coração tem tambem a sua embriaguez—embriaguez que é porventura a mais perigosa para o espirito, especialmente quando este tem vivido na solidão e na descrença, e aprendendo a distanciar-se dos homens e do pernicioso contacto social.

E' verdade que elle, desde os 16 annos, vivera na capital, envolvido nas luctas e nas paixões dos grandes centros... Mas a dolorosa experiencia que adquirira, o duplo sonho que vira esboroar-se em fragmentos do altar do seu coração — fizeram-no retrahir-se, pouco a pouco,

evitar o mais possivel o contacto das multidões, fugir de seducções faceis e concentrar-se em si, finalmente! Mas detinha-se n'um pensamento: qual a suprema causa de tudo isto? Estava no meio ambiente, no meio social ou em si proprio? Hesitava responder peremptoriamente! Quem sabia se o conjuncto de tudo isso não tinha concorrido para o que elle era?

De tudo que perdera, de todas as desillusões atrozes que experimentara, de todos os castellos de cartas que vira desabar — ficara-lhe apenas o amigo Alberto, em quem tudo confiava, de cujos labios francos aprendera a ouvir sómente a verdade em pró do seu bem estar. A despeito da diversidade dos seus genios — elle, concentrado e impressionavel, e o amigo, franco, communicativo e alegre — tinham-se dado as mãos n'um mutuo amplexo de immoredoura estima, tendo as mesmas satisfações e os mesmos pesares.

Teria esse movel sido o unico a agir para que de momento se desse uma rapida transformação nos seus sentimentos — sentimentos que pareciam querer acompanhal-o durante toda a vida, e morrer com elle, no tumulo? Não era muito crivel que sómente aquella causa houvesse preponderado. Talvez existisse em si um momentaneo despertar de energias desconhecidas, filhas de sua natureza impetuosa que se formara ao ar livre, trepando nas arvores, cor-

rendo pelos campos immensos, respirando o seivoso aroma que vem das selvas, ao amanhecer.

A flôr dos nenuphares que sobe á tona da agua para realisar o seu instincto de reproducção, não obedecia a uma lei propria de sua natureza, da mesma maneira que pela lei da gravitação universal, os corpos procuram o seio da terra? Porque haveriam os homens tambem de fugir á lei do seu proprio organismo, ás condições do meio ambiente, ás impulsões que, em determinada edade, o instincto lhes impõe?

Elle, Armando, na epocha em que todos amam, no tempo em que os demais começam a cantar o eterno poema da juventude, passado de geração a geração — vira-se ferido em pleno coração, amortalhado nas suas proprias desillusões, justamente quando carecia de amor e felicidade.

Não tivera tempo de dar expansão á sua natureza, que ficara presa pelos grilhões dos seus desenganos. E o amor que o seu coração podia dar; os sonhos de juventude que lhe entumesciam a alma, banhada das vagas de luz, revigorantes, que vêem da madrugada da vida; os longos desejos de mocidade que se procuravam completar n'outra mocidade; toda esta onda volumosa que ficara interdicta dentro em si, esperando um dia despedaçar as barreiras que a torturavam e prendiam — aggravaram de certo

essa melancolia surda que lhe minava cada dia o espirito, na anciedade por uma nuance vaga que se lhe desenhava na vista, diante de todo o espectaculo da natureza, n'um desejo vindo do fundo amargo d'alma, de acabar com o tormento da vida, sentindo-se insufficiente para affrontar a lucta, vasio de ideia para emprehender qualquer coisa, indeciso de vontade para querer nitidamente realisar um objectivo.

Definitivamente todas essas forças reunidas que constituiam o conjuncto de sua propria mocidade, haviam de vencel-o um dia, arrancando-lhe do coração, por momentos, embora, esses sentimentos vagos, essa melancolia doente que o acabrunhava. O culto de sua saudade seria porventura sufficiente para derogar essas leis?

Elle via bem que a mocidade tinha inconstancias fataes que as leis physiologicas desculpam. Ah! só na velhice é que uma recordação dolorosa tinha o estranho poder de mutilar o resto das energias que ainda ficaram ao corpo, e as ultimas esperanças que se prenderam ao coração!

Elle fôra arrastado, pois, sem querer, pela força desconhecida que o conduzia. Fôra bastante saber que os labios de uma mulher joven e formosa, podiam pronunciar, junto do seu rosto, o eterno *amo-te*, que lhe abria todas as delicias do paraizo, no inferno da sua vida — fôra bastante esse pensamento para que a sua

energia, já tão cançada, o seu espirito, já tão desfallecido, e o seu coração sensibilisado, cahissem de joelhos, sem indagar d'onde vinha essa mulher, e porque motivo chegara a amal-a.

A amal-a?... Elle assim o julgava convictamente ante a sensação que experimentara ao vêl-a, ao mergulhar, timido, o seu olhar de ave desamparada, na profundeza d'aquelles olhos meigos, onde transluzia o reflexo ethereo de uma bondade extrema, e a chamma romantica de um amor infinito...

Como quer que fôsse, —atravez da vaga duvida em que pairava seu espirito, elle sentia que amava e sentia-se amado.

E como se esse pensamento o enlevasse e o possuisse todo, n'uma obsessão suprema, elle via-se envolvido n'uma deliciosa embriaguez, todo penetrado de uma harmonia eolia, enchendo-lhe o coração todo, elevando-o entre incensorios fumegando preciosos perfumes.

Mas atravez d'essa rapida felicidade, com que elle procurava illudir-se a si proprio, reatando todas suas impressões, seu pensamento descia sombrio ao fundo de seu sêr, temendo a traição imprevista, a cilada occulta sob aquellas flôres, a mysteriosa força que elle sentia arrastando-o, vindo do pae tabetico, do avô hysterico, passando por elle como um poder irresistivel.

Armando, logo no dia seguinte ao seu encontro no theatro com Martha, acordou cedo, e achou, talvez pela predisposição do espirito, toda a natureza toucada de novas galas. Como que tudo se preparava para um noivado eterno... Tudo ria deante d'elle, com um sorriso doce e argentino, desde o rio que lá em baixo espelhava, sereno, o reflexo caprichoso das casas fronteiras, até o céo, de uma suave côr de opala, onde o sol começava a dar, de leve, os primeiros tons de ouro e purpura.

Como aquella manhã cheia de vida que surgia dando alacridade a todas as cousas — assim dentro de sua alma sorria uma nova aurora engrinaldada de flôres, na profusão triumphal de todas as côres, que vinha derruir a pesada noite que cahira sobre a sua alma, vedando-lhe os grandes gosos da vida.

Armando sahiu para dar o seu passeio matutino. Mais do que nunca, queria aspirar, a plenos pulmões, o ambiente de terra humida que o cercava, respirar o perfume das flôres que deveriam estar desabrochadas, em profusão, pelos jardins, sentir o contacto de toda aquella natureza alacre que para elle despertava como depois de um prolongado lethargo.

Pela primeira vez, durante muitos annos, abrira os labios e o coração para abençoar o

mundo, esse mesmo mundo cuja hypocrisia tanto o fizera soffrer, cuja maldade tanto o enchera de tedio e nojo.

Que lhe importava realmente o mundo n'esse instante, com toda a sua estupidez, com toda a sua miseria incuravel? Tinha agora o seu amor, e isto lhe bastava. Esse asylo era sufficientemente grande para occultal-o das vistas odiosas e invejosas dos homens. O seu egoismo limitava o mundo!

E embuido n'esse pensamento, sahiu á rua, deliciando-se em recordar toda a scena da vespera. A primeira vez que seus olhos encontraram os d'ella, o primeiro cumprimento que lhe fizera, as primeiras palavras que ella lhe dirigira — essas mil insignificancias, esses mil nadas que tanto valem para aquelles cujo coração está aberto ás absorventes illusões do coração.

Sobretudo a voz d'ella! tinha um timbre tão doce e tão unctuoso, exhalava-se com uma tal melodia, emanava um fluido tão encantado d'aquella musica, que ainda as suas phrases lhe resoavam aos ouvidos, enchendo-lhe, vagarosas, a alma toda, como nuvens de incenso a subir pelas naves de um templo.

Vibrava ainda no seu coração toda a harmonia dulcissima d'aquella musica peregrina!

E cada nota vinha acordando n'elle uma nova sensação desconhecida, vinha compondo,

n'um rythmo suave, uma nova strophe do poema dulcissimo que tinha despertado na sua alma como a resurreição de uma nova vida, ascendendo para o azul infinito do espaço, em busca das estrellas...

Armando atravessou a ponte sob o dominio d'essas impressões. E admirava em tudo uma sonhada belleza que só agora percebia, um estranho encanto que ainda não lhe tinha ferido a imaginação. Realmente parecia-lhe que as paysagens tinham uma nova coloração, mais festiva e mais luminosa, que se alargavam infinitamente, deante dos seus olhos abysmados, os horisontes retocados de uma transparencia mais pura...

Predisposto de espirito, com a formosura clara d'aquella manhã de dezembro, Armando prolongou a pé o seu passeio, indo até o Caes da Lingueta, onde o movimento quotidiano começava a accentuar-se.

O sol ia já um tanto acima do horisonte, polvilhando o oceano de ondas de ouro.

Os navios ancorados no porto, os botes cruzando-se com o seu movimento rythmico de remos, barcos de pesca que sahiam erguendo para o alto a sua branca véla triangular, e além, sobre os recifes que resguardam o porto, as ondas raivosas elevando para o ar a sua espuma alva, no seu rugir eterno — tudo isto communicou ao espirito de Armando um vigor extraor-

dinario, uma immensa sêde de viver e de luctar, um desejo de vencer difficuldades e de reagir com todas as energias do seu sêr moral e physico...

E esteve muito tempo sentado n'um banco de ferro, debaixo de uma arvore, a contemplar aquelle espectaculo que lhe feria os olhos e que lhe chamava a attenção.

Quando puxou o relogio do bolso do collete, eram oito horas da manhã.

N'esse momento, alguem lhe batia familiarmente no hombro, o que o fez voltar. Deante d'elle estava uma figurinha de velhote magro e risonho, com os oculos escuros a tapar-lhe os olhos quasi completamente. Armando olhou-o tentando reconhecer o typo que tinha ante os olhos, e que lhe sorria com insistencia atravez dos oculos, com os braços cruzados sobre o peito.

—Já não me conheces mais, menino? Vejo assim que estou velho.

—Ah, o Regadas!—disse Armando abraçando-o com effusão.—Effectivamente ha bons trez annos, desde que foste para o Rio, não te vi mais, creatura!

O Regadas era um velho apaixonado pelos poetas de capacete, contemporaneo de Castro Alves e outros, admirador intransigente da antiga pleiade de homens de lettras com quem convivera e a cujo contacto escrevera alguma

cousa, chegando até a publicar uma brochura de versos — *Flôres pallidas.*

Agora no meio do que elle chamava «a *decadencia litteraria*» com as novas escolas que surgiam, vivia das reminiscencias e glorias do passado, tendo encostado para um canto a sua lyra, que «já não estava, desgraçadamente, ao sabôr da epocha.»

Armando conhecera-o muito no tempo de preparatoriano... Os estudantes do Curso Annexo faziam roda ao veterano para ouvir-lhe fallar das cousas d'este tempo, do parnasianismo na poesia e do realismo no romance.

Tendo cahido em extrema pobreza, os estudantes auxiliavam-n'o pecuniariamente, convidavam-n'o para jantar, para dormir nas *republicas*, e assim ia o auctor das *Flôres pallidas* preenchendo esses ultimos dias que lhe ficaram, para que elle presenciasse o desthronamento do «seu romantismo querido e do lyrismo adorado que fôra a gloria de tantos grandes nomes.»

Agora, desde uns trez mezes, o Regadas conseguira ser porteiro de uma repartição publica, e disse-o cheio de satisfação a Armando, ao inquirir-lhe do que elle fazia.

— Ah, menino! isto sempre vae melhor agora! rende o empreguinho os meus cento e tantos, e com os jantares, e mais agrados que os amigos me offerecem... já se vê que sempre dá para ir passando.

A proposito, o Armando lembrou que sentia fome, e que podiam comer alguma cousa alli no *Restaurant de France*...

O Regadas, radiante, apoiou batendo-lhe no hombro.

Muito bem lembrado, pois então? Sempre era uma delicia comer-se com os velhos camaradas! Além do mais, elle tambem ainda não comera nada aquella manhã e sentia por lá uma disposiçãosinha...

Acompanhado do Regadas, Armando foi, pois, installar-se n'uma das mesas do *restaurant*. Tinha vontade n'aquelle dia de fallar muito, dar expansão á sua alegria, ter opportunidade para soltar alguma graça de espirito... Ora, para isso não havia como o Regadas, sempre prompto a achincalhar os poetas modernos e a zurzir a humanidade

Depois de satisfeito o estomago, com alguma cousa que pedira, offerecendo mais vinho ao Regadas, Armando perguntou-lhe «como iam as musas...»

O Regadas, com o copo no ar, contemplou-o com desolação, no infinito desanimo de sua magua e de seu nojo.

As musas! pois o Armando ainda fallava n'isso n'aquella epocha de decadencia litteraria? Porque era uma verdadeira decadencia aquillo que se via presentemente, a depravação do gosto, a deturpação do bello, a falta d'aquella har-

monia que era o verso de outr'ora, o verso dos seus bons tempos... — E suspirou ruidosamente com os olhos em alvo, depois de beber o vinho. «Era uma limpeza aquillo!»

Armando interveio para animal-o a fallar.

Mas ainda se ecresvia, que diabo! tinha-se ultimamente uma pleiade de poetas brazileiros muito distinctos.

E começou a enumeral-os: Olavo Bilac, Raymundo Corrêa...

O Regadas, apopletico, protestou, enxugando indignado os beiços com o guardanapo.

Ai, não lhe fallasse n'esse povo, o amigo! Não tinham senso, nem sentimento, nem arte, nem nada. Tinham prostituido a arte! Pelo amor de Deus, não fallasse...

E botou mais vinho no copo, tremulo e vibrante. Armando interveio ainda, sorrindo.

Mas o Regadas não levaria a sua intransigencia a ponto de negar o merecimento d'esses poetas... A presente geração de novos tinha dado um passo á frente da geração anterior. Tudo estava passando por uma enorme transformação para melhor; evoluindo para a possivel perfectibilidade. O romance e a poesia tinham sobretudo caminhado muito: o romance, com o naturalismo, oppondo a verdade núa ao convencional, dissecando o individuo, estudando as paixões, revelando typos fóra dos principios communs e mostrando a lei em vir-

tude da qual elles agem; a poesia, com o parnasianismo...

Ahi estava a suprema prova em Zola, synthetisando, n'uma familia, o estudo d'uma epocha nos *Rougon--Macquart*. Em *L'Argent*, a febre do jogo; na *Debacle*, a ignorancia do exercito; no *Assomoir*, a embriaguez; em *Eugene Rougon*, a devassidão politica; em *Nana*, a prostituição; no *Germinal*...

O Regadas não pôde supportar mais... Deu um pulo da cadeira, suffocado e apopletico, áquella profanação do seu amigo, e agarrou-lhe com força nas mãos:

—Pois então, oh Armando? acho que estás a gracejar, dizendo semelhantes heresias com o intuito sómente de contrariar-me. Estas ideias não te ficam bem nem te assentam, meu rapaz, porque afinal de contas, sempre te conheci com muito bom juizo. O realismo é o amor do nú e do immundo. O parnasianismo, esse não passa de uma pedanteria de fórma, e a fórma que não seja a vestimenta de uma ideia bella, é simplesmente uma cousa monstruosa e inconcebivel que só fica bem a um seculo de doentes como este—estás ouvindo? O romance não é a physiologia de Zola: é o sentimento das multidões. A poesia, menino, não é a fórma, não é a macaquice de uns alexandrinos sem rythmo, sem um conjuncto de palavras soando bem n'uma caprichosa combinação de vogaes; a poesia é

a ideia elevada, é o coração, é o enlevo, é o mystico: fóra d'isso não ha poesia.

E enguliu o resto do vinho, erguendo-se tremendo e prophetico.

—A poesia é isto, é Varella. E com as mãos crusadas no peito, commovido do alcool, declamou para o espaço:

« Lembras-te Inah d'essas noites
Cheias de doce harmonia,
Quando a floresta gemia
Do vento, aos brandos açoites?»

E sentou-se abatido, como em face da destruição de um mundo:

—Ah! menino, não se escreve mais d'isto, desgraçadamente! Está tudo polluido, pôdre, falsificado! Não ha nem sinceridade, não ha mais alma, não ha mais nada, nada...

E agarrando no braço de Armando, concluiu erguendo-se:

—Vamos! bebe commigo ao saudoso lyrismo.

E esvasiou mais um copo.

X

A familia do desembargador Antonio José de Castro occupava saliente posição no *high-life* pernambucano.

A independencia pecuniaria, tão rara entre os que seguem a carreira do chefe d'essa familia, favorecera-a desde que se constituira pela herança havida a seu pae, pelo desembargador — herança que desde logo, com uma vida que não fosse de dissipações, garantia-lhe um futuro tranquillo ao abrigo das necessidades materiaes.

E o desembargador era homem sobrio em tudo — e n'esses principios educara a familia que apenas constava d'elle, sua mulher e sua querida filha Martha, unico fructo que sobrevivera aos tres que tivera do seu consorcio e em que, pois, concentrava todos os cuidados e dedicações de um pai extremoso, que effectivamente

o era. No mais tinha comsigo M.lle Marie, professora de Martha, e dous criados.

Sob esses auspicios, o desembargador atravessava agora os seus cincoenta e muitos annos, n'uma paz eminentemente, tranquilla e feliz, vivendo dos rendimentos que lhe garantiam uma independencia auspiciosa e um futuro risonho para sua filha.

Inimigo das ostentações, pela propria indole do seu caracter, modesto, estava longe de ser um egoista e de não desejar viver em sociedade. N'este ponto, porém, sempre preferiu a tudo mais — quando não tinha raramente de ir ao theatro — a convivencia de uma meia duzia de amigos, sobrios como elle, e, como elle, dedicados ás artes e ás lettras, que gostassem de ouvir um trecho de Chopin, e de discutir um bocado, sem exaggerações nem calor, os altos problemas sociaes que interessam ás collectividades.

Os domingos eram os dias escolhidos, habitualmente, para essas reuniões de amigos, que nem por longe tinham ar de recepção ceremoniosa. Cada qual chegava e tomava logo o seu partido; ia ouvir alguma cousa da mania astronomica do dr. Thompson, um inglez muito bem educado e polido; discutia artes com M.lle Marie, a preceptora de Martha; ia para junto d'esta ouvir um trecho de opera; entretinha gamão com o padre Souza, um jo-

gador caturra e formidavel; ou palestrava com o Desembargador, que entendia de tudo, e, como dono da casa, levava a conversa para o lado que fôsse mais agradavel ao visitante.

E aquellas *soirées* pacificas que duravam até á meia noite, invariavelmente, ao bater dos dados do padre Souza pedindo *quinas*, com sua voz de falsete, a assoar-se estrondosamente com o seu amplo lenço encarnado, emquanto as phrases intercaladas em francez, de M.lle Marie, iam atravessando a sala, sibilantes e persuasivas—aquellas *soirées*, dizemos, tornaram-se habitos inalteraveis na vida dos seus frequentadores.

Quando no ultimo domingo, contra esses habitos adquiridos, o Desembargador declarara que n'aquelle dia não teria logar a *soirée* porque desejava ir ao theatro assistir á *Morgadinha*, — « peça que quadrava aos seus gostos artisticos e que só ia á scena, n'esta temporada, uma unica vez » — o padre Souza voltara-se boquiaberto para elle, com uma pitada suspensa entre os dêdos, depois de ter pedido *quinas*; e o dr. Thompson arregalara muito os olhos, como ao receber uma noticia de excepcional gravidade — justamente na occasião em que assegurava, de accordo com Flammarion, a pluralidade dos mundos...

— Mas não se espantem os amigos, — tinha dito o desembargador, ao vêr o modo por que

a inveterada assembleia acolhia o seu aviso—; em compensação, faremos uma *soirée* cheia, no proximo domingo. Martha ensaia novos trechos de opera para esse dia; teremos recitativos ao piano, e M.lle Marie, com a amabilidade propria dos filhos da sua patria, prometteu cantar alguma coisa. Teremos a *soirée* talvez prolongada até uma hora da manhã.

A essa promessa de compensação, alliviados um pouco do peso que os affligira—o padre Souza atirou os dados com impeto, berrando por uns *ternos*, e o dr. Thompson baixou os veneraveis oculos para o seu grupo, a quem continuou a fallar da pluralidade dos mundos.

Fôra esse o *meio* em que nascera e crescera Martha. O seu temperamento franco e expansivo, pouco a pouco amortecera ao contacto da caturrice do padre Souza, aos raios frios dos oculos do dr. Thompson, ao azul casto dos olhos de M.lle Marie, ensinando-a a conjugar sensatamente—*J'aime, Tu aimes*...

A's vezes tinha explosões o seu temperamento... Mas o ambiente casto que a rodeava, o ar pacifico que respirava, na amenidade do arrabalde da Magdalena, a sensatez inalteravel de seu pae—tudo fazia com que pouco a pouco o seu temperamento fôsse afrouxando, cada dia tornando-se mais docil e mais adaptavel, empolgado por alguma tara physiologica, a obedecer a alguma lei atavica.

Depois começou a ler obras cuja sensibilidade derramava um bem-estar intimo em todo o seu ser, um desejar ignoto de coisas desconhecidas, um enternecimento vago por todos os seres humildes da terra, por todas as bellezas desconhecidas do além que sua alma visionaria queria descobrir na espiritualisação dos phenomenos.

Detestava Flaubert, Zola e Eça de Queiroz. *Lourdes*, só poude lêr até a 50.ª pagina. O espectaculo de toda aquella miseria humana repugnou-lhe. A *Madame Bovary* assombrara-a com sua dureza e verdade. De Eça, tentou lêr os *Maias*, — e a admiravel sagacidade com que o mestre dos romancistas portuguezes pintou ao vivo os costumes de sua patria, fatigou-a sobremodo, achando o livro muito prosaico... Victor Hugo e Lamartine, e entre os brazileiros, Alvares de Azevedo e Fagundes Varella, eram os seus predilectos, os seus poetas queridos, que viviam encadernados em percaline, com um amor cioso e femenino, na pequenina estante em que guardava «as suas preciosidades».

Com que doçura recitava mentalmente, olhando o poente onde o dia expirava na agonia da ultima luz, na doce penumbra que se fechava na limpidez azul, amortalhando o céo em que começavam a emergir as estrellas, luzindo no alto nas transparencias diluentes, como a reve-

lação de uma grandeza estupenda — com que doçura ella ficava a murmurar do seu coração para o seu pensamento, como se balbuciasse uma prece, cheia de uncção, folheando as *Contemplações:*

«Eu respiro no espaço em que palpitas,
Não sabes, minha flor? ai, não, não partas,
Porque ficar aqui, se tu me deixas,
Porque viver aqui se tu te apartas?»

E no crepusculo luminoso que descia na sombra espiritual e triste que crescia envolvendo n'uma gaze de opala as paysagens longinquas; na infinita amplitude em que os olhos se mergulhavam, os versos continuavam a soar-lhe aos ouvidos com a sua admiravel cadencia — musica suavissima que a embalava, acalentando-a como se essa harmonia descesse do céo azul e limpido, cravejado de constellações, baixando vagarosamente sobre ella, abrindo as grandes azas de velludo, envolvendo-a docemente n'uma nuvem branca, como o incenso tenuissimo dos altares.

E os dedos hirtos entre as folhas do livro, a fronte enlevada, em *reverie*, o olhar cheio de sonhos, continuava a dizer mentalmente, gosando a ternura da palavra, os versos das *Contemplações*, embriagando-se na musica do rythmo, sentindo sempre um encanto novo, uma sensação infindavel, ao repetil-as:

*

«Porque ficar aqui, se tu me deixas,
Porque viver aqui se tu te apartas?»

A's vezes M.lle Marie surprehendia-a n'esses enlevos, e ella ficava muito ruborisada como se tivesse sido apanhada em flagrante delicto de um crime.

Ah! não era nada!—explicava ella n'essas occasiões. Gostava de estar alli, sosinha, ás horas do crepusculo, recitando mentalmente, n'uma confidencia doce, com os seus poetas queridos... «Aquillo fazia-lhe bem, um bem extraordinario! distrahia-a de certas impressões... Não era nada...»—E depois sorria espiritualmente para M.lle Marie, como se continuasse o extase, com um sorriso de monja, um riso doentio que contrastava com seu estado normal.

M.lle Marie afastava-se recommendando-lhe que viesse para a sala... «O papá lá a estava esperando ha um bocado de tempo». E ao sahir encrespava a testa, denotando cuidado por aquelles modos de Martha, que não lhe pareciam normaes.

A's vezes, depois d'essas scismas melancolicas, contrariada de ter sido apanhada em flagrante, Martha esforçava-se por mostrar-se alegre e estouvada,—e, uma vez na sala, depois de dar um beijo na testa ampla do pae, ia para o piano a tocar alguma coisa forte que lhe sacudisse os nervos, arrancando-os áquelle afrou-

xamento doentio que a tornava triste e sem acção.... Insensivelmente, porém, depois d'esse esforço, os seus dedos deslisavam sobre o teclado, ferindo alguma *romanza* melancolica, impregnando-lhe a alma toda de uma ignota tristeza... Era preciso, então, que de novo M.lle Marie que começava a tomar-se de cuidados por esses momentos de abatimento, lhe pedisse que tocasse este ou aquelle trecho de opera.

Foi n'um d'esses instantes que seu primo Alberto lhe contara a historia toda dos romanticos amores do seu amigo Armando...

Ella ouvira com muita attenção todas as peripecias d'aquelle romance, tão raro nos tempos em que vivia; e contra o que desejaria, aquella narração produziu-lhe n'uma seducção empolgante a mais singular impressão...

N'essa noite foi-lhe custoso cerrar os olhos a um somno reparador... Dormiu por vezes n'uma modorra leve e inquieta, acordando assustada ao menor ruido, medrosa de tudo, julgando vêr ameaçadores phantasmas nas indecisas sombras tremulas que a luz debil da lamparina fazia desenhar na parede, ou se uma leve aragem agitava o cortinado da cama... Todas aquellas coisas movediças pareciam assumir, aos seus olhos, proporções extravagantes, dando-lhe uma irresistivel sensação de indizivel pavor. Por vezes, julgando-se victima do ludibrio de um pesadello, Martha apertava as pro-

prias mãos, cobertas de um ligeiro suor frio, para convencer-se que tudo aquillo era realidade, que ella estava effectivamente acordada. E a certeza de estar na posse dos seus sentidos, de que aquillo não era um sonho, dava-lhe uma sensação exquisita de medo e afflicção, querendo gritar e temendo ouvir o echo da propria voz no silencio impenetravel e triste que a rodeava e a suffocava. N'um momento julgou que, pelo longo tempo que parecia ter decorrido, o dia estaria proximo a amanhecer; e instantes depois, afflicta, ouviu o relogio, na sala de jantar, bater gravemente no tympano, como se marcasse a eternidade, uma hora da manhã, n'uma unica pancada somnolenta e melancolica.

Quando afinal o dia rompeu, ella estava exhausta e com um circulo violaceo em torno dos olhos.

Sentia uma oppressão extraordinaria no peito, um mal estar vago, uma somnolencia morbida... Ora, o desejo hysterico de gritar...

Durante a noite, tudo que Alberto lhe dissera, não pôde sahir-lhe da imaginação. Aquelle amor tão raro, sacrificado; a figura romantica d'aquelle joven, atravessando as multidões, indifferente a tudo, com os olhos somente voltados, n'uma expressão resignada, para o céo infinito do seu culto onde tinha a alma toda, ungida pelas doces recordações de um passado perdido; aquella paixão que nem os

impetos naturaes da mocidade, nem o ruido atordoador do mundo tinham sido capazes de esmagar; aquelle sentimento tão extraordinario, vivendo como uma religião no seu templo solitario, allumiado pela lampada inextinguivel do coração — emquanto o egoismo da sociedade erguia a barreira de sua indifferença e da sua superioridade; aquella constancia inabalavel que nem o peso enorme do tempo nem o poder inexoravel da morte tinham podido destruir nem abalar; — todo aquelle romance tocante encheu-lhe a alma de uma luz estranha, de um desejo indefinido, de um encanto ignoto...

Tantas vezes cerrasse os olhos, apparecia-lhe a figura pallida e sonhadora de um joven que era Armando, com os olhos cheios de um mysticismo infinito, cravados insistentemente nos olhos d'ella...

Queria fugir á visão... E quanto mais se esforçava para isto, mais se sentia presa por aquella especie de pesadello que lhe roubava o somno e o socego. Sentia-se arrastada como por uma vaga oceanica, vogando ao sabor de forças desconhecidas, sem poder governar-se, sem saber o que queria... Debatia-se, e mais a onda impetuosa se erguia acorrentando-a para o fundo do abysmo insondavel de que um medo instinctivo a separava, e onde um encanto irresistivel a chamava...

Martha, durante toda a sua mocidade, na

epocha em que a natureza acorda na mulher o instincto da maternidade, nunca pensara ser a promettida de algum principe que, como nas lendas antigas, lhe apparecesse de repente, coberto de glorias, e com uma espada rutilante á cinta, viesse, ajoelhado a seus pés e tremulo de paixão, implorar a graça do seu amor. Sempre porém, nos seus sonhos de joventude, pensava em ser amada por um joven formoso e apaixonado, que soubesse adoral-a de joelhos no extase alheiante do mundo; que pudesse avaliar todas as delicadezas de sua alma sonhadora, que conseguisse realisar na terra o seu ideial de mocidade.

Para que fôsse possivel a esse joven comprehender toda a grandeza incommensuravel d'esse ideial, era preciso que, como Armando, elle soubesse sentir o amor como um culto, como uma adoração. Para que elle podesse avaliar a elevação dos sonhos de sua alma, era necessario que tivesse uma alma que se harmonisasse com a sua, como duas cordas de uma harpa, percorrendo a gama dos sentimentos até o infinito de sua grandeza e do seu brilho. A sua alma possuia os arrancos da aguia: desejava pairar nas alturas; e para subir tinha necessidade que o céo trajasse a gala do azul, e os campos vestissem de esmeralda, para que ella se podesse absorver, extatica, entre as duas grandezas. Ella julgava entrever, nos lon-

gos pensamentos de suas scismas que, tal como o sol ao qual as nuvens impediam o brilho limpido, seu coração não podia sentir verdadeiramente sem o accessorio de um outro coração que comprehendesse a grandeza do seu sentimento, que se elevasse á sua melodia, que se santificasse ao seu contacto, que juntos formassem a eterna harmonia de dois sêres que se entendem, se unificam e se completam.

Martha viu, atravez da historia de Armando, o poema que tinha aprendido a balbuciar nos seus devaneios de moça e cuja realisação desejava para completar a sua existencia de mulher.

O seu coração adivinhava que, ao contacto d'aquelle outro coração, votado aos sacrificios, poderia cantar o hymno de sua mocidade, e completar o sonho dourado que tantas vezes entrevira entre as noites estrelladas, que tantas vezes lhe sorrira entre as formosas manhãs de estio...

Desejou então, de toda a alma, o amor d'esse mancebo a quem nem ao menos conhecia, mas que a sua imaginação exaltada lhe mostrava ao coração, como o unico capaz de preencher o seu ideal, de fazer uma realidade do seu sonho. Ah! queria-o! desejava-o! bem o sentia, e era embalde que procuraria mentir á sua propria consciencia.

Mas elle amal-a-ia? — e essa interrogação passou-lhe de repente na imaginação, em meio

do seu enlevo, turvando aquelle sonho encantado, pairando no céo de seu coração como uma nuvem borrascosa, dilatando-se, cobrindo todos os horisontes. Poderia effectivamente amal-a, elle que nunca a tinha visto, que talvez mesmo ignorasse sua existencia, — elle que vivia votado ao seu culto, de joelhos ante a memoria d'aquella que subira no vôo definitivo para o além, que o deixara só, viuvo dos grandes affectos? Essa interrogação ficou-lhe por muitos dias echoando dolorosamente na imaginação, até que se deu o encontro das corridas do Derby.

Esse dia fôra para ella de uma terrivel decepção! Era evidente que elle não poderia amal-a! Nem a havia olhado quasi, cumprimentando-a banalmente como a uma pessoa qualquer... No emtanto — que contraste que desejaria não tivesse existido! — fôra sufficiente vêl-o, analysar-lhe as devastações da fronte pallida, onde umas rugas quasi imperceptiveis se haviam já cavado, como prova das ruinas que lhe estavam accumuladas n'alma; vêr a vaga melancolia soffredora de todo o seu semblante, onde o brilho da mocidade se ia embotando visivelmente; o seu desalinho gracioso, que dava ideia de um abandono insensivel pelas coisas da vida e pelas vaidades futeis; o seu olhar profundo e melancolico, onde as sombras das longas scismas se iam reflectindo, tirando-

lhe o brilho n'um cansaço de velhice precoce, — fôra bastante esse exame de poucos momentos, mas sufficiente, na sua sagacidade femenina, afim de reparar em todos os pormenores que escapariam de certo aos indifferentes, para que dentro em si se robustecesse a prova da attracção que a chamava para Armando, insensivelmente, irresistivelmente...

O que era que mais a arrastava para Armando? Não o sabia bem, interrogando-se até o seu intimo.

Impulsão sem sensualidade, em toda a espiritualisação do sêr doentio, com todas as fraquezas physiologicas que herdára, tinha antes de tudo o vago desejo de ser piedosa para aquelle moço, encostar-lhe a soffredora cabeça contra o seio, deixal-o ahi adormecer a grande amargura, por um momento na vida, um grande momento de repouso em que elle recuperasse um bocado de toda aquella energia depauperada, realentando um minuto d'aquella formosa mocidade cahindo em ruinas como um velho edificio n'um descampado, rangendo e estiolando-se aos embates da ventania implacavel.

Em Martha, pois, era n'esse momento menos o homem, menos a propria sensualidade, o impulso irresistivel da puberdade que imperavam n'ella e lhe determinavam as acções; era antes de tudo um movimento impulsivo vindo

de suas desconhecidas profundezas, movimento cheio de extases e de piedade, de adoração e de espiritualidade, alguma coisa de vago que se lhe impunha como um dever irresistivel, a ancia de um ideial inconcebido e não explicado de que o seu proprio sêr moral carecia e exigia com todas as forças, em altos brados, alarmando toda a sua organisação moral.

Em Armando desapparecia, para ella, a entidade real, para lhe surgir ante os olhos, a personificação do seu sonho, a consubstanciação do seu ideial.

E todo o seu desejar ignoto de outr'ora, todos os sentimentos desconhecidos que voejavam em torno de sua alma como bando irrequieto de aves em revoada, todos os pensamentos doridos que lhe feriram o coração nos seus magoados sonhares — tudo isto agora apparecia-lhe nitido na imaginação, tudo personificado em Armando, na grandeza do seu coração generoso, na elevação de sua alma tão em contraste com o commum dos homens, tão diversa de toda essa frivola sociedade egoista e insensivel.

E essa comparação mais concorria para elevar Armando em seu conceito, para enthronisal-o, entre aureolas, bem no alto do seu coração.

Entretanto ella tinha sentido que Armando não a amava, nunca talvez viria a amal-a. Essa decepção doeu-lhe cruelmente na sua vaidade feminina — de mulher que ama e que se tem

no direito de ser amada. Isto fêl-a soffrer muito... E as noites longas de insomnia que se seguiram a este facto, as noites mal dormidas que poseram no seu rosto um sello de soffrimento, as lagrimas occultas no silencio do seu *boudoir*, que deixaram uma indelevel pallidez no seu rosto — foram testemunhas de quanto o seu coração soffreu com essa martyrisação do seu desejo irrealisado, essa decepção de todas as aspirações frustradas.

Martha a principio tentou esquecer tudo isto, tentou amordaçar, no silencio de sua alma, aquelle sentimento empolgante, consequencia do seu estado physio-psychologico. Emprehendeu longos passeios á tarde, em companhia de M.lle Marie, obrigou muitas vezes seu pae a leval-a comsigo ao theatro, frequentou a casa de algumas amigas, procurando distracção em tudo, buscando olvidar aquella recordação dolorosa que tão grandes proporções creara dentro de seu espirito. Foi tudo debalde: a figura romantica de Armando, a sua historia tocante, a profundeza do seu olhar soffredor e melancolico, tudo a acompanhava por toda a parte, enchendo-lhe toda a existencia, preoccupando-lhe todos os sonhos.

Passaram-se muitos dias n'essa indecisão de espirito, n'esse tormento do coração que poreja sangue em todos os instantes, em todos os momentos da vida — até quando indirecta-

mente impulsionada por um desejo invencivel, pedira ao primo Alberto para levar Armando no dia seguinte, a uma das reuniões dos amigos de seu pae.

Martha consumiu n'uma anciosa espectativa a noite que precedeu a esse dia.

Passou-a entre cruciantes duvidas, cheia de sonhos esquisitos, meditando nos longos momentos infindaveis, a ouvir o *tic-tac* grave do relogio, no silencio impenetravel e immenso das horas de isolamento e insomnia.

Quando, no dia seguinte, Alberto chegara sem o amigo, ella mal podera conter, diante de todos, a sua violenta commoção. E a revelação que fizera ao primo d'esse amor que até esse momento somente tinha vivido no recesso de sua alma — foi a explosão de tudo quanto até alli tinha sentido, a necessidade de desabafar, de que alguem podesse compartilhar de suas maguas, interessar-se por ellas, doente que precisava de uma caricia e de um consolo para suavisar-lhe a dôr.

Depois de tudo isto, é facil imaginar o seu jubilo quando, no theatro, Armando deixou escapar atravez do seu olhar que os desenganos haviam adormecido a revelação de que alguma coisa n'elle acordara, que uma scentelha fugaz passara n'aquelle frio gelado sob a influencia de seu olhar iconscientemente supplice.

Isto foi como uma resurreição para sua alma,

toda uma orchestração de melodias cariciosas cantando dentro em si, todo o festivo despertar de uma noite de pesadellos, a aurora sangrenta e risonha alargando os horisontes, colorindo as perspectivas...

Voltou para a casa, alegre. Toda uma revolução havia-se operado em seu sêr, abalando-lhe violentamente o organismo, vibrando-lhe com extranhas harmonias dentro d'alma.

Afinal seu coração erguia para o céo as alleluias de um triumpho! Armando amal-a-ia! Começava a realisar-se o seu ideial!

XI

Quando, oito dias depois do encontro do theatro, Armando entrou, pela primeira vez, acompanhado de Alberto, em casa do desembargador Castro, a maioria dos *habitués* já estava a postos, divididos pelos competentes grupos — acrescentando-se áquelles o Torres, que pertencia ao numero dos recem-iniciados e que já tinha chegado ha uma boa meia hora.

N'uma rapida inspecção de vista, ao entrar, Armando ficou bem impressionado por aquelle pacifico recinto, largo e mergulhado na luz branda e leitosa do candieiro, collocado n'uma mesa redonda, ao centro, coando a luz atravez do *abat-jour* de porcellana e adormecendo suavemente nos recantos, nas dobras das cortinas brancas das janellas, que a aragem mansa e impregnada de rosas e resedás fazia oscillar brandamente. A casa do desembargador, gran-

de e confortavel, demorava no centro de um jardim cujos altos caramanchões a occultavam em parte ás vistas exteriores, dando-lhe um encantadar aspecto de delicioso retiro. A alea central do jardim, partindo do amplo portão de gradeamento ao batente da entrada geral, no andar terreo, destacava-se como uma longa fita branca, larga e direita, na verdura basta das folhas que de um e outro lado se erguiam, em parte, abraçando-se no alto, em arcada de verduras em que os jasmins desbrochavam n'uma profusão de estrellas microscopicas ao longe. De espaço em espaço, estatuetas de gêsso, umas desvelando-se n'uma deliciosa nudez, em que os seios desnudos desabrochavam n'uma florescencia e apotheose de mocidade, e outras em posições athleticas e guerreiras, n'um extraordinario vigor de verdade anatomica — davam uma nota vibrante, com sua brancura nevada, destacando-se do esmeraldino das folhas e do escarlate sangrento das rosas *Principe Negro*.

Da alea central, partiam outras, como caminhos discretos, meio occultos sôb os caramanchões, entrecruzando-se n'um gracioso desalinho em que a arte, no rigor da expressão, fôra abandonada. As flôres cresciam ao acaso, formando retiros imprevistos, logares de deliciosa verdura, onde os bancos toscos offereciam um abandonado repouso, um logar convidativo á meditação n'aquella sombra discreta e doce.

Guardando posição symetrica á ala central, dois esguichos vomitavam fios brilhantes d'agua que se elevavam para o alto, ultrapassando os massiços de verdura, como tenuissimos fios de prata liquida, que as correntes de ar desfaziam em subtilissima chuva, de que a maior parte vinha cahir sobre a grande bacia de marmore que quatro leões symbolicos sustentavam. Sobre a bacia, duas figuras femininas abraçavam-se, na attitude do pudor surprehendido, n'uma nudez de apotheose, apertando contra o redondo seio seivoso em que a vida parecia palpitar, o tronco rustico d'onde a agua esguichava para o alto, assobiando na sua crystallina musica.

Do andar superior, onde Armando acabava de penetrar, a vista descançava n'esse conjuncto encantador que a lua, em seu primeiro quarto, alumiava frouxamente dando uma deliciosa paz, um dulcissimo silencio áquelles tranquillos recantos.

Era n'essa espaçosa sala cujas amplas janellas deixavam vêr tão differentes perspectivas, onde tinham logar commummente as *soirées* do desembargador.

E ainda ahi n'essa vasta peça, forrada de papel de fundo cinzento esmaltado a ouro, apezar do numero de pessoas que estavam na occasião, Armando continuou a sentir a mesma impressão de tranquillidade, sob aquella luz doce do *abat-jour* que alumiava os grupos á distan-

cia, vagamente. A mobilia da vasta sala era de uma simplicidade que feria a vista, bem que alma de artista pairasse em todos os arranjos, na disposição dos objectos.

Ao centro, em frente á entrada, estava pendurado, em inclinação, o grande espelho classico encimado de florões dourados. No logar correspondente descançava um sofá, systema austriaco *Thonet*, ladeado por duas amplas cadeiras de braço, aos pés das quaes se estendia sobre a alcantifa da sala, um tapete em cujas tintas avelludadas se desenhava um episodio medieval.

Nos dois cantos do sofá repousavam altas almofadas com bordados Gobelin, executados sobre talagarça de lã grossa do Norte. Sobre o espaldar das cadeiras, ao lado, e sobre a mesa do centro cahiam cercaduras com applicações, sendo o motivo de ornamento composto de rosas côr de ouro cercadas de folhas de tafetá verde-azeitona.

Ao lado direito, destacado da parede, estava o grande piano Pleyel, voltado de costas, com a tampa em cima aberta, repousando sobre o encosto. Em dois vãos, fazendo *pendant*, os consolos minusculos, cheios de objectos de *biscuit* e jarros de esmalte dourado, cheios de flôres recem-cortadas, cujo perfume penetrante enchia todo o aposento. Encimando esses consolos, nos logares correspondentes, nas pare-

*

des, pendiam dois grandes quadros severos de assumpto historico: um, a *Tomada da Bastilha* e o outro a *Capitulação de Sedan*, esses dois factos supremos da vida de um povo, um dos quaes proclamava, como consequencia, os direitos do homem e com o outro cahia envergonhado e exhausto, de mãos atadas, pela dissolução de uma epocha de dissipações e devassidão.

Defrontando o piano, na parede, pendia um quadro de paysagem agreste, assignado por C. Amaral, um ocaso rubro e quente reflectindo-se n'uma infinita tonalidade de luz, nas arvores e nos cabeços arredondados dos longes montanhosos. Era uma paysagem sertaneja copiada do natural, em cujo primeiro plano se destacava, cahida, meio arrancada, uma grande arvore, secca, levantando galhos nús para o alto, onde tentavam subir as trepadeiras agrestes. Longe, em segundo plano, quasi adivinhando-se pelo caminho que ia até lá, tortuoso, entre pedras, via-se uma casinha n'uma eminencia, cercada de uma pallissada tosca, julgando-se divisar distante, na porta, a sombra de alguem que pensa, olhando o poente de purpura...

No logar opposto, defrontando a paysagem, guardando disposição symetrica, pendia um quadro de bellissima esculptura em relevo, contendo retratos photographicos de familia. Tendo cerca de 50 centimetros de altura sobre 35

de largura, a madeira de guarnição representava approximadamente 10 centimetros de largura. Nas chanfraduras, os angulos do quadro abriam-se de maneira a deixar uma superficie sufficiente para o artistico motivo do ornamento, cercado de duas linhas decorativas. Os angulos convexos interiores, n'um arrevesado harmonico, representavam quadrados cheios de carvalhinas. O mesmo motivo de ornamento repetia-se em volta das superficies com palmas de ornato e florões. No mais havia pela sala um gracioso *deshabillé*, alguns moveis ao acaso, cadeiras de diversos feitios, collocadas ao capricho dos grupos, simples cadeiras de guarnição entremeiadas de preguiçosas ou de cadeiras de palha de feitios indolentes e convidativos ao descanço.

A entrada dos dois amigos produziu, no salão do desembargador, a sensação que sempre despertava uma pessoa estranha que viesse tomar parte n'aquellas *soirées* intimas, por onde esvoaçavam, como grandes azas de paz, a caturrice do gamão do padre Souza, as palavras graves do desembargador, os olhos azues de M.lle Marie e os oculos veneraveis do Dr. Thompson.

N'essa occasião, Martha tocava languidamente o eterno *Nocturno* de Chopin emquanto Jovita, uma senhorita sua amiga, ia dobrando as paginas da musica. A um vão de janella, o

Dr. Thompson presidia a sua roda, composta do Deoclecio, um sisudo despachante da Alfandega, com a cara ornada de severos bigodes de longas guias, do desembargador, e de D. Euphrasia, senhora d'este. N'outro vão, o Torres discursava largamente sobre questões de arte, atropellado com as objecções que lhe ia apresentando M.lle Marie, com grande perigo para o seu monoculo, aperreado no canto do olho.

No centro da sala, sob o reflexo do *abat-jour*, o padre Souza batia fortemente as pedras do gamão, bradando, em falsete, por umas *quinas*, defronte do seu eterno parceiro, o respeitavel snr. Amadeu, chefe da firma commercial J. Amadeu & C.a.

— D'esta vez eu hei de mostrar-lhe de quantos paus se faz uma jangada, — dizia o ecclesiastico, suando por todos os póros. — Vamos lá! *Tres e dois!* assim! Agora veja! Quinas! Gamão cantado!

E triumphante concluia:

— Passe mais quatro! Já me deve dez *bois*, está ouvindo?

E a firma commercial limpava a fronte, desesperada com o desastre do gamão *cantado*, e protestando...

— Tome lá! tome lá! Mas havemos de vêr no final por quem ellas são! Havemos de vêr! — dizia com rancor, atirando novamente os dados! — *Cinco e tres!*

— *Casa fez!*—concluiu o ecclesiastico achincalhando a firma.

A' entrada dos dois amigos, os terriveis parceiros suspenderam os *copos*, como em armisticio, voltando-se para a porta da entrada. Martha parou o *Nocturno* n'uma prolongada nota grave e maguada, dando uma volta na cadeira de parafuso; e o dr. Thompson suspendeu a sua prelecção—emquanto o desembargador fôra receber Armando e Alberto, dos quaes, como sabem os leitores, só o primeiro era desconhecido para alguns dos frequentadores d'aquellas *soirées*. O Torres, pedindo uma profunda venia á M.lle, veio tambem, entalando o monoculo no olho, e puxando as abas justas do frack, cumprimentar os velhos amigos, com os braços theatralmente abertos.

Pois tinham custado muito, que diabo! Ha um tempo infinito que se estava alli a fazer *cavaco*... Não deviam ter tardado assim; pois então?

O desembargador tambem acompanhou o Torres n'essas exprobrações.

Realmente o que lhe estava parecendo é que o dr. Armando queria fazer-se ceremonioso para com elle... Visse bem que alli só estavam uns dois ou tres amigos intimos que se tinham habituado á sua casa, que não era das mais divirtidas—acrescentara com modestia.

Os dois amigos desculpavam-se com a de-

mora, que fôra devida a um encontro fortuito que tiveram na rua. — Quanto a ceremonias — assegurara o Alberto — lá o Armando não era d'isso, nem elle o toleraria em tal caso...

O Torres acompanhava o Alberto na sua maneira de vêr, apertando o monoculo, a olhar com um expansivo sorriso á flor dos labios.

— Perfeitamente, menino! isto é um seculo em que não ha ceremonias, e em que só ha uma aristocracia: a do talento. — E affirmou isto, mirando-se com vaidade, a olhar para M.lle Marie que, acompanhada de Martha, vinha-se approximando para o meio da sala, afim de cumprimentar os recem-chegados. — Não achava M.lle Marie? — perguntou com o seu ar de petulancia.

M.lle confirmou, reatando, acompanhada do Torres e dando-lhe o braço, a conversa que ambos haviam interrompido.

O litterato fallava de uma sua futura obra, expondo minuciosamente o seu plano geral á M.lle. Teria por thema o amor de uma hysterica, estudando-o sob todos os aspectos.

— Ah! o amor era uma grande coisa, não, M.lle?

— *N'avoir pas aimé, c'est n'avoir pas vecu* — suspirou M.lle, erguendo para o seu interlocutor os olhos azues, em toda sua espiritual doçura.

Como passassem deante do quadro de Amaral e M.lle fizesse um *très joli* em bico amo-

*

roso de ave terna, o litterato parou, emocionado.

Sim! muito bonito! não tinha reparado bem! Assentou o monoculo e preleccionou, todo inflammado de amor artistico, envaidecido por esta opportunidade de mostrar-se illustrado e ao corrente d'essas coisas d'arte. Pois aquelle quadro não revelava uma recordação legitima d'essa famosa pintura italiana? Não, M.lle? Não havia alli algo que recordasse essa melancolia selvagem de que vivia possuida a alma potente de Miguel Angelo?

Como Marie fizesse um signal affirmativo, enleiada, o litterato, á simples evocação do nome glorioso, subiu no diapasão de seu proprio ardor.

Miguel Angelo, sim! só fallar n'esse nome não era evocar toda a gloriosa galeria das artes italianas, a pleiade de chefes, desde Leonardo de Vinci, passando por Corregio, Ticiano, Sarto, até o divino Raphael, que marca o ponto culminante d'esse zenith?

Depois, as glorias de cada escola! Era a escola florentino-romana, com Giotto, o primeiro que abrira novas perspectivas á pintura, offererecendo côres mais variadas, verdadeiras e profundas, irmanando-a com a natureza, n'um impeto de divina inspiração que a libertava plenamente da imitação consagrada pelos gregos. Não fôra depois d'essa independencia da arte

italiana, que o seu progresso se tornára mais sensivel, ao mesmo tempo que a separação dos bysantinos se affirmava definitivamente quando Miguel Orcagno pintava o celebre e singular *Juizo Final*, em que tão fundamente estão evocadas as ideias e as descripções do famoso poeta florentino da *Divina Comedia?* Era em seguida a escola lombarda, com Leonardo de Vinci e Corregio, — o primeiro pintando o *Cenaculo* n'um rasgo de inspiração e de genio; e o segundo com a sua *Madona*, d'onde se evola essa maravilhosa graça, esse apurado sentimento, esse prodigioso acabado, n'essa attitude da adoração da Virgem deante do Menino que dorme e cujo corpo adorado a propria ponta do manto de Maria envolve. Era mais a escola veneziana, tão bem representada pelos dois irmãos Bellini que foram seus fundadores, e que haviam tido entre os discipulos o celebre Jacopo, de cujo pincel sahira esse tão suggestivo, tão vigoroso e tão popularisado quadro, *Christo expulsando os vendilhões do templo*. Era ainda a escola napolitana, com Salvador Rosa, pintor, poeta e musico, tão notavel pelas suas paysagens e marinhas, e a cujo pincel caprichoso, a cuja imaginação bizarra mas sombria, nada melhor se harmonisava que os panoramas agrestes, as pedras escarpadas, troncos de arvores despedaçados pelos raios. Que mais evocadora, mais suave, mais melancolica de que essa figura que

representa S. Jeronymo no deserto, lendo e orando? Por fim, era a escola bolonhesa, com Annibal; era a escola de Caravaggio com o proprio Miguel Angelo. E coroando toda a pleiade, o divino Raphael, o Raphael d'Urbino, o chefe, o mestre por excellencia, sobre todas as tradições, estudos, escolas e generos, o triumphador de Florença, de Bolonha, de Roma, sobretudo, onde no Vaticano reinou para todo o sempre, vencendo em definitivo, contra a onda luminosa dos nomes gloriosos.

O litterato, não tendo mais que dizer, cruzara os braços, em extase. O monoculo cahira-lhe, abandonado.

O desembargador fazia n'este momento a apresentação do seu novo *habitué*, aos amigos presentes.

— O dr. Armando — disse grave para o padre Sousa e ao Amadeu que continuavam em armisticio.

— O sr. padre Sousa e o sr. Amadeu, chefe da firma J. Amadeu & C.ª — acrescentou para Armando que inclinou-se com polidez diante da curvatura do ecclesiastico e da cortezia profunda da firma commercial, com o *copo* dos dados na mão esquerda.

— Muito prazer em conhecer ao snr. dr. Armando — disseram.

— Muita honra em conhecel-os — respondeu Armando.

Perante o dr. Thompson, a apresentação foi mais ceremoniosa, uma vez que se tratava do chefe espiritual d'aquellas reuniões.

— Apresento-lhe o dr. Thompson, meu caro amigo, em cuja conversa erudita ha de encontrar sempre bem boas horas de entretenimento.

E para o dr. Thompson:

— O amigo que lhe apresento é o dr. Armando, um moço cujo grande merecimento muito ha de interessal-o.

Os dois, assim lisongeiramente apresentados, trocaram um cordealissimo cumprimento, apertando-se as mãos com profunda effusão.

— Agora, meu amigo, — disse o desembargador voltando-se para Armando com a sua franqueza leal, — ahi tem a casa e os amigos a quem já conhece. Poderá apreciar o jogo encarniçado do snr. padre Sousa, ouvir as prelecções sapientes do dr. Thompson, conversar com M.lle sobre lettras e artes, ou ouvir Martha tocar algum trecho. Tem ampla liberdade e no genero que melhor lhe approuver — acrescentou sorrindo e esboçando um gesto largo, com o braço estendido.

Armando ficou um instante indeciso mas desejoso de ficar perto de Martha, quando Alberto, que o deixara por um instante ao entrar, veio arrancal-o de difficuldades, depois de ter trocado algumas banalidades, no salão.

— Anda d'ahi, homem! vem ouvir alguma

coisa de musica — e acrescentou ao ouvido do amigo: — Esse dr. Thompson é o cacete mais formidavel que eu conheço!

— Mas... — ia objectando Armando, indeciso.

N'esse momento, o desembargador veio em seu auxilio, adivinhando-lhe o pensamento.

— Olhe, doutor; vá ouvir a minha filha tocar alguma coisa. Estimo isso, porque assim ao menos tira-lhe a preguiça...

E Armando com Alberto foram formar grupo em roda do piano, onde se achavam Martha e Jovita.

Justamente n'essa occasião o dr. Thompson limpava pausadamente os oculos e proseguia expendendo umas theorias de Flammarion que lhe pareciam muito acceitaveis e muito de accordo com as mais recentes descobertas scientificas. Tratava-se do fim dos mundos — assumpto em que, pela gravidade que o revestia, o dr. Thompson fallava com uma accentuação excepcional na voz e nos gestos, olhando solemnemente por cima dos oculos.

— Levando-se em conta a extensão e a disposição das orbitas dos planetas em face das ultimas descobertas, poder-se-ha fazer a ideia approximada da duração do systema e da diminuição dos circulos planetarios — o que a resistencia do ether se encarrega de justificar. A proposito, é um facto averiguado e que é citado como comprovando a theoria, que o cometa

Eucke perde a millesima parte de sua carreira atravez do espaço, n'um praso de 33 annos; é n'este caso que, exercendo-se sobre esse cometa, com mais força, a attracção do astro rei, elle tende por esse motivo a approximar-se, cada dia, insensivelmente, d'esse mesmo astro, centro do systema. Ora — e elle formulou a pergunta com uma gravidade guttural, olhando para cima como para beber os infinitos segredos da natureza — quem poderia duvidar que a mesma causa, em virtude de uma lei universal, estivesse, ao correr dos tempos, actuando sobre todos os planetas?

E os seus olhos luziram atravez dos crystaes dos oculos venerandos, perscrutando profundezas, interrogando segredos, emquanto o desembargador e o Deoclecio, com ar pesado, apoiavam gravemente com a cabeça, temendo perturbar, com a sua voz, o sabio apostolo das ideias de Flammarion.

N'esse momento o pacato salão do desembargador foi invadido por um novo grupo. Eram as irmãs Figueiredo, duas trintonas bisbilhoteiras, sempre em busca de um casamento que nunca chegava, por cumulo de desgraça. A mãe, a velha Figueiredo, gemendo rheumatismos e impertinencias, que as acompanhava, na occasião, ajudava-as n'esse mister da busca de um noivo, que aquelles trinta annos pareciam afastar irremissivelmente. Agora frequentavam

a casa do desembargador, forçando uma intimidade impertinente, com olho no Deoclecio e no J. Amadeu. Ah! um despachante da alfandega e uma firma commercial, que sonho para as duas irmãs!

Entraram fallando alto, a bater com os sóccos no soalho, cheias de denguices para D. Euphrasia, que viera recebel-as. E abraçaram-na, dando-lhe beijos altos, entre sorrisos, a palrarem.

Sempre gorda a D. Euphrasia, sempre bonita!... Já que não ia á sua casa, ellas por cá vinham! Sim, senhora, que tambem se devia ir á casa da gente pobre...

D. Euphrasia desculpava-se, a inventar pretextos.

Tantas occupações, não imaginavam! Pois tambem ella não era pobre, pois então? Mas tirassem o chapéo!—E tomou ás duas irmãs os dois altos chapéos de plumas escarlates, de idade duvidosa.

A velha Figueiredo, a D. Brigida, não consentiu que lhe tirassem o chaile.

Ai, não! — e gemeu as velhas dôres. Estava melhor assim agasalhada. Aquelle ar frio da noite fazia-lhe um mal dos diabos; era de não dormir, deixando-a entrevada a gemer... Não sahia senão para fazer *vontades* ás meninas... Coitadas! eram moças e precisavam divirtir-se.

N'esse interim, Martha veiu cumprimental-as affectuosa.

— Ora, sejam bem vindas! — E recebeu novos beijos ruidosos das Figueiredo, que foram cumprimentando alguns grupos.

O Torres, esse indignara-se com a invasão, defronte de M.lle interrompendo a prosa. Que diabo vinha semelhante gente fazer alli? Pois aquillo não era desvirtuar o tom aristocratico e artistico d'aquelle meio? Pois já não era demais supportar-se a estupidez do padre Sousa e de J. Amadeu com aquelle incommodativo gamão? E teve uma insolencia suspensa nos labios ao vêr as Figueiredo approximarem-se para dar-lhe a mão. Deteve-se porém, por uma rudimentar cortesia, deu-lhes frouxamente os dedos, voltando-se para M.lle sem olhal-as, reatando o fio de seu pensamento.

— Já leu *La Rêve*, de Zola? E' n'elle que busco uma das fontes de meu trabalho. A minha protogonista é uma pobre victima da hereditariedade physiologica aggravada pela condição mesologica...

A D. Brigida, essa nem foi vista pelos dois do grupo e sahiu a rosnar maledicencias, cochichando surdamente com as filhas, já familiarisadas com sua linguagem inaccessivel a certos ouvidos castos.

Ora, vissem só aquillo! O que ella não comprehendia é como a D. Euphrasia, uma senhora de respeito, tolerava aquella pouca vergonha... Tinham visto a franceza, a *gasguita*, agarrada

assim com aquelle pedante no escuro da janella? Pois com aquelles modos, não tinha que vêr uma *mulher dama!*

E cuspinhou para o lado, sem reparar na alcatifa, cheia de nojos, a fazer observações ás filhas. Fossem agora tomar d'aquelles exemplos!

E ruminava indecencias inaudiveis, entre os dentes cerrados.

— Porcos!

Tudo isto emquanto a D. Euphrasia fôra guardar os chapeos das irmãs. Aquella voltava, no intimo contrariada com as visitas, porém obsequiosa e cheia de attenções.

E fizeram grupo um instante, sentando-se em semi-circulo, emquanto Martha voltava, com escusas, ao piano.

As duas irmãs, porém, sob pretexto de calor, sahiram para um vão de janella, ardendo por dar á lingua.

— Viste a Jovita? Está agora toda em intimidades da casa, aquella serigaita.

E entraram em detalhes escandalosos. Certamente que ella estava alli com olho no Deoclecio ou no Alberto, a offerecer-lhes o seu peixe podre! Como se todo o mundo não a conhecesse, aquelle pau de laranjeira! E a tal historia da *Roda?* — E cochicharam, trocando impudicicias, no seu despeito dos trinta annos solteiros, os seios murchos, os dentes acavallados e falhos, os cantos da bocca em pregas, os qua

dris sem saliencias, n'um desastre de mocidade que a propria esterilidade acelerava, entre desesperos e desenganos.

A Zulmira Figueiredo, sobretudo a mais nova e, na apparencia, mais velha, abafava o riso, tapando a bôcca desdentada, a recontar torpezas á irmã, detalhes do tal caso da Roda...

— Certamente que agora ella quer vêr si se impinge áquell'outro, o tal *doutor* que alli está. Si se metter com o Deoclecio...

E endireitou-se, ficando repentinamente séria, fazendo explodir despeitos, dizendo o que lhe vinha á imaginação:

— Quebro-lhe as ventas, encho-lhe a cara de bofetões áquella serigaita, uma sem-vergonha, uma cousa p'ra ahi...

— Viste o outro, o tal Torres? Deu-nos as pontas dos dedos! — lembrou a outra atirando olhares de soslaio para o grupo de Mlle. Não sei mesmo que ideia faz de nós aquelle typo! Certamente é porque não vivemos a nos offerecer, graças a Deus. Pois eu já soube que elle andou a fallar mal de mim ao snr. Amadeu...

A D. Brigida Figueiredo, por seu lado, expunha queixas, quasi ao ouvido de D. Euphrasia, com sua voz dolente.

Ah! não se imaginava, não se fazia ideia! As suas meninas tão boas e tão trabalhadoras sem encontrarem um noivo que lhes conviesse

porque — Deus louvado! — ellas não estavam á mercê e ainda tinham que comer, para que se agarrassem ao primeiro que apparecesse... E' verdade que hoje em dia já não se levavam em conta as pessoas sérias e que se davam ao respeito. O que se queria eram a pelintrice e o descaramento!

E seus olhos voltaram-se significativamente para o grupo de M.lle e do Torres. A D. Euphrasia apoiava gravemente, no intimo aborrecida, a fazer perguntas, para dizer alguma cousa.

Pois então as meninas não estavam ainda para casar? Fallava-se n'isso... Haviam-lhe até dito que o snr. Amadeu... afinal não sabia bem.

E arrependeu-se de ter proferido esse nome, levianamente, fingindo recordar-se. algo.

Os olhos de D. Brigida porém incendiaram-se, cheios de cubiça, pegando nas mãos de D. Euphrasia, chegando a cadeira mais para perto, em profundos ares de confidencia.

— Ah! então disseram-lhe alguma cousa a esse respeito? Sim! sim! fallou-se n'isso! Mas o que é verdade é que não faltam mexeriqueiros para enredar minhas filhas! Pois se até de Deus se falla, minha senhora! Mas diga-me lá o que sabe.

E encostou-se mais com a cadeira, no contentamento imprevisto de todo aquelle vislumbre de esperança.

*

— *Quinas!* — berrava do outro lado da sala, triumphante, o padre Sousa, emquanto o Amadeu o contemplava, estupido, pela felicidade inaudita que acompanhava n'aquella noite o ecclesiastico. — Passe p'ra cá mais dous por este *cantadinho!* — acrescentou o padre Sousa, assoando-se com estrondo. — Isto aqui hoje, fia mais fino, seu Amadeu!

— Alguem, como mesmo nos diz o mestre Flammarion — proseguia o dr. Thompson, impávido, no seu grupo, — tem já procurado, por approximação, em que tempo esse ether, agente da destruição dos mundos, poderia completar a sua obra de exterminio. Mas essas conjecturas, por hoje, não pódem passar do terreno de hypotheses muito vagas e indeterminadas... Porém, voltando ao ponto da questão, como os satellites provieram dos planetas e estes têm a sua origem no sol, e estabelecido que o calor e a influencia magnetica d'este astro são talvez insufficientes para manter a vida em todo o nosso systema planetario — segue-se que a extincção total da existencia d'este depende da extincção do astro rei — o que, pelas observações da sciencia, ha de verificar-se n'um futuro muito remoto, pois o calor e a luz do sol teem diminuido sensivelmente atravez dos seculos. De maneira que, de um lado, as orbitas planetarias se vão restringindo pouco a pouço, approximando os planetas do centro com-

mum; e do outro lado, d'esse centro, a força geradora vai diminuindo lentamente, n'uma gradação talvez exactamente correlativa. Mas do que não resta dúvida é que por fim, passados seculos, apagada a lampada, estará acabada por consequencia a vida em todos aquelles mundos. E que bello! a luz do sol extinguindo-se, os planetas approximando-se, para morrer todos n'um abraço de morte, no frio e na tréva d'essa suprema noite!

E a voz solemne do dr. Thompson, annunciando assim o fim do mundo, pela previsão scientifica, assemelhava-se ao echo das trombetas do Juizo Final...

O Deoclecio, defronte, sentindo um calafrio percorrer-lhe todo o corpo, disse com um suspiro de allivio:

—Felizmente não é para o nosso tempo.

—Póde estar descançado—confirmou o doutor com superioridade de sabio, esboçando um sorriso indefinivel.—Os mundos são como nós outros: nasceram para morrer. A differença é que a nossa existencia é apenas um segundo que para elles passa, na eternidade do tempo e do espaço. Deverá haver uma razão suprema para todos esses phenomenos da grande natureza: nós é que, na nossa ignorancia, nunca saberemos essa razão.

O Deoclecio escandalisou-se com o rasgo de modestia que lhe pareceu haver nas palavras do dr. Thompson.

—O doutor, ignorante? isso é que não é lá possivel ninguem conceber!

—Muito ignorante, meu amigo!—disse o doutor com melancolia. Todos somos bem ignorantes!...

E como n'este momento a mulher do desembargador trouxesse ao dr. Thomposon um ramalhete de flôres, colhidas á tarde no jardim, o sabio enterneceu-se mais, voltando-se para o grupo, depois de agradecer.

—Vejam só, meus amigos, só n'estas flôres quantas cousas sabemos e quantas ignoramos!

E como Martha passasse defronte, na occasião, ao ver o doutor com o ramalhete, correu offegante e interessada ao seu encontro.

—Ah! doutor! creio que tenho direito á minha lição de botanica... Ha tantos dias que não fallamos das nossas queridas flôres...

O dr. Thompson sorriu, lisongeado na sua vaidade scientifica.

—Pois certamente! mas em que ponto ficamos n'outro dia?

—O doutor fallava-me no methodo de Jussieu... explicava-me que esse methodo dividia o reino vegetal...

—Em tres grupos geraes—concluiu o doutor. E' muito simples: em primeiro logar as plantas *cryptogamicas*, que são aquellas que não teem embryão e portanto não possuem *cotyledones;* em segundo logar as plantas cujo em-

bryão tem um só *cotyledon* e são chamadas *monocotyledoneas*; e em ultimo logar, as que teem dois ou mais *cotyledones* e são denominadas *dicotyledoneas*. Estes grupos são divididos em quinze differentes classes, attendendo a caracteres de segunda ordem, de accordo com a inserção dos estames e a fórma da corolla. Para melhor intelligencia, basta saber que a classificação de Jussieu corresponde á classificação de Cuvier, em zoologia. Temos, assim, a considerar *classe*, *familia*, *genero* e *especie*.

— A proposito de genero — interrompeu Martha — falle-me das violetas Como são bellas na sua modestia e como ser-me-ia grato denominal-as scientificamente!...

— Eis ahi um genero que tem varias especies — proseguiu o doutor, agora mais animado. — Conhece a *violeta brava*? E' a *viola canina*. A violeta de cheiro? *viola odorata*...

— E o *amor perfeito*? Se me não engano...

O doutor approvou, gravemente.

— Sem dúvida, pertence ao genero: é a *viola tricolor*.

O doutor aspirou o perfume do ramalhete e commoveu-se no seu fundo amor á Natureza, mãe bem amada.

— Ah! pobres flôres e grande Natureza! que segredo e que maravilha a sua reproducção, a sua fecundação, d'onde vem a semente que eternisa a especie! Conhecem o phenomeno

da *valisneria spiralis?* E' muito curioso! Essa planta aquatica tem, em differentes exemplares, flôres de sexo opposto. No momento da fecundação, a flôr masculina destaca-se da haste e vem á tona d'agua, ao mesmo tempo que a flôr feminina, enrolada no seu pedunculo em spiral, desenrola-se e vem á superficie; e uma vez fecundada torna a fechar-se na sua haste elastica e volta para o seio das aguas onde vive. Essa causa puramente mechanica não tem algo de semelhante com a vontade e a sensibilidade que aliás só nos animaes se encontram?

N'esse momento um creado distribuia, pelos visitantes, chavenas de café.

O Torres, com uma chicara na mão defronte de M.elle Marie, fallava com ardor da sua obra.

— O *Novidades* tinha dado uma bôa noticia a proposito, n'uma das suas ultimas edições... Elle havia de trazer um capitulo do trabalho, afim de mostrar a M.elle

M.elle perguntou-lhe quando viria á luz a obra.

O Torres deteve-se então em novas explicações. Ah! não seria logo, devido a certas demoras... Elle era muito escrupuloso em cousas do seu naturalismo, e não podia admittir um ponto em que discrepasse... Depois tinha escripto ao mestre, ao Zola, e esperava por uma carta d'elle para prefaciar a obra... Queria ter mais trabalho, porém que sahisse uma revelação

*

de espirito superior uma obra que fizesse successo, que abalasse a opinião publica! Ah! tinha-se muita falta de artistas verdadeiros, de poetas que soubessem traduzir uma impressão real, de prosadores que emprehendessem enriquecer a lingua nacional! O que se tinha, era tudo de emprestimo, era tudo falso, sem côr, sem observção e sem realidade! Fazia-se uma litteratura de retalhos, uma poesia sem expressão, tudo importado do estrangeiro, tudo inspirado em obras alheias. De original, não se tinha nada!...

E engoliu, indignado, o ultimo gole de café, pousando vagarosamente a chicara sobre o console proximo.

Pois era contra isso que elle haveria de arcar corajosamente na sua obra. Havia de pôr tudo a nú, havia de dissecar, fibra a fibra, com a precisão de um anatomista, toda essa sociedade que o cercava, que o atulhava de lama, que o aborrecia com a sua classica estupidez. Os *Antros do Recife*, apoiando-se na observação da verdade, haviam de partir d'ahi para uma grande propaganda de novas ideias que viessem revolucionar o nosso estacionamento intellectual. Este é que era o seu grande fim, e haveria de vencer a estagnação n'um bello gesto de superioridade. Nem elle temia as iras da burguezia, nem os labéos dos seus despeitados collegas vencidos na maré morta da convenção

e do elogio mutuo. Haviam de vêr! — E apertava nervosamente o charuto accêso entre os dedos, com um gesto theatral para o lado de fóra, d'onde via, coando-se atravéz das cortinas, n'uma suavidade transparente, a luz dubia da lua, no seu primeiro quarto, recortando o seu crescente já sobre o occaso, no azul escuro do céo.

M.lle Marie chegara-se para a janella e olhava para o espaço, erguendo os sentimentaes olhos azues para o infinito polvilhado de estrellas, em constellações.

— *Délicicux! délicieux!* — disse, envolvendo o Torres no effluvio dôce dos seus olhos meigos velados de infinita ternura.

N'esse momento o desembargador veio pedir a M.lle Marie que cantasse alguma coisa ao piano, como tinha promettido. O dr. Thompson e o dr. Armando estavam anciosos por ouvil-a. «Com licença alli do Torres...»

O Torres fez um cumprimento rasgado de agradecimento, entalando o monoculo no canto do olho.

Ora essa! se elle era doudo pela musica... Ia até cumprimentar ao auctor da ideia que merecia realmente um premio... «Oh! a musica era a grande inspiradora das nossas ideias e dos nossos sentimentos» — concluiu com os braços no ar, e um gesto largo...

E voltando-se para M.lle, lembrou-lhe que

cantasse os bonitos versos do auctor das *Flôres do mal*, — «o idolatrado Baudelaire» — acrescentou com accento especial na voz.

M.lle accedeu, emquanto o desembargador foi propôr ao padre Sousa e ao Amadeu que terminassem o jogo, que iria perturbar a canção...

E, com a face congestionada, o Amadeu atirou, pela ultima vez, os dados, com os punhos cerrados, bradando por *senas* que não vieram, emquanto o ecclesiastico se ria, espreguiçando-se na cadeira e contando os *jogos*.

—Irra! uma surra a valer! dez, doze, quatorze, dezeseis, dezesete! Dezesete; ouviu, *seu* pato? Levou dezesete, hoje!

A um olhar severo de D. Brigida, as irmãs Figueiredo sahiram do vão da janella, vindo para a sala. E' que na inconveniencia de seus despeitos, tinham erguido a voz e os seus despropositos chegavam quasi distinctamente ás pessoas proximas. O Torres tinha-se voltado com ares de escandalo já duas vezes, o monoculo ferozmente entalado no olho.

—E' uma besta!—tinha elle ouvido pela primeira vez. —E' uma sem-vergonha! — ouviu D. Brigida, inquieta.

Afinal as duas irmãs, mais calmas, porém guardando modos severos e rostos cheios de vincos pretos, vieram sentar-se, isoladas, a um canto.

N'esse instante o Torres, entre ceremonias, conduzia a M.lle para o piano, sem olhar para as irmãs Figueiredo, emittindo pareceres judiciosos.

—Oh, Baudelaire! O poeta dos effeitos tragicos da palavra! Alma de revoltas, rugindo maguas, com todo o seu grande desprezo das convenções. Ah! Baudelaire... —E sentou-a gentilmente, tomando-lhe o leque com apurado movimento galante.

As irmãs Figueiredo rugiam, no seu desprezo, o desprezo do proprio Sr. Deoclecio e do Amadeu que se conservavam longe. A Zulmira cochichou rapidamente uma torpeza, acrescentando por traz do leque, a meia voz:

—Nem parece que se está em casa de uma familia! Era melhor que se respeitassem as pessoas.

M.lle Marie, ao sentar-se ao piano, fez correr a escala até ás notas agudas, e começou a cantar, depois de um momento de silencio na sala, com a sua voz, cheia de uma melodia suggestiva:

« Á la trés-chere, à la trés-belle
Qui rempli mon cœur de clarté,
A l'ange, á l'idole immortelle
Salut en immortalité!

—Muito bello! —disse o Torres chegando-se para o piano. Para os grandes contrastes da

ideia, os grandes effeitos tragicos da palavra, não ha como Baudelaire.

—No dizer de Banville—disse o desembargador para o Torres—era esse poeta o raro exemplo d'um typo realmente divino, que soube reunir todas as forças e seducções as mais irresistiveis.

O Torres lembrou então as palavras de Theophile Gauthier sobre Weber que elle applicava ao caso: «Cada nota é como um suspiro de um mundo sobrenatural, como a voz de espiritos invisiveis que se evocam.»

M.lle Marie proseguiu:

«Elle se repand dans la ma vie
Avec un air impregné de sel,
Et dans mon âme inassouvie
Verse le goût de l'éternel.

As duas Figueiredo, sem entenderem nada, torciam os narizes para o lado, a fazer mômos.

A Laura, a mais velha, fingiu abafar um sorriso com o lenço n'um dado momento.

—Vê lá que bocca! Não tem que vêr, é um jacaré.

O Torres, indignado, junto ao piano, atirou um *psiu* discreto, dirigindo olhares furiosos para o lado das Figueiredo. E fez observações para o Alberto, junto a si, de modo a ser ouvido:—Tinha lá geito! Quem não possuia educação e não sabia guardar conveniencias entre

gente limpa, era melhor que ficasse entre os de sua laia!

A D. Brigida levantou-se e veio ter com as filhas, ralhando-lhes, despeitada com o Torres.

—*O xentes!* pois não pódem estar caladas, meninas! Não vèem que a esse alfinim tudo offende? Crédo! —E dirigiu para o litterato um olhar carregado de odio.

Fingindo nada ouvir, por desdem, o Torres approximou-se mais do piano, n'uma concentração absoluta pelo que ouvia.

—Mas é admiravel! E' inimitavel! —dizia affectando seu ardor artistico.

D. Brigida voltou para o lado de D. Euphrasia, depois de ter feito ás filhas recommendações asperas.

Vissem lá se ainda tinham que dizer! Ou do contrario ella não tornava a pôr os pés em casa de ninguem, com semelhante corja!

—Eu cá não entendo nada! —disse o Amadeu com o olhar estupido para o ecclesiastico. —E' pena que nos viessem perturbar!

—Foi o diabo, foi! —resmungava o ecclesiastico com uma pitada no ar, e o lenço escarlate aberto na mão direita.

M.lle Marie concluiu, entre os applausos da roda do Torres:

«Comment, amour incompatible
T'exprimer avec verité?
Grain de musc que gris, invisible
Au fond de mon éternité!»

O Torres felicitou a M.lle dando-lhe o braço para sahir do piano, a fazer commentarios.

Perfeitamente, perfeitamente! sobretudo cantára com um sentimento verdadeiro e profundo. Tambem aquelles versos de Baudelaire eram de inspirar, que dúvida! No seu tempo e no seu genero, ninguem na França pôde escrever versos de uma esthetica tão perfeita e de um fundo tão maravilhoso.

M.lle concordava, a abanar-se levemente com o leque de plumas, com uma commoção a luzir no recesso inaccessivel dos seus olhos azues.

E repetiu, ao passar defronte da janella aberta, onde se coava o ultimo raio da lua que morria no occaso, cheio de um vago crepusculo, melancolico e doce:

— *Delicieux! delicieux!*

E o Torres sentiu-lhe imperceptivelmente o braço tremer sob o seu.

Armando havia fugido para o vão de uma janella que deitava para o poente.

A tranquillidade que a principio experimentára, essa especie de doce quietação que, por espaços, lhe adormentara a tortura do espirito, transformava-se em temor, esse temor mysterioso e infantil que emergia, como um aviso da natureza, do fundo de todo o seu sêr, todas as vezes que a agudeza do seu instincto o prevenia do tremendo perigo imaginario que o rodeava por toda a parte. Martha estava alli, e, sob o

dominio de sua perturbação, não a vira logo, ao approximar-se d'onde ella mesma estava.

Quiz fugir áquella meia solidão cumplice—áquelle recanto que a longa cortina protegia, onde a luz chegava, apenas, diffusa—e não pôde, na indecisão de toda a sua vontade errante e sem forças. Seu desejo intimo, sem possivel objectivação, era agora, no arrependimento de ter vindo, fugir d'aquelle salão que o subjugava, que lhe dobrava o espirito sob um encanto irresistivel e doloroso—fugir ao primeiro pretexto, notassem-lhe, embora, a descortesia.

Sentia bem agora como aquelle ambiente lhe communicava uma especie de embriaguez, teia subtilissima de uma cilada perfida... E todas as inconstancias de sua vontade revelavam-se, impelliam-no, faziam-no joguete de caprichos phantasticos, evidenciando o perigo a que não podia já fugir—o perigo de um veneno subtil e fluidico de que a atmosphera estava impregnada, que lhe empolgava os sentidos e lhe dobrava a vontade, como se um pesadello o detivesse, acordado... Aquelle cheiro activissimo de resedás de que a sala estava impregnada n'aquella calmaria de noite quente, perturbava-lhe a cabeça, fazia-a andar á roda, não distinguindo bem os objectos e as pessoas, movendo-se tudo, na plenitude de sua dolorosa allucinação, como ao rythmo de uma walsa phantastica.

Quando o Torres passára defronte condu-

zindo M.lle Marie ao piano, todo compenetrado de sua importancia litteraria, o monoculo superiormente assestado para os grupos, teve um riso nervoso, uma irresistivel vontade de rir muito, ao vêl-o com aquelles esgares que, aos seus olhos, o tornavam ridiculo e extravagante, pobre caricatura ambulante d'uma civilisação que agonisava lentamente. Foi quando correu para a janella onde encontrou Martha. Melancolica, como tocada do mesmo mal estar, ella olhava absorta para o poente onde o crescente da lua ia afogar-se, deixando uma imperceptivel esteira de luz sob a ponte do Capibaribe que os olhos d'alli alcançavam, acompanhando a curva suave, rio acima, por entre as verduras que a noite ennegrecia, destacando-se da atmosphera mortiça, no meio da taciturna solidão da noite...

Dir-se-ia que ella sonhava, assim acordada, com a alma cheia da musica silenciosa das linhas immoveis, os olhos abertos no deslumbramento do sonho evocado, derramados em silencio sobre as aguas cujas phosphorescencias subtis pareceriam lyrios desfolhados por uma longa estrada, que se estendia a perder de vista, em todos os tons delicados da luz.

Armando, antes de ser notado, teve uma exquisita delicia, cheia de infantil curiosidade, ao reparar nos minimos detalhes do trajo de Martha, feito d'aquella tocante simplicidade,

d'um vago e apurado tom de elegancia que emanava de toda sua pessoa. E ficou um instante preso ao sólo, dominado por um instincto superior, interessando-se por aquellas puerilidades infimas, as particularidades mais intimas do trajo, que deixavam adivinhar, vagamente, as curvas esboçadas, as linhas d'uma surprehendente suavidade do divino poema d'aquelle corpo que o vestido afogava até o pescoço, n'um egoismo de posse barbara.

Era uma especie de *matinée*, fechada graciosamente ao lado, pelos botões escondidos á esquerda, sob o collarinho.

A fazenda, de lãsinha fina, branca, ficava-lhe de surprehendente harmonia, guarnecida de renda creme, o collarinho alto, de bordado e fixado sobre o *plastron*, partindo do lado esquerdo e fechando adiante, superiormente, quasi tocando o queixo. As mangas, com punhos de setim branco, ligeiramente arrendadas, terminavam em folhos de renda que augmentavam proporcionalmente, vindo da costura interior e cahindo abandonadamente sobre as costas das mãos. Presa na prega dupla de detraz, uma fita abraçava as duas longas pontas sobre a cintura, como azas em repouso, cingindo-a frouxamente n'um laço despretencioso, e cahindo depois languidamente sobre a saia justa nos quadris, em fórma de tunica bicuda.

Havia n'esse trajo, tão minuciosamente visto

por Armando, um tom de vaporosa castidade que transpirava em todas aquellas brancuras — o pescoço afogado, os braços occultos e o redondo seio mal denunciado, apenas adivinhado sob as rendas frouxas.

Ao rumor que fez Armando ao approximar-se, Martha voltou-se, como que no sobresalto de um acordamento brusco, e viu-o, suave e triste, diante d'ella, n'aquella doce attitude de abandono e passibilidade que lhe era tão commum. Fitaram-se, então, ambos, longamente, como se um fundo presentimento lhes desse a entender a irremediavel desgraça d'esse amor não confessado que Armando sentia sem comprehender a fórma nem a origem mysteriosa, vindo das profundezas do seu sêr, n'uma dolorida imposição.

Approximou-se mais de Martha, sem fallar, a voz embargada. No seu espirito, como por effeito d'um phenomeno desconhecido e brusco, geravam-se imagens bisarras e musicas impetuosas, tal como se elle todo vibrasse e de si proprio sentisse alguma coisa encantada como o susurro illusorio que palpita nas volutas das conchas marinhas.

A aragem do jardim, cheia de perfume da hora vesperal, banhou-lhe então o cerebro cheio de musicas e vasio de ideias. O que lhe irrompia da alma, confundia-se agora com a voz de M.lle, vinda do salão, erguendo-se do piano, suave, dolente, impregnada de blandicias.

Era como se perdesse o sentimento da vida propria, como si se librasse nas azas d'uma existencia ficticia, intensa, transcendente e hallucinante, nimbada n'uma nuvem de aromas n'essa atmosphera de fogo, susceptivel de todas as transfigurações.

Aquelle silencio tornou-se difficil... Elle procurou uma phrase, uma banalidade: nada achou na sua fria mudez em que a morte parecia querer espalmar as azas velludosas. Sentiu Martha tremer, n'uma contracção irreprimivel de todo o sêr delicado, como se a sua susceptibilidade magnetica se aggravasse ao raio d'aquelle olhar cravado sobre ella, qual se lhe tocasse a aza subtil de alguma borboleta nocturna, n'um beijo timido e fugitivo.

A uma violencia exercida sobre si mesmo, Armando sentiu então a imperiosa necessidade de fallar, de explodir, no desejo de adormentar a pobre fronte escaldada n'um seio amigo que o emballasse na sua desconhecida dôr

«Porque não? porque não?» pensou; — se ella me ama, devo fallar-lhe.

Adiantou-se, pegou na mão que se lhe abandonou e sentiu vibrar n'uma subita contracção, entre as suas.

— Martha, ouça — e surprehendeu-se com esse involuntario tratamento familiar que lhe dera. — Sabe que me sinto bem em sua presença?...

Quedou-se, confuso. Pungia-lhe não poder expressar a substancia de sua intensa vida interior; que a intelligencia não podesse valer a sensibilidade; que a faculdade da palavra e a potencia do verbo, não podessem desenhar o contorno d'esse mundo ignorado que tinha em si e não sabia revelar. Mas, ante a muda ancia interrogativa do olhar de Martha, continuou a fallar, como se a alma lhe transbordasse.

— Sabe como eu tenho necessidade de amar e ser amado? Ah! necessidade de tudo que me fizesse presar a vida! Ouve, Martha?

Ella fez um gesto affirmativo, o olhar velado pelos longos cilios, desviado para a paysagem como seguindo a nuance d'um sonho.

Armando continuou, agora febrilmente, como se por fim uma corrente interior rompesse o dique que o subjugava:

— Não sabe quanto eu soffro! o soffrimento de não me comprehender a mim proprio, de sonhar um bem que não me póde pertencer. Martha! tenho necessidade de amor e consolo, sobretudo de consolo! — E calou-se, anhelante, como se não podesse encontrar as palavras de que necessitava, n'uma pungente impotencia.

Aquella voz tinha supplicas amargas, inflexões de criança desamparada, queixas que lhe subiam tumultuosas do fundo d'alma desenganada. Elle precisava menos de amor que de

consolo! Martha sentia bem, diante de si, a creatura de angustia e de mysterio, a alma torturada e incomprehendida, na sphinge d'aquella dôr.

— Sim! consolal-o-ei — disse Martha.

E a mão que elle deixára cahir, estendeu-lh'a ella, espontaneamente, como para sellar um pacto doloroso. Então, elle tomou-lhe essa mão fina, alva e febril, levou-a aos labios abrazados, n'um infinito transporte de gratidão. Martha, no fundo de sua carne, não sentiu na transcendente espiritualidade d'esses labios, senão um contacto de sonho, por esse beijo mudo na sombra, banhado de lagrimas.

N'esse momento, no salão, M.lle acabava de cantar. Approximavam-se pessoas do outro lado da cortina e isto os chamou á realidade do momento.

Vinham pedir a Martha que tocasse um pouco por sua vez.

— Um trecho de Wagner — propoz o Torres. — Faz-me bem aos nervos essa musica revolucionaria.

— E tolera-se este typo! — rosnou-lhe, por traz, a Zulmira Figueiredo.

XII

Armando constituiu-se *habitué* constante das *soireés* do desembargador. N'aquelle meio tepido, na tranquillidade d'aquella espaçosa sala impregnada de resedás, sentia para todo seu pezar um grande adormecimento, uma anesthesia momentanea para sua dôr. Amava Martha? Interrogando-se bem, não o podia affirmar... Estudando-se, analysando todas as inconstancias de sua vontade, o que sentia é que tinha necessidade d'aquella mulher, como se, na sua espiritualidade, elle descobrisse n'ella o prolongamento de seu proprio sonho de amor, na sua sêde de perfectibilidade, um desdobramento de seu proprio *eu*, integralisando-se n'ella, alimentando-se de sua palavra e de seu olhar.

O que era que n'elle agia? Era a sua mocidade que o impulsionava? Pensava, muitas

*

vezes, n'isso. Recordava-se então de seus longos periodos de castidade, seu terror da mulher commum, seu odio da imperfeição, guardando-se a si proprio contra o contacto do ambiente infecto, fechando-se na invulnerabilidade de sua vontade, antepondo o goso do espirito, o prazer do intellecto contra a satisfação negativa da materia em que a vibração do derradeiro espasmo já chegava a ser para elle como uma dôr prolongada que lhe ficasse, no organismo, estremecendo aos poucos, surdamente, como uma agonia de morte

Como, pois, comprehender o phenomeno?

Não o sabia bem. O que é verdade é que, quando estava junto de Martha, parecia-lhe que o passado se tinha de todo esvaecido do pensamento, como uma nevoa que se desfaz ao primeiro raio de sol que doura os horisontes... Como que tudo estava murado, e para sempre sepultado dentro em si, completamente banido de sua memoria—n'aquella embriaguez momentanea em que as sensações reaes se confundiam n'elle, n'um amalgama em que apenas parecia emergir a cabeça loura das suas illusões.

Julgava-se então armado para enfrentar, com toda a coragem, a lucta da vida. E esquecia seu odio do mundo e do imperfeito. Pouco lhe importaria a miseria dos homens a degladiar se por uma côdea de pão; pouco lhe importaria a lucta bravia de interesses, no oceano revolto

das paixões humanas; o choque das ambições jogando a sua cartada no combate infrene da existencia, a espesinhar os miseraveis, os vencidos e os desherdados... Elle saberia olhar tudo com um desdem infinito, por cima dos hombros, vivendo apartado do mundo, na nuvem azul do seu sonho, no asylo bemdito do seu ninho de amor.

O mundo era uma miseria; e que lhe importava isso? Lá do alto do seu ideial, na posse da sua felicidade, tudo lhe ficaria muito baixo, lambendo-lhe os pés... O veneno dos homens e o lôdo da vida não poderiam mais attingil-o.

Julgando-se, por momentos, feliz, tornava-se egoista! E como todo o resto do mundo, elle tambem se isolava no seio de sua felicidade, convicto que a vida arrastar-se-ia sempre com as mesmas peripecias, e que era inutil contrapôr um dique á fatalidade dos destinos humanos. Era deixar correr tudo como até alli! Era deixar que os desgraçados se cançassem como elle, em busca de um ideial sonhado! Se não o pudessem conquistar, arrancassem a si mesmo a vida, já que esta se tornava um fardo intoleravel, já que o seu peso não compensava o proprio sacrificio do viver! Era deixar que os homens seguissem o seu destino, erguendo thronos e cadafalsos, glorificando e amaldicoando! Elle fugia para o seio da felicidade ambicionada e eliminava-se da lucta!

E sonhava os gozos d'essa vida nova que se abria para elle, enchendo-o de toda a poesia de sua imaginação, dourando-a de todas as illusões reconquistadas para sua alma, pelo fluido do olhar de uma joven apaixonada, enchendo de bençãos o seu coração de vinte e quatro primaveras.

O pouco que elle possuia, reunido ao dote de sua futura mulher, havia de constituir uma independencia modesta para quem, como elle, só tinha o ideial do perfeito e de uma felicidade tranquilla e pacifica, gosada á sombra suavissima do lar domestico, cheio dos encantos de alguem que elle podesse amar, longe do mundo e do bulicio atordoador da vida.

Acordariam pela manhã para colher as rosas vermelhas do jardim, emquanto a aragem embalsamada lhes encheria os pulmões de vigor. Leriam nas horas vagas algum romance poetico cheio de sombras, de parques e de fallas enamoradas, entre susurros de beijos — um trecho de *Graziela*, por exemplo, relembrando uma nesga do formoso céo da Italia e as canções languidas dos gondoleiros; e á noite, olhando as estrellas, no alto, se contariam mutuamente esse poema de amor infindavel onde as palavras têem o cicio dos beijos, e a realidade o enlevo dos sonhos felizes...

E elle poderia lembrar-se alli que realmente existia o mundo — esse mundo cujo veneno ter-

rivel tinha tantas vezes sentido correr nas veias; esse mundo que quizera arrancar-lhe da fronte a ultima illusão, e do espirito, a ultima esperança; esse mundo que o fizera, um dia, cheio de desespero, olhar o abysmo, desejoso de ser attrahido para a grande tréva? Não! elle não podia pensar na existencia de toda essa miseria que tantas vezes o fizera amaldiçoar a vida, que tantas vezes o impellira para a morte, onde quizera, por um instante, buscar a paz do aniquilamento, o repouso do não sêr, a quietação do nada...

E elle comprehendia então o egoismo dos outros homens, justificava-os e absolvia-os em consciencia, pois estes talvez, como elle, tivessem tragado o fel de todas as decepções, o amargor de todas as descrenças, o despedaçamento de todas as illusões, ferindo os pés nos espinhos do mesmo calvario, rasgando as mãos nas urzes da mesma estrada!

E assim pensando ao ouvir Martha tocar uma romanza, ao piano, fechava os olhos para não vêr o mundo — a infinita miseria incuravel que havia de rolar atravez do espaço, durante muitos seculos, até a extincção final de todas as cousas...

Dous mezes após o dia em que Armando esteve, pela primeira vez, nas *soirées* do desembargador — depois de ter disposto todos os seus negocios — formulou o pedido de casamento ao

pai de Martha, que o acceitou com visivel satisfação.

A sua apresentação official como noivo de Martha, teve lugar n'uma *soirée* em que, além dos *habitués*, havia mais um moço de nacionalidade italiana — amigo do dr. Thompson — que gostava de cantar ao piano trechos de opera, e o padre João Santos, amigo do padre Sousa, muito versado em varias sciencias, sendo além de tudo um *causeur* admiravel.

O dr. Thompson tinha, pois, n'aquella noite, uma *perna* forte para discutir a sua querida sciencia astronomica.

E elle teve logo opportunidade de saber que luctava com um adversario forte, mesmo na sua especialidade scientifica, quando a conversa cahiu sobre a habitabilidade da lua, que o ecclesiastico admittia.

O sabio discipulo de Flammarion negava-a formalmente, e firmava-se em descobertas scientificas de grande valor, que accusam a não existencia da atmosphera n'esse mundo onde não se descobre o menor indicio de agua — o que tornava absolutamente impossivel a vida.

— Em tempos passados, sim senhor — concluia elle, olhando solemne atravez dos oculos — n'um remoto passado, é facto e theoria corrente, que alli existiram seres viventes. Muitas causas porém haviam determinado o resfriamento da Lua — o que de futuro podia dar-se

na terra — e a vida tinha cessado. N'este ponto unico, divergia do seu mestre Flammarion.

O ecclesiastico, porém, não se dava por vencido com a argumentação, e trouxe a causa para um terreno elevado de ideias.

Era preciso levar em conta a grande previsão da Natureza, e a sua inexgotavel sapiencia. Sêres como os homens, como os habitantes da terra, não poderiam viver aonde lhes faltasse a atmosphera, aonde não existisse a agua. Mas quem poderia affirmar que sêres de organisação differente habitassem a Lua, sêres perfeitamente adaptaveis áquelle meio de vida? Demais, era preciso vêr que esse mundo tinha sómente para nós, um hemispherio visivel: sobre outro, nada se conhecia e nada portanto se podia affirmar. «Meu amigo—concluira o padre Santos— deixe que lhe repita a phrase do seu mestre, já que o senhor tem restricções na sua maneira de admittir a pluralidade dos mundos: «os astros foram feitos para ser habitados, como os botões de rosa para desabrochar.»

O dr. Thompson ia fulminar o adversario n'um ultimo argumento, quando o desembargador se approximou com um riso paterno nos labios, ao lado de Armando que resplandecia de felicidade.

— Doutor — disse elle para o sabio Thompson, — ha tempo apresentei-lhe aqui o dr. Armando como meu amigo; hoje apresento-o

como futuro noivo de minha filha, cuja mão me pediu e lhe foi concedida.

E fez identica apresentação aos demais da roda do dr. Thompson, que apertaram com effusão as mãos de Armando, que retribuia commovido.

O dr. Thompson sympathisara muito com Armando, que sempre tomara grande interesse nas suas discussões sobre astronomia — e fez, pois, um grande cumprimento, sacudindo com força a mão do joven noivo.

Desejava-lhe muito feliz noivado, e que cada dia mais enriquecesse o espirito para que bem soubesse servir á grande causa da sciencia. «Sim. porque só a sciencia era grande»

E voltando-se vagarosamente para o ecclesiastico, com uma superioridade irresistivel, atravez dos oculos, faiscando ao reflexo da luz:

— Mas a proposito da habitabilidade da Lua... — E descarregou uma série de argumentos sobre o costado do padre Santos.

M.lle Marie e o Torres, que já sabiam do occorrido, vieram do vão da janella, onde sustentavam uma animada polemica, cumprimentar Armando.

— Oh, creatura! — exclamou o Torres com os braços no ar — deixa lá que te quebre metade d'essas costellas, já que vaes ter uma *costella* de mais!

E abraçou formidavelmente Armando, suspendendo-o no ar.

Depois, voltando-se para o desembargador Castro, disse com enthusiasmo:

— Definitivamente agora ainda me sinto mais em familia, n'estas reuniões tão agradaveis. O Armando é uma perola!

M.lle Marie adiantara-se para Armando, dizendo-lhe simplesmente, entre dois apertos de mão:

—*J'en suis charmée!*

E o Torres, feitos os cumprimentos, deu-lhe de novo o braço, reconduzindo-a para a janella.

— E' como disse Victor Hugo, mademoiselle; Palermo tem o Etna, Paris o pensamento... Tres raios se contém no ideial: o verdadeiro, o grande, o bello. De Jerusalém, radia a verdade; de Athenas, a belleza; de Roma, a grandeza... Paris é a somma d'essas trez cidades, o logarithmo de trez civilisações reduzidas a uma só formula. Paris, a cidade da revelação revolucionaria, é a Jerusalém da humanidade. E' como disse Victor Hugo, creia.

E M.lle Marie, alheia ao fio da conversa, ao ouvir fallar no auctor das *Contemplações*, murmurou insensivelmente, olhando a belleza infinita da noite, cheia de astros:

— *Heureux ce cœur! aimer c'est moitié de croire.*

Os ultimos cumprimentos de Armando foram trocados com os representantes do gamão.

O padre Sousa, com o lenço suspenso na

mão, exultou de contentamento, dando um *muito bem, menino!* ao passo que J. Amadeu & C.ª curvou-se em ponto de interrogação, apresentando os respeitos e felicitações da firma commercial, pelo auspicioso facto.

— Sim senhor, está muito bom — concluiu o padre Sousa. — Vá ás *quinas, seu* Amadeu!

N'esse momento reappareceram no salão do desembargador as irmãs Figueiredo, acompanhadas da D. Brigida. As duas irmãs não tinham voltado ás *soirées*, melindradas pelo que se passara da ultima vez; e se agora voltavam, era para dar caça ao Deoclecio e ao J. Amadeu, que não lhes tinham mais apparecido. Quando entraram, o nariz no ar, farejando as novidades do casamento de Armando que lhes soara já, foram cheias de denguices e abraços para Martha.

— Então, *sua* sonsa, quando é esse pé de perú? Já se falla n'isso em toda a parte! — E olharam para Armando. Martha tomou-lhes os chapéos, sorrindo de felicidade, e confirmou o boato.

— Effectivamente acaba de ser pedida a minha mão pelo dr. Armando, — disse simplesmente.

A Laura Figueiredo então abraçou-a de novo, dizendo-lhe segredinhos ao ouvido e no intimo ciumenta porque só ellas não achassem tambem um noivo.

A Zulmira, essa correu a chamar a mãe que

n'esse momento gemia suas dôres chronicas ao lado de D. Euphrasia. E puxou-a pelo chaile, até Martha, fallando alto.

— Olhe, mamã! Martha foi pedida! E esta manhosa que não nos dizia nada!

A D. Brigida veio cheia de felicitações para Martha.

Sim, senhora! acceitasse-lhe seus parabens! Sempre mostrava ser uma menina de juizo e fizera bôa escolha.

Martha, ainda com os chapéos na mão, acceitava novos abraços, emquanto de longe, o Torres, o monoculo terrivelmente assestado, desabafava ao lado de M.lle.

Pois já se tinha visto gente d'aquelle quilate? Que modos ordinarios, e que falta de educação! Elle, no caso do desembargador, tinha já atirado semelhante corja da escada abaixo!

Afinal, Martha foi guardar os chapéos das irmãs emquanto estas ficavam em conciliabulo secreto com a D. Brigida.

— E' preciso que o sr. Deoclecio se defina — opinava esta. Arranjem meio de fallar-lhe... Tu mesma, Laura, deves dizer-lhe alguma cousa. O que não se póde é estar aguentando com semelhantes fallatorios, com todos esses linguarudos cuja occupação é detractar da honestidade alheia. Vejam lá, meninas! — E voltou, com ares circumspectos, para o lado de D. Euphrasia.

N'esse momento entrou o Deoclecio, que distribuiu cumprimentos sobrios pelos grupos, com seu habitual modo de seriedade retrahida. Ao chegar junto das duas irmãs, estas pediram-lhe duas palavras em particular, no vão de uma janella. E a Laura tomou então a palavra, o rosto afogueado, quasi colerica, dentro de seu despeito de solteirona incuravel.

Visse bem o snr. Deoclecio o que resolvia. Pelas ruas não se fallava de outra cousa e ella já andava *diffamada*. Se elle não a queria pedir que o dissesse logo... A mamã andava furiosa com essa historia que era preciso acabar. Com pessoas de familia não se devia brincar. Visse bem o que fazia...

O Deoclecio ficou a principio aturdido e depois indignado. Mas que diabo de historia era essa? Tinha elle proventura promettido casamento a alguem ou compromettido a reputação das senhoras Figueiredo? Quem era capaz de affirmar isto?

A Laura, n'esse supremo desastre, ergueu-se furibunda, a cara vincada, os olhos esgazeados.

—Mas o senhor passava na minha porta todos os dias e a hora certa! Fique sabendo que somos pobres mas não nos prestamos a deboche de nenhum pelintra. —E elevou a falla, com indignação, dando á voz entonações especiaes. —Não somos quem o senhor pensa, fique sa-

bendo. Somos pessoas que nos damos ao respeito!

O Deoclecio indignava-se mais e as vozes perdiam a compostura da occasião.

Mas se elle passava é porque ia á Repartição. Não tinha culpa que ninguem estivesse á porta, pois sabia tratar as pessoas com respeito. Ora esta! Por signal, que tinha ultimamente mudado de caminho.

A D. Brigida, afflicta, temendo escandalos, correu á janella.

—Saiam d'ahi, meninas! cada um dá o que tem!—E fulminou o Deoclecio com um olhar de féra.

O Torres, presenciando toda a scena, estourava. E tolerasse-se aquillo! agora já estavam agarrando á força os homens que lhes passavam ao alcance. E mastigou uma obscenidade, entre os dentes.

Cumprido o seu dever para com os amigos, Armando veio gosar o primeiro momento de liberdade ao pé de sua noiva.

E junto a ella na janella, a olhar com enlevo para fóra, com os olhos perdidos na paysagem esfumaçuda pela noite que cahira—elle ficou por alguns momentos absorto e calado, como concentrado na sua propria felicidade, temendo que o echo de sua voz viesse despertal-o de um sonho querido.

Ah! tinha soffrido tanto; tinha sentido tan-

tas desillusões rasgarem-lhe a alma como pontas afiadas d'espinhos dilacerantes; haviam sido tão crueis as impiedades do seu destino e as descrenças que lhe tinham descido sobre o coração, como as grandes azas de uma noite sem estrellas — que agora, pela primeira vez, ao lado d'aquella a quem tinha eleito para apagar-lhe todo o passado, para compensal-o de todos os soffrimentos idos, temia que tudo aquillo desapparecesse como as miragens de que os viandantes são victimas no deserto.

Tinha-a alli ao lado, respirando perto o seu halito perfumado, sentindo revigorar-se aos effluvios de toda aquella juventude que se entregava para o amor, com as mãos d'ella presas ás suas — e mal podia acreditar na realidade que o cercava e fascinava.

Estiveram assim muitos momentos calados, com os olhos embebidos na noite, nas indecisões de luz que as estrellas, tremulas, derramavam no espaço... Foi Martha, depois de olhar demoradamente para o seu noivo que primeiro quebrou o silencio.

— Armando, hoje que nos promettemos ser noivos, e que começamos portanto a ter direitos um sobre o outro, não ha de estranhar que eu inquira de um segredo de seu coração, que ha muito eu desejaria saber...

Armando sentiu um choque violento ao som d'essas palavras que, pronunciadas n'uma ento-

nação ungida de meiguice, acordavam entretanto a sombra de um remorso vago, erguendo-se como uma nuvem longinqua dentro de sua alma...

—Diga, Martha—murmurou em voz que mal podia trahir a sua commoção —eu bem sei que a lealdade de coração me impõe que eu não tenha mais segredos para aquella a quem me vou unir, em breve, para sempre. E bem deve saber, que em questão de lealdade, eu me preso de ser um cavalheiro.

—Eu o sei, e confiada n'isto é que quero fazer-lhe uma pergunta, para tranquillidade do meu espirito...

—Diga... e não receie que eu possa trahir a sua confiança

—Armando—disse Martha apertando insensivelmente a mão do moço, —eu sei que na sua vida houve um grande desgosto que lhe amargurou por muitos annos o coração, não é verdade?

Armando deixou pousar a fronte sobre o peito, sentindo em toda a sua alma distender-se a sombra de uma melancolia ignota —ao echo d'aquella voz de mulher amada que lhe evocava o passado... E entre um suspiro involuntario e imperceptivel, que se lhe escapou, elle murmurou, erguendo para Martha os seus olhos tristes em que havia supplicas e remorsos:

—E' verdade, Martha; eu tive um grande desgosto... uma grande magua...

Martha olhou-o mais um instante em silencio, como procurando ler-lhe na physionomia o que se passava no intimo d'aquella alma — e proseguiu, apertando mais a mão do moço, involuntariamente, ao seu seio, com um tremor perceptivel na falla:

— Eu já sabia d'isso... E sabia tambem que esse desgosto fôra motivado pelo amor que o meu amigo dedicara a uma joven, morta ha muitos annos, na flôr da juventude, — com quem fizera o proposito de desposar-se...

Armando sentiu que uma onda immensa avolumava-se d'entro d'elle, subia-lhe á garganta e tolhia-lhe a falla...

A voz de Martha, despertando-lhe todo um sentimento inexprimivel de remorso e pesar, abalava-lhe o coração até ás suas mais intimas profundezas... Todavia, a um esforço supremo, poude murmurar bem junto á sua promettida, com receio que a sua propria voz trahisse o seu estado moral:

— E' verdade... é verdade que isso succedeu na minha juventude.

Martha, comquanto já soubesse de tudo isto, sentiu, entretanto, uma irreprimivel commoção ao ouvir aquellas palavras da bocca d'aquelle que seria o seu consorte. O seu egoismo femenino teve um impeto de revolta diante da confissão nobre d'aquelle joven que ia pertencer-lhe, mas que em espirito não podia possuir de

todo, uma vez que já tinha amado com violencia a alguem que não existia mais, era verdade, mas cuja lembrança poderia restar-lhe imperecivel como as inscripções gravadas nos troncos das arvores seculares. E como um presentimento de angustia que ainda não lhe tinha assaltado o espirito — veio-lhe o pensamento de que talvez aquella recordação de Armando lhe ficasse eternamente n'alma, roubando a parte do affecto que cabia a ella, que só ella tinha o direito de exigir, que a mais ninguem elle teria o direito de dar. Um presentimento agora se impunha: tinha sob os pés um abysmo. Não podia apoderar-se d'aquella alma que via arrebatada, por um destino invencivel, para o rumo incerto de um paiz intangivel. Talvez a sombra de um odio surdo no momento lhe fermentasse n'alma, como se um demonio perfido alli se introduzisse.

Entretanto ella poude sustentar o seu sangue frio apparente, e continuou, fixando muito os seus profundos olhos nos de Armando:

— Eu lhe agradeço a nobre lealdade que revela na maneira por que acaba de responder-me. Como lhe disse, eu já sabia de tudo isto e se lhe fallei foi para fazer-lhe uma outra pergunta, que tenho todo o interesse que me responda com a mesma franqueza.

— Diga, Martha, por falta de lealdade é que eu não serei criminoso aos seus olhos.

*

—Responda-me—disse ella baixando a voz n'uma suprema ternura; —eu posso contar que todo esse passado será esquecido ao meu lado, que para mim sómente convergirão os seus affectos, que a mim somente pertencerá, inteiro, o seu coração?

Armando experimentava uma sensação indefinivel. A voz da sua promettida, terna e apaixonada, solta no ambiente morno d'aquella noite de verão, echoando bem junto ao seu rosto, como o pedido supplice de um beijo; aquella inflexão enamorada das palavras, arrancada do egoismo do amor que exige a posse absoluta, e fecha os olhos a todo o raciocinio —vibrava-lhe dentro d'alma como a expressão viva da consciencia que se erguia até a altura das estrellas, e cuja voz bradava por todo o universo, para accusal-o inexoravelmente...

E, inconsciente, com a voz tremula, elle disse, sem responder á pergunta de Martha.

—Mas em que poderia magoar-lhe o culto de uma morta?...

Martha então respondeu, acalorando-se, patenteando toda sua alma palpitante de amor. Por acaso toda uma parcella do coração que se distrahe, mesmo n'uma recordação, não seria uma hora de felicidade roubada áquella que, compartilhando do seu destino na vida, tinha direito a todo o seu amor? Ah! ella tinha-o amado porque vira n'elle o prototypo do homem

que sabe amar, que sabe sentir, que sabe ter n'alma toda a grandeza de um ideal infinito. Quando lhe contaram a sua historia, ella apaixonára-se sem vêl-o, porque advinhára logo n'elle a grandeza de um coração que vivia eternamente voltado para uma suprema aspiração. Vira n'elle um homem differente dos outros, porque era um homem para quem o interesse material seria sempre nullo perante o interesse espiritual. Justamente porque soube amar além do tumulo, conservando a sua recordação illesa durante tantos annos — foi que ella pudera amal-o com o impetuoso fervor do supremo egoismo. Agora, porém, haveria de soffrer horrivelmente, se soubesse que parte d'aquelle coração vivia mesmo uma parcella da lembrança do passado... Ella haveria de soffrer, sabendo que emquanto estivesse ao seu lado, bebendo em seus olhos o effluvio do amor, uma lagrima importuna subisse do coração como uma lembrança imperecivel d'esse passado...

E concluiu, adoravel na sua arrebatadora franqueza, desprendida das convenções, supplice e bella, no fervor de sua paixão em que a duvida se lhe enroscava n'alma como um venenoso reptil:

— Convenha em que isso far-me-ia padecer muito, Armando; que essa nuvem seria como uma d'essas mil dores sobrehumanas ligadas pela natureza á nossa pobre carne mortal. Ah!

perdôe-me a minha exigencia, porque o amor é muito egoista, e o meu, por ser grande de mais, encherga, por toda a parte, abysmos e ciladas...

—Que quer então que lhe faça? —perguntou Armando, depois de um momento de penoso silencio em que alguma coisa agonisava lentamente.

Ah! o que ella queria era a posse unica e exclusiva do seu coração. Sem isto, não poderia ser feliz ao seu lado—fechar-se-lhe-iam os batentes d'esse formoso paiz que idealisara, em que são de ouro as abelhas, de prata as torrentes, e infinito o mar.

Pela primeira vez, depois do encontro do theatro, Armando sentia-se mal perante Martha. Um pensamento estranho dominava-o n'aquelle momento; uma força imperiosa tolhia-lhe a expressão. Sentia um enternecimento ignoto, uma sensação terrivel de afflicção invadir-lhe toda a alma, uma indecisão inconcebivel dominar-lhe todo o coração. Como que era victima de um pesadello estranho, sentindo tudo fugir-lhe diante dos olhos, toda a paysagem afundar-se n'um naufragio geral, e o rosto branco de Martha, diante d'elle, esvahir-se pouco a pouco e apagar-se, como uma luz merencoria e lenta que agonisa... E uma lagrima, volumosa e inexprimivel, tremeu-lhe nos cilios, e elle tentou occultal-a.

—Então, Armando?—disse Martha pressurosa ante aquelle silencio penoso.—Bem vejo que o fiz soffrer e peço-lhe perdão!

E arrependia-se agora, mudando de tom. Ah! Talvez ella fosse magoar alguma recordação tão querida, que lhe doesse no intimo d'alma evocal-a assim... Só a grandeza do seu amor a levára a fazer essa exigencia que talvez estivesse acima das forças do seu espirito, do poder de sua energia. Mas que louca era ella! Por acaso o simples impulso da vontade, seria sufficiente para impor um sentimento ao coração? Por acaso podiam-se ditar leis a esse orgão indomavel que dá o primeiro riso e planta na cabeça o primeiro cabello branco? Oh! A terrivel perplexidade que arrasta a alma ás aspirações do infinito, que géra a duvida que destroe como um veneno, e o odio insensato que devora como um acido! Martha conheceu n'esse momento o tremendo problema!

E animou-se mais, fallando acalorada, eloquente. Ah! tudo seguia um curso fatal, bem o sabia! Nada valem o impulso da vontade e a energia do espirito! As leis que nos dominam não haviam de sempre arrastar-nos atravez de todas as vicissitudes que são o caminho do nosso destino? Ella conhecia agora como abusára da sua posição para fazer-lhe um pedido que não quizera nunca que lhe satisfizesse com uma mentira que lhe repugnaria e fosse talvez fa-

zel-a mais infeliz ainda no seu amor. Mas já não lhe pedia nada, nada! porque retirava o seu pedido! Se havia n'um recanto do seu coração, ainda, um culto por aquella que deixára de existir e que preoccupára os seus primeiros sonhos — ella se contentaria com uma parte dos seus affectos e n'elles esperava encontrar calor bastante para fazer desabrochar o riso nos labios, e luz sufficiente para aclarar dentro em si a noite da sua desventura...

E nos labios de Martha passou um sorriso de suprema resignação...

— Vamos, Armando; aperte a minha mão e queira perdoar-me.

Armando sentiu-se profundamente enternecido ao aspecto d'aquella joven formosa que alli tinha junto a si, impeccavel na serena abnegação de seus affectos e que lhe pedia apenas uma parte do coração, pobre migalha do seu amor, para consolal-a nas suas desillusões.

E sob um impulso irresistivel, pegando-lhe n'uma das mãos e levando-a aos labios, em um beijo prolongado e terno, elle disse-lhe, com os olhos nos olhos d'ella:

— Não, Martha! o meu coração pertence-lhe todo! Ninguem roubará uma parte dos affectos que lhe são devidos e que são dignos da sua grandeza moral!

Nos olhos de Martha brilhou uma lagrima de agradecimento. Ella ia responder, quando, por traz d'elles, ergueu-se a voz de Torres:

—Então, seus egoistas? Já o deus Cupido os vai isolando tanto da gente? Venham ouvir o Carotti.

Armando e Martha voltaram-se e viram então que a um lado do piano estava postado, muito teso, o italiano, amigo do dr. Thompson, e M.lle, sentada com a mão sobre o teclado, esperava ferir a primeira nota.

O Torres, com o monoculo seguro no olho, explicou com enthusiasmo a Armando.

Havia-lhe pedido que cantasse a *Canção do aventureiro*. O Carotti tinha uma bella voz de barytono, como haviam de vêr. Ah! o que era pena é que no Recife ninguem se interessasse por essas coisas de arte... O Carotti tencionava dar um concerto em sua passagem pela cidade e haviam de vêr que uma meia duzia apenas iria assistil-o... Haviam de vêr... e não era coisa para admirar.

O Carotti havia tomado uma attitude varonil diante do selecto auditorio onde se achavam representados: a Sciencia no dr. Thompson; a Arte, no Torres; a Magistratura, no desembargador; a Igreja, nos dois ecclesiasticos; o Funccionalismo, no Deoclecio; e o commercio, na respeitavel pessoa de J. Amadeu & C.ª

M.lle Marie feriu, vibrante, a primeira nota no piano, e o Carotti começou com uma mão sobre o peito e a outra estendida n'um gesto largo:

«Senza tetto, senza cuna
Vita abbiamo nel gioir
Lieta o avversa la fortuna
Non c'importa di morir.

Chi ne impera sola ed una
E' la douna del sospir»

—Sim, senhor! —disse Armando voltando-se para o Torres — Sobretudo uma voz muito educada.

—Educadissima, filho! Mas na nossa terra não se levam em conta essas cousas. Isto é a madrasta da arte —concluiu, indignado, a entalar o monoculo no olho.

Carotti continuou, fazendo estremecer a sala com a sua voz forte:

«Si nel disol che nel diletto
Non si teme il rio destin
E' la mira del moschetto
Che ci guida nel cammin

Sovra il capo maledetto
Non imbianca il nostro crin.»

O Torres veio abraçar com effusão o Carotti, com muitas felicitações.

Isto sim! era um bocado de arte!

E foi direito ao desembargador:

—Meu amigo, o senhor tem dita. Aqui no seu salão já se sente um ambiente artistico, tão estranho de certo ao centro de uma cidade onde

a politica nos mata de insolação. Definitivamente a sua casa é um terreno que ainda não foi conquistado pela *invasão barbara*...

O desembargador sorria-se com bonhomia, intimamente lisongeado, com modestia nas palavras.

Rigorosamente, não era elle a causa d'isto. A' cultura artistica dos que o rodeavam, devia-se principalmente aquelle auspicioso resultado.

— Ah! aqui — insistiu o Torres no proposito de envaidecer o desembargador — já um estrangeiro póde estar de maneira que nós não fiquemos envergonhados da nossa ignorancia. Especialmente se elle não tiver a lembrança de passar na Rua do Imperador e estacionar defronte dos orgãos politicos....

E emquanto o desembargador se voltava para fazer os seus cumprimentos ao Carotti, que vinha do piano abanando-se com um lenço, o Torres fez uma ligeira cortezia e rodou sobre os calcanhares, procurando M.lle Marie com os olhos para continuar a sua dôce prosa artistica, no vão da janella, a olhar para as estrellas...

O padre Sousa e o Amadeu haviam de novo tomado o gamão, e pediam *quinas* e *quadras* batendo gananciosamente com os *copos*...

Quando, n'essa noite Armando recolheu a casa, no ultimo *bond*, vinha a pensar no

motivo que o perturbara tanto perante o pedido feito pela sua promettida.

Effectivamente agora pensava que não haveria motivo para assim ter procedido e arrependia-se da hesitação que lhe tolhera a falla por alguns instantes, e que fizera com que Martha tanto soffresse.

Porque se tinha calado diante d'aquella pergunta tão simples, d'aquelle pedido tão facil de satisfazer, d'aquelle desejo tão natural, manifestado por quem ia, para toda a vida, compartilhar do seu destino, e que unicamente tinha direito para ser a senhora absoluta do seu coração? Porque não lhe tinha dito logo que a amava, só a ella, para sempre, que só ella tinha direito de dispôr do seu destino e da sua vida?

Lembrava-se que uma força poderosissima havia actuado esmagadora sobre elle, privando-o da sua acção, pregando-o á terra, sem movimento, com uma lagrima trémula suspensa nos olhos... D'onde vinha essa lagrima, o que a havia originado, no momento em que a sua promettida lhe pedia uma prova de amor que lhe deveria ser tão facil dar?

E Armando entrou em casa com a alma cheia de uma tristeza ignota, de uma duvida importuna... Do espiritual edificio do seu sonho, com as suas columnas esbeltas e phantasiosas, os seus capiteis onde as volutas sorriam

no arrendado das folhas de acantho, elle via surgir alguma força assombrosa, vaga e enygmatica, que o abalava desde os seus fundamentos. D'onde vinha, de que profunda origem? Não o sabia! Mas, no seu deslumbramento, alguma cousa o agitava como um deslisar de corrente tranquilla que de repente se precipitasse de inaccessivel altura sobre prodigioso abysmo. Elle viu-se, de subito, transportado, n'uma inesperada mutação, a uma especie de paiz lendario, cheio de sombras, nevoeiros e aguas, onde todas as cousas se dissipavam no horisonte silencioso, como se a propria realidade se immaterialisasse. De si proprio, alguma coisa se aniquilava, como as côres que desapparecem como a noite e os sons que morrem no abysmo. Era como si sua alma cahisse n'um atheismo desconsolador, de cujo infinito vacuo, sem vibrações, não descendesse a chuva das esperanças que a evaporação das nossas lagrimas houvesse condensado no alto.

XIII

Armando tinha resolvido, antes de effectuar o seu casamento, que realisar-se-ia no mais breve espaço de tempo que fosse possivel — ir ao sertão dar parte pessoalmente á sua familia da resolução tomada, e igualmente collocar em ordem os seus haveres, afim de enfrentar a nova situação de sua vida, com todas as responsabilidades.

Uma vez casado — tinha combinado isto com o seu futuro sogro — se bem que não precisasse em absoluto d'isto, elle abriria, para ter a sua posição definida, uma banca de advogado na rua do Imperador, em companhia de alguem que tivesse pratica e conceito no fôro.

O desembargador havia-se lembrado logo do dr. Araujinho, seu amigo velho, chegado da Capital Federal, d'onde vinha coroado de uma aura de grande talento como habilissimo advogado.

Armando foi-lhe apresentado, e combinaram-se os dois abrir o escriptorio logo depois do casamento d'aquelle, lá para Abril ou Maio. Todavia o dr. Araujinho iria logo explorando o terreno, a fazer propaganda pelos dois, e umas *reclamesinhas* indirectas pelos jornaes...

Isto tinha sido lembrança do desembargador, que lhes explicára, com seu riso pacato, a bambolear a perna, com um exemplar do *Diario de Pernambuco* aberto na mão:

— Sim, meus caros, porque aqui na nossa terra, não se faz nada sem o intermedio d'isto — e mostrava o numero do *Diario*. — Ha meios indirectos de chegar á cousa, e estes deixem-os por minha conta... Estabelecido o alicerce, com segurança, verão como o edificio se levanta sobranceiro. O Armando já é um tanto conhecido no nosso mundo lettrado, e isto é já uma vantagem... O Araujinho, esse em pouco tempo pode reatar aqui, com uma manobra bem dirigida, o successo que o coroou na Capital Federal. Eu me encarrego d'isso; hão de vêr...

Os dous bachareis concordaram no que dizia o desembargador, e apoiaram até com certo calor a ideia proposta, que lhes parecia conciliar, muito bem, todos os interesses.

Pois era! lá que uma *reclame*, comtanto que fosse sensata, produziria uma certa animação no animo publico, não restava a menor duvida...

O Dr. Araujinho, para comprovar, citou um

facto que se dera com um collega, na Capital Federal, um moço até mediocre mas a quem os bons officios do jornalismo muito lhe tinham valido. Luctara com muitas difficuldades; as causas appareciam raras e já desprezadas dos demais... Depois, com uma *reclame*—indirecta, já se vê—arranjada no *Paiz* e no *Jornal do Commercio*, fôra uma cousa mesmo de fazer cahir o queixo. E lá tinha elle ficado a fazer um *cobre* de encher a vista... Que afinal de contas tudo estava em começar... Depois as coisas viriam mesmo naturalmente... Ora, se...

Ficou, pois, combinado isto em *conselho de familia*, e a ideia, exposta aos intimos, mereceu os mais calorosos applausos e animações.

O primeiro a quem Armando communicou essa resolução,—depois de Alberto, que estava sempre a par das mais insignificantes deliberações de sua vida—foi ao Torres, n'um dia de semana que o encontrou á porta do *Café Ruy*, a copiar typos para os seus *Antros do Recife*, que continuavam a absorver a attenção do noticiario do *Novidades*...

—Oh, menino!—exclamou o Torres, ao ouvir o que lhe proposera Armando,—isto é mesmo uma ideia tão palpitante que não sei porque já não te havia occorrido ha mais tempo! Olha, vem tomar um café commigo, emquanto discreteamos sobre o assumpto, e ao mesmo tempo que eu continuo a observar os meus ty-

pos para os *Antros*... A proposito: a coisa tem continuado a agitar os prélos. Já leste a nova noticia que deu o *Novidades?*

Armando não tinha lido... As suas preoccupações actuaes não lhe deixavam tempo para ler os jornaes—explicou. Apenas, pela manhã, os telegrammas do *Diario*...

O Torres encarou desolado o amigo, atravez do monoculo.

Pois que! isso era lá vida, oh Armando? Um rapaz de lettras não podia deixar de estar a par das novidades litterarias e politicas, comquanto a politica do Brazil repugnasse a um homem serio... Mas era preciso estar ao corrente de tudo isso; pois então?

E rebuscou nos bolsos a papelada, emquanto o criado trazia os cafés que elle pedira.

—Ah! cá está!—disse pegando n'um retalho de jornal.—Ouve lá o que disse o *Novidades*, ultimamente, sobre o meu livro:

«O nosso amigo e distincto litterato pernambucano, Joviniano Torres, tem a sua annunciada obra, os *Antros do Recife*, a entrar no prélo.

«Essa obra constituirá um volume de 300 paginas, e destaca-se dos moldes communs, pela elevação de ideia e belleza de estylo com que está escripta.

«O nosso amigo conta com uma carta do illustre mestre Emilio Zola, para prefacio do seu

trabalho. D'ahi, pode-se avaliar o seu successo.»

— Então — commentou o Torres, batendo no retalho do jornal — está, ou não está mesmo de arromba? — E disse isto entalando o monoculo no olho, como nas occasiões solemnes.

Armando apoiou, com um riso imperceptivel, mechendo o assucar na chicara de café.

— D'este se póde tomar, filho! — disse o Torres, a sorver demoradamente os goles do liquido. — Mas, já eu me ia esquecendo do teu negocio, com o *a-proposito* dos *Antros*... Realmente has de fazer um figurão!

Armando explicou que tinha escolhido o dr. Araujinho para companheiro.

Era sempre um homem de grande pratica — notou. No Rio, tinha feito successo n'uma banca de advogado, e viera precedido de uma boa fama para o Recife, onde o tinham trazido interesses de familia que o haviam forçado a abandonar aquelle seu posto. O Araujinho era um rapaz que tinha a sua independencia, mas não gostava de andar trocando as pernas pelas ruas, a palrar pelos cafés... Ora, elle, Armando tinha a cabeça cheia de theorias, e como precisava de um companheiro que reunisse a theoria á pratica, não poderia achar nenhum, em melhores condições, do que o Araujinho.

O Torres apoiou gravemente com a cabeça, com um ar profundo de sufficiencia e sensatez.

Ah! lá isso era a vérdade, a purissima verdade! As theorias em si, eram difficeis de ser applicadas ao terreno pratico, sem um guia... O amigo tinha pensado maduramente!

E enguliu o resto do café.

Armando perguntou ao Torres o que achava da efficacia de umas *reclames* nos jornaes... Assim uma coisa que fosse indirecta, mas com o intuito de collocar o typo em evidencia...

O Torres deu um pulo da cadeira.

—O que eu acho? Ora essa! pois ainda m'o perguntas! Cá para mim, nada, absolutamente nada, se faz, sem o auxilio d'essa grande força da imprensa! Não ha como a imprensa, menino, para elevar um nome, apregoar uma reputação, e collocar em evidencia o verdadeiro merecimento... Isto de modestia, não serve para nada, não bota ninguem para diante. Os maiores talentos só se affirmaram pela ausencia d'essa tola virtude, tão apregoada, e que, entretanto, tão pouco me merece. E' ir para diante, e uma dose de reclame de quando em vez. E' assim que eu faço, e tenho-me dado optimamente com o regimen...

O Torres tomou folego e pediu dois *cognacs*, para continuar explicando ao amigo outras coisas.

Elle tinha ha muito a ideia de fundar um jornal litterario, artistico e bibliographico... Já imaginara-lhe este pomposo titulo — *O Re-*

cife litterario. Uma lacuna, essa, de que o nosso *meio* se resentia francamente, e que elle se propunha a preencher... O primeiro numero poderia vir com o retrato e biographia de Armando. Já era uma bôa *reclame*...

Armando achou muito espectaculoso o meio de fazer *reclame*. Temia o ridiculo do publico... O Torres bem sabia a terra em que viviam...

O litterato endireitou o monoculo, com ar de superioridade.

—Ora essa! ahi vens tu com os teus eternos escrupulos... Deixa o publico por minha conta, porque eu conheço ha muito essa honrada firma que vive diariamente a cahir em contradicções. Nós, homens superiores, porque vivemos pelo intellecto e guiamos a multidão, sem que ella se aperceba d'isso, educando-a em todas as grandes ideias, não devemos ligar essa importancia a meia duzia de juizos avulsos que apparecem por ahi, em toda parte, e em todos os tempos, pedindo fôros de ultima instancia, quando esses são uns pobres de espirito que servem apenas para *engrossar* o nosso nome e fazel-o mais conhecido. Has de ter o retrato e a biographia no primeiro numero do jornal. Eu faço questão absoluta d'isto.

Armando ponderou ainda que os jornaes d'essa ordem não tinham viabilidade. Só os politicos é que conseguiam fazer alguma coisa. O mais, nem podia obter recursos para viver. Um

jornal litterario talvez não podesse reunir 300 leitores assiduos n'uma cidade, de mais de 150 mil habitantes... Parecia-lhe, pois, uma utopia a ideia do amigo...

O Torres engoliu o *cognac*, considerando-o com um riso incredulo, onde transparecia o triumpho irrespondivel do argumento que preparava para destruir as objecções de Armando.

Utopia! Ora essa! E' que o amigo não sabia a maneira com que elle pretendia arranjar a coisa... Não era lá qualquer jornaleco sem capital para morrer um mez depois do apparecimento. O plano d'elle era lá outro, muito outro...

E gosava a anciedade com que Armando escutava, com o charuto acceso entre os dedos, a soprar a fumaça para o alto.

— Mas qual é esse plano? — perguntou Armando, realmente curioso.

— Olha — disse o Torres arrastando a cadeira para perto do amigo, como quem vai revelar um segredo; — trata-se de uma pequena empreza dividida por accionistas, gente de commercio e de dinheiro. Acções de 50$000 por exemplo, cuja importancia, uma vez arrecadada, dá para custear as primeiras despezas de um anno, pouco mais ou menos. Depois d'isso, comprehendes que o jornal subirá no conceito publico, e os lucros começarão a apparecer naturalmente. Então, já comprehendes... estamos montados. Eu

ja tinha fallado a respeito com o Amadeu, da firma J. Amadeu & C.ª e o homem deu-me esperanças de arranjar-se alguma coisa... Bem sabes: é preciso que a burguesia pague esse tributo aos homens de lettras. O que achas então do meu plano?

— Se podes contar com a burguezia para o lado material... não me parece de todo destituido de fundamento. Infelizmente não somos nós que damos a lei... O capital ainda é que assigna a ordem do dia...

E levantou-se para sahir, entre a escandalisação e o espanto do Torres.

Mas então o Armando já se ia? Definitivamente, depois de cheirar a noivo, não dava mais um *cavaco* longo. Pois era pena isso, n'uma terra onde só se encontrava quem discutisse politica e eleições...

O Armando desculpou-se, apresentando razões plausiveis. Tinha de partir na proxima segunda-feira para o sertão, afim de collocar em ordem os seus negocios, e não podia distrahir tempo nenhum. Era mesmo uma dobadoura dos diabos!...

— Mas acho — disse o Torres — que ainda nos veremos, antes da partida.

— Não vais amanhã á casa do desembargador?

O Torres contemplou o Armando, admirado da pergunta.

Pois já se via! Elle não podia perder a adoravel conversação sobre arte, com a não menos adoravel M.lle Marie, a contemplar as estrellas da janella...

—Pois lá ainda nos encontraremos para a despedida.

Armando ia já sahindo, quando o Torres o chamou pela ultima vez.

—Então o que resolves sobre o retrato?

—Ah! havemos de combinar isso com tempo —disse Armando sahindo,— emquanto o Torres pedia mais um calice de *cognac*.

No dia seguinte, que era domingo, Armando foi fazer as suas despedidas á Martha e aos amigos, em casa do desembargador.

Tinha as malas promptas, e era só partir no dia subsequente no trem da via ferrea do Limoeiro, em demanda á terra do seu nascimento. Na volta—isto estava assentado—o casamento realisar-se-ia dentro de pouco tempo, porque, dos respectivos papeis, já se estava tratando.

A viagem sería, no maximo, de trez semanas: seis dias para ir, seis para voltar, e os demais empregados no arranjo dos seus negocios.

Martha é que se tinha affligido muito com esse pensamento de separação, ainda que por pouco tempo. Só a ideia do cumprimento de um dever imprescindivel, tomado pela lealdade de

Armando, fizera-a annuir á viagem d'elle, que se compromettera logo a voltar o mais breve que lhe fosse possivel.

Armando julgou comprehender o motivo principal por que a sua promettida tinha feito tamanha opposição á sua viagem. As suas meias palavras, ditas ás vezes, quando conversavam a sós, as allusões vagas que ella deixara escapar, as suas tristezas subitas e silenciosas, haviam denunciado claramente que, apezar do compromisso solemne assumido, Martha temia que elle, visitando de novo o theatro dos seus primeiros amores, o tumulo que ha tantos annos encerrava o resto dos sonhos da sua infancia, revendo essa pagina dourada e inextinguivel,—podesse deixar por alli desgarrado algum pedaço do coração, d'esse coração que elle lhe affirmara ser sómente d'ella e que só ella tinha o direito de occupar!

Ah! o ciume por uma morta! quanto isto tinha de estranho e pungitivo!

Armando julgou comprehender tudo isto atravez da melancolia dos olhos de sua promettida — e soffreu á ideia de que ella não acreditava na sinceridade absoluta do seu amor — esse amor que parecia-lhe tel-o feito resurgir para uma nova vida, em que uma subita alvorada encheu-lhe o coração de uma desconhecida delicia.

Quando elle entrou, pois, á noite em casa do desembargador, vinha com a cabeça cheia

d'essas lembranças, a despeito dos esforços que fizera por esquecel-as.

N'essa noite faltavam alguns *habitués* á sala de recepção do desembargador. O gamão estava abandonado a um canto como descançando dos murros do padre Souza; e apenas no meio da sala havia um pequeno grupo formado pelo dr. Thompson, o desembargador, o dr. Araujinho que viera com o intuito de fazer as suas despedidas a Armando, e o Torres que fallava muito, gesticulando com animação. A um canto de janella, M.lle Marie conversava baixinho com Martha; e J. Amadeu & C.ª, com as mãos nas costas, desolado, na ausencia do companheiro de gamão, passeiava de um lado para o outro da sala, medindo-a em passos lentos.

Apenas Armando appareceu, o Torres veio encontral-o com os braços no ar.

—Oh, creatura! já ha um bandão de tempo que aqui te espero.

Sabes? estou cada vez mais animado com a ideia da fundação do *Recife litterario*. Não imaginas! hei de fazer uma revolução!

E emquanto Armando cumprimentava as pessoas presentes, o Torres, acompanhando-o, dava-lhe novas sobre o jornal.

—A firma J. Amadeu & C.ª cujo representante alli está—e apontou com um gesto solemne para o Amadeu que atravessava grave a sala, pela centesima vez—já me garantiu que

eu podia contar com dez accionistas de sua parte. Para começar, meu velho, já é alguma cousa, não concordas?

Sim! Armando achava que effectivamente já era para considerar...

—Então, quanto á collaboração...

Armando lembrou o Regadas.

O Regadas?!—E o Torres contemplou o amigo com indignação.—Pois então o Armando achava que o jornal ia ser algum instituto de archeologia? Não tinha mais que ver senão elle ir acceitar as tolices de um lyrismo mofento, de um individuo cheirando a dramalhão e com cara de heroe de tragedia! Lá isso não!

E o litterato resfolegou com orgulho, olhando atravez do monoculo para o lado de M.lle Marie.

—Olha, Armando, eu conto com uma collaboração selecta. Do Estado, só admitto gente que tenha já um nome firmado. Do nosso amigo o dr. Thompson, o illustre astronomo e botanico, já apanhei um original de um artigo que elle ia mandar para o estrangeiro, e que, a pedidos instantes meus, teve a gentileza de ceder para o meu jornal.

Armando concordou que a collaboração do dr. Thompson, um homem de incontestavel reputação no mundo scientifico, era effectivamente de grande valor para o jornal do Torres.

—Vê só isso—disse o Torres, tirando do bolso algumas tiras de papel.

E começou a lêr com emphase, apezar dos protestos do dr. Thompson, que dizia que aquillo não valia nada e que tinham sido umas linhas escriptas ao correr da penna:

«Ninguem se sente mais em contacto com a natureza do que o astronomo. A astronomia «a sciencia de todos os elementos constitutivos do universo,» entre todos as sciencias que estudam os infinitos segredos da natureza, tentando devassar, quanto cabe á intelligencia humana, o sphingico problema — é de certo a sciencia a mais arrojada, a mais bella e de mais vasto campo de acção.

«Essa natureza que nos parece morta, quando a noite desce serena do infinito e as constellações desabotoam como rutilantes pedrarias engastadas no azul do espaço — a astronomia nol-a apresenta, na sua movimentação eterna e vertiginosa, estabelecida por uma lei immutavel e obedecendo á força creadora intransgredivel d'onde emanou a inexhaurivel fonte da vida.»

— E' sobretudo muito poetico! — interrompeu o Torres, com os olhos languidos para M.lle Marie que se approximara a ouvir a leitura. — Não concordas Armando?

— Sim! muito poetico e muito profundo! — apoiou Armando.

— Que achava M.lle Marie?

— *C'est joli!* — confirmou M.lle

— «Sem ao menos ter os principios rudi-

mentares d'essa sciencia — continuou o Torres, lendo com enthusiasmo — em que têem encanecido tantos cerebros privilegiados pelo talento, viverá o homem como eterno joguete de sua ignorancia, sem saber, ao menos, porque o sol morre no occaso, porque as estações se succedem com a mesma regularidade, porque a lua se nos mostra em suas differentes phases, e de onde emana o brilho d'essas mesmas estrellas que são a fonte da eterna poesia e a cuja vista se quedam as almas contemplativas.

— *C'est joli!* — repetiu M.lle Marie, alçando para o Torres os seus olhos azues e ternos.

— «Nada certamente mais grandioso — proseguiu o auctor dos *Antros*, correspondendo ao olhar de M.lle — do que transportar-se o homem em espirito atravez d'esses globos immensos...

— Como Flammarion nos seus *Mundos reaes e imaginarios* — observou sensatamente o Desembargador.

— «...que rolam eternamente no espaço, obedecendo a uma harmonia immutavel e mantidos em suas orbitas pelas forças que são inherentes a cada um, para perfeita observancia do universal concerto que certamente não surgiu do acaso, mas de uma força infinitamente poderosa e intelligente.

— De maneira que o meu amigo — observou Armando para o dr. Thompson — de uma cajadada mata dois coelhos, ao mesmo tempo: faz

no mesmo artigo e dentro do mesmo periodo, a sua affirmação scientifica e a sua profissão de fé.

O dr. Thompson alçou os oculos veneraveis atravez dos quaes como que refulgia a eterna luz da sciencia, e explicou a Armando, medindo as palavras com uma admiravel profundeza:

Perfeitamente! mas era preciso que o amigo soubesse que elle não seguia systemas, nem adoptava em absoluto esta ou aquella religião. Para elle, havia um ponto de verdade em todas as religiões, que era a affirmação de Deus e da immortalidade espiritual. Ainda n'este ponto, estava de accordo com as conclusões do mestre Flammarion, na sua monumental obra *Deus na natureza*.

O Torres chamava a attenção do auditorio para um ponto importantissimo do artigo.

Oh, senhores! deixassem os commentarios para depois! — E continuou, n'um enthusiasmo crescente:

— «Para se avaliar a grandeza do nosso systema planetario, é bastante que consideremos que a terra, este immenso mundo que habitamos, é apenas um insignificante planeta, em face á grandeza prodigiosa de Jupiter — o mais notavel dos corpos do systema, com os seus quatro bellos satellites, d'onde a terra será vista como uma insignificante estrella, apenas visivel a olho nú; em face a Saturno, com os seus afamados

anneis, que talvez proporcionem, aos seus habitantes, um delicioso logar á existencia; e em face a Neptuno que é, perante as ultimas descobertas scientificas, o planeta que marca os limites do archipelago planetario. Sobre este ultimo planeta, apezar de ser cem vezes maior que a terra e que os nossos olhos desarmados não poderão ter jámais a gloria de contemplar, na sua distancia de consideraveis milhões de leguas, ha ainda quem ponha em duvida a sua propria existencia, o que é vantajosamente batido por espiritos a quem a sciencia astronomica deve assignalados serviços.»

Perfeitamente, doutor! — gritou o Torres interrompendo a leitura. — Mas ouçam o final! — disse para a roda — aqui é que está o *pivot* do artigo, o seu ponto sensacional: — «Depois das grandes descobertas da astronomia, nem por isso tem ella hoje menores problemas que reclamam uma solução. Estabelecida pela sciencia e pela philosophia a pluralidade dos mundos, é vasto o estudo a fazer na comparação d'esses mundos relativamente ao nosso, sobre as suas condições de habitabilidade, as suas manifestações de vida, as differenças de sua natureza e dos seus viventes, sobre as relações do typo humano, certos de que não podia ser sómente a terra o planeta privilegiado para n'elle viverem seres intelligentes.»

— Então? perguntou, no final, o Torres, com

ar de triumpho, a dobrar as tiras de papel; — não estava mesmo de fazer furor?

Todos concordaram que effectivamente estava bello o artigo.

— Pois o meu *Recife litterario* é que terá a honra de edital-o — concluiu dando o braço a M.lle Marie e conduzindo-a para uma janella. — Estava um calor de abafar!

E foi indagando d'ella que obras estava a lêr; se já tinha passado a vista pelos livros que lhe havia trazido...

— *J'ai fini les Contemplations de Victor Hugo* — disse M.lle sentimentalmente.

— Ai, não havia nada tão lindo como aquillo! — suspirou o Torres, esquecendo o seu papel de discipulo convicto de Zola. — Ultimamente, elle tinha visto uma traducção muito perfeita de uns versos das *Contemplações*.

E foi recitando, ao acaso, para as estrellas:

«Sem ti, eu fujo á voragem
D'este mundo que despreso,
Eu sou passaro selvagem
Que em tua mão vive preso.

«Que fará minh'alma louca
Do mundo por entre abrolhos,
Dos beijos, sem tua bocca
Dos meus prantos sem teus olhos!

— Muito bonito! não é, M.lle?

N'esse momento, Armando aproveitava o

terem-n'o deixado, para ir fallar com a sua promettida.

Martha, desde a sua entrada, conservara-se á janella do canto, silenciosa e pensativa, com a fronte languidamente pendida n'uma das mãos—e nem deu pela approximação d'elle.

Armando pousou-lhe levemente a mão sobre o hombro, e perguntou, procurando conter a commoção que se apossara d'elle n'aquella entrevista de despedida:

—Está sonhando, Martha?

Martha voltou-se, não sem um certo sobresalto involuntario, e respondeu, fitando longamente os seus olhos tristes nos de Armando:

—Não é verdade que aquelles que amam, vivem sonhando?

Armando sentiu penetrar-lhe toda a suavidade d'aquella resposta, e debruçou-se silencioso, ao lado d'ella, na janella...

De longe vinha a surdina de uma orchestra que tocava, e uma melancolia vaga e infinita penetrou-o todo... Pegou na mão de Martha, e apertou-a bem de encontro ao coração, como se temesse que toda aquella realidade fosse uma mentira, que essa nova illusão dourada de sua alma não se evaporasse, como as estrellas que se apagam no ceu, quando a aurora surge ou quando a tempestade chega.

E estiveram alli muito tempo, solitarios e mudos, comprehendendo-se atravez d'aquelle

silencio, adivinhando-se mutuamente os desalentos do seu coração e as dúvidas do seu espirito. Para que fallar, quando o não precisamos para nos entendermos, para que o coração comprehenda, no seu extasis, toda a expressão das palavras que poderiam ser pronunciadas?

Entretanto, Armando, depois de um longo silencio, fitando o seu olhar em Martha, perguntou-lhe novamente com uma voz que bem trahia o que se passava no seu intimo:

—Está triste, Martha?

—Para que negal-o?—disse ella volvendo melancolicamente os seus olhos profundos.—Não se vai, não me deixa aqui só?

Armando sentiu aquella queixa ferir-lhe no intimo d'alma... Sentiu-a cheia do atroz egoismo de querer exterminar o passado irrevogavel, despedaçar o abraço do phantasma que se interpunha entre os dois para envenenar a sua ventura. Respondeu, porém:

—Mas não sabe, Martha, que é apenas o cumprimento de um dever que me leva a emprehender essa viagem? Já não lhe prometti voltar dentro em breve para a realisação do nosso consorcio?

—Ah, perdoe-me, meu amigo!—volveu a moça com a mesma tristeza penetrante na voz.—Aquelles que amam como eu, tornam-se tão egoistas, tão alheios a tudo que não seja o objecto do seu proprio amor...

Havia aqui o esmagamento de todo raciocinio. Era, não o ciume theorico, mas o instincto do amor que se torna selvagem á posse que lhe escapa. Martha sentia-se menos possuida que o phantasma.

Armando ficou novamente abstracto, a olhar longamente para o alto, emquanto a surdina da orchestra que vinha de longe, continuava penetrando-o com uma magua ignota...

—Não sabe que meu coração só vive cheio de sua lembrança, de tudo que é seu, e que vem da senhora?—disse elle depois de um longo silencio, apertando novamente, com affecto, a mão d'ella, contra o coração.

—Eu acredito que seja sincero, Armando; mas o coração humano é um enygma tão indecifravel... Quem sabe, meu amigo, quem sabe?...—E nos seus olhos formosos, na sua falla tremula, Armando advinhou que uma lagrima volumosa subia do coração de Martha...

«Quem sabe?» E elle ficou a pensar mais fundamente, sem achar uma resposta, com receio de proferir uma mentira... «O coração humano era, em verdade, um enygma indecifravel!» Quiz falllar: a voz morreu-lhe, os labios collaram-se-lhe como se um sello de bronze os trancasse. Sentiu sobre a cabeça o gume do destino de que falla o Tirésias de Sophocles. E sem poder dizer nada, puxou brandamente para si a fronte de Martha e imprimiu-lhe um beijo cheio de uma castidade immensa.

N'esse momento, elle ouviu na sala a vóz de Alberto, que acabava de chegar, e que vinha buscal-o para irem juntos até á *republica*.

Armando consultou o relogio e viu com espanto que eram já dez horas: os momentos tinham corrido, para elle, com excepcional velocidade.

—Eu preciso ir, Martha! Inda tenho hoje muito que preparar para a viagem... —E apertou as mãos de sua promettida, com effusão.

Entre os amigos que se agrupavam em volta do dr. Thompson, Armando ouviu as recommendações de cada um, com o abraço de despedida.

—Volte logo—tinha dito o veneraval discipulo de Flammarion—para continuar a encher esta sala com o seu concurso de homem de estudo.

—Cá fico a arranjar os nossos negocios—fôra a conclusão do dr. Araujinho;—mas veja sobretudo que uma demora excessiva póde talvez prejudicar os nossos interesses.

O Torres, esse é que fôra mais prolixo do que os outros.

—Não te vás demorar por lá, creatura! A tua presença aqui é absolutamente indispensavel! Olha, vê se escreves ahi algumas impressões de viagem para o nosso *Recife litterario* que não ha de tardar muito a vêr a luz. Eu faço muita questão d'isto, menino! Deixa a photographia

em mão do Alberto para o primeiro numero; e os traços biographicos!

E depois de ter feito os ultimos cumprimentos geraes, Armando sahiu acompanhado do longo olhar melancolico de Martha...

E ainda ouviu da curva da escada, a voz do Torres que recommendava do alto:

—Não esqueças os traços *biographicos!*

XIV

A's 7 horas da manhã do dia subsequente, Armando achava-se prompto para seguir viagem na estação da via ferrea do Limoeiro.

Comprado o bilhete de passagem e despachadas as bagagens, só lhe restava esperar que chegasse a hora de partir. O trem deveria sahir meia hora depois, e para entreter o tempo, elle havia comprado e lia somnolentamente, sentado na sala de espera, um exemplar do *Jornal*, do dia. Passou a vista distrahida pelos telegrammas, no artigo de fundo, pela parte litteraria e noticiario — e achou tudo de um semsabor insupportavel. Nas *Solicitadas* havia uma descomponenda medonha de um politico do alto sertão que se dirigia solemnemente *ás auctoridades superiores do Estado*, narrando uma serie de violencias de que era alvo da parte dos seus adver-

sarios. O artigo começava por um *topete* formidavel, dizendo o seu auctor que «vinha do alto da imprensa, do grande tribunal da opinião publica, trazer ao conhecimento do paiz inteiro, factos indignos de um povo que se tinha na conta de civilisado.»

Armando atirou o *Jornal* para um lado, aborrecido, com o charuto acceso entre os dedos, a olhar vagamente para quem entrava.

Em verdade, o seu pensamento estava n'outra parte... Reconhecia agora que tinha n'alma um pesar muito grande em abandonar, por alguns dias, embora, aquella nova existencia que acalentara os sonhos perdidos. Tinha a nostalgia do convalescente, que o havia curado.

Aquelle conforto intimo da casa do desembargador, aos domingos, aquella pacifica reunião de amigos que se faziam mutuamente felizes, ao contacto uns dos outros, aquellas palestras longas, somente interrompidas pelas *quinas* formidaveis do padre Souza e pelas *quadras* de J. Amadeu & C.ª; e sobretudo, aquellas confidencias ternas ao pé de Martha, as palavras doces cortadas pelas longas e commovidas reticencias, os ternos olhares infindaveis, ao clarão morno das estrellas contando-se segredos que a alma não podia traduzir por palavras — tudo isto fazia-lhe agora uma saudade infinita deixar... como se com tudo isso deixasse uma felicidade para sempre morta. E martyrisava-o, sobremodo, a ideia

de que, emquanto elle ia por asperos caminhos afóra, n'uma viagem incommoda, derreado ao sol do meio dia; e á noite, andando ás escuras pelos atalhos para alcançar as pousadas — o padre Souza gosava torradas com chá, batendo *quinas* sobre o gamão, o dr. Thompson discutia tranquillamente astronomia, e o Torres, cheio de petulancia, conversava sobre arte com M.lle Marie, á janella, olhando philosophicamente as estrellas...

Deu-lhe uma vontade immensa de não ir mais, de ficar n'aquelle conchego tepido, adormecer ahi para sempre a sua magua como uma creança desprotegida que encosta a cabeça n'um seio caricioso, n'aquella intimidade pacifica que, como grandes azas ternas, o abrigava contra as tempestades que elle julgava antever lá fóra. Elle era a ave tiritante que abandonava o ninho acalentador. E' que elle tocára o fructo da consciencia e ahi encontrára a esperança indifectivel que não morre em todas as almas desesperadas.

N'esse momento, a sineta da estação soou estridente, annunciando os dez minutos de praso para a partida do trem...

Os passageiros que se achavam na sala de espera, levantaram-se apressados, conduzindo embrulhos, dando ordens e correndo a tomar logares no trem.

Armando deixou-se levar pela onda, e alo-

jou-se n'um wagon de 1.ª classe, ficando debruçado á portinhola, a olhar distrahido o movimento da estação.

Passaram-se alguns minutos, chegaram alguns passageiros retardados, correndo esbaforidos para o trem, e afinal o chefe da estação, grave, de pé sobre a plataforma, fez soar o apito de partida.

A locomotiva soltou um silvo agudo e prolongado que echoou demorado, longe, como um grito de tremenda agonia, e o trem começou a rodar, vagarosamente, sahindo da estação.

Armando, debruçado, descortinou todo o panorama da cidade, todos os tres velhos bairros, n'um conjuncto risonho, e viu com a velocidade crescente do trem, desapparecer dos seus olhos a casaria branca e as torres altas das igrejas, destacando-se no azul a scintillar sob a acção dos raios do sol nascente.

Por uma illusão de optica, se lhe afigurava que elle ficava de pé, em quanto todo o panorama se afastava n'um movimento rotativo, retraía-se aos seus olhos ávidos de contemplar a cidade que, a despeito seu, lhe fugia, a cidade onde ficava aquella que fizera vibrar uma corda ha muito adormecida de seu pobre coração.

E emquanto o trem augmentava de velocidade, o panorama fugia e a cidade occultava-se, como se elle, na sua illusão de optica, assistisse ás mutações de um phantastico kaleidoscopio.

Mas, a despeito d'isto, os olhos fixos atraz, os olhos que persistiam em ver aquillo que só estava no espirito, elle continuou debruçado, voltado para o mesmo ponto fixo do horisonte onde, na curva saudosa, se apagara a ultima torre d'um templo, como se a nevoa impalpavel de um sonho a envolvesse.

Para onde ia elle? foi o primeiro pensamento inquieto que se lhe despertou. Porque deixou a felicidade que ficava atraz, acenando o seu adeus, para ir a correr, arrebatado por essa força vertiginosa que o levava comsigo como se fôra o proprio destino conduzindo-o para o desconhecido porto onde a implacavel fatalide conduz as creaturas humanas? Sim! porque n'esse primeiro momento de viagem se lhe afigurava que elle ia por um estranho caminho para bem longe, para um longinquo recanto da terra, d'onde não voltaria mais nunca, mais nunca...

E a figura innocente de Martha appareceu-lhe com toda a sua transcendente castidade, como o cordeiro que se offerecia sem reluctancia para ser immolado, feliz por se dar ao sacrificio d'esse algoz inconsciente que era elle, levantando bem alto o afiado cutelo para abater, n'um movimento automatico, essa pobre victima resignada.

Mas Armando voltou depressa á posse da realidade, sentindo que alguem lhe tocava familiarmente no hombro.

Voltou-se. e, com surpresa sua, viu diante de si o Regadas, o auctor das *Flores pallidas*, com a cara romantica desdobrada n'um riso franco, e os braços dramaticamente abertos para elle.

— O Regadas!

— Oh, creatura! — exclamou o poeta apertando-o n'um abraço; — realmente uma surpreza agradabilissima, essa de hoje. Ha que bandão de tempo não te vejo! Explica-me cá onde te botas, menino! — accrescentou puxando-o para sentar-se-lhe ao lado.

Armando deu explicações. Como tinha contractado casamento...

— E estás então para casar, filho?

Era a verdade! E visto o facto, elle ia ao sertão collocar em ordem os seus negocios. A viagem seria coisa para dias, apenas...

Ah! devia ser! — combinou o Regadas — n'essa epocha não se podia estar de boa vontade, nem um só minuto, fóra do ente querido. Bom tempo! bom tempo! — e suspirou ruidosamente, erguendo o olhar doce e romantico para o tecto do wagon.

Em seguida, o Regadas esteve um momento como concentrado a esta ideia, evocando certamente no espirito recordações luminosas de sua mocidade.

E commentou poeticamente o caso. Em verdade, era este o unico tempo feliz da vida! Oh!

as tremendas ironias da Natureza! Alma para pensar, coração para sentir — e no fim a velhice com o consolo unico da saudade! Envelhecido o corpo, porque continua a vibrar o coração?

E levantou-se a olhar para fóra... N'esse momento o trem corria por um maciço de relvas, n'uma esplanada deliciosa, onde se erguiam, aqui e alli, formando imprevistos e convidativos retiros, velhas arvores frondosas. Vinha de tudo um cheiro acre de folhas verdes e terra humida, sobre que o sol batia, vigoroso, tirando infinitas cambiantes de todas as cousas.

— Olha — disse o Regadas com ar profundo para Armando, apontando sentimentalmente a paysagem que se modificava a cada momento, com a velocidade que os arrastava, — a vida humana é assim; tudo se vai transformando, e vai desapparecendo; como essa paysagem que toma a cada passo as mais exquisitas e bizarras fórmas, os homens e as cousas, as forças que os impellem e arrastam n'essa cadeia que constitue a propria solidariedade da vida, cedem, enfraquecem e morrem ao contacto d'essa vara magica e impalpavel, phantastica e immovel que é o tempo, pairando implacavel e imperturbavel na sua acção sobre a propria vida que elle viu gerar-se e faz desapparecer. As paixões, como os monumentos, são devorados n'essa obra destruidora que leva comsigo os homens como impalpavel poeira, abre as necropoles que

acumularam os destroços de toda uma geração e destroe os proprios mundos destinados pela sua grandeza a affrontar a propria eternidade. Ah! o tempo! como elle é o expiador de todas as cousas!

E o Regadas abriu os braços tragicos n'um gesto desmedido e largo como para completar a grandeza de seus pensamentos.

—Não vès, Armando, não sentes isso mover-se á roda de ti?

Armando, que reçahira em seu alheiamento, seguindo o vôo d'essa voz inspirada, ergueu-se de novo e botou a cabeça fóra da portinhola em frente. A paysagem passava effectivamente diante dos olhos como uma vertigem, emquanto a locomotiva, na sua carreira offegante, parecia querer rasgar o ventre das montanhas fronteiras. Mais ao longe, a paysagem ia-se modificando vagarosamente, e parecia, por uma nova illusão de optica, que ella tinha adquirido um movimento proprio, rotatorio.

—Não é verdade, Armando?—perguntou o Regadas a reparar o enleio em que cahira o amigo.

Armando não respondeu logo e ficou a olhar, silencioso...

O poeta deu uma volta pelo compartimento do wagon em que se achavam, olhou um bocado para o outro lado, e voltou-se novamente para Armando.

—Estás a sonhar, ó menino?

Armando abanou alheiadamente a cabeça.

Não! estava a admirar aquelle ponto de vista que era realmente esplendido e digno de um pincel. Se elle fosse pintor...

—Ora essa! mas era poeta, e os poetas não tinham nada que invejar aos pintores—affirmou o Regadas, com vaidade, a endireitar o laço da gravata. Não havia como ser poeta, como poder-se dizer por uma linguagem differente, inspirada no proprio céu, aquillo mesmo que os outros, os prosaicos da vida, expressariam em termos communs. Nada como ser poeta, e para provar isto ao amigo Armando, havia de escrever um soneto sobre aquella paysagem, e lh'o mostraria na sua volta. A proposito: ainda não lhe tinha perguntado pela pessoa com quem ia casar-se...

Armando deu as explicações precisas, contando a historia dos seus novos amores.

—Muito bem, menino!—concluira o Regadas, olhando-o com admiração—soubeste escolher, porque a familia do desembargador é de grande educação moral e, sobre tudo, gente que cultiva o espirito.

Deu nova volta e commentou satisfeito.

Isso é que era! Teria o Armando uma mulher ao seu lado, que pudesse verdadeiramente comprehender a delicadeza do seu coração, e a elevação do espirito! Perfeitamente!

Pois que tambem elle, nos bons tempos, assim é que pensava.

E olhou para fóra, sorvendo, com delicia, o ar impregnado de perfumes agrestes que vinha dos campos.

—Muito bonitas vistas! E' uma natureza rica e invejavel a nossa! Porque não se inspiram n'isto os taes senhores nossos naturalistas, que vivem a empanturrar-nos o gosto com as macaqueações do estrangeiro? E fallam de nós, os da velha guarda, os depositarios das tradições das nossas glorias litterarias!

E na sua voz, cava e maguada, parecia echoar toda a historia de uma geração lendaria e gloriosa que se extinguira.

—Mas digam o que quizerem, ridicularizem-nos como entenderem, os discipulos do famigerado Zola e os leitores do detestavel Eça de Queiroz—accrescentou depois de um silencio prolongado—nós ficamos de pé sobre todos os destroços, para provar ás gerações vindouras que fomos os respeitadores das glorias do passado, e os depositarios da fé que os vandalos da Arte profanaram.—Sorveu um longo hausto e proseguiu inspirado.—Ah! a nova escola haveria de extinguir-se e as lendas romanticas surgirão ainda dos archivos empoeirados, o velho lyrismo renasceria de sua propria morte, surgindo das estantes adormecidas para prégar o evangelho de uma nova crença, para fazer o fu-

turo renascimento litterario sobre novos moldes e novas bases, em que o engenho e a fórma actuaes fossem abandonados por imprestaveis. A humanidade, porventura, não se estava cansando de ver todos os dias as suas chagas reproduzidas e cauterisadas em publico, como se a exhibição d'essa miseria toda tivesse a força de cural-a ?

Elle comprehendia Hugo tentando fazer o codigo social do seculo XIX com os *Miseraveis;* levantando o dogma em *Nossa Senhora de Paris;* ridicularisando todo um systema aristocratico no *Homem que ri*, e ensinando a dominar os elementos nos *Trabalhadores do mar*. Elle comprehendia Lamartine fazendo chorar com a *Graziela;* Chateaubriand approximando, com as crenças, a terra ao ceu, todos esses edificadores do sentimentalismo que, no seu vêr, ennobreceram e enalteceram a alma humana. Que dizer, porém, de Zola, vindo em nome da verdade e em nome da justiça, prégar uma litteratura que tem por fim o amor á vida pelo desamor aos costumes, a regeneração social pela exhibição de todas as suas mais profundas miserias? Os proprios *Rougon-Macquart*, constituindo a obra fundamental, á parte o caso physiologico que estudam, que tinham feito em prol da regeneração litteraria, no afan d'um ideal mais puro?

E o Regadas resfolegava forte, cheio de

odios contra o supremo mestre d'Arte, não comprehendendo nem justificando o que estivesse fóra de sua bóssa sentimental. E teve nauseas na voz ao referir certas obras da *grande serie*. Que dizer da esterqueira do *Assomoir*, da ruidosa prostituição da *Nana*, tão escandalosamente descripta, do sacrilegio no *Crime do Abbade Mouret* e da consagração do amor livre feita no *Doutor Pascal?*

Oh, bastava! bastava! e a voz, entre vomitos, estrangulou-se-lhe na garganta, para proseguir depois, mais calmo.

—Não são estes os processos mais logicos para rehabilitar, n'uma epocha de dissolução, como a que atravessamos. O mundo todo precisa de uma reforma completa, que destrua pela base a ordem social que está firmada: nem o ideal religioso, nem o ideal politico, nem o ideal artistico actual satisfazem o espirito da humanidade, que precisa de um novo Christo.

E o Regadas, emquanto a sua voz se perdia no espaço com o ruido do trem em movimento, ficou de braços crusados perante o Armando, com olhar de propheta do Velho Testamento.

—Mas o que queres? — continuou depois de um instante de silencio. A intransigencia do seculo preparou o vulcão: a intransigencia artistica, a intransigencia politica e a intransigencia social. A aurora do seculo xx talvez tenha de allumiar a muitas caras lividas, a muitas

desillusões e a muitos sonhos desfeitos... Se tivessem transigido alguma cousa, os que arrostam com as supremas responsabilidades, talvez tivessem demorado, um pouco, o golpe. Assim, definitivamente, não!

E o poeta ficou a olhar com orgulho para fóra, como se já enfrentasse com a resurreição da nova fórmula artistica e a revolução social...

Tinham chegado á estação de S. Lourenço, e, com pena, o Regadas teve de despedir-se do Armando. Ficava alli, onde ia gosar, em companhia de conhecidos, uma licença de oito dias que obtivera para tratar-se de uns velhos incommodos.

E já fóra do trem, elle recommendou ao Armando que «désse noticias suas e esperasse pelo seu soneto.»

Quando depois de seis dias de uma penosa viagem, n'uma suavissima tarde de estio, Armando avistou afinal o conjuncto de casas de sua aldeia natal, sentiu como que um deslumbramento no espirito ante as impressões de toda a ordem que lhe assaltaram o cerebro.

Era alli, n'aquelle ninho entrevisto nas primeiras sombras do crepusculo, que elle tanto sonhara e amara, quando a primavera da adolescencia lhe abria n'alma toda a prodigiosa florescencia do amor e das illusões! E elle consi-

derava, os olhos humidos, a imponente simplicidade do panorama — a povoação destacando-se em sua alvura, a torre da ermida ao centro, elevando-se para o alto azul como uma prece do seio verdejante das arvores, perdendo-se ao longe n'uma confusa visão, longinqua visão de neblinas e de sonho.

Longe, n'um sangrento occaso em purpura, o sol afundava-se, deixando no céo a reverberação d'um incendio phantastico, incidindo sobre os cabeços dos montes longinquos recortando o horisonte, para o norte, no céo pallido, n'uma linha diffusa e azul, perdendo-se na cinza fina da tarde, diluindo-se e retrahindo-se como a saudade que abre o vôo para o desconhecido paiz do Esquecimento.

Era uma d'essas tardes de infinita doçura, em que por vezes só uma pennugem delicada de nuvens cobria o astro no seu occaso, d'onde irradiava uma dulcissima poeira luminosa, nacarada de perolas.

Do céo de turqueza, muito alto e transparente, vinha uma soberana paz, infinita e religiosa, descendo das alturas por entre o crepusculo melancolico que subia lento das bandas do Levante, onde começavam a palpitar as primeiras estrellas, trémulas e puras.

Armando parou um instante em frente áquella paysagem tranquilla, outr'ora tão familiar aos seus olhos, ante aquelle caminho direito

e largo que ia dar á povoação, onde tantas vezes, creança ainda, elle tinha corrido, louco de alegria, atraz das borboletas douradas, quando as primeiras flôres da noite começavam a abrir nos campos como as estrellas no céo.

O conjuncto humilde da povoação cada vez mais se afundava na visão do sonho, envolvido na poeira luminosa da tarde, entre os tons indecisos do crepusculo—da noite que ia subindo vagarosa para o alto, e dos ultimos tenues raios do sol que sobrenadavam no poente, enchendo o céo de uma melancolica poesia. Ah! elle tinha tantas vezes visto, nos seus scismares, essa paysagem querida, tocada da mesma luz diaphana, esse céo cheio dos mesmos tons de crepusculo, esses campos envolvidos na mesma sombra dôce da tarde!...

Agora contemplava a sua terra humilde, e parecia vêl-a ainda como atravez de um sonho! E tudo isso, todas as suas sensações e sentimentos passariam porventura de uma ideialisação? Elle tinha soffrido tanto, tinha sentido tanto, tinha gosos tão estranhos, sentimentos tão indefinidos—que todo esse conjuncto indeciso bem se lhe assemelhava a um sonho phantastico, oscillante como um pendulo cançado, cuja parada ia dar na morte.

Mas agora era bem verdade que estava em face da sua boa terra, que lhe servira de berço, que lhe alimentara a primeira illusão,

que lhe ensinara a soletrar a primeira syllaba do amor. Ah! era bem verdade que, na existencia do homem, existem apenas duas idades reaes: a infancia e a velhice; a idade intermedia não é senão um prologo disfarçado d'esta ultima, porque é o primeiro degráo do entendimento para chegar ás dolorosas verdades da vida.

Armando sentia bem isto, surprehendendo-se, ás vezes, velho aos vinte e quatro annos. Ah! n'esses momentos, parecia-lhe que os novos sentimentos que lhe vinham, como intermitencias, rebentar em flôr o seu coração, como a aurora de uma nova primavera que havia de passar em breve — parecia-lhe que esses sentimentos eram como o consolo de um velho a quem, tendo-se prolongado por demais a vida, volta a uma nova infancia antes que a morte o venha envolver no seu sudario de neve.

Agora, em frente á sua aldeia, elle revia o seu passado distante, apagando-se além como aquelle crepuseulo da tarde que naufragava aos poucos, esvaecendo-se como as tintas azues do céo que a noite ia envolvendo, vagarosa...

Estava tudo agora tão mudado, tão velho, tão decrepito... Elle dirigiu-se a uma velha arvore secular, ao lado do caminho, e cujo tronco enorme attestava uma existencia antiquissima. Tinham decepado os seus principaes galhos, e ella estava alli apenas como a lem-

brança do que tinha sido, do que não volta mais a ser... Examinou-lhe o tronco annoso; apenas uns traços confusos, gravados na casca, attestavam a inscripção que elle alli gravara n'uma tarde, depois de ter achado um ninho de passaros...

Ah! elle era como a velha arvore: a esta tinham decepado os galhos; a elle tinham arrancado o coração primitivo!

E esteve muito tempo a olhar absorto tudo aquillo que o cercava, como se a velhice tivesse envolvido tudo, como se o peso dos annos tivesse feito valer a sua acção até sobre a propria paysagem, tocada das primeiras sombras da noite. Meu Deus! se as proprias cousas não possuiam a eternidade, como possuil-as a memoria dos homens e a fragilidade de seus proprios sentimentos?

Veiu-lhe uma vontade immensa de chorar diante d'aquelle espectaculo, ante a soberana nostalgia de todas as cousas pesando na sua grande alma solitaria, pobre alma semelhante a um claustro abandonado e mudo! E Armando, que tantas vezes passara por aquelle mesmo caminho com o coração cheio de jubilos infantis por ter de abraçar os velhos paes e a irmã, depois de longas ausencias — soluçou muito tempo, convulsivamente recostado junto á velha arvore, que fôra amiga de sua infancia, e que, fiel ao seu amigo, ainda conservava no

tronco os traços indeleveis de uma pagina d'essa mesma infancia.

E os braços envoltos n'aquelle dorído abraço, como cingindo o seio de alguma creatura amada, elle sentia como que uma outra alma vibrar de encontro á sua, um outro coração palpitar de encontro ao seu, ambos feridos pela mesma desgraça, fulminados ambos pela mesma morte!

E que doloroso contraste o d'essa creatura tão extremosamente amada, sentindo-se tambem tocada do mesmo amor, assim ajoelhada ante o tronco d'essa pobre arvore decepada, como o crente d'uma religião abrindo os braços e procurando abrigo aos pés d'uma cruz consoladora. Que tempo esteve elle assim? Nem mesmo elle o soube avaliar! E quando entrou na aldeia querida já ha muito as estrellas tinham pontuado o ceu de constellações.

No dia seguinte, Armando foi visitar o querido tumulo de sua amada morta. E foi com o inexplicavel presentimento que o visitaria pela ultima vez...

Quando Armando entrou o velho portão do cemiterio, seriam cinco horas e meia da tarde. O sol já havia descido muito no horisonte. As sombras estendiam-se melancolicas e longas, e atravez dos intersticios das folhas das

arvores plantadas ao longo dos tumulos, vasavam-se, tremulos e indecisos, os raios do sol poente, frios e pallidos. Aqui e alli, pelos galhos de folhas amarellecidas que davam á paysagem um aspecto outomnal—passarinhos voltavam saltitando para os ninhos, onde os filhos soltavam pios somnolentos.

Raras aves, aos pares, atravessavam, no alto, ligeiras, cortando o espaço, azas em ancora, n'um vôo sereno e silencioso... Uma aragem fria como um arrepio d'aquella solidão passava de manso, agitando mollemente os galhos tristes das arvores, como abafados suspiros longinquos de infinita tristeza...

Tudo respirava um immenso abandono: a par das rosas que vicejavam a custo ao pé das sepulturas—onde as tinha plantado alguma mão piedosa—o matto bravo crescia ovante, aqui e alli, n'uma promiscuidade desoladora, n'uma atroz melancolia de apertar o coração...

Dos fundos dos tumulos enfileirados, vegetava uma herva enfesada, que, distendendo-se aos poucos, tristemente, agarrando-se ao reboco que se ia deslocando á acção do tempo, deixava manchas negras nas paredes, que semelhavam chagas espantosas vistas ao longe.

Do cimo dos tumulos, em cruzes desconjuntadas, em sua quasi totalidade, pendiam rosarios partidos e desfiados... Aqui e além, havia alguma caveira abandonada, com as orbitas va-

sias e profundas, como que olhando para o infinito, ainda a perguntar espantada a origem e o destino do *eu* que a animara e que se diluira...

Armando parou indeciso diante de toda aquella desolação, de todo aquelle abandono, que lhe retratava o destino final da existencia, esse capitulo — o derradeiro — que começa na morte e termina no olvido.

Alli, ante seus olhos, n'aquelle campo cheio de sombras silenciosas, repousava no ultimo somno uma geração inteira, sobre quem tinha descido a paz final do tumulo e a mortalha algida do esquecimento... Estava alli toda uma geração, e d'ella não restava nada, absolutamente nada: o principio uno da morte envolvera a todos, a todos confundira alli, nivelando-os para sempre e arrancando as derradeiras saudades dos corações aos que ficaram. O que restava de tudo isto, alli o tinha diante dos olhos absortos: uma fileira de tumulos carcomidos pelo tempo, terra inculta e revolta por toda a parte, e alguma caveira ao acaso, como objecto inutil, de alguem que desceu, sem deixar lagrimas, para a valla commum. E a todos envolvia n'um abraço infinito, soberano e fraterno, a noite suprema da morte...

Armando deu os primeiros passos com um pavor instinctivo a invadil-o no meio de todo aquelle silencio, só, no seio d'aquella solidão austera... Os seus passos cautelosos, machu-

cando a herva e afugentando os insectos, tinham um echo secco e rispido que repercurtia-lhe no espirito, asperamente, como se não fossem os seus proprios passos que ouvisse.

Caminhou vagarosamente junto a uma fileira de tumulos que ficava proxima ao muro, reparando nas datas e nas inscripções meio apagadas. Não lhe foi difficil reconhecer o tumulo de *Yú*. Com uma indizivel piedade, reparou que a humidade e o tempo, aquella sobretudo, esverdeavam a triste parede do fundo que vegetações myrradas começavam a cobrir, insinuando-se nos intersticios do reboco que se descolava. Como chovera ha poucas horas — uma d'essas chuvas rapidas do sertão que alagam e deixam em seguida o céo sem nuvens — Armando notou que dos tumulos visinhos, mais altos, as aguas produziam alli infiltrações na parede, d'onde vinha o tenue filete liquido que de um lado escoava em silencio, por sob os musgos das pedras. Ainda cahiam gottas d'agua sobre o tumulo, lentas, cadenciadas, como o pendulo de um relogio que vai parar.

Deus do céo! chovia e agora chovia sobre ella! Era o supremo abandono em torno d'esta pobre martyr, para todo o sempre deitada, as mãos postas, n'esta solidão atroz, esperando que o seu intangivel sonho se realisasse, emquanto as hérvas bravas cresciam em torno, com o esquecimento vegetando nos corações in-

gratos. E que silencio por toda a parte, silencio sem arrulho de aves, sem bulicio de folhas, atravessado apenas das grandes azas mudas e tremulas das borboletas velludosas e voltejantes. Sómente, sem se saber d'onde vinha, como o echo do proprio silencio, ouvia-se, lento, brando e triste, o lacrimejo de um corrego invisivel que talvez os agriões verdoengos occultassem. Dos olhos de Armando cahiram lagrimas.

—Pobre *Yú!*

Armando teve de afastar então o matto bravo que crescia em roda, com precauções para se não ferir, afim de chegar até o triste tumulo. Aquelle abandono absoluto confrangeu-lhe o coração como um remorso! Nem uma flôr ao lado plantada por mão carinhosa, nem um unico signal que recordasse que a morta ainda vivia no coração de alguem! Nada que demonstrasse que a flôr ideal da saudade não havia de todo murchado no coração d'aquelles que a amaram na terra.

O que era a vida, e como tão depressa o esquecimento substitue a lembrança querida que devia perdurar como um vulto, eternamente vivo no coração, na adoração perenne d'um Deus! A vida, sim! essa immensidade que se condensa em tudo que espera, respira, treme, chora e ama; os braços que se levantam, os tumulos que se abrem! o amor, o odio, o esque-

cimento! só a propria Natureza, impassivel e muda, dizia o que ella era,—um montão de ouro e um punhado de pó—atravez das paginas de seu livro immortal, immovel, a immobilidade brilhante, no meio do proprio movimento; una, a unidade impassivel das leis, no seio da propria variedade; infinita, a infinidade dos mundos e do espaço dentro de seu proprio limite; immodificavel e permanente, a resurreição das fórmas e dos seres no meio das suas transformações. A vida, Deus de bondade! que pensar d'ella nas mãos d'essa Força que arrasta os seres e as cousas, as transforma, as aniquila, para as resuscitar, transfiguradas, do proprio aniquilamento; essa Força, que é ao mesmo tempo severa e indulgente, amavel e terrivel; sem passado nem futuro, presente e eterna, occulta sob mil denominações e sempre a mesma!

Armando, de pé, sem lagrimas agora, encarava o tremendo problema diante da creatura aniquilada, muda, para todo o sempre, que nada poderia arrancar do somno de sua grande noite! E o *eu*, a personalidade, a consciencia, para que espheras desconhecidas ter-se-iam evaporado, que lhe não adejavam em torno na mesma dôce caricia de outr'ora? A sciencia, a vã sciencia, ai d'ella! o que sabia? Apenas que desde os astros que rolam nas immensidades e illuminam os mundos, até ás pobres flôres que perfumam

e embellezam as collinas; que desde as gigantescas espheras, talvez cançadas de rolar no espaço, na sua carreira de tempestade, até ahi simples nebulosas que comsigo arrastam os germens dos mundos de ámanhã; desde a ultima estrella da Via Lactea, ponto solitario apenas distinguivel aos mais poderosos telescopios, como a mais insignificante poeira luminosa, até o grão de areia que a onda remove, na sua eterna agitação, pobre átomo sem pousada na convulsão dos elementos; em toda a grandeza sobrehumana d'esse circulo cujo centro, consoante o dogma da sabedoria, se encontra em todas as partes ao passo que a circumferencia em nenhuma parte se acha — em tudo isto não ha senão mutações, troca perpetua de moleculas, átomos que se aggregam e desaggregam, no turbilhão incessante das vidas. Nunca o nada, nunca o aniquilamento, e o nada e o aniquilamento, em toda a parte, nas almas e nos corações! Que importava tudo isto, se a personalidade não persistia? Que importava ter estabelecido a sciencia todas essas leis, como uma razão mathematica, se no despedaçamento de todos os elementos que constituiram o conjunto da vida, nada ficou da alma que amou, do coração que sentiu, do espirito que se adorou?

Oh! a pungente duvida, sempre mais viva, sempre mais dolorosa, como a chaga que todos os cauterios não conseguem cicatrisar!

Se esse aniquilamento era verdade, aquella pobre morta estava duplamente aniquilada: na sua personalidade e na recordação dos entes que tel-a-iam amado.

A este doloroso pensamento, Armando ajoelhou-se defronte d'aquelle tumulo humilde, escondido n'aquelle recanto como envergonhado de sua miseria — sentindo bem com as lagrimas borbulhantes que alli tinha naufragado a sua juventude, n'um occaso sem estrellas; que alli tinha para sempre enterrado o seu coração! Era esta a verdade! e elle, injusto, cruel e perjuro, pisava sacrilegamente aquella terra santa, profanava-a com as suas lagrimas — essas lagrimas que não eram de saudade mas que eram de remorso! Ella, a pobre que o acreditara, alli estava para todo o sempre, olvidada, escarnecida n'aquelle desprezo — ao passo que elle ia seguir uma nova estrada na vida, buscando ávido a felicidade, covarde na sua desventura, tremendo miseravel diante do infortunio que não soubera tragar.

Parecia-lhe que o mundo inteiro se erguia diante d'elle, n'aquelle momento, para proclamal-o miseravel! E victima do ludibrio do seu pensamento exaltado, entre a sombra diffusa do crepusculo que dava a todas as cousas proporções phantasticas — Armando sentiu-se pequeno, como um verme, diante d'aquelle tumulo que ia assumindo aos seus olhos as proporções de um throno alto e inconcebivel.

Desvairado, elle recuou trémulo e banhado em suor humido, e diante das sombras que já envolviam o cemiterio, elle inquiriu a si mesmo se aquellas sombras seriam a noute que chegava, ou se seria o seu remorso descendo do espaço infinito para esmagal-o...

E considerou, por fim, de pé, todo o conjunto desolado.

Ah! realmente esta pobre morta, agora, no seu tranquillo esquecimento, apparecia-lhe lamentavel e tragica! Isolada no seu triste tumulo, na austeridade d'aquella solidão, no meio do entulho de todas aquellas ruinas, ella se lhe afigurava adormecida sonhadora, esperando o noivo sempre amado que lhe viesse sellar os labios, n'um beijo de lendas. Esperava, Deus do céo! impassivel e grandiosa, na immobilidade e no silencio da sua grande noute! Que lhe importavam o abandono, a ausencia, o tempo que corria? Como ella tinha a eternidade por si, a pobre noiva, com a cabêça deitada, as mãos postas, esperava sempre, n'essa eterna posição, como um protesto obstinado, mudo, irrevogavel. Passassem annos, passassem seculos, ella estaria sempre alli, esperando sempre, os vasios olhos guardando os escombros, os espaços solitarios que só as tristes aves nocturnas povoavam.

Ao sahir, Armando procurou fallar ao guarda. Gratificou-o generosamente e deixou-lhe na mão certa somma em dinheiro para que o applicasse em ajardinar e tratar do tumulo querido onde sua alma estava tão presa. E fez-lhe muitas recommendações, com muitas instancias, diante dos olhos espantados do guarda.

— Sim! plante-lhe muitas rosas, muitas rosas!...

XV

Armando depressa liquidou os negocios de sua viagem e fixou logo o dia da partida, de volta ao Recife.

Antes, porém, na dolorosa convicção que iria dar d'esta vez as costas a todos esses logares onde, para todo o sempre, dormia a melancolica doçura do passado, elle foi assaltado pela febre de vêr tudo que lhe guardava as queridas e amargas recordações, tudo visitar n'essa solitaria peregrinação de sua alma, tudo onde elle sentia o estremecimento d'essas lembranças, passando atravez de cada caminho, surgindo em cada pedra, resuscitando em cada tronco de arvore.

Viram-n'o então vagar ao longo dos caminhos, sob a profunda solidão das selvas adormecidas, contemplar demoradamente os rubros

occasos, vistos ao longo dos descampados, onde passavam como um arripio, vindo do eterno desconhecido, as badaladas do *Angelus*, subindo como uma prece sentida para o alto, para o azul diaphano do céo crystallino e limpido.

Então, mais do que nunca, desejou por um momento enclausurar-se do mundo, esperar alli, sob a doçura d'aquelle céo tão puro e o soberano silencio d'aquelles recantos floridos, quebrando todos os laços de solidariedade com essa sociedade cujo lodo palpara cheio de nauseas, por vezes...

Voltou ainda ao cemiterio, fez visitas ao tumulo querido que agora começava a revestir-se de flôres como se a sua presença abrisse uma nova primavera junto áquelles pobres despojos que elle tanto amara. E quantas vezes alli, o olhar já sem lagrimas — todas as lagrimas refluidas ao coração — os cotovellos repousados sobre o sepulchro amado, como o poderia fazer sobre os hombros da creatura ida, a cabeça repousada contra a parede algida como o fazia outr'ora junto ao seio da pobre querida, Armando pensava nas dolorosas verdades que tecem e constituem a vida. Aquelle proprio abandono em que encontrara o tumulo de *Yú* não era como a mortalha do olvido atirada á pobre morta, o testemunho da ingratidão que é como um veneno subtil no coração dos homens, a explosão do egoismo que reside e opera no fundo de todas as acções humanas?

Ah! era bem verdade que a vida absorvia a morte; e as luctas tentadas pelo principio da mesma vida; os desejos do coração insaciado, que renascem das proprias cinzas das illusões mortas; a sede de ir para o oceano desconhecido do futuro apagando-se a pagina arrebatada do passado — trancavam n'alma as maguas importunas, que pudessem vir perturbar a placidez da existencia dos que vão em demanda ao porto longinquo de suas aspirações!

Armando sentia perfeitamente essa verdade, e a sua sensibilidade extrema deixar-se-ia talvez empolgar facilmente se elle mais tempo respirasse aquelle mesmo ambiente. E' que o horror de viver definitivamente o empolgava! Se impetos tinha, eram de contradicções comsigo mesmo: era o subito e insensato desejo de aniquilar o passado como a creança que procura espancar o movel em que tropeçou.

Muitas vezes, elle julgava-se victima de um pesadello, presa das garras de um sonho inexplicavel. Via-se arrastado áquelle mesmo sonho que tivera ha tempos, tão extraordinario, em que *Yú*, crescendo até tocar com a cabeça nas nuvens, o havia arrojado das alturas do espaço para a terra, emquanto uma voz extranha dizia: «o mundo é este!» E elle achava-se de joelhos inexplicavelmente diante do tumulo d'ella, com a bocca junta á lápide da sepultura!

Nos seus longos passeios á tarde, á sombra

das arvores ramalhudas, d'onde vinham os arrulhos dos passarinhos, em seu doce aconchego, emquanto o sol morria no occaso n'uma aureola de purpura, sobre a doçura do céo de opala — Armando sentia-se outras vezes presa de um languor indisivel, um enervamento inexplicavel, sem acção para nada, n'um desejo mystico de volver para a infinita paz da morte, para o repouso do não ser... A ideia do suicidio atravessava-lhe então o espirito, serena e doce, sem os estertores da morte, sem os pavores do nada — achando, pelo contrario, um prazer inenarravel em volver para o silencio, para o humilde cemiteriosinho esquecido, onde a hera crescia junto aos tumulos e os passarinhos vinham fazer agasalhos nos velhos jasmineiros, em cujos troncos annosos os lichens cresciam, no esquecido campo da morte... Para que essa lucta continua, para que essa vida que ia dar na velhice? Tudo se resumia na pungente verdade que presenciara. Tudo era o nada do campo santo, onde a amada morta repousava no eterno somno da noute eterna, livre das paixões da vida, liberta dos tormentos do coração...

E voltavam sempre impertinentes e tristes as ideias que já por vezes lhe tinham salteado o espirito. Porque não se deixaria ficar alli, entre a paz d'aquelles corações simples, ouvindo o sino da ermida, á tardinha, tocar dolentemente a *Ave Maria*, quebrando-se pelas encos-

tas silenciosas, como o suspiro de uma ignota nostalgia, e subindo trémula para o espaço azul, como as niveas azas ideaes de uma prece?... Porque não se deixaria, alli, envelhecer de todo, para dormir o somno final á sombra das mesmas arvores que lhe perfumaram o berço e abriram sua alma scismadora, á serena luz da poesia?

Assim, receioso das proprias hesitações do seu espirito enervado, Armando sentiu allivio quando teve de regressar da viagem — o que nunca lhe succedera sempre que voltava de sua terra natal. Para elle foi como se houvesse conquistado uma victoria contra o seu espirito rebellado, fazendo impôr o resto de suas energias. Afinal de contas, agora já elle não se pertencia: estava preso por um compromisso de honra, e, recto de caracter, como era, havia de dar cumprimento á palavra empenhada.

Dias depois, Armando, pela mesma via ferrea do Limoeiro, que, em condições moraes differentes, tantas vezes o trouxera á cidade, chegava de volta da sua penosa viagem. Que emoções tão desencontradas agora lhe salteavam o coração, ao rever a cidade que agora ia ser o seu definitivo pouso, onde por fim se ia realisar o segredo do seu obscuro destino.

Martha! realmente toda a alma se lhe en-

cheu de uma visão luminosa ao pensamento de rever essa doce creatura que tão fundo lhe tocara o coração! Ia bem para ella, na vertiginosa carreira do trem, emquanto a outra a cada minuto ficava mais longe—ai! tão longe—na cruel solidão de seu tumulo, na convivencia das flôres que lhe plantára em torno, para todo o sempre muda, os olhos vasios, a cabeça deitada no leito de pedra, as mãos postas, na espera impassivel do noivo amado que nunca chegava...

O trem deixara a estação de Arrayal e chegava á Encruzilhada. Era a penultima estação. Ao partir, Armando debruçou-se ancioso sobre a portinhola do seu carro. A todo o vapor o trem corria n'uma grande tangente, e, em breves instantes, Armando sondou as primeiras casas da cidade, logo dominada pelos campanarios numerosos das igrejas.

N'este momento, a *outra* estava bem sepultada no seu coração, quando, galgando o trem a ponte sobre o Capibaribe, a cidade por fim lhe appareceu em toda a sua gloriosa nudez, como se toda aquella graciosa floração de pedra, que faiscava sob a poeira de ouro do sol poente, emergisse de repente das proprias aguas verde-claras.

Que linda essa paysagem, assim no seu conjunto, sobre esse fundo de purpura do poente, e o azul limpido do céo, sem mancha, sem uma

nuvem, infinito. Como este Recife lhe apparecia tão querido e tão desejavel como nunca, essa cidade envolta n'uma tenuissima bruma azulada, apenas sensivel, envolta n'um delicadissimo véo transparente de illusão e phantasia que se evaporava e se adelgaçava sob essa fina refracção purpurea do poente d'uma subtileza aerea de escomilho! E Armando notou as ruas e os monumentos, n'essa rapida visão em que nenhum detalhe escapava, como se visse tudo pela primeira vez. Era em conjuncto os bairros distinctos, como ilhas que o rio destacava e que as pontes ligavam como outras tantas cidades entre si. O bairro de Santo Antonio, sobretudo, parecia boiar á flôr d'agua. E no *pêle-mêle* de construcções de toda a ordem, Armando distinguiu bem os campanarios de S. Francisco, dominando o primeiro plano; entre arvores, as janellas posteriores do palacio do Governo; a massa pesada do theatro Santa Izabel, com as suas duas ordens de janellas e duas outras de ventiladores, superpostas, e a sua longa fachada, de uma côr cinzento indeciso, fachada que recordava alguma cousa de quartel ou hospital; e em seguida, as torres numerosas, dominando gloriosamente o conjuncto: a grande torre quadrangular do Espirito Santo, com a installação do telegrapho optico, d'onde bandeiras triangulares pendiam; as torres de Santo Antonio, do Carmo, da Conceição dos Milita-

res, e mais longe, na confusão dos telhados, o zimborio da Penha e as duas flechas audaciosas varando o ar, afogadas quasi na distancia que o crepusculo tornava maior, por illusão de optica. A' direita estendia-se o longo caes, em que se alongava a perder de vista a rua da Aurora, voltada para o nascente, mais afogada no tenuissimo véo de sombra e reflectindo-se nas aguas tranquillas do rio. Rua abaixo, destacavam-se evidentemente o Gymnasio, com sua grande e triste fachada de convento, como isolado, com a sua dupla ordem de janellas fechadas, e o bello edificio do Congresso, com a sua grande rotunda dominadora e o seu alto frontespicio descançando em quatro columnas sobre pilastras, recordando bem, por sua solidez, sua ausencia de ornatos, um d'esses bellos exemplares architectonicos em que predomina a ordem toscana.

Mas Armando não teve tempo para vêr mais; o trem entrava afinal na estação da cidade. Alli aguardavam-n'o o desembargador, Alberto e o Torres que notaram-lhe logo algo de abatimento na physionomia, em que um imperceptivel sulco se cavara.

Armando desculpara-se allegando os incommodos da viagem que fôra muito penosa, durante esse tempo.

— No mais não — declarou forçando um sorriso — passara perfeitamente, e até vinha muito

bem disposto. O ar do sertão o purificara, tonificando-o e avigorando-lhe os pulmões.

E passara a perguntar ao Torres pelo resultado da sua empreza, «porque já esperava encontrar na rua o *Recife litterario.*»

O Torres deu-lhe algumas explicações, indignado, a morder nervosamente o charuto.

Tinha havido uma certa difficuldade em arranjar pessoas que quizessem acceitar as acções... O nosso commercio era em demasia desconfiado e sempre olhava mal para essas cousas, vendo em tudo tramoias... Era um horror luctar-se com gente que não via dous palmos adiante do nariz, e além de tudo, incapaz de convencer-se das boas instrucções dos outros... D'essa maneira era impossivel uma pessoa que se désse ao respeito, tomar a si uma empreza d'essa ordem que afinal muito louvavelmente se dispunha a levantar o nosso *meio* moral e intellectual.

—Tudo isso é uma estrumeira, filho! —concluiu o Torres, com um gesto largo e a bengala no ar, apontando dramaticamente o conjunto da cidade, que como immenso mar humano se agitava e se desenrolava em frente

Armando indagou pelo que o Amadeu promettera ao Torres. Parecia-lhe ter ouvido do amigo que o negociante se havia compromettido por alguns accionistas...

O Torres, para guardar reservas com o Des-

embargador, prometteu a Armando logo contar essa historia; mas isso não impediu que elle concluisse a meia voz, de maneira que só Armando ouvisse:

— O que elle é, é uma grande besta!

A' noute, houve reunião extraordinaria em casa do desembargador, de pessoas que foram cumprimentar ao futuro marido de Martha, pela sua chegada.

Lá estavam o dr. Thompson, o Alberto, a firma commercial J. Amadeu & C.ª, o Torres, com o eterno monoculo no olho, o Deoclecio da Alfandega, o padre Santos e outras pessoas da intimidade.

N'essa reunião não houve divisão de grupos... Conversaram todos em semi-circulo, quando alguem se fez annunciar ceremoniosamente por um cartão de visita.

Todos se admiraram com a etiqueta, pouco usada nos salões do desembargador, quando momentos depois, o seu auctor, que fôra o Regadas, apparecia modestamente, fazendo um profundissimo cumprimento ás pessoas presentes.

Armando abraçou-o, e apresentou-o depois a todos com um sorriso de fina ironia, dizendo simplesmente:

— O Regadas, poeta lyrico e sonhador.

Para o Torres, Armando julgou necessario dar uma explicação.

—Creio que n'esta sala—disse apresentando um ao outro,—cabem perfeitamente as duas escolas oppostas: o romanticismo e o naturalismo, como quem dissesse Hugo e Zola.

O discipulo de Zola e o contemporaneo de Casimiro de Abreu cumprimentaram-se friamente, dando-se as pontas dos dedos como comprehendendo a distancia que havia de um para o outro: das montanhas azuladas do idealismo ao ventre descarnado do realismo nú.

Armando, como campo neutro, sentou-se entre as duas escolas, tendo em frente a luz da sciencia representada nos oculos formidaveis do dr. Thompson, que era assim uma especie de centro de systema planetario. E emquanto para um lado o Regadas dizia ao Desembargador que «*Lourdes* era uma obscenidade intoleravel e um livro só digno de ser atirado á esterqueira,» o Torres, pelo outro lado, fallando alto para M.lle Marie, affirmava que «Zola era o primeiro escriptor d'este seculo: e como prova ahi estava o *Lourdes*, um verdadeiro monumento litterario que haveria de perdurar por muitos seculos como a affirmação, a mais eloquente, de um talento rarissimo, reunido a uma perspicacia de observação, verdadeiramente prodigiosa.»

Alberto, enthusiasmado, abrira uma polemica com o encyclopedico padre Santos, sobre a propaganda socialista que o ecclesiastico achava que não tinha lá muita razão de ser,

adduzindo argumentos com a calma de um homem conservador.

Porque prégar a desordem, porque prégar a violencia, se todo o poder emanava de Deus? Porque aspirar a uma chimerica igualdade social tão contraria á propria essencia das organisações sociaes que repousavam nas hierarchias? Depois, bastava um olhar pelo mundo para convencer que o odio contra o capital e a propriedade, considerados pelos liberaes como uma usurpação ao fraco, não tinha razão de ser porque não podiam pagar injustamente pelo egoismo de uns, os que, em soberana maioria, abriam sua bolsa para a protecção dos infelizes, levantando os Orphelinatos, os Asylos para a infancia desvalida, para a mendicidade, para a velhice abandonada, os Hospicios de toda a ordem, os Refugios, as Sociedades para a prevenção do crime, todas as obras de propagação do bem e de solidariedade mutua, onde a assistencia particular dava as mãos á assistencia publica para realisar essa grande obra de fraterternidade e de amor, em amparo aos vencidos da vida. Onde mais intensa se fazia sentir a necessidade do operariado, como em Paris e em Londres, nos grandes centros populosos, mais em relação directa aquellas obras de caridade augmentavam n'um ardor que arrastava comsigo todas as classes sociaes. Certamente que o egoismo era como um cancro que vivia

*

no fundo de todas as acções humanas a envenenal-as e a turvar a limpida pureza de sua essencia; e se os egoistas constituiam uma classe á parte, inclassificada no conjuncto dos que acceitam a vida com os deveres que lhe são inherentes, com que direito a sociedade teria de pagar collectivamente por um crime por que ella não podia ser solidariamente responsavel?! Depois, modificar a sociedade importava talvez em modificar os proprios impulsos da natureza humana, violar o seu proprio instincto, remodelar a sua propria essencia.

E o padre Santos obstinava-se n'esse derradeiro argumento, aferrado ao dogma, no circulo de ferro em que vivera, cheio, sem o saber, na sua educação sacerdotal, da voraz ambição que vê na disciplina e na hierarchia os degráos por onde tem de subir para dominar as consciencias e o mundo. Não! só na caridade estava a inexgotavel fonte d'onde manava, perenne, a cura e a consolação para os infelizes e os desherdados! Não havia fóra da caridade senão a vã utopia que anarchisaria o mundo e as consciencias, fazendo-os partilhas dos mais fortes e dos mais ousados, n'essa Babel tremenda em que não haveria beneficiadores nem beneficiados, porém a onda revolta e anarchica disputando o mesmo pedaço de pão para differentes boccas.

Alberto, porém, não se dava por convencido e antes mais se aferrava ás suas ideias, adduzindo argumentos e discutindo os factos.

Não! não! não eram as obras parciaes que tinham o poder de mudar a face da sociedade, diminuir ao menos toda essa espantosa chaga da miseria dia a dia crescendo e se alastrando, como as raizes venenosas d'uma arvore, para se patentear aos olhos do mundo em toda a sua tremenda evidencia.

A evolução da sociedade, para chegar ao seu estado actual, passara pelos cadinhos assignalados por Engels: o direito da primeira noute transmittindo-se do barão feudal ao dono de fabrica; e o desenvolvimento da industria de base capitalista fazendo da pobreza e da miseria das massas operarias a condição vital da sociedade. A desigualdade social gerára o inevitavel conflicto; a preponderancia do forte sobre o fraco exercia-se em toda a sua evidencia — e a miseria viera como consequencia inevitavel, com todos os seus horrores e violencias, gerando o odio que acirra o punhal anarchista apontado ao peito dos que governam sem distribuir justiça.

O que era a sociedade, em summa, senão a manada de animaes ferozes que se estraçalhavam mutuamente? Ah! que irrisoria e impotente era essa caridade apregoada, que não tinha a força de impedir que um homem morresse de fome, como uma besta de carga, nos recantos sombrios de Paris, entre immundos trapos, esquecido da sociedade! E esta victima

sómente, isolada, que todas as injustiças sociaes reduziam a esse desolador extremo, não constituia em si uma condemnação de toda essa sociedade?

Oh! a inevitavel e espantosa miseria que dezenove seculos de caridade christã não tinham podido curar nem diminuir, a espantosa chaga aberta e sangrando sempre não dizia, pela sua bocca hedionda, não proclamava tão alto a propria bancarrota do Evangelho? Porque não perdoar aos que, sentindo transbordar no peito essa extraordinaria onda de amargura, levantavam a mão para destruir e aniquilar? Se era mister que não houvesse ninguem miseravel, que não haja, por igual, ninguem que tenha o direito de accumular riquezas! Deveres presuppunham direitos e se a sociedade se julgava com regalias de impol-os para com a collectividade, para com a familia e para com o individuo, porque não havia de facultar os meios de cumpril-os, porque havia de negar ao homem um pedaço de terra, que só concedeu, como misera esmola, para os restos da materia, afim de que essa materia não empestasse as cidades e não offendesse o pudor da elegancia?

Não! não! a onda vinha de longe e transbordava! O reinado da Caridade passava para dar logar ao soberano reinado da Justiça! Só a justiça podia, por fim, pensar todas as chagas, curar todas as miserias, calar todas as boccas

doloridas que ha tantos seculos de iniquidades levantavam para o alto o grito atroador e supremo que pede um consolo para os miseraveis e para os espoliados da terra.

Foi no meio d'essa ardente discussão entre Alberto e o padre Santos que as irmãs Figueiredo appareceram no salão, cheias de jubilos, sabedoras que tinham sido do regresso do dr. Armando.

Ao dar, porém, com os olhos no Deoclecio, as irmãs ficaram repentinamente sérias, ostentando modos muito altivos e circumspectos. E' o caso que não se tinham mais encontrado com elle desde o dia em que se haviam explicado sobre as suas pretenções, e desde quando caprichosamente haviam fugido dos salões do Desembargador.

E a Laura tomou logo Martha de parte para explicações.

—Bem sabes, minha negra, que não gostamos d'aquelle typo e é para o não encontrar que não temos vindo por cá.

E entrou em outros detalhes sobre o Deoclecio.

Ah! não imaginava Martha até que ponto chegava o atrevimento d'aquelle sujeito que entende debochar com todas as moças de familia. Todo o bairro lhe sabia a chronica indecorosa, não sendo poucas aquellas a quem elle tinha desgraçado.

E a Laura, confidencial, puxou Martha mais para o vão d'uma janella:

—Conheces as filhas do Mendonça da Rua Velha? Oh! uma miseria, menina, uma cousa de indignar, o papel que elle representou a prometter casamento e a fazer cousas que eram o assumpto obrigado dos fallatorios da visinhança. Queres saber melhor?—E chamou a irmã, a Zulmira que veiu a correr, na ancia incontida das besbilhotices. — Conta aqui á Martha aquella historia — e sublinhou intencionalmente — das filhas do Mendonça.

A Zulmira fez longos gestos de nojo e odio.

—Ah! não se imaginava! certamente se o Desembargador o conhecesse como ellas... — E cochichou ao ouvido de Martha.

—Uma porcaria, filha! e por cima de tudo, um refinado gabolas... E o dote da outra que elle deixou ahi na desgraça?... Sim, elle pensava que comnosco havia de ir como de costume, mas felizmente conhecemol-o a tempo e o trumpho ficou-lhe ás avessas.

N'esse instante, a velha Figueiredo passou e com escusas a Martha, chamou a Zulmira á parte.

—Acho bom que resolvas tambem esse teu negocio com o sr. Amadeu, já que elle ahi está. Basta que lhe digas que pertendemos fallar-lhe e que elle nos appareça por casa na primeira opportunidade...

*

E explicou ponderosamente os motivos que tinha para isto e que eram certamente os mais acceitaveis.

E' que a D. Euphrasia lhe tinha perguntado pelo casamento e ella nada soubera responder... Bem podia ver a Zulmira que ella não estava no caso de viver exposta a ridiculos, e se sempre era verdade que o sr. Amadeu tinha bôas intenções, nada o impèdia de manifestar-se francamente afim de legalisar e pôr as cousas na devida ordem. Ainda no dia antecedente, alguem da visinhança, que viu o sr. Amadeu parado á esquina, havia perguntado pelo casamento em tom de mofa... Visse bem a Zulmira o que devia fazer.

E ia retirar-se, cheia de circumspecções, quando lhe veio ao espirito uma intima recommendação.

Que a filha procedesse com juizo; bastava uma unica palavra, que ella já andava farta de escandalos.

De seu lado, o dr. Thompson exultava n'essa noite. Os bons officios de Martha tinham-lhe angariado uma soffrivel roda de ouvintes que haviam desertado da calorosa discussão do padre Santos, sobre a questão social. Fallava, com um certo enlevo poetico, sobre esse curioso phenomeno que se observa no movimento das plantas cujos estames, na epocha da emissão do pollen, executam diversos movimentos, in-

clinando-se sobre o pistillo onde vão depositar esse tenuissimo pó que fecunda as flôres e garante a reproducção das especies.

E o doutor explicava os detalhes do phenomeno. Os grãos do pollen, cahindo sobre o estygma, onde soffrem a influencia do liquido viscoso que os faz inchar; em seguida os tubos pollinicos que se alongam e abrem caminho pelo estylete, atravez das cellulas do tecido conductor, até o ovario onde, auxiliados por esse tecido, vão encontrar os ovulos. Uma vez ahi, a sua penetração pelo micropylo até ao sacco embryonario, onde, rompendo-se, ficam em contacto a fovilla e a vesicula do embryão que se torna desde logo apto a desenvolver-se e transformar-se em semente, «na prodigiosa semente, concluiu com ardor, que levada no bico das aves errantes, gera o imponente habitador de nossas florestas.»

N'esse momento, o Regadas passava, gravemente abotoado em sua sobrecasaca, tendo acabado de dar dous dedos de prosa ao grupo de Armando. E olhos em alvo, elle passou deante da Laura Figueiredo, envolvendo-a n'um demorado olhar, que pareceu a D. Brigida de inquisitorial ternura. Isto alarmou-a logo, alvorotada de vagas esperanças... E cochichou ao ouvido da Zulmira:

—Quem é este sujeito? Lá pelos modos sempre me parece uma pessôa de respeito...

Uma cousa sempre differente do Deoclecio — aquelle pelintra! — accrescentou com todas as coleras impotentes accesas no olhar.

A Zulmira conhecia vagamente o Regadas, que tinha visto uma vez n'um baile da Juventude e n'outra occasião em casa d'uma amiga.

— Ah! era um sujeito de modos circumspectos, uma pessoa que parecia muito aceiada.

E avivou a memoria de D. Brigida:

— A mamã não se lembra? Aquelle senhor que um dia encontramos em casa da Nazinha Pereira? Até diziam que andava namoro velho e que elle ia pedil-a. Houve depois uns *fuchicos*, não sei bem o que, mas elle retirou-se da casa...

A D. Brigida expandia-se.

— Pois então? não poderia estar alli um partidão para a Laura? E depois, que cheque para o Deoclecio quando soubesse do caso! Mas sabes porque elle não casou com a Nazinha? Sempre é bom ter em dia as pessoas com quem se trata. De impostores e canalhas é que anda o mundo cheio! Vocês não conhecem nem têm pratica da vida...

Quanto á Nazinha, a Zulmira foi logo prodiga em desculpas para com o Regadas.

— Então a mãe não sabia? Uma namoradeira incorrigivel, *janelleira* que já vivia de cotovellos furados a fazer *crochet* na porta, todo o santo dia. Uma pouca vergonha, umas *gentes*

sem educação nem moralidede. Pois se até a *Gazeta* já tinha chamado a attenção da policia para um dos seus namoros escandalosos... Lá isso não, que um homem de assento não se podia metter com semelhante corja!

A velha confirmou, já de accordo, a atirar o chaile para as costas.

Ai, era a verdade! a Nazinha nunca passara de uma desmiolada, não era por fallar mal. Dizia-se até que em tempos ella quizera fugir com um sargento de policia com quem conversava á porta, fóra de horas, o que não seria para cousa muito decente... Quando ella, que não se occupava da vida alheia, chegava a saber de taes cousas... Realmente, já era preciso ter descaramento!

E deixou a filha, entre novas recommendações, de aspecto grave e conselheiro.

—Não percas o Amadeu de vista! E' preciso que elle se defina, que casamentos não faltam para moças de juizo, Deus louvado!

E sahiu, cheia de meneios severos, a procurar D. Euphrasia, no intuito de informar-se sobre o Regadas.

Para chegar onde queria, fez longos rodeios.

Afinal de contas — «não, D. Euphrasia?» — sempre era o mesmo povinho que frequentava a respeitavel casa do desembargador. E, por escala, informou-se d'um e d'outro, surrateiramente, até chegar ao poeta.

D. Euphrasia não o conhecia bem, pois era

esta, se bem se recordava, a segunda ou terceira vez que alli vinha, pois que não era dos intimos... Sabia que tinha um emprego e escrevia versos nos jornaes...

A D. Brigida não pôde conter uma careta significativa.

Então áquelle homem tão cheio de respeitos escrevia versos? Bem se via que este mundo andava virado, pois sempre ouvira dizer que isto de fazer *lôas* era occupação de pelintras e de vadios!

E accrescentou inconsciente ao ouvido de D. Euphrasia:

—Não seria eu que désse nenhuma de minhas filhas a esse povo! Meu defunto sempre teve uma quisilia a esses fazedores de versos... Demais, minha senhora, quando não são uns doidos, são uns preguiçosos da peor marca e sempre ás voltas com mulheres da vida...—E cuspinhou para o lado—Umas cousas á tôa! Crédo!

E aproveitou a opportunidade para ferir outro assumpto.

—O que é verdade é que hoje em dia já não sabe a gente de bem com quem se entenda.

E baixou intencionalmente a voz, fazendo confidencias, entre indignações e dolencias.

—Ora veja a senhora, o sr. Deoclecio que ninguem havia de suppôr capaz de patifarias! e no emtanto metteu-se de namoro com a Laura

para debical-a. Certamente que não teria tido attenções, se não o tivessemos visto por cá... Depois de tudo, os prejuizos da visinhança, a senhora bem o sabe. Para o calumniar não faltaram linguas d'este tamanho — e abriu os braços para indicar o comprimento.

Toda a sua indignação contida explodiu e a D. Brigida destemperou, erguendo um pouco a voz:

— Uma canalha! minha senhora.

N'esse momento levavam o Regadas para o piano afim de que recitasse o soneto que elle se tinha compromettido fazer perante Armando, por occasião de terem viajado juntos no trem do Limoeiro.

Isto depois de muitos escusas do poeta e surdos protestos do Torres, que se metteu para um vão da janella.

Diabo! sempre era de um mau gosto insupportavel aquelle idiota do Regadas!

O velho poeta porém teve que ceder, intimamente regosijado, e acercou-se do piano onde Martha occupou a cadeira e preludiou um sentido acompanhamento, fazendo vibrar as notas compassadas e melancolicas

E o auctor das *Flôres pallidas* começou, o braço estendido como para uma visão que lhe fugia, os olhos para o tecto como para acompanhar a espiral azulada do pensamento e a voz com o timbre ungido que o assumpto requeria,

todo elle tocado de uma febre de sentimentalismo de escola.

«Fugiu... fugiu o tremular do lenço
Acenado de longe...»

Começava assim. E as suas mãos agitando-se, acompanhavam esse tremular phantastico que elle comparava a duas azas brancas que voassem para longe, para o longinquo paiz da eterna saudade.

Laura, que já se interessara pelo poeta, sobretudo em despeito ao Deoclecio, não se conteve que não dissesse de modo a ser ouvida por este:

— Mas muito lindo! muito *chic* — e fez um biquinho terno, resvalando o olhar para o Deoclecio que continuava impassivel, com a severidade de seus bigodes militares.

E o poeta fechava o soneto n'um gesto desmedido, abraçando o horisonte, com o grito de toda a sua ternura alvoroçada:

«E abarcando a grandeza do infinito,
Triste e sósinho aqui solto o meu grito
Por ti, sómente minha, só d'esta alma.»

A D. Brigida notou o enlevamento de Laura e o muito *chic* em biquinho que ella repetiu mais alto. E não se conteve que não dissesse a D. Euphrasia:

— Credo! mas eu sempre desejava que elle não fosse poeta!

XVI

Dous mezes depois, tinha logar na matriz da Boa-vista o casamento de Armando e Martha.

O acto, muito simples, foi assistido apenas por meia duzia de intimos, sendo celebrado pelo padre Santos.

Armando estava muito commovido, pois que, desde os ultimos dias que precederam o casamento, toda a sua antiga exacerbação augmentara.

Martha estava phantasticamente linda, com a cabeça aureolada pela capella de flôres de laranjeira sob o véo tenuissimo de blond de seda liso, apanhado no alto da fronte espaçosa e abandonando-se depois pelas espaduas n'uma confusão de brancuras que lhe dava toda a ideia de uma apparição chimerica daquella plenidade de vaporosa castidade.

O padre Santos, revestido de sobrepelliz e estola, com o livro de rituaes na mão esquerda, deu começo á ceremonia no meio d'um silencio tão profundo que ouvir-se-ia o voar subtil d'uma mosca.

—*Ego conjugo vos in matrimonium, in nomine Patris...*

E seguiram-se as praticas do ritual, a benção do annel-alliança que Armando introduziu, trémulo, no dedo de sua noiva e as affirmações que ambos se acceitavam por esposos, emquanto o sacerdote, tendo as mãos de ambos presas pela estola, aspergia-os em cruz.

O momento mais commovedor, porém, foi quando o padre Santos teve que fazer a pratica do estylo que elle em geral começava pelas palavras consagradas em manual e terminava dando largas á sua propria imaginação—porque o padre Santos gozava d'essa fama de meio idealista, um tanto romantico, tendo na vida uma historia de amor infeliz que o levara a abraçar a carreira ecclesiastica.

Sua voz tinha, pois, avelludadas ternuras na suavidade d'essa pratica com que elle se dirigia aos noivos.

—Meus caros filhos, é em nome de Jesus que estaes unidos de agora para todo o sempre. A instituição do casamento é o symbolo da união sagrada entre Jesus e sua Igreja; e por isso ella constitue um élo que nada deve partir,

um vinculo que ella quer eterno, para que o homem não tenha o poder de separar aquillo que o céo juntou. E é no amor do proprio Deus que vos deveis amar mutuamente, porque elle, que vos fez o osso do mesmo osso e a carne da mesma carne, vos ensinou que deveis juntos seguir o mesmo caminho para que possaes educar os vossos filhos segundo as regras de sua divina lei. Como Jesus que subsiste esposado á sua santa Igreja, fazei com que, á imagem d'essa união, fiqueis para sempre unidos, porque o Creador vos tirou de um unico corpo e a menor desavença entre vós, seria uma desobediencia áquillo que sua lei estatuiu. Ah, meus filhos! supportae sempre com paciencia e perseverança as inclemencias d'esta vida, as torturas de vosso coração, lembrando-vos que tendes de dar contas um dia das liberalidades que o Creador vos concedeu, por vossos filhos e por vós proprios. E' na solidariedade de vossa alma, na resignação diante da adversidade, na fortaleza perante a desgraça, na resistencia diaria das tentações do mundo, que encontrareis a paz do vosso lar e a felicidade de vossos dias... Ah, meus filhos! amae-vos que só no amor encontrareis a fé e a perseverança.

E o padre Santos punha real convicção oratoria n'estas palavras, todo elle sacudido d'um estremecimento involuntario, os olhos abrasados n'uma chamma ardente. D'aquella oração

surgia vagamente o analysta, o sophista, o sentimental, resurgido d'uma epoca de decadencia, na inconsciencia plenamente automatica que lhe revelava o fundo da substancia, as stratificações obscuras e enygmaticas onde estava impresso o sello indelevel do caracter hereditario da raça, em que alguma coisa mysteriosamente tremenda e dissolvente operava, tal como o acido nitrico sobre a placa do gravador, tornando o pedaço attingido, a cada momento, mais visivel.

Armando ouvia-o abstracto, o pensamento longe, desgarrando-se como se o enlevasse a musica aérea d'uma surdina vinda das alturas, enchendo todo o templo. E á roda de si como que um mundo phantastico tomava fórmas e movia-se... N'um altar a *Mater Dolorosa*, o coração crivado das afiadas espadas da dôr, como que o olhava, os olhos turvos das grandes lagrimas volumosas; n'outro altar o grande Christo como que contorcia-se á sua vista, o flanco retrahindo-se, os pés contorcendo-se e a cabeça pendendo para o lado, na suprema agonia, a grande cabeça dolorosa cercada de espinhos d'onde escorria o sangue rubro pelas faces maceradas abaixo, emquanto o longo olhar queixoso da ingratidão dos homens se velava na grande sombra do Além. E todo aquelle mundo de estatuas em volta de si, como que se movia, tomando vida todos aquelles martyres, todos aquelles grandes santos em attitudes

*

de heroes, as frontes circumdadas de auréolas immortaes. Sobretudo n'aquelles mudos olhares de orbitas vitreas, n'aquelles silenciosos sembrantes immoveis — Armando julgou sentir a prodigiosa ironia lançada sobre a pobre humanidade pensante e soffredora, cheia das vãs e dolorosas esperanças, no gesto impotente que tenta arrancar o infinito do contigente, que tenta transformar o ephemero no eterno. Nunca, entrando n'um templo de sua religião, Armando sentira mais funda commoção, assim tocado n'alma pelos symbolos da igreja, pelos quaes em todas as cousas visiveis elle sentia contido como no dogma o proprio invisivel: o templo, em si, representando, por sua materia, a igreja espiritul de Christo, edificada pelo plano da cruz; as pedras que são as almas que a compõem; as columnas que são os apostolos que a sustentam; as portas que são as divinas pessoas em cujo nome alli entramos; e as ondas de luz vindas das altas abobadas e dos vitraes, representando os eternos dons do Espirito Santo que descem das infinitas alturas sobre as miseraveis creaturas. E esse conjuncto de symbolos representados pelo contorno das columnas, dos vitraes, das arcadas, das ogivas, das abobadas, das estatuas, toda essa dôce penumbra que mergulhava o templo n'um recolhimento de vago sonho — entrava-lhe n'alma a dentro, errando como impalpavel sombra, ar-

rancando-lhe, por instantes, a sensação bizarra da hora, como se se sentisse um ornamento d'esse templo, uma simples figura, um symbolo, com a sua suggestiva immobilidade, todo elle despido dos attributos da vida commum. Das proprias chammas agudas e verticaes das velas nos altares, lhe parecia prolongar-se uma outra chamma invisivel que enchia o templo e cujo frémito punha estremecimentos no ar. A consciencia se lhe desaggregava e a luz interior que a alimentava morria subitamente como se um vento glacial de origem desconhecida arrebatasse e apagasse aquella chamma. E nas trevas começava a mover-se alguma coisa informe, o germen latente que o impellia, ante a impassivel realidade, tornando-lhe a alma vasia e solitaria.

Agora o templo enchia-se do rumor de curiosos que chegavam, que tomavam lugar entre as bancadas e commentavam e a Armando se afigurava todo aquelle ruido de conversas entrecortadas a um fragor do oceano que em volta d'elle crescesse, ameaçador e tremendo...

As Figueiredo, sem recursos para figurar entre os da comitiva dos convidados, haviam chegado entre os curiosos, mordidas de inveja pelo espectaculo d'aquella formosa juventude offerecendo-se para o sacrificio do amor, a fronte aureolada pela grinalda symbolica, n'um esplendor soberbo de vida e mocidade. E emquanto

Armando se conservava abatido a ouvir a pratica do padre Santos, Martha tinha impresso na physionomia um vago sorriso de felicidade, toda ella respirando a tranquilla confiança em si mesma para o encargo que tomava aos hombros e a posse de venturas que ella de certo tanto sonhara nas aspirações de sua mocidade.

— E' elle que primeiro morre — notou a Zulmira. — Está pallido como um cadaver!

E continuou a fazer commentarios sobre os convidados, no intimo despeitada por lhe não ter sido possivel fazer parte do prestito. Não foi sem indignações que ella notou M.lle Marie ao lado do Torres, dizendo-se de certo amabilidades, pelo ar profundamente confidencial e terno com que trocavam palavras.

— Sempre é muito descarada aquella franceza! Nem ao menos se dá ao respeito nos logares sagrados.

E alcançou com os olhos em seguida a Jovita, toda cheia de denguices para o Amadeu que lhe ficava ao lado, elle todo sério, o ar de sensibilisado com a severidade impeccavel de seus bigodes militares. Então, indignou-se realmente, porque já ha algum tempo tinha perdido totalmente as esperanças da firma commercial. E destemperou, arrebitando o nariz, entre nojos, de modo a ser ouvida por uma moça que lhe estava junto.

— Ora vejam aquella *typa* a fazer-se de san-

tarrona entre pessoas honestas. Desde aquelle negocio da Roda, sempre era melhor que ella fosse p'ra Rua Bella... Fazia excellente negocio...

E inclinou-se mais para a irmã, cochichando uma impudencia. Abafaram então a bocca nos lenços, estourando de riso.

Esse rumor destacou-se claramente do sussurro e veiu do lado da frente, entre os convidados, um *psiu* discreto do Torres que se voltara para traz, indignado, fazendo reluzir o monoculo, dizendo phrases de reprehensão entre os dentes.

— Que estupida canalha!

N'esse momento o padre Santos dirigia-se pessoalmente a Martha, mais terno e unctuoso, na sua pratica, como enlevado nas proprias palavras:

— Minha filha, sêde submissa e obediente a vosso marido da mesma fórma que a igreja é obediente e submissa a Jesus. Tende sempre em vista sobretudo que o devereis seguir para toda a parte e que por elle abandonareis vossos pais afim de lhe obedecer, porque assim obedecereis ao proprio Deus. Que o vosso esposo encontre sempre ao vosso lado o apoio, a segurança e o conforto que lhe deveis: o apoio para que o ajudeis nas horas de trabalho, a segurança na fortaleza de vossa fé e o conforto para todos os seus desfallecimentos. Tende diante d'elle,

do seu juizo que deve de ser de paz e amor, a ternura, a obediencia, a humildade e a fidelidade: é n'esses sentimentos que encontrareis a força e a indissolubilidade de vossa união. Como seria tremenda a vossa punição se faltasseis aos vossos deveres, vivendo sem o seu amor e sem o amor de Deus, chamando-o sem que elle tivesse mais ouvidos para vossa ternura, abrindo os braços sem mais encontrar o ente eleito e sentindo a dôr e os desenganos, as vergonhas e as decepções morando no fundo amargurado do vosso coração! Ah! minha filha!...

Deteve-se aqui o sacerdote, o olhar vago, como nada achando que completasse seu pensamento todo contido n'essa terna interjeição. E voltou-se para Armando arrancando-o ao seu enlevo.

—Meu caro filho, tendes de ora em diante uma companheira que o proprio Deus vos dá porque elle não quiz que o homem vivesse só — e pôz n'esta phrase toda a grande emoção talvez do que elle proprio sentia.— Companheira e serva, vós devereis ter por ella toda a doçura, toda a lealdade, sustentando-a e protegendo-a, para o que Deus vos concedeu os braços fortes. Lembrae-vos sempre que ella é e será para toda a vida, sempre vossa, e que Deus saberia punir-vos severamente se um dia a abandonasseis, vós que sois a sua propria carne e o seu proprio osso. Adormecei d'aqui em diante os sentidos ás

tentações da carne e aos prazeres mundanos para que o amor illicito não venha perturbar a paz de vosso lar e a pureza de vosso coração. Levae-a sempre comvosco em vossos braços e apertada de encontro ao vosso coração para que o vosso affecto seja para ella sempre a fortaleza e a segurança contra as traições de sua propria fragilidade. E assim tereis cumprido a lei de Deus e merecereis a misericordia do mesmo Deus.

Armando tinha os olhos arrasados de lagrimas; e dentro de seu proprio ser havia uma voz desconhecida que subia até elle, um instincto vago que lhe dizia a sua incapacidade para cumprir bem fielmente todos aquelles conselhos. E era sobre tudo o errante presentimento de um perigo que o enchia, um perigo cuja natureza elle desconhecia e que se lhe afigurava vir de si proprio, de todas as dolorosas incertezas que luctavam renhidamente ao fundo de seu coração doente. Deu-se então, como em todas outras occasiões, o estranho phenomeno: o estado de sua consciencia objectivava-se-lhe, para desintegrar-se de seu *eu* pensante — reflexo dilatado de uma coisa que está alhures, em outro mundo. Apenas, instantaneamente, sentiu subir a vaza que ficára no fundo do coração — e seu olhar teve essa doçura triste, algo infantil, das pessoas mortalmente feridas.

Entretanto a ceremonia estava finda e o

prestito retirava-se em seguida para a casa dos noivos.

Era esta um *ninho azul* como Armando dizia nos seus devaneios apaixonados, ao pé de Martha, embriagado ao effluvio subtilissimo do seu olhar profundo e cheio de umas scismas ignotas.

Effectivamente era. Mobiliado sem luxo, tinha entretanto a casa escolhida para a *lua de mel*, o conforto indispensavel, e ás vezes excessivo, que elle alli composera, mais com o coração do que com a cabeça.

Em frente e aos lados da casa estendia-se o jardim, cheio de caramanchões silenciosos e convidativos, um repuxo d'agua ao centro, e lagos artificiaes aos lados, onde emergiam as folhas dos nenuphares. As roseiras entrelaçavam-se por toda a parte, e as trepadeiras subiam pelos caramanchões, estrellando-os de flôres alvas e miudas.

A casa, no arrabalde da Magdalena, como a do Desembargador, ficava n'um ponto pittoresco dando um dos lados para o poente, para onde se rasgavam duas amplas janellas da sala de honra do andar superior.

Foi, conforme o estylo, em casa dos desposados que teve logar o jantar de nupcias offerecido aos convidados.

As Figueiredo, affrontando todas as praxes, fazendo-se de intimas, chegaram um pouco de-

pois da comitiva, para cumprimentar os noivos, o nariz no ar, farejando as gulodices do jantar e as bisbilhotices tão provaveis.

E, depostos os seus altos chapeus de pluma, correram a espreitar a casa, bolindo nos *etagéres*, nas estatuetas de gêsso, revirando tudo n'uns modos de fingida discrição.

Na alcova nupcial, então, foi um regalo, os olhos inquisidores, a apalpar a colcha, a qualidade dos lençoes, as rendas finas dos travesseiros macios... A Laura chegou a sentar-se na cama, experimentando-lhe a capacidade... E cochicharam-se licenciosidades, riram muito, uma pontinha subtil de despeito ao fundo, mordiscando a ponta dos lenços. Jovita e M.lle Marie entraram tambem em pesquizas, e as duas irmãs fizeram-se sérias de repente, affectando modos desdenhosos, cheias de pudicicia como convinha a quem tinha o dever de ignorar as cousas. A Jovita deu-lhes um *chut* imperceptivel ao longe, commentando com a franceza.

Sempre mettiam o nariz em toda a parte aquellas lambisgoias! E ainda queriam casar aquellas *tias* que era muito melhor se fizessem beatas da Penha.

As irmãs disfarçaram e sahiram.

—Que sujeita! como se ninguem lhe levasse em conta o vestido de sêda...

E a Laura disse para ser ouvida:

—Sempre era melhor que fosse crear o filho que pôz na Roda!

Na sala de visitas, o Torres, em roda selecta, tendo o padre Santos pela frente, discutia o divorcio, abundando em argumentos.

Collocadas de lado as confissões religiosas—argumentava—não se evidenciava do consenso juridico de todos os povos quer orientaes quer occidentaes, que a indissolubilidade do casamento era um principio attentatorio á propria liberdade humana, comprehendida em sua perfeita orbita?

E citava auctores abalizados que, com razão, affirmavam que, tratando-se da união temporal para effeitos terrenos, sociaes e politicos, a indissolubilidade do casamento interconfissional, sobre ser platonica, era de todo o ponto contraria á natureza e ás regras de direito civil. Tinha razão Bertillon affirmando que o suicidio e o divorcio não eram mais que resultados da civilisação. Com que direito então—e elle firmava-se n'este ultimo argumento—com que direito a sociedade impunha que um homem, n'um caso de honra, ficasse para todo o sempre ligado a uma mulher pela grilheta do mesmo vilipendio, pelo élo indissoluvel da mesma vergonha sem o poder de partir laços que arrastariam seu nome pela hedionda lama das cloacas putridas?

Em seguida, tendo divisado na parede um quadro assignado por Luiz Tavora, paysagista patricio, o Torres mudou de assumpto, inflam-

mado pela arte. Notou o colorido da paysagem mais admiravel pela realidade do que pela ideialidade, e dissertou sobre a escola italiana de Caravaggio em que aquelle principio era caracteristico. Oh! Ticiano, o seu vigor de colorido, talvez o melhor colorista do mundo ao lado de Rubens, de Velasquez e Rembrandt.

O poeta Regadas, a um canto, não concordara com as ideias sobre o divorcio, e achava tudo isto e dizia-o para o Amadeu «simplesmente uma indecencia entre familias.»

De um lado, o dr. Thompson, quasi commovido, dava uma especie de derradeira lição de botanica a Martha, «sua querida discipula agora arrebatada aos deveres do lar.» Fallava com seu calor natural, da geographia botanica, admirando o poder omnipotente da Natureza que por toda a parte dispõe as variedades de suas maravilhas, de accordo com os agentes naturaes,—a luz, a agua, a electricidade, o ar, etc. Que variedades para a *flora* de cada região! Nas altas latitudes, os musgos, os fetos, os lichens; nas zonas temperadas, as essencias florestaes como o pinheiro, o carvalho e o abeto; e na zona torrida, onde a luz e o calor tão fortemente actuam sobre a vegetação, a exuberante opulencia, a imponente variedade, desde os fructos saborosissimos, as flôres do mais exotico contorno, até o immenso *baobab*, verdadeiro prodigio vegetal!

E como M.lle Marie lhe trouxesse no momento um pequeno galho de vergamota, o doutor logo explicou as varias especies do genero *menta* a que pertencia essa planta. Eram, entre outras, a *menta pulegium* (poejo), a *menta piperita* (hortelã-pimenta), e a *menta aquatica* (hortelã dos rios)

—E a propria vergamota?—interrompeu mademoiselle.

—Sim, sim, esquecia-me: *verga-mota, menta arvensis.*

O jantar foi servido ao cahir do crepusculo. E começou, como todos os jantares, ceremonioso e lento, occupando a cabeceira os noivos. As Figueiredo lá para o fim conservavam-se dignas e circumspectas, mastigando, a fazer folles, quasi sem abrir a bocca, para maior compostura. O vinho porém ia sendo despejado e os cochichos segredados de lado a lado augmentavam de diapasão, animando os olhares e avivando os gestos. O Amadeu, esse definitivamente enternecia-se pela Jovita, defronte, envolvendo-a em olhares cariciosos, a offerecer pratos, todo gentil.

Isto começou a exacerbar as Figueiredo que entretanto fingiam alegria, prodigas em sorrisos. A Laura não se conteve que não dissesse para uma moça ao lado:

—D'esta vez a Roda vai ter mais um pimpolho!

E como a moça a olhasse admirada, ella reticenciou, a um puxão da irmã:

— Nada... é cá uma historia velha — e sorriu significativamente.

E bebiam mais, serviam-se de lombo de porco com rodellas de limão, as faces já em rosetas e os olhos chispantes.

— Já é descaramento! — commentou a Zulmira. E puxou para si a irmã, segredando: — Não te mettas a fallar de ladroeiras em casa de ladrão. Essa que te fica ao lado tem lá tambem culpas no cartorio. Pergunta á mamã...

Houve um unico brinde, feito pelo dr. Thompson, em nome dos amigos da casa. Sobrio em conceitos, elle brindou á felicidade do joven casal pedindo para elles ao Destino todas as venturas de que são merecedores os que se amam na terra.

E as taças ergueram-se, todos de pé, entre os *hurrahs!* do Torres.

E o jantar finalisou-se com pesar das Figuiredo que não podiam admittir que não se brindasse o bello sexo. Realmente! e o sr. Regadas que podia fazel-o tão bem!

Foi servido o café em seguida, emquanto o padre Souza, abanando o ventre, affirmava ao Amadeu estar gravido de comer...

Fez-se ainda um pouco de musica, M.lle cantou um romance sentimental, o Torres pediu um trecho de Wagner e os convidados retiraram-se em seguida.

As Figueiredo, as ultimas a sahir, deram muitos beijos em Martha pedindo-lhe permissão para visital-a sempre. Sim! que tambem se devia fazer conta das pessoas pobres...

Os noivos ficaram em seguida sós, junto de uma janella, d'onde viam palpitar as estrellas como diamantes engastados no firmamento.

Ficaram um longo tempo mudos, enleiados diante do sobrenatural senario. Dos campos visinhos, artificialmente molhados, subia o aroma entontecedor de rosas que se abriam; e a lua quasi redonda, subindo sempre, fazia-se mais argentea no meio da noite fria. E produzia-se uma grande onda branca e impalpavel, cheia de doçura e tristeza, alguma coisa comparavel a um leite immaterial que inundava o conjuncto e espiritualisava os contornos. Esqueceram a palavra e o momento, até que um estremecimento de frio mais penetrante os despertou e os fez deixar a janella.

O *boudoir* abria em frente para elles as grandes azas de amor e de paz...

E ambos foram para aquelle ninho roseo e quente, attrahidos pela mesma fascinação com que a luz attrae a borboleta para queimar-lhe o pó dourado das azas; ambos chegaram alli como pela porta triumphal de um templo dourado, conduzidos pela eterna illusão dos sentidos que é o ultimo espinho do coração.

Elles penetraram no *boudoir*, onde o leito

se erguia com as azas de gase semelhando a uma nuvem, com a fascinação irresistivel dos abysmos. Ambos entraram com a presciencia de um goso sonhado em longas noites de vigilia, em demorados momentos de scismas: elle sequioso d'essa desconhecida attracção de um goso que lhe escapava como uma nevoa que se desfaz; ella, pobre ave timida que se agasalha debaixo das proprias azas, com o assombro das grandes fascinações desenhadas no seu olhar inquieto e scismador, com a illusão de um mundo ideial e incomprehensivel, cheio de rubras auroras de flôres desabrochadas, na convivencia feliz do ente eleito para companheiro de sua vida. O seu sonho alli estava, para ella, perfeito e completo: aquella alcova era a aurora do novo mundo que idealisara, era o céo almejado da felicidade que entrevira nos seus devaneios de donzella, era a porta phantastica por onde entrava com o coração nas mãos, para a nova existencia aonde ia ser esposa e depois ser mãe — para completar a sua missão na terra. Entre as quatro paredes, pois, d'aquella alcova, encerrava-se agora toda a sua vida, todo o seu mundo. Tudo que estivesse fóra d'alli agora, ella ignorava, porque só áquelle recinto adorado lhe pertencia toda a alma todo o seu ser.

Em principio, quando se acharam a sós, contemplaram-se mudos: admiravam-se talvez que o mundo que até alli os havia sempre se-

guido com o olhar, os tivesse por fim deixado, entregues a si mesmos, ao seu amor e ao silencio religioso d'aquelle *boudoir*, tão entrevisto nos sonhos côr de rosa, de tantas noites de scismas.

Ambos ficaram indecisos, um perante o outro. Tinham muito que dizer e não achavam palavras: tinham um mundo de pensamentos na cabeça e não achavam expressões para traduzil-os, e não encontravam phrases que os significassem.

Trémulo, Armando pegou nas mãos frias de Martha, e com a fronte junto á d'ella, de maneira que a sua noiva lhe seutia a respiração offegante, perguntou, com um sorriso, o que lhe tinha tantas vezes perguntado:

— Amas-me, Martha?

Ella suspendeu um pouco a fronte ruborisada, como admirando-se da pergunta, envolvendo-o n'um olhar meigo e demorado.

— Pois não sabes tanto como eu?

— Amas-me muito?

— Muito...

— Para sempre?

— Para toda a vida...

Armando esteve um momento calado, como concentrado...

— Como és bôa! eu não merecia! — acrescentou melancolico.

— Mereces, porque não? E eu amar-te-ei sempre, sempre...

E ella punha a convicção de toda a sua alma n'esta affirmação, no secreto presentimento que comsigo arrastava de que essa felicidade era enganadora e ficticia. Dizia «sempre, para todo sempre», repetindo o que tantas vezes affirmara como se quizesse agarrar essa sombra que parecia desvanecer-se. E pegou na mão de Armando, apertou-a contra o seu coração como para impedir que a creatura querida fugisse, tão fraco como ella ás vezes o presentia, tão alheio ao seu proprio amor e á sua propria ternura! Sentiu-o, agora, como em tantas outras vezes, alheiado e distante do proprio momento, e esta pungente verdade n'este supremo instante em que suas almas se fundiam, feriu-a como um acicate envenenado e atroz até o fundo de seu pobre coração. Ah! era a *outra*, a morta, que o roubava sempre, que o levava, que vinha da algidez do tumulo arrancal-o da maciez de seu seio, partindo aquella cadeia que ella queria fortificar pelos seus braços estendidos para receber e aniquilar-se na creatura amada.

Ergueu para elle de novo os olhos supplices e turvos de lagrimas, os grandes olhos admirados e cheios de interrogações dolorosas. E aquelles pobres olhos muito abertos, cheios de dôr e de duvida, fixava-os em Armando, como se fixasse a propria alma. Ella lhe offerecia a indulgencia, o amor, a paz, a ternura, todas as coisas infinitamente bôas, n'aquelle gesto

divino; mas sentia como nunca o amigo fechado n'um circulo de bronze, face a face com o seu peior inimigo que era o phantasma inerte que fazia com que todas as suas boas fontes interiores seccassem como coisas amaldiçoadas.

E repetiu balbuciante:

— Amo-te, amo-te, Armando! Porque o duvidas, porque dizes que não o mereces?

Mas dentro de si erguia-se um appello de desespero, um grito tremendo que ninguem ouvia: «que fizeste de mim e de minha felicidade?»

Armando suspirou inconsciente, alheio ao que se passava em volta de si, como seguindo com a vista a *nuance* de um sonhò...

— Como tu és boa! — disse simplesmente, sem achar mais que dizer. E depois voltando á realidade, como uma queixa, acrescentou:

— Amo-te, sim! ampara-me... consola-me...

E ficaram ainda um momento calados, absorvendo-se, um ao outro, com os olhos, emquanto tinham as mãos entrelaçadas.

Depois, na inconsciencia de todos os entes que se attrahem mutuamente, os seus labios uniram-se, e o som de um beijo rapido e ardente quebrou o silencio do *boudoir*. Esse beijo foi um prenuncio da primeira decepção para Armando. Elle o havia sonhado, nos devaneios do seu amor, um beijo doce e prolongado, expressão viva de todos os affectos santos, languido como o som melodioso arrancado

ás cordas de uma harpa; mas aquelle beijo, assim violento, foi, antes de tudo, arrancado pela força do instincto, determinado por uma impulsão inconsciente e automatica, explodindo á flor dos labios, ardente e irresistivel como uma cascata que se despenha, rapido como o commettimento de um crime. E recuou o rosto ante aquelle beijo arrancado assim á semelhança do osculo de Satanaz polluindo a creação, como se elle fôra o presentimento de uma realidade esmagadora, camartello inexoravel a pregar os ultimos andrajos de suas illusões.

Armando sentia essa presciencia pungente penetrar-lhe funda no coração, como a ponta aguda de um espinho. E que tremenda ironia de sua sorte, para elle que tanto tinha amado e que tanto tinha soffrido, que vinha exhausto de todas as amarguras pedir um consolo junto ao calor d'aquelle seio tão casto!

Quando pensava ter attingido áquelle sonho cujo objectivo tanto o martyrisára, descançar emfim a dolorida cabeça n'um regaço querido —uma previsão dolorosa que lhe salteava o espirito como um instincto, lhe parecia embargar o passo, tolhendo-lhe a entrada no magestoso sanctuario e apontando-lhe para essa estrada immensa e sinuosa que parecia ir dar ao infinito, perdendo-se na bruma do horisonte turvo, em busca d'essa felicidade que elle não encontrava na vida.

E aquelle beijo continuava a queimar-lhe os labios como um ferro em brasa, aquelle beijo *legal* que marcava um novo degráo em sua vida, abria-lhe as perspectivas d'um novo horisonte que elle sonhara azulado e se lhe apresentava com a vaga sombra que annuncia as tempestades longinquas.

Sobretudo creava uma repulsão inexplicada do momento, sentindo o peso da carne com seus instinctos infimos, o pavor das inevitaveis fatalidades que nascem das raizes mais profundas de nosso ser. Tinha sobretudo o sabor vago, vindo de longe, não sabia d'onde, da infinita tristeza physica dos nossos amores.

Agora, nas ideias confusas que se lhe atropellavam no cerebro, se lhe affigurava que elle não era victima senão do ludibrio do instincto, n'aquelle momento. A posse da creatura desejada, tão ao seu alcance, arrastava-o de novo e com maior violencia para longe; e a fórma incorporea de seu sonho a arrebatava nas suas grandes azas luminosas para a eterna ascensão do desconhecido.

Como elle desejaria agora afugentar essa realidade que o prendia em seus tentaculos, que o esmagava e o aniquilava no seu tremendo abraço de morte! Ah! volver ainda para as confidencias ternas, sob o clarão indeciso das estrellas; ouvir os mesmos juramentos repassados de ternura que Martha, nos seus extasis,

lhe balbuciara aos ouvidos; deixar-se emballar n'essa illusão acalentadora e terna — quanto elle não daria agora para conseguil-o, se possivel fosse retroceder as horas que para todo o sempre ficaram no irremediavel passado.

Recomeçar aquelle romance, recomeçal-o sempre, nunca dobrar a ultima pagina, o tremendo epilogo vasio que elle entrevia por entre uma nesga dolorosa de seu espirito — que felicidade e que consolo, que balsamo para esse seu coração incomprehendido de si proprio!

No meio d'essas dolorosas reflexões, a lamparina sobre o *toilette* vacillou e extinguiu-se — e uma grande sombra encheu todo o aposento mudo em que chegava apenas o *tic-tac* do relogio da sala visinha, vibrando alto como os dois corações que se interrogavam atravez da solidão d'aquella treva.

Armando inclinou-se suavemente para beijar de novo o rosto de Martha; e sentiu os olhos d'ella cheios de lagrimas, fixos n'elle como pedindo-lhe contas de sua felicidade.

Elle não pôde mais conter toda a onda que em si transbordava; e abraçou-a perdidamente, soluçando, o convulso rosto escondido... E soluçaram ambos, sem nada se dizerem, n'aquella soberana paz da noite envolvendo em seu seio aquellas nupcias dolorosas.

XVII

A datar do dia seguinte nenhuma allusão os dous desposados fizeram á extraordinaria scena da sua noite de nupcias; e é assim que os primeiros dias de noivado correram para elles como uma nuvem que deslisa... Se havia no coração de cada um alguma lagrima recondita procuravam recalcal-a, e a doçura dos sorrisos trocados occultavam-n'a, como a limpidez da superficie d'um lago que vela os detrictos em decomposição no fundo. Então as longas conversas, entremeadas de silencios, reticenciadas de olhares que se penetravam involuntariamente, os attrahiam um para o outro n'um dôce conchego, n'uma ancia de fazer o que elles suppunham a felicidade intima que nenhum ruido exterior vinha perturbar.

Martha fallava muito no seu futuro, os

olhos sonhadoramente erguidos, no futuro de ambos, tecendo phantasias ao capricho de sua imaginação romantica, ideialisando uma vida, sempre assim, pacifica, deslisando desconhecida do mundo, como um veio d'agua tranquillo que se insinúa em silencio sob a espessura da selva umbrosa... Teriam um filho, ah! um fedelho louro e brincalhão, sempre com um riso matinal a abrir-lhe a pequena bocca purpurina, a encher aquelle ninho com a alacridade das suas travessuras e com o echo exploente do seu riso argentino...

—Não imaginas que será sempre assim, uma vida feita de venturas para nós?—dizia ella com as mãos a apertar ternamente as do marido. Foi esta mesma a existencia que eu sonhei, que eu imaginei nos meus arroubos de moça.—E fazia-lhe juras como uma enamorada:—Tu não podes nunca avaliar o amor que te tenho! Amo-te tanto, Armando!—E continuava, os olhos velados d'uma sombra longinqua, vinda do desconhecido de sua alma:

—Agora, pertences-me e pertenço-te. Acredita que a eterna felicidade abrir-nos-ha para sempre o seu fecundo seio protector.

E affirmava isto n'uma convicção febril, cheia do vago instincto que a fazia agarrar-se ao ente amado, no insensato medo de o perder, que a cada momento a assaltava.

E como Armando não lhe respondia, dis-

trahido, a olhar para o alto, n'essa attitude que lhe era tão habitual e que Martha já não estranhava, ella proseguia pegando-lhe com mais força nas mãos, e apertando-lh'as ao coração, com affecto, com que ella parecia sempre defender-se e defendel-o do invisivel perigo:

— E' verdade que só os que amam é que são felizes, não é, Armando? Só o coração é capaz de conservar-se joven quando tudo em nós tem envelhecido, quando o proprio corpo se curva para o tumulo...

A's horas da tarde, Armando e Martha desciam para o jardim, se o tempo o permittia, porque as chuvas de inverno já se faziam sentir com rigor em pingos grossos, acompanhados da ventania que açoutava rudemente as vidraças das janellas.

N'essas tardes de verão que já iam rareando, infelizmente para elles, que gostavam de gosar as horas do crepusculo, alli ao ar livre, quando o azul do ceu ia morrendo, Armando colhia rosas para Martha, enchendo-lhe, por gracejo, o collo e o cabello de flôres. E proclamava-a formosa assim, todo enthusiasta. Depois, por distracção, punha-se a aparar os galhos velhos das roseiras e a regar com paciencia as plantas, chegando-lhes terra aos pés, com um carinho amigo.

Feito isto, vinha sentar-se n'um dos caramanchões, levemente fatigado, e punha-se a

brincar com as tranças de Martha, dizendo-lhe galanteios que a faziam rir muito, ás vezes levemente ruborisar. Nas tardes de inverno, accesa a luz mais cêdo que de costume, elles ficavam n'um *tête-à-tête* delicioso, lendo paginas de livros romanticos, traduzindo Musset e Victor Hugo. Depois ao piano, Martha tocava alguma cousa que lhes fallasse ás almas ou então Armando recitava gravemente uns trechos bonitos das *Contemplações*.

Martha gostava immenso de ouvir a voz de seu marido, unctuosa e cheia de uma gravidade penetrante, ir desfiando versos que, pouco a pouco, a enchiam de um vago enleio, toda ella cheia de subtil nostalgia. Para recitar, ella pedia-lhe sempre versos do seu adorado Hugo, e nunca se cançava de ouvir Armando repetir, com a sua voz suggestiva que lhe vibrava n'alma como uma orchestra etherea:

«Ella uma tarde disse-me sorrindo:
Porque olhas tu o azul do céu, pasmado,
Se o astro d'ouro surge immaculado,
Se a sombra se ergue ao immenso espaço infindo?!
Que fazem lá teus olhos que eu reclamo?
Ah! deixa o céo: vê que te adoro e te amo!»

Muitas vezes, depois que elle havia terminado, ella pedia-lhe com muita insistencia que lhe recitasse de novo a segunda estrophe.

Ah! a segunda estrophe era linda! não ha-

via nada comparavel áquillo! — e tinha enthusiasmos sinceros ao dizel-o.

E se Armando recalcitrava, fingindo que aquillo lhe era enorme caceteação, Martha levantava-se muito séria e amuada, do piano, indo sentar-se para um canto.

— Pois acabou-se! — concluia. — Já não está aqui quem te pediu!

E ficava a olhar para o tecto, cabeçuda, como quem não ligava mais importancia ao que se passava.

Armando ia buscal-a, solicito, pedindo-lhe que voltasse ao piano. E fingia zangar-se tambem cheio de adoraveis reprehensões.

Ora essa! Tambem não precisava que ella se amuasse por tão pouco! Viesse tocar que elle recitaria de novo a estrophe pedida.

Martha voltava ao piano, e, emquanto lá fóra a chuva fustigava as vidraças, a voz de Armando soava de novo no ambiente morno, fazendo resurgir a alma sonhadora dos versos de Hugo:

«No infinito onde em mysticos desejos
Teu olhar sóbe e busca um paraiso,
O que encontras que valha o meu sorriso,
Que descobres que valha os nossos beijos?
E' nada o azul do ceu — e já disseste,
O azul que tenho n'alma é mais celeste!

Martha abraçava-lhe a cabeça, beijando-o na fronte maternalmente, fazia-lhe recitar ainda alguma cousa...

Estavam alli tão sós!... Não faziam mal essas loucuras...

A creada servia-lhes o chá alli mesmo, junto ao piano, n'uma mesinha portatil. Martha mettia torradas na bocca de Armando e bebia chá na chicara d'elle, trocando-a n'um movimento de descuido, para logral-o. E ria-se do gracejo, toda ella cheia de adoravel infantilidade.

Depois do chá, ficavam a conversar defronte um do outro, como dous amigos serios, fallando em projectos de futuro, no filho que com certeza viria preencher um logar vasio que elles presentiam, ao lado de sua felicidade.

— Assim estamos tão sós, não achas, Armando? — perguntava Martha com a sua voz de uma melodia grave e doce.

— Eu penso muitas vezes que a nossa felicidade será mais perfeita, e mais completa, quando tivermos, ao nosso lado, um anjinho louro. — E discreteava mais largamente. — Que lindo ouvil-o chamar *papá* e *mamã!*...

Que jubilo para elles contemplar esse fructo abençoado, vêl-o sorrir como os amores vermelhos, abrir os braços para o seio materno, afastando com a sua alacridade as horas de tristeza, e dormir innocente ao collo, embalado pelas mesmas velhas cantigas que os haviam adormecido na infancia... — Será muita a nossa alegria, não é assim, Armando? — interrogava ella, os olhos cheios de ancias.

Armando sorria distrahido approvando o que dizia Martha, e dando-lhe um beijo muito casto na mão.

Mas atravez de tudo, como uma *nuance* quasi imperceptivel, pouco a pouco, uma nuvem se ia formando em seu coração.

Desde a noute do noivado, ella lhe apparecera atravez do primeiro beijo que imprimira nos labios de sua mulher, e ia crescendo aos poucos, quasi subtilmente, tomando o espaço azul do céo da lua de mel. Armando reconhecia no phenomeno as manifestações do espirito subordinadas a um estado physico – as manifestações instantaneas produzidas por uma causa que mal se percebeu e que se não chegou a evidenciar e que encontra origem n'esse lodo de egoismo que é o fundo das almas a que torna inuteis tantos esforços moraes.

Muitas vezes, no alto mar, o céo está puro, os horisontes dilatam-se, transparentes, e nenhuma nuvem tolda o infinito. Entretanto atravez d'essa calma apparente dos elementos, o marinheiro experimentado, sondando os horisontes claros, divulga com o instrumento nos olhos, uma mancha, para os outros, imperceptivel, que emerge muito ao longe, mais semelhando o fumo, que a fórma de um nevoeiro... O signal não o engana, como não o illude o aspecto bello do céo, e a calma da natureza: é a tempestade que vem longe, que vai avi-

sinhar-se e cahir em pouco para arrancar d'aquella serenidade o turbilhão das ondas revoltas. Effectivamente, a mancha imperceptivel avoluma-se, cerra os horisontes ha pouco limpidos, n'uma massa negra, avança prodigiosamente sobre o alto do ceu, e então desencadeia-se a lucta tremenda dos elementos.

Era esse ponto quasi imperceptivel, essa nuvem longinqua que Armando divisava no céo límpido d'essa grande paz em que seus dias agora deslisavam.

Elle tinha um vago presentimento que o affligia, que essa nuvem havia de avolumar-se, como succede no mar, cobrir pouco a pouco os horisontes do seu coração, e desencadeiando a lucta dentro d'elle, fazel-o de uma vez naufragar de encontro aos perigosos escolhos entre os quaes oscillara sua vida como um joguete do destino, pendulo cansado de oscillar entre a dôr e um sonho nunca realisado.

E lembrava-se então d'aquellas palavras que Martha lhe dissera um dia, talvez por uma paixão de momento, por um capricho feminino, mas que deviam encerrar uma grande verdade que elle, agora, temia devassar: «Quem sabe? o coração humano é um enygma!»

Sim! quem sabia? Elle vivera uma mocidade inteira a estudar-se, a sondar o que era, o que queria, o que aspirava; e o tormento da dúvida o acompanhara por toda a parte, o co-

ração sangrara eternamente, insaciado, pedindo um goso que elle não podia sonhar onde existia, exigindo uma felicidade que elle ignorava, ou que tinha sepultado dentro em si sem saber aonde...

Ah! era mesmo um enygma o coração humano, ou o seu proprio coração! Quando elle invocara, com todas as potencias d'alma, a recordação do seu passado, para o seu espirito continuar a viver da aspiração estranha que o alimentara—uma força imperiosa e irresistivel, que residia em sua propria natureza, lhe fizera fechar os olhos a todo esse passado, esquecel-o, abysmal-o, amortalhal-o no olvido! Agora que o queria esquecer para sempre, para existir sómente da felicidade de que resurgira uma nova primavera no seu coração, esse passado vinha de envolta com a morbidez de suas ideias, como uma fórma incorporea, emergindo vagarosamente no seu espirito como uma interrogação pungente, levantando-se dentro em sua alma á semelhança de um crepusculo silencioso, amortecendo a luz aos poucos, que ameaçava de longe envolvel-o n'uma sombra impenetravel...

Positivamente, Armando percebia, atravez de tudo isto, que era um homem differente dos outros, que era um ser extraordinario, que era um aleijão moral... Era a aspera sensação que a alguem invadisse, de se achar consciente e

vivo no fundo d'um abysmo d'onde jamais sahiria.

Agora, esse novo desdobramento do seu espirito, essa tendencia estranha que elle apenas ousava presentir, não tinha mais o caracter das impressões relativamente nitidas de outr'ora. Elle não desejava, por si, realmente mais nada; sentia apenas que lhe faltava alguma cousa, que uma nostalgia indefinida o abraçava todo, e lhe enchia o espirito. Já não era a aldeia, já não era a sombra adorada de *Yú*, já não eram os sonhos extinctos: era tudo ao mesmo tempo, sem côr fixa, um desejar ignoto enchendo-lhe o coração, como um sombrio pélago impenetravel.

Emergia-lhe do fundo d'alma alguma coisa cheia de brumas, sem existencia real, n'uma visão transcendente e ficticia, tal se aos seus olhos surgissem as imagens do Apocalypse. Era um desejo de ser o que não era, de viver, em espirito, distante de si mesmo, de subir para o alto, em procura de uma fôrma etherea que lhe escapava, como as azas phantasticas d'uma ave fugindo em busca d'um paiz encantado.

Era um desprendimento completo da terra, uma somnolenta cantiga de adeuses que enchia o coração de uma essencia immortal...

O mundo inteiro parecia-lhe pequeno para caber a grandeza do que queria, mesmo sem saber o que desejava. Via que a sua aspiração pairava no alto, espiritualisada e intangivel, na

fórma immaterial de um sonho transcendente e irrealisavel na terra. E a ideia se objectivava concretisando-se tal se fôra um nevoeiro movel sobre um fundo de vasa. N'isto sentia o phenomeno bizarro das fermentações das coisas obscuras e contrarias que moravam no fundo do seu sêr, n'um perpetuo conflicto rebelde a todo o dominio. A vida appareceu-lhe então como visão bizarramente monstruosa, com todo seu miseravel cortejo—a demencia, a pobreza, a cegueira, as desgraçadas paixões, a agitação obscura das forças bestiaes e atavicas que a impellem e nos levam de roldão para um desconhecido calvario.

Todavia, elle procurava occultar o mais possivel de Martha estes sentimentos inexplicaveis cujo conhecimento fal-a-ia soffrer muito. Mesmo junto d'ella, ás vezes, esquecia-os, procurando convencer-se que era feliz, que tudo aquillo era um estado morbido que passaria, que não precisava de mais nada, que tinha attingido á realisação da felicidade aspirada, em todos os anceios incontidos e surprehendentes da sua alma.

Sómente quando ella se punha a fallar ao lado do piano, nos seus projectos de futuro e elle tambem, para satisfazel-a, acompanhava-a no seu enthusiasmo—dentro em seu intimo surgia, como uma sombra, um presentimento confuso e tremendo de que nada d'aquillo se realisaria, que elle embalde tentaria buscar o

porto longinquo d'essa felicidade, em busca da qual elle tinha vindo até alli, cansado e exhausto das asperezas do longo e martyrisado caminho percorrido. Sua alma se reduzia a uma pobre coisa amarfanhada sobre a oppressão da vida, tal o vencido miseravel que treme ante a implacavel vingança do vencedor.

Alguem, que não fosse Martha, indagaria dos seus longos silencios... Ella porém tinha-se habituado a esse estado de Armando que sempre lhe apparecera cam a fronte annuviada de scismas, como se um crepusculo eterno lhe envolvesse a vida, atravez de todas as venturas.

Passadas algumas semanas de noivado, o desembargador veiu á casa de Armando reclamar contra o exclusivismo a que este se remettera, depois de casado — reprimenda que ia tambem com endereço a Martha.

Mas que diabo! — commentara o desembargador bamboleando philosophicamente a perna defronte dos noivos — realmente não se commentava o procedimento d'elles... Lá entre a roda intima, fallava-se muito d'isto, reparando... O estimavel dr. Thompson lamentava sinceramente a ausencia do Armando ás *soirées*... Tinha escripto ultimamente um bonito artigo — oh! muito bonito! — sobre a pluralidade dos mundos, e queria lel-o a todos os amigos reunidos... M.lle Marie estava igualmente muito queixosa de Martha porque não

*

tinha ainda ido vel-a. O Torres, esse promettera vir vel-os no dia seguinte. Era preciso menos egoismo! — fôra a conclusão do desembargador. entre gracejo e reprehensão.

Armando e Martha desculparam-se como puderam, apresentando pretextos acceitaveis.

Ah! tinham tido visitas em muitas noites, de pessoas de ceremonia que sempre sahiam a certas horas já inconvenientes para que elles podessem sahir. Nas outras noites tinha sempre feito mau tempo, de maneira que tinham-se visto em verdadeira impossibilidade de ir até lá como aliás desejavam. E prometteram apparecer na primeira opportunidade...

Armando passou a perguntar ao desembargador como iam os negocios do dr. Araujinho relativamente á banca de advogado na Rua do Imperador. Como elle não tinha ainda sahido. não podera indagar; e depois estava a esperar que o Araujinho fosse dizer-lhe alguma cousa a respeito.

O Desembargador affirmou-lhe que era coisa para poucos dias. Acreditava que o Araujinho andava primeiro a fazer certos arranjos:.. O nosso fôro era assim uma teia um tanto complicada que não dependia o bom successo, sómente das habilitações do novato... Eram precisos certos requisitos, uma pontinha de politicagem, movendo tudo, como o motor de um grande mechanismo, sem o qual baqueavam to-

dos os esforços... Era preciso entrar com o pé direito, e sem o espirito partidario dava-se sempre o primeiro passo com o pé esquerdo. O Araujinho viria vel-o para combinarem as coisas...

Armando esteve perguntando por outros intimos: o padre Souza, o Amadeu, o Deoclecio...

E a proposito: sabia alguma coisa do Regadas? Tinha apparecido?

O Desembargador explicou que o Regadas tinha voltado lá ainda uma vez, mas que por questões de escola, sahira brigado com o Torres.

— Dois extremados impossiveis — disse o pai de Martha. Nenhum cede nem ao menos um apice de suas opiniões. O discipulo de Zola é tão intransigente como o amigo de Hugo. Era de esperar que não se entendessem e effectivamente não se entenderam.

Quando o Desembargador sahiu, Armando e Martha, acompanhando-o, fizeram-lhe a promessa de que appareceriam muito breve.

O Desembargador rematou com ares paternos, batendo no hombro de Armando:

— Sim senhor! E' preciso que sáiam, que vão ver os amigos. Tambem a gente não se casa para viver assim n'esse isolamento, afastado de todos quantos nos estimam. Appareçam e deixem a preguiça!

N'essa noute, Armando e Martha concerta-

ram um novo plano de vida. Iriam dar um passeio todas as tardes ahi pelas estradas, quando o tempo estivesse favoravel... Fariam a sua reunião de intimos nas quintas feiras para contrabalançar com o desembargador... Iriam aos domingos ás *soirées* do *velho* para evitar as queixas e tambem para prevenir a certos amigos d'aquella resolução.

Martha recordou-se de algumas pessoas que podiam dar ás suas reuniões um tom mais forte de mocidade e alegria do que se notava nas de seu pai. A Jovita, por exemplo, e as Mendoncinhas da rua Velha, eram uma boa acquisição.

O que era preciso evitar eram as irmãs Figueiredo, que Martha, em seu espirito elevado, aborrecia. Oh! umas intrujonas que eram a chronica escandalosa da cidade!

Armando lembrou tambem uma irmã do Torres, moça educada e de espirito... Foralhe apresentado ha algum tempo. Oh! uma bella alma recta e instruida!

— Pois estamos combinados — concluiu Martha com alacridade — assim, pelo menos, satisfaremos a meu pae e a certos amigos a quem não pudermos visitar com assiduidade... Depois é mesmo preciso sahir, a gente, para colher impressões novas.

E ficaram a discutir sobre certos amigos.

— Felizmente eu acho que o dr. Thompson não virá — disse Martha com ironia. — E' muito

pesado para reuniões d'essa ordem... Muita sciencia e pouco espirito; muita palavra e pouca arte...

Armando riu-se com a sahida de Martha mas não pôde deixar de fazer objecções.

Ah! mas não podiam deixar de convidal-o... Era um velho amigo da casa e tornava-se imprescindivel tolerar o peso de sua sciencia... O Torres era outro indispensavel. Tinha lá uma dose de pedantismo a seu modo, o que afinal até divertia.

Martha não sympathisava muito com o Torres. Achava-o intoleravel nos ares de sufficiencia com que se encadernava. Havia occasiões em que o achava simplesmente detestavel! M.lle Marie — referiu — é que tinha por elle umas sympathias especiaes...

Todavia combinaram em chamar todos, com exclusão apenas das Figueiredo.

XVIII

No dia seguinte, o Torres veiu visitar a Armando. Este e Martha faziam um bocado de musica, pelas sete horas da noute, quando o litterato chegou com grande alarde e as exclamações que tão familiares lhe eram.

—Oh, menino!—disse elle com os braços no ar, para Armando—ha que bandão de tempo ninguem te põe os olhos em cima!

E dirigindo-se para Martha, todo cortez, com o monoculo no olho, concluiu com uma curvatura estudada:—Deixe que brigue com seu marido, minha senhora! Deixe que brigue, porque elle está um relapso de primeira ordem...

Armando e Martha desculparam-se, rindo-se com os desembaraços do Torres que fingia indignação.

—Está um selvagem, o Armando! bem di-

zia antigamente o Alberto, que o nosso Armando era um selvagem!

Armando, em desforra, annunciou com alvoroço, para provar a falsidade das allegações do amigo, o que elle tinha resolvido na vespera, de accordo com Martha. Iriam receber ás quintas feiras, em *soirées* intimas, os velhos amigos, e alli poderiam reunir-se n'um mesmo amplexo, a sciencia do dr. Thompson com a arte do amigo Torres, as palavras sensatas do desembargador com as modinhas da Jovita ou das Mendoncinhas da rua Velha.

Que achava o amigo?

O Torres deu um salto da cadeira, todo exploente de jubilos ruidosos, endireitando o monoculo.

O que achava?! pois isso era lá cousa que ainda se perguntasse? O plano era simplesmente pyramidal! Cavaquear-se aos domingos nas salas do desembargador e ás quintas em casa do amigo Armando, isso era mesmo de encher as medidas! Felizmente já elle ia tendo n'esse insipido Recife, onde discretear sensatamente n'uma bella prosa artistica, duas vezes por semana! Isto já excedia os seus calculos, n'uma terra onde a politicagem dominava todos os espiritos, onde ninguem tinha amor á arte, nem promovia taes reuniões de selectos espiritos que tanto concorriam para apertar laços de mutuas sympathias e para elevar o senso artistico de cada um e da collectividade.

E levantando-se da cadeira, veio apertar effusivamente as mãos de Armando.

— Deixa que te aperte as mãos, menino! Não podias ter uma ideia mais luminosa e que vai rehabilitar-te perante os teus amigos que já se julgavam, com muito boas razões, excommungados por ti. Sim senhor! Assim, sim!

— Agora — disse Armando — é preciso que se consiga reunir um numero selecto, mas onde não haja tanta gente *pesada* como nas *soirées* do desembargador. E' preciso dar mais vivacidade ás nossas reuniões, e por isto eu tenho pensado em algumas pessoas mais, em alguns moços de espirito...

O Torres approvava com enthusiasmo o plano de Armando, batendo-lhe familiarmente no hombro.

Perfeitamente... elle tambem pensava assim. Sobretudo era preciso, mesmo por decencia, que não tivesse entrada alli o gamão do Amadeu. Ah! que aquillo só o desembargador tolerava! Depois, um estupido e um semsaborão de força... Uma cousa ruim, afinal...

O Torres gosava aquelle momento em que podia livremente descarregar todo o peso de sua cólera sobre o nogociante que o tinha enganado no negocio das acções do *Recife litterario*.

— Olha, se não fôra aquella besta — e pediu licença a Martha para deixar passar o termo —

já estaria na rua o meu *Recife litterario*, e a tua biographia, inclusivè... Mas voltando á *vacca fria:* é bem pensado que as tuas reuniões tenham um ar de vivacidade que não ficava muito bem nos velhos salões do desembargador, mas que aqui assenta perfeitamente.

E chupava o charuto, atirando a fumaça para o alto, ante-gosando as *soirées* do Armando em que teria mais opportunidade de palestrar sobre arte com M.lle Marie, ao clarão pallido das estrellas.

—Eu tinha pensado—voltou Armando—em certas pessoas para amenisar-nos um pouco as reuniões...

—Gente de espirito é que serve, meu amigo—sentenciou gravemente o Torres, com a perna traçada—gente de espirito, como M.lle Marie. Ah! com esta é que se pode dar um cavaco...

—Por exemplo—insistiu Armando—a tua irmã Luiza bem devia ser uma das nossas... Podias trazel-a por cá, ás quintas... E' verdade que ha muito tempo não a vejo, desde a occasião em que m'a apresentaste. Pareceu-me então uma moça de espirito distincto.

—Ah, muito! muito regularmente educada, porque não limitou-se relesmente a tocar uma valsinha ao piano e a ler versos sentimentaes de Casimiro de Abreu. Ella adora os bons poetas, os modernos, lê os melhores auctores e tem ideias suas. Hei de ver se a comsigo trazer por

cá para te ser agradavel. Um tanto inimiga de sahir, porque por vezes tentei infructiferamente leval-a ás *soirées* do Desembargador. Mas dir-lhe-ei que tu fazes empenho, e ella virá.

E o Torres aproveitou a opportunidade para um desabafo. O que se tornava preciso era excluir as Figueiredo. Oh! uma indecencia e um insulto á arte!

Armando approvou, passando a tratar de outros assumptos, indagando ao Torres pelos seus planos intellectúaes sobre que o litterato fallou com ares graves.

Ah! Os *Antros do Recife* iam muito adiantados! Escrevia agora uma parte de verdadeira sensação! Não tinha lido o *Novidades* do sabbado ultimo?

Armando não tinha lido...

--Pois nunca lês nada, creatura! Vives aqui encafuado e alheio completamente ao movimento litterario!

E explicou o caso, vaidosamente:

O *Novidades* tinha dado uma noticia de luxo que elle havia remettido para o mestre Zola, de quem continuava a esperar o prologo para a obra que faria sensação. A *Contemporanea*, uma revista de gente seria, havia promettido a elle, pelo orgão de um dos seus collaboradores, um rachitico de *pince-nez*, que havia de transcrever-lhe a noticia.

E depois de ter procurado, entre os papeis

do bolso um retalho de jornal, voltou-se novamente para Armando, aproximando a cadeira:

— Ouve lá. Afinal foi bom que me tocasses no assumpto:

«O nosso distincto amigo e litterato, o snr. Joviniano Torres, nome bastante festejado entre os nossos cultores de lettras, está a terminar o ultimo capitulo da sua annunciada e magnifica obra — *Antros do Recife.*

«Temos lido os ultimos capitulos que, podemos assegurar aos nossos leitores, são de uma grande elevação de ideias.

«Vá, pois, o publico ficando na espectativa de saborear mais um bom manjar... litterario do nosso amigo e distincto litterato, o sr. Torres, cujo nome, é entre o nosso meio, tão justamente festejado.»

— Então? — disse o litterato concluindo a leitura, triumphante, entalando o monoculo no olho — não achas que isto já vale uma compensação ás injurias dos meus gratuitos desaffectos? Não achas que isso deve ser transcripto na *Contemporanea?* E' sempre uma cartada...

Armando achava que em logar de transcrever, seria muito melhor que a *Contemporanea* désse alguma noticia como cousa da redacção. Sempre dava mais alguma importancia...

O Torres concordou, ficando certo de no dia seguinte procurar o tal collaborador do *pince-nez.*

Ah! não se recordava do nome... Era aliás um moço muito conhecido aqui no *meio*, um rapaz que diziam ter o seu talento e preparo.

E passeando triumphante na sala, com o retalho do jornal na mão, como um trophéo ganho á custa de uma renhida batalha, ia illustrando o caso com os seus commentarios.

Sempre era muito grato áquella rapaziada do *Novidades*... Porque é que o Armando não assignava o jornal? Elle tinha interesse em que se protegesse a empreza, e mil reis por mez não quebravam ninguem, claramente!

E foi tomando nota na carteira, da assignatura.

Pois, que diabo! era preciso que o amigo Armando estivesse a par do que se passava pelo mundo litterario. Porque não se commentava tal — decidia — por cousas que tanto deviam interessal-o. Ninguem se casava para se excluir do mundo. — E voltou ao seu assumpto predilecto.

— Havemos de ver o que dizem os meus adversarios a isto! — concluiu o Torres agitando no ar o tropheu d'aquelle pedaço de jornal — havemos de vêr! Com que cara ficaria o toleirão do Regadas?

E muito em frente a Armando, com as mãos nos bolsos, o Torres proseguiu com emphase:

Pois o amigo não sabia da empafia do Regadas? Não tinha querido o idiota impingir-

lhe as massadas do Casimiro de Abreu, e as tiradas do romanticismo que tinham ficado para sempre condemnadas pelos espiritos superiores e estudiosos? Vira-se nunca maior toleima e maior pretenção? — E com um gesto de supremo desdem, atirou o charuto para um lado.

— Realmente era querer caçoar com a seriedade alheia!

Depois de lançar toda a sua bilis sobre a caturrice do Regadas, o Torres sahiu, tendo combinado definitivamente trazer a Luiza na primeira *soirée* do amigo, a quem deu um — *até breve*, muito forte, curvando-se até o chão diante de Martha:

— A's ordens de V. Ex.ª.

E do lado de fóra ainda, gritou para Armando:

— Vê o teu melhor retrato para o *Recife litterario!*

No dia subsequente, que era domingo, Armando e Martha foram á casa do desembargador afim de convidar os amigos d'alli para as suas reuniões.

A' hora que chegaram, estavam presentes quasi todos os *habitués*, n'uma animação extraordinaria. O dr. Thompson, o desembargador e o padre Santos sustentavam uma discussão renhidissima sobre a lua! E atravéz da

vozearia distinguia-se claramente a voz de falsete do padre Sousa, apopletico diante de Amadeu, berrando por *quinas*.

M.lle Marie que conversava, como de costume, com o Torres, foi a primeira a vel-os, e veio pressurosa ao seu encontro.

— *Comment! C'est vous!*

Armando respondeu rindo que era elle mesmo em pessoa, e atirou uma formidavel *boa noite* para os lados, que fez suspender as attenções geraes, e os proprios *copos* do indefectivel padre Sousa.

Todos fizeram um circulo em roda dos recem-chegados, saudando-os pelo seu reapparecimento ás tradiccionaes *soirées*.

— Pois não imagina a sua ausencia como foi aqui sentida! — affirmou o sabio discipulo de Flammarion, com veneravel auctoridade, atravez dos oculos. — Não pode mesmo imaginal-o, o meu talentoso amigo! Agora mesmo discursavamos sobre um ponto litigioso da lua, e a sua opinião sempre será acolhida com todo respeito para elucidar a questão. Vá fazer as suas saudações aos amigos todos, e volte depois para discutir comnosco esse ponto que é interessantissimo.

O padre Souza tinha deixado um instante o gamão, e veiu com o enorme lenço na mão, assoando-se estrondosamente, ao encontro de Armando, com os braços abertos.

— Com que então afinal o doutor deu-nos hoje o prazer... Pois olhe que eu que aqui não cuido em outra cousa senão em jogar alli com o Amadeu as minhas partidas, já tinha sentido, palavra de honra, muito a falta de sua pessoa.

De longe a firma commercial com o gamão nas pernas, fazia um cumprimento rasgado perguntando, «como tinha passado a nobre pessoa do sr. dr. Armando.»

Armando fallou com todos, trocando amabilidades para os lados, e perguntou pelo Alberto, «em quem não tinha posto os olhos desde o dia do seu casamento.»

O Desembargador explicou que Alberto tambem alli não apparecera desde aquelle dia, e concluiu com a sua imperturbavel bonhomia que eram necessariamente novas *bilontragens* em que elle se achava mettido.

O Torres, logo que pôde, chamou Armando para o vão de uma janella, com ares jubilosos. Tinha lá certas cousas para dizer ao amigo, que lhe valeram um alegrão desde o dia precedente.

— Sabes? estou cá com muito boas esperanças de ver em breve na rua o meu *Recife litterario*. Um meu amigo, muito relacionado no commercio, prometteu-me arranjar uns doze accionistas, gente que pode botar logo o cobre para alli... Podes imaginar que com esse recurso, já a cousa começará com um certo equi-

librio. Isso ia pensando eu, emquanto lhe pagava o jantar — um jantar de luxo no *Hotel de France*... Que achas, então? a cousa não vai de vento em pôpa?

Sim! Armando achava que, realmente, se esse rapaz era assim relacionado no commercio...

— Se era! relacionadissimo, menino! Bem sabes que aqui nas minhas ventas não ha quem passe pomada... Eu cá tenho faro dos typos exploradores e tambem das pessoas sérias... Tu conheces-me bem e sabes perfeitamente d'isto.

O Torres esteve a gosar a impressão que as suas palavras poderiam causar no animo do amigo, e depois, como recordando-se de outro facto, accrescentou:

— Ah! outra muito boa para contar-te e que já me ia passando... Hoje, ao sahir da missa das onze na Boa Vista — aquella era a missa das pessoas de *bom tom!* — encontrei-me com o tal collaborador da *Contemporanea*, o do *pince-nez*, e fallei-lhe sobre o negocio da noticia a respeito dos *Antros do Recife*. Ponderei-lhe que em logar de transcrever, era muito preferivel que a revista desse uma noticia por conta da redacção. Isto dava mais nas vistas... — accrescentei-lhe.

O rapaz não pôde resolver de prompto. Como era unicamente um collaborador, tinha escrupulos de prometter. Todavia, por ser amigo

do redactor-chefe, chamou-me a casa d'elle alli perto, para conversarmos a respeito. Lá, o chefe recebeu-me com uma amabilidade extraordinaria e assegurou-me immediatamente fazer o que eu lhe pedia com toda a boa vontade... Sómente em recompensa, exigiu-me uma cousa: como eu tinha tão boas relações no *Novidades*, não me esquecesse, de quando em vez, de pregar um reclamosinho á *Contemporanea*... «Bem sabes — disse-me elle — que nós, os da vida das lettras, tiramos muito bom partido com esses elogios mutuos, o que afinal nada ha de mais acceitavel e mais racional... Eu tenho talento e tu o dizes; tu tens igual talento, e eu o proclamo, porque não podemos fazel-o de bocca propria...»

XIX

A primeira reunião em casa de Armando realisou-se na quinta feira seguinte, como fôra seu desejo.

Logo pelas sete horas da noite o salão destinado á recepção, começou a animar-se com a palestra dos amigos que iam chegando.

O dr. Thompson foi dos primeiros a chegar, contra as previsões de Martha; e entrou grave e solemne, alçando os oculos veneraveis para o alto, como homem superior que tinha o pensamento preso aos astros.

—Reflectindo bem, meu talentoso amigo—disse elle depois dos cumprimentos do estylo, com a mão familiarmente pelo hombro de Armando,—sou obrigado agora a pôr embargos ás minhas opiniões a respeito da lua. Bem dizem que da discussão nasce a luz no espirito, e

é uma grande verdade. No outro dia, quando debati com o respeitavel senhor padre Santos, fiquei cá com os meus botões a pensar no caso, e a pesar as palavras do meu glorioso Mestre — e curvou a fronte veneranda, com fulgurações nos oculos. — Ora, nós sabemos que, dos dois hemispherios da lua, tão distinctos entre si, um vive eternamente voltado para nós, ao passo que o outro, nunca o poderão contemplar os nossos olhos, salvo se, por uma revolução no espaço, esse corpo celeste deixasse de ser nosso satellite. Ao contrario da theoria de Huggens, que admittia que as partes mais pesadas haviam sido lançadas, desde a sua origem, no lado invisivel, isto pelo effeito da força centrifuga, o Mestre opina que, em virtude da attracção da terra, as materias mais pezadas da lua occupam o hemispherio visivel, emquanto que os elementos mais ligeiros, os liquidos e os fluidos, passaram a occupar a parte que nos é invisivel. Estabelecido isto, temos que, havendo duas naturezas essencialmente distinctas n'aquelle satellite, e não existindo no hemispherio visivel, nem atmosphera, nem liquidos aquosos, pela ausencia da pressão atmospherica, imprescindivel para manter a sua existencia, poder-se-ia concluir que pela constituição do hemispherio invisivel que póde ter uma certa atmosphera, pela sua differença de natureza, opposta ao outro hemispherio, seria licito con-

cluir, repito, que ahi poderiam viver sêres muito approximados aos habitantes da terra. Não acha o meu amigo, este, um raciocinio de fazer embatucar?—perguntou o dr. Thompson, grave, com as mãos nos bolsos, e os labios tremulos de ardor scientifico.

N'esse momento, as Mendoncinhas da rua Velha, que acabavam de chegar, enchiam a sala com a sua alacridade. Armando pediu permissão, e foi recebel-as amavelmente.

Sim, senhoras! assim é que gostava de vêr cumprir promessas!

Anna Mendonça, a mais velha, tomou a palavra, e declarou que realmente só tinham vindo por ser a convite do doutor, ao qual não faltariam por maneira alguma... Até umas visinhas haviam ficado massadas com ellas, porque não tinham querido acompanhal-as para irem vêr um *sereno* de casamento, na rua da Gloria.

—Ah, é verdade!—confirmou Zuca, a mais moça, despregando do cabello o grampo do chapéo—zangaram-se, porque nem ao menos foi uma de nós, e porque lhes dissemos francamente que não iriamos faltar ao dr. Armando.

O Mendonça, pái das moças, um empregado publico aposentado, ria-se com ingenua bonhomia, emquanto Armando lhe tomava delicadamente o chapéo e a bengala, com muitas gentilezas para as moças.

—Pois muito agradecido, minhas senhoras, pela attenção que tiveram.

Outras pessoas chegaram: o desembargador, sua mulher e M.lle Marie que foram recebidos com alvoroço da parte de Martha.

Logo após chegou a D. Fracisquinha, antigo conhecimento de Martha, que de longe em longe a visitava em casa de seus paes. Alta e esguia, com quarenta annos provaveis, porém de idade indefinivel pela physionomia, D. Francisquinha era professora de uma escóla mixta, toda ella sibilante e rescendendo a compendios de grammatica. Na idade em que as mulheres se desilludem do casamento e se vingam em mordacidades, sem mais as saliencias a que o seu forçado desconhecimento do homem a reduzira, já quasi sem seios e sem quadris, toda ella, na sua feialdade esteril, respirava a sachristias e a beatices, os olhos cheios de amargos desenganos e cansados da longa espera de um casamento que nunca lhe chegara.

Só agora viera visitar a Martha, desde o casamento d'esta, sendo portanto uma pessoa eventual á *soirée*. E entrou cheia de acanhamento por encontrar tantas pessoas de ceremonias, para ella...

—Ora, ponha-se á vontade!—disse-lhe Martha—e apresentou-a a algumas pessoas que lhe eram desconhecidas.

Em seguida, Martha, por attenção especial, chamou-a junto de si, para conversarem um momento a um canto. E interrogou-a sobre a

sua vida — pois não a via desde as ultimas férias, — se tinha muitos meninos a aula. Por fim, quando se casava?

D. Francisquinha fez gestos desolados, abanando a cabeça com seu ar de desenganos.

— Casar, para que? Não, minha filha, já estou muito velha para isso... — E animou-se depois, os olhos cheios d'uma ligeira chamma meio-extincta. — Ah! sim! n'outros tempos ella tivera alguns bons partidos, mas sempre lhe repugnara o casamento, pois então? Assim solteira, era livre, senhora de suas ventas e não se tinha que dar satisfações senão ao proprio decoro individual. Hoje em dia, ainda os achava, mas certamente com vistas no seu magro ordenado, porque ninguem ia casar com professoras para trabalhar! Tambem não era com qualquer fedelho ahi que ella ia fazer asneira — bateu com a mão em ambas as faces.

E endireitou-se, altiva, o busto secco levemente curvado pelo continuo habito de viver sobre os livros. Martha, porém, divertia-se em ouvil-a, em suas eternas recriminações, e aventurou ainda um conceito.

— Ora, D. Francisquinha! deixe-se de coisas! Todos fallam por ahi no seu casamento com aquelle, sabe, aquelle viuvo?

A professora, porém, tornou-se mais circumspecta.

— Lá isso não! fallatorios sómente.

E explicou:

— Como era elle o inspector escolar, ia sempre por lá visitar a aula. Quem está livre das más linguas, minha filha?—E curvou-se em confidencias para Martha.—Olhe lá, eu que vivo no meu canto, ouço cousas bem escandalosas. D'essas meninas do Mendonça, que aliás parecem bôas mocinhas, andaram-se espalhando historias de arrepiar cabello. — Inclinou-se mais e cochichou ao ouvido de Martha, os olhos cautelosos em volta para que não a ouvissem.

— Uma porcaria d'estas, como vê! Ahi com um despachante da Alfandega.

Toda a sua solteirice, porém, indignou-se logo e ella accrescentou:

— E olhe que se diz isto a mim, que não devo ouvir taes cousas! Sempre ha por este mundo insupportaveis linguarudos!

Com desapontamento de Martha e entre os protestos surdos de Armando a um canto, chegaram as Figueiredo, cheias de alviçaras, acompanhadas da D. Brigida, na cabeça os altos chapéos de plumas que cada dia mais se deterioravam sob a acção dos successivos remontes.

«Ora esta! pois quem as convidara?»

A Laura veiu, porém, para Martha e explicou-se levemente queixosa, na occasião.

Pois então, davam as suas duas festas e não as convidavam! como ellas sabiam não ser proposito, por cá tinham vindo.

Martha desculpava-se. «Não era festa, nem convidara ninguem. Estavam alli intimos»—E apresentou-lhes a D. Francisquinha.

—Ah! já a conheciamos de vista—explicou a Zulmira, amavel.—Não é a senhora a professora do pateo de Santa Cruz?

As irmãs Figueiredo acercaram-se em seguida das Mendoncinhas e fizeram grupo, dando-se a conhecer.

O Deoclecio da Alfandega chegou em seguida e as Mendoncinhas tornaram-se rubras, retrahindo-se para um vão de janella, acompanhadas das irmãs Figueiredo, solidarias n'esse movimento de desagrado. Essa rixa das Mendoncinhas era toda uma velha historia que as Figueiredo sabiam e contavam em toda parte, tambem em affronta ao despachante que Laura pretendera. O Deoclecio era antigo frequentador e intimo da casa do Mendonça, tido e apontado como noivo d'uma das filhas. De repente, houvera um rompimento, acompanhado de uma queixa á policia cuja base entretanto se verificara como falsa. Dizia-se que as Mendonças haviam armado uma cilada á bôa fé do Deoclecio, que aliás cahira como um pato; e d'ahi toda uma série de bisbilhotices que a visinhança espalhara, um sem numero de fallatorios cuja verdade não se pudera bem apurar. O facto, porém, é que o Deoclecio brigara de vez...

Quando o despachante entrou, apenas por

gentileza, fez um ligeiro movimento de cabeça para o grupo das moças, que aliás ficaram a olhar para o tecto, em attitude acintosa. Notaram-lhe, porém, o cumprimento demorado á professora, ficando todo elle attenções, no grupo formado por esta e Martha. E a Laura commentou para as Mendoncinhas:

— Vão vêr que elle quer roer os ossos d'aquella carcassa.

Riram-se, entalando os lenços na bocca, achando uma graça infinita, todas vermelhas, beliscando-se mutuamente. E Laura illustrou então o caso:

— Olhem que aquella quadrava admiravelmente ao Deoclecio. Que o diga o viuvo...— E cuspinhou para o lado, cheia de nojo.

As Mendoncinhas então assestaram os ouvidos a inquirir curiosas.

Que historia era essa do viuvo? Pois sempre lhes parecera que a professora, com aquella cara e o corpo de virar tripas, estava bem livre de peccar...

E a Laura fez-se rogada para contar.

Não, que ella não gostava de se occupar da vida alheia! Mas o que não podia admittir eram imposturas de santidade. — E explicou:

— Ora vejam vocês, ninguem seria capaz de suppôr que a D. Francisquinha, que é conhecida no bairro por — *Chiquita do Gallinheiro*, fosse capaz de umas tantas indecencias, tanto mais

que nem ao menos é moça. E sabem porque lhe chamam *Chiquita do Gallinheiro?* E' que um dia o pae, ouvindo rumores no quintal, alta noute, pensando serem ladrões, alarmou a visinhança aos gritos de *aqui d'El-Rei!* sendo afinal encontrado n'um gallinheiro aquelle viuvo, o Borba, que morava defronte, um careca azinhavrado e porco... A D. Francisquinha, essa foi encontrada com um *chilique* a um canto, porque ella é dada aos *faniquitos*, nas occasiões graves.

E desceram a outros pormenores escandalosos, rindo-se a bom rir, os olhos cheios do prazer da desforra que de si para si tomavam a achincalhar os que as prejudicavam.

—Até se diz—accrescentou a Laura—que a aula já não é muito frequentada por causa d'essas porcarias...

E cochichou ao ouvido de Anna Mendonça:

—Não é mais nada, menina... Você me entende.

Riram-se então de torcer, occultando-se para a varanda, com mais acres commentarios.

«Que santarrona de encommenda! e ainda queria casar, a delambida!»

O desembargador fôra fazer grupo com o dr. Thompson que, n'esse momento, distrahido, contemplava as estrellas, como querendo desvendar o eterno mysterio que as distancias infinitas do espaço impõem á fraca sabedoria do homem.

— Muito bonito tudo isto, muito grandioso esse espectaculo — disse elle ao desembargador, com um gesto largo, apontando as estrellas. — Muito bem dizia o meu mestre Flammarion, que o homem sentia-se pequenino diante d'isto, sentia-se átomo ante essa grandeza, inutil perante essa magestade. Ah! não saber eu tanto que pudesse devassar esse formidavel segredo da Natureza, que conseguisse attingir a eterna verdade de todas as cousas!...

O dr. Thompson limpou gravemente a larga fronte, onde a sciencia tinha um espelho, e vendo o extase do desembargador, proseguiu inspirado, apontando com o dedo prophetico para a profundeza infinita do espaço impenetravel, que os mundos enchiam de constellações.

— Quantas estrellas cujo brilho ainda divulgamos no firmamento, enchendo a noute de encanto, terão talvez desapparecido já do espaço sem que o saibamos, porque a immensa distancia dos nossos olhos ainda não nos permittiu vêr a extincção de sua luz! Em compensação, outros mundos ter-se-ão formado, talvez, ao mesmo tempo que outros tantos rolam desertos no espaço, como eternos tumulos frios onde se escondem a vida e o calor que os gerara... Nós não caminhamos para isto n'um futuro remoto? Os gêlos não descem dos pólos? O proprio sol não vai extinguindo a intensidade de sua luz e de sua força creadora?

— E abriu os braços n'uma desolação tragica. — Tudo caminha para a morte, meu amigo, e o tempo immutavel, o inexoravel tempo que tudo cria e destroe, gera e dissolve, preside, na eternidade do espaço, as gerações e os mundos que caminham para um cyclo fatal ante essa mesma morte que os espera, além... Virá depois de tudo o cháos, o aniquilamento... E o que será esse cháos, o que surgirá, porventura, d'elle?

E o olhar absorto do dr. Thompson ficou a contemplar a soberana grandeza do espaço que não respondia á sua interrogação, atirada para o alto como um grito de agonia da pequenez humana, esmagada ante o mysterio impenetravel da Creação.

Haviam chegado novas pessoas á sala: d'esta vez chegou o Torres, cheio de alacridade, como um guerreiro triumphante, com o laço da gravata *à la diable*, trazendo pelo braço a sua irmã Luiza.

— Aqui a trago, esta preguiçosa — disse elle, n'uma curvatura, para Armando. — Se não fôsse a tua insistencia que lhe fiz sentir, acredito que ella não viria.

— Não era tanto assim... — protestava Luiza, estendendo amplamente a mão a Armando, n'um gesto de educação apurada. E assegurou ao dr. Armando que até lhe havia sido muito agradavel e lisongeiro o convite que recebera... E' que o mano tinha sempre o mau habito de

exaggerar tudo. Como ella tinha o seu apêgo aos bons livros e queria-lhes como a bons companheiros, elle tirava logo d'ahi conclusões disparatadas...

Armando, curvado e obsequiador, ouvia, sorrindo, as explicações que lhe dava Luiza, com uma voz clara e argentina, ungida d'uma brandura suggestiva e dôce...

—Perfeitamente, minha senhora, perfeitamente... —approvava elle, todo amavel. — Eu sei o que o Torres quer — accrescentou n'um gracejo — quer ter os movimentos livres...

O Torres ia protestar, com o monoculo entalado no olho, quando Martha acercou-se do grupo.

Armando fez apresentação entre Martha e Luiza, que trocaram cumprimentos affectuosamente, no momento em que tomava o chapéo do Torres para guardar.

Emquanto atravessava a sala, em direcção opposta ao grupo que se formara, Armando ia pensando na diversidade que um espirito observador distinguiria entre os dois irmãos. Torres, logo á primeira vista, leviano e fallador, Luiza, sensata e criteriosa, revelando a sua aprimorada educação e a delicadeza do seu espirito nos seus menores gestos e palavras.

«Luiza é muito bella!» — pensou distrahidamente, volvendo a uma janella a aspirar a pureza do ar da noite. — Ah! é muito bella! —

e um comêço de exaltação sentimental avolumava-se n'elle, vinda do escuro enygma da sua alma.

E insensivelmente, com a fronte pousada na mão, olhava para as estrellas tranquillas que luziam no alto, por sobre a grande chaga do poente que o crepusculo ia cicatrisando nos confins do horisonte... E o pensamento, pouco a pouco, foi abrindo as azas e suspendendo o vôo para as alturas, envolvido na gaze branca dos sonhos.

Ah! elle tivera tambem, como hoje ella teria de certo, a alma cheia de ideiaes, e achava-se agora vasio e nú, em meio das desillusões que desabavam em torno d'elle como um castello arruinado que se desfazia, n'uma suprema angustia de adeuses eternos...

«Mas não! — pensava — não é isto mesmo precisamente o que sinto... Eu talvez não tenha verdadeiramente comprehendido o meu coração... Ha n'elle alguma cousa extincta que resurge, como as estrellas no céo, depois que a noite desce... O que isto seja, não o sei nem o posso explicar, mas comprehendo que se avoluma dentro em mim... E' talvez a fórma de um sonho irrealisavel, longe da materialidade do mundo; os contornos ethereos de uma ideia que me atormenta e cuja realisação não pertence talvez á terra.»

— Em que pensas, meu philosopho? — per-

guntou o Torres por traz de Armando, com o monoculo no olho.

Armando voltou-se procurando disfarçar a sua commoção, com um riso forçado.

— Ora, em nada! estava aqui a olhar as estrellas... faz muito calor, lá dentro...

E para mostrar indifferença perguntou noticias ao Torres dos seus *Antros do Recife*.

O litterato concertou a posição do monoculo, endireitando-se para Armando, e levantando com petulancia as guias do bigode:

Ah! ia perfeitamente! ia de vento em popa... não imaginava o amigo...

— E a carta do Zola?

O Torres continuava a esperal-a com toda a certeza... O Mestre não o deixaria a vêr navios, e lá d'isso estava elle certissimo! Tão certo como obter um enorme successo de livraria! Ora si...

Armando indagou se a *Contemporanea* sempre daria a noticia que lhe promettera...

Ah! não tinha dúvida! Elle tinha-se empenhado com o *Novidades* para fazer umas referencias amaveis á *Contemporanea*, e os rapazes não lh'as negaram. Já hoje se havia encontrado com o tal collaborador da revista, o do *pince-nez*, que lhe tinha dado um abraço formidavel. E elle que esperasse pela revista — disse. «Já estás baptisado na igrejinha», accrescentou n'um sorriso de mysterio que elle entendera

e que o Armando comprehendia facilmente.— Já vês — concluiu o Torres — que posso contar com a *Contemporanea*, ao meu lado, para o que der e vier.

E relanceou um olhar orgulhoso pela sala, como se sentisse o peso de sua intelligencia, dominando as multidões.

— Ah! — accrescentou, recordando-se — deixa-me lêr, para ouvires, mais um pedaço das memorias do meu personagem, o amador de Alexandre Herculano, e cuja leitura interrompi na *soirée* do desembargador.

E tirando do bolso umas tiras de papel, continuou a leitura no ponto em que a deixara no dia anterior: «Eu, porém, voltei aos meus lares queridos, ás plagas nunca esquecidas que me ouviram balbuciar a primeira palavra de amor, que de tantas, tão poeticas e tão bellas recordações me enchiam o coração! Ah! com que alegria eu de novo contemplava aquellas arvores que soluçavam á beira do rio, ao soprar das leves aragens que com seus beijos divinos lhes acariciavam as frondes! Com que transporte n'alma, com que emoções no coração, eu revi todos aquelles logares que segredavam mil lembranças, aquellas aromaticas flôres que me fallavam do meu passado tão caro, das minhas illusões tão dôces, das minhas crenças tão santas, de minhas esperanças tão sublimes!»

— Isto está esplendido, não achas? — perguntou o Torres com ardor.

Sim! Armando confessou achar bonito...

—«Cada flôr—continuou o litterato, com enthusiasmo crescente—era uma pagina rasgada do meu passado; cada arvore, um reflexo das illusões de outr'ora; cada pedra...

Vieram chamar o Armando para uma contenda que se formara junto ao piano...

Justamente n'essa occasião M.lle Marie approximava-se, e o litterato chamou-a para ouvir a tirada, já que M.lle continuava a professar a arte.

—*Bien merci*—disse M.lle com ar de deusa immaculada.

O Torres começou a lêr de novo o que lêra para Armando, declarando que estava dando as ultimas *tintas* na obra, nos seus *Antros do Recife*...

M.lle felicitou-o.—Sim! que o sr. Torres escrevia depressa.

O litterato, garboso de fallar de si, explicou:

Ah! elle escrevia depressa, comquanto o estylo não fosse tão apurado quanto desejaria—confessou com fingida modestia, envolvendo-a com um longo olhar...

—Não, isso não!—protestou M.lle com vehemencia

Armando, no grupo das moças, discursava, defronte, acaloradamente.

Queriam que alguem tocasse e ninguem desejava fazel-o primeiro...

Elle tinha sido chamado por Martha para arbitro da questão.

— Ora veja lá! — dizia Anna Mendonça — eu e a mana é que não podemos tocar primeiro, porque somos estranhas para certas pessoas presentes... Depois não faremos questão...

Depois, sim! — apoiava a Zuca — depois ellas não faziam questão...

Armando decidiu, com gaudio para as Mendoncinhas, que D. Luiza tocasse primeiro... E explicou-se, o ar galante, no fundo levemente perturbado diante d'aquella encantadora mulher.

Não se zangasse comsigo D. Luiza: mas era preciso que alguem abrisse caminho. Depois ella tocava muito bem, como estava fidedignamente informado...

— Oh, não! — E Luiza, protestando, sentou-se ao piano, e depois fez vibrar as notas, fortemente, desde os graves até os agudos como uma cascata de sons. E começou lentamente a tocar o *Adeus* de Beethoven, essa musica atravez de cuja grandiosa melancolia e suprema ternura, o artista falla tão intensamente á alma humana.

As pessoas que haviam feito grupo ao lado do piano, sentaram-se dispersas pela sala, para ouvir melhor a musica. Armando, porém, inconscientemente, deixou-se ficar ao lado do instrumento, a alma enlevada, com o olhar absorto em Luiza, cujos dedos corriam como

passaros saltitantes sobre o teclado, fazendo vibrar a alma toda das teclas...

Luiza dava toda a expressão á musica, que Armando acompanhava, sonhando todo o idyllio que a perfumava e tocava de nostalgia. Adeus... e sentia-se, atravez dos gemidos dolentes das notas, os cavallos que relincham e escarvam o chão impacientes, os postilhões attentos que esperam as ordens de partida e as palavras commovidas, rapidamente trocadas, o beijo derradeiro que os amantes dão, no ultimo degrau da porta, a phrase final apenas adivinhada, depois a berlinda que foge, distancia-se como impellida por azas phantasticas, e desapparece, por fim, longe, na curva indecisa do caminho, onde parece tremular um lenço molhado de lagrimas, entre os adeuses que ficam pairando em todas as cousas amadas.

Veio depois a segunda parte da melodia, a *Ausencia*. E a melancolia era mais intensa, a saudade mais pungente, traduzindo toda a dôr das duas almas arrancadas de seu idyllio, como se dilacerassem corações, o irreparavel que afastava as creaturas contra os seus desejos para fazel-as viver o martyrio de se retroceder n'aquillo que o tempo arrastara comsigo para todo o sempre.

Armando, possuido do seu enleio, ia lendo na melodia um trecho de seu proprio destino, esse Adeus e essa Ausencia que elle sentia de

uma fórma incomprehendida, adeus—á felicidade e ausencia da propria felicidade desconhecida que elle aspirara sem nunca a poder possuir nem comprehender em toda a ancia de sua pobre alma dolorida. As notas finaes da *Ausencia*, sobretudo, cheias de todo o seu nebuloso, não eram porventura como a noite escura de seu proprio destino, essa tréva do futuro alargando-se como um infinito pavoroso, o cháos informe sem sahida e sem fim?

E emquanto se absorvia na musica, perto de Luiza, Armando sentia um goso estranho na contemplação d'essa physionomia que lhe acordava n'alma um sentimento confuso, como uma recordação ha muito adormecida, surgindo indecisa das estancias abandonadas do passado.

Vira-a já e não havia reparado, como agora, n'estes detalhes minimos, que, a seu despeito, o olhar esquadrinhava, todo elle mergulhado na empolgante onda que vinha do seu intimo e o arrastava. Sem possuir o golpe de vista com que respeitosamente os libertinos envolvem as mulheres e as reconhecem, elle reparou, sem o querer, que o nascido d'aquelles hombros, os braços e a curvatura da nuca eram irreprehensiveis. E desceu a outros detalhes que n'outra occasião lhe escapariam.

Aquelles cabellos, ligeiramente alourados, que se erguiam triumphalmente, n'um vigor extraordinario de mocidade, ondulando na ca-

beça, graciosamente erguida sobre os hombros em attitudes erectas; os olhos, os bellos olhos pestaneados de ambar claro, de uma doçura avelludada, reflectindo um vago mysticismo, que lembrava alguma cousa do romantismo das velhas lendas; o nariz, romano e perfeito, sem uma linha incorrecta, sem um traço que podesse destoar da harmonia do rosto; a bocca, firme e rubra, pequenina e humida, um mixto de pureza e sensualidade; os longes de pallidez que derramavam, em toda a sua physionomia, um encanto ignoto e novo, — todo esse conjuncto que lhe enchia a alma, levantava dentro d'elle uma onda desconhecida, uma attracção cujo motivo não se explicava, na confusão do seu espirito perturbado. Havia n'aquelle rosto alguma coisa que ninguem poderia esquecer — algo de intelligente, de profundo, de magnetico, participando d'alma e do pensamento, que recordasse uma d'essas creações phantasticas e sobrehumanas de Edgar Poë.

Um candieiro de *abat-jour* branco sobre o piano fazia incidir de frente a luz sobre o rosto de Luiza. E Armando seguia interessado os contornos mais subtis da physionomia, todo aquelle porte soberano e olympico suavisado de doçura, sobretudo o olhar ligeiramente myope fazendo semi-cerrar as palpebras para melhor fixar os objectos — olhar que reflectia todas as *nuances* d'alma, d'uma mobilidade surprehen-

dente, seguindo o encanto da musica, velando-se ás vezes de sombras, de melancolias fugaces...

Os cabellos estavam presos no alto, sobre a nuca, como uma aureola phantastica, atravessados por um grampo em alfange, cravejado de pedras, que despediam raios multicôres ao movimento vagaroso da cabeça. E vinha d'ella toda um perfume pessoal que o embriagava, que o prendia ao solo, n'aquella dupla onda de sons e essencias que o subjugavam, já escravo de sentimentos estranhos como se obedecesse a uma força formidavelmente superior á sua vontade.

D'aquelles grandes olhos, cheios de luz, rodeados por uma especie de halo escuro; do perfume empolgante e sensual que se desprendia d'aquelles cabellos, erguidos em torno da cabeça como uma aureola — Armando sentia fugir para ella a força tremenda e imponderavel de que era escravo e que lhe governava a misera vontade. Ah! a vontade! nos outros, omnipotente, e n'elle, essa coisa neutra, mediocre e fluida que possuia!

Que sentimento seria este que agora surgia dentro do seu coração — d'esse enygma incomprehendido que embalde procurara estudar á luz das realidades da vida?

Que queria mais, que mais poderia desejar — elle que embalde tinha corrido atraz de uma felicidade chimerica, que tinha os pés e as

mãos feridas das urzes que encontrara no caminho aspero da existencia?

E a interrogação subiu-lhe, confusa, do coração ao cerebro, triste como um dobre a finados, como os adeuses ultimos que um lenço trémulo atira das distancias oceanicas para os que ficaram ao longe, apagando-se nas encostas longinquas, para todo o sempre...

Elle sentia a alma arrastada como a folha que o vento leva, o mesmo vento que despedaça os monumentos de pedra.

Que queria mais?—E a interrogação era todo o enygma nebuloso do seu extraordinario sêr moral, essa interrogação que parecia levantar-se de um tumulo onde estava o seu passado amortalhado, no recanto mais escuro do seu coração...

Quem era aquella moça e porque motivo vinha ella perturbar a relativa serenidade do seu espirito?

Tinha ella por acaso mergulhado os seus olhos profundos nos olhos d'elle? Não! ella mal o olhará, e havia trocado com elle simples palavras de cortezia...

Porque se perturbava elle, pois, diante d'aquella physionomia em que havia abysmos velados de paixão e que agora enchia todo o seu espirito de um encanto estranho e obrigava-o a approximar-se, como se a fascinação de um vacuo o atrahisse irresistivelmente?

Que era que o impellia, que força estranha o arrastava?—E ante a vertigem das perguntas que se atropellavam no pensamento, Armando collocou, disfarçando, a mão sobre os olhos que tinham lagrimas, cerrando-os para não vêr... De repente cavou-se-lhe na fronte a ruga sombria que tráe o arido desconsolo de quem não sabe sorrir sinão tristemente.

Quando Luiza acabou de tocar a melodia, com uma execução rara, todos vieram felicital-a; elle pôde apenas murmurar uma phrase banal, com a voz tremula...

E evitando que as pessoas presentes podessem notar a sua commoção inexplicavel, retirou-se para uma janella. a pretexto do calor...

«Que louco que eu sou!» pensou.—«Teriam notado a minha commoção? Ella teria notado?...»—E pendeu a cabeça nas mãos, o olhar absorto para o vacuo...

A esse vacuo mudo e intangivel, ainda uma vez perguntava o doloroso segredo de sua propria sphynge: esse sonho que não tinha limites, e que gerava essa força instinctiva, cega, indomavel, que surgia do fundo de sua carne, que vibrava em [illegible]s as suas fibras, que fermentava em cada uma de suas veias.

Mas em seguida, Armando foi arrancado á sua abstracção. Haviam-lhe tocado levemente no hombro. Voltou-se. E teve uma profunda emoção presentindo que Luiza lhe notara as

lagrimas que certamente lhe brilhavam nas palpebras, como sentinellas tristes de sua desconhecida dôr.

—Vejo que a minha musica tornou-o triste, doutor... —E ella propria, atravez da physionomia risonha, tinha uma vaga sombra melancolica, que, a seu pezar, lhe subia aos olhos. Havia na sua voz um ligeiro estremecimento sonoro de cordas de harpa; e os seus olhos reflectiram, n'uma sombra idealisante e alada, algo de semelhante a um longo occaso taciturno.

—Não! não é nada! —acudiu promptamente Armando, ja sorrindo. Tenho d'estes desfallecimentos, um simples cansaço moral que nada é, de certo... Uma tara physiologica, talvez agindo surdamente, não é? —E mudou de tom, accrescentando ironico:—Já ouviu fallar n'essa lei mysteriosa que a physiologia classificou de *herediariedade por influencia?* É muito curiosa! Infelizmente o homem é o animal que se adapta: a todas as situações se accommoda—quer á suprema dôr quer á derradeira torpeza.

Mas Luiza, abanando risonhamente a cabeça, detinha-se a examinar agora uma concha marinha, sobre um dos consoles proximos. E applicava-a ao ouvido.

—Curioso este ruido, não é, doutor?

Armando approximou-se, interessado.

—Eis um largo thema para os poetas; um dos nossos já disse, por exemplo, que esse ru-

mor que a concha conserva é a nostalgia da vaga, a immorredoura saudade do chofrar das vagas.

E continuou a fallar enlevado, como se sonhasse:

—Ah! os corações são bem como a concha guardando nas suas caprichosas volutas, os rumores da primeira bocca beijada, a divina musica que só se ouve uma vez na vida e cuja dôce melodia eternamente resôa no espirito, como as arvores em cujas cascas os caminheiros gravaram uma data, por todo o sempre lembrada! Recapitular o passado com as mesmas dôres e ancias, ouvir o anceio d'esse soluço da saudade...

De repente Armando parou, admirado de si mesmo. Pareceu-lhe ter fallado como n'um sonho, n'uma d'essas ausencias psychicas a que não podia fugir...

Era então, como tantas outras vezes, a vaga sensação de estar longe de si proprio e em nenhuma parte, como se o seu espirito partisse, presa d'uma injustificavel emoção, para a profundeza dos tempos, atravez da noute infinita e da morte das trévas, átravez de uma floresta fabulosa em que sua alma se perdesse, no seio d'esse silencio fatal em que sómente sua voz dominava. voz de si mesmo distante, como se a alma se abysmasse e a voz ficasse em cima, entre as solidões hostis e os longes inhospitos.

Era então a alma liberta do amor terrestre, desligada da misera prisão material, attrahida ao definitivo repouso da morte, penetrando nos desertos silenciosos tal como a ambrosiaca noite de Homero. Era o desejo de tomar as azas das andorinhas para mergulhar no rio, bem alto, vestido de luz immaterial, nada sentindo sinão o sol e o azul em torno do corpo diaphano, leve, aereo, livre e nú!

Os olhos fixos para a grande noute que se lhe abria em frente, como azas de luto e olvido, as pupilas dilatadas e immoveis, dir-se-iam dous crystaes durissimos, destituidos de toda a mobilidade da vida, ausentes de toda a visão externa, fixos n'úm ponto longinquo e ideial, talvez entre as lucidas constellações que palpitavam no fundo da sombra infinita. Ouviria talvez a voz dos elementos com sua obscura linguagem; a elegia da noute com o seu encanto surprehendente; a voz da sombra cheia de dôr e inquietação; a muda interrogação do espaço sem termos. Sentiria porventura todas as forças cegas e indomaveis da vida tomarem-n'o no seu irresistivel abraço, em que o seu proprio sêr se aniquilava e se transfundia, como se elle proprio se transfigurasse n'uma cousa lucida, impalpavel, vibrante e espiritual.

Luiza tinha approximado a adoravel cabeça, na ancia intellectual de ouvil-o, essa formosa cabeça d'onde subia um fino aroma que eston-

teava, com os lindos anneis alourados que lhe coroavam a fronte, n'um sopro aereo de graça e magestade, como um bizarro pavilhão dourado. E Armando, mal desperto de sua ausencia, emergia agora do fundo de si mesmo, do abysmo tenebroso de sua propria esphynge para vêr melhor esta bella fronte casta e senhoril que as luzes do salão clareavam frouxamente, tingindo os cabellos de clarões bruxoleantes, entre luares e auroras. Só agora percebia que havia n'essa fronte algo de viril que a tornava porventura mais bella e appetecivel, que se dava e repellia, compassiva e austera, alguma cousa de altivo e soberano, attrahente e hostil, mixto de castidade e desejo, que vagamente recordava as azas rudes das aves de rapina, prestes a empolgar a presa. As proprias curvas ondeantes d'aquelle cabello de ouro fôsco, aquelle cabello ideialmente erguido como uma torre graciosa e espiritual sobre a solidez da fronte dominadora, dir-se-ião não ter sido feitos por um instrumento commum, mas estranhamente revolucionados pelas tempestades. E aquelle luzente alfange de ouro, em que as pedras rutilavam no alto da cabeça, tinha agora alguma cousa de terrivel, vagamente recordando algum instrumento de supplicio, prompto a varar-lhe o peito flexivel e indolente.

Todo o seu sêr tremeu e retrahiu-se como uma serpente que se enrosca mesmo depois de

cortada. Aquella mulher de imprevisto assumia a vaga semelhança de uma aguia orgulhosa e solitaria. A attitude que ella ha pouco tomara, ao approximar a concha marinha do ouvido, erguendo os braços, meio desnudos, recordava-lhe o quadro de Arthemisa caçadora, com as linhas puras do seu corpo nú e suave; e aquelles braços deram-lhe ideia de uma força impetuosa de azas potentes... Que força desataria aquelle abraço? E pensou na tunica envenenada de Nesso que Hercules arrancava do corpo com a propria carne despedaçada.

Cahiu-lhe de repente um grande véo sobre a intelligencia, que vacillou como uma pobre lampada que se vae apagar. Os olhos velaram-se-lhe como n'uma vertigem. Com difficuldade pôde achar uma phrase que não era nem podia ser a scentelha de seu espirito.

Toda a sua alma desfalleceu como uma véla a que um vento de tempestade apaga.

—Mas que loucuras estava eu por acaso a dizer? — perguntou lentamente, deante dos claros olhos de Luiza que o interrogavam, e em que uma longinqua chamma felina, velava solitaria.

—Sim... sim... bonitas palavras—avançou Luiza, sem comprehender bem a situação, mas com esse gesto da graça imprevista de de uma aza que se abre. Mas n'esse gesto já havia alguma cousa da castidade que se reconhece e se defende de ser conhecida.

Armando sorriu tristemente. Teve de repente como um acordamento brusco, uma impressão nitida do seu destino — todo o fel de sua alma estravasado — como se, ao sopro de uma simples phrase, o tivesse esculpido nas pedras, reflectido nas aguas, desenhado no espaço...

E como Luiza continuasse a fital-o com uma vaga curiosidade no olhar surpreso, Armando tomou-a brandamente de uma mão, e apontou o fundo espaço da noute immensa, atravéz da janella, em cujo seio as constellações palpitavam.

— Vê? a senhora é um espirito culto e superior e eu posso dizer-lhe estas cousas. Meu destino é bem como esta noute profunda em que só o tremendo desconhecido se escancára diante de nossos olhos com a fascinação de um idolo enygmatico, como um abysmo sem fim. Debalde procurariam em mim a decifração d'esse cruel enygma que é o pólo magnetico de minha propria existencia, capaz de receber e repellir qualquer vibração. Ha no meu espirito uma chimera enorme, cheia de assombrosa vehemencia, uma visão que a cada passo se renova, refloresce, para em seguida morrer e resuscitar, como é para a floresta o desabrochar das flôres. Essa visão, em horas rapidas, tem uma vida ficticia tão intensa, tem em si uma revelação tão clara, que me invade de uma tal

onda de subita tristeza; tem uma tal dignidade soberana sobre o meu espirito, na adoração incrivel de um phantasma vivendo apenas no espelho velado de meus olhos — que repellil-a seria como que aniquilar-me a mim proprio, o trabalho de supprimir as minhas proprias faculdades annullando-me nos meus proprios sentidos.

Disse isto serenamente e accrescentou:

— Só ao seu espirito culto o diria; — fique com o meu segredo, e deixe-me só um instante com o adorado phantasma que sua melodia um instante resuscitou.

— Sim, obrigada. — Luiza disse somente isto e calou-se. E Armando viu então que os seus olhos, quando uma commoção os perturbava, mudavam de expressão. O ambar claro das pupillas turvava-se estranhamente, dilatava-se, aprofundava-se, até que os olhos pareciam quasi negros, dando assim a impressão de um nervosismo singularmente sensivel que apenas era moderado pela vontade firme que se adivinhava por traz d'aquella sombra. Havia então um devaneiar n'aquella fronte, uma augusta tristeza nas rugas delicadas das palpebras e na finura penetrante das pupillas. Nos labios havia um fremito quando sorriam — e aquelles labios estavam habituados a sorrir tristemente.

XX

Os dias que se seguiram, Armando passara-os n'uma inquietação vaga cujo motivo elle embalde sondava dentro do coração.

O que elle sentia claramente, era que um inexplicavel estado pathologico lhe aggravava todo o sêr e uma melancolia suprema, como o badalar do *Angelus* nos descampados azues, vinha descendo mais a mais sobre a sua alma e estampando-se insensivelmente na sua physionomia.

Martha notava-lhe ás vezes certo abandono nos gestos e nas palavras, tornavam-se mais frequentes os seus passeios silenciosos entre as aleas do jardim, com o passo ao acaso, a olhar para o alto, n'uma abstracção de todas as cousas, cheio de um enternecimento que se lhe adivinhava nos olhos, muitas vezes marejados de lagrimas.

Que sentia Armando? Ser-lhe-ia talvez difficil confessar a si mesmo. O que elle comprehendia, atravéz de tudo, é que Luiza tomava-lhe um logar no coração...

Como explicar então isto que se passava comsigo, esse temeroso enygma que elle não podia decifrar, essa incongruencia de sua pobre alma cheia de contradições? Desde o primeiro amor da sua infancia, elle agora sentia que o impulso que o arrastava era o mesmo, tomando fórmas diversas e bizarras, nunca se objectivando e desvanecendo-se-lhe ante os olhos como o horisonte que se afasta á proporção que para elle damos mais um passo.

A impulsão que o acorrentara a Martha continuava a leval-o comsigo, na sêde nunca saciada do ideial que não tinha fórmas e tomava corpo um instante para vaporisar-se depois.

Agora, Luiza tomava o logar de Martha, como Martha tomara o logar de *Yú;* mas dentro do seu proprio enygma, para Armando nada se modificara, o elo que vinha de longe não se partira, levando-o fatalmente para o desconhecido... D'onde elle reconhecia que por mais tremendos que sejam os acontecimentos que nos convulsionam a vida, elles nada criam de novo no nosso sêr.

Ah, Luiza! como entretanto esta mulher o enchia todo, irritado, ás vezes, até de insensatos ciumes, no pensamento que ella viesse a casar!

Mas tentava, sempre que este pensamento lhe vinha, importuno e fatigante, afugental-o para longe, e convencer-se de sua propria illusão.

«Que tolice! que tolice! — conjecturava — eu a pensar em Luiza! eu que só devo pensar em Martha, que só a ella devo querer, que só a ella devo amar! Que tolice!» — E o charuto accêso entre os dedos, olhando as estrellas que começavam a abrir limpidas nas alturas, como se fôra na distancia do seu ideal, Armando parava, no pensamento de chamar pela mulher para conversarem juntos, afim de distrahir-se. E a imagem de Luiza passava-lhe de novo na imaginação, n'uma onda turva, com a seducção indisivel d'aquelles tentadores olhos côr de ambar, olhos profundos como a noute e, como a noute, cheios de mysterios impenetraveis, de segredos indefiniveis, de abysmos vorazmente escancarados...

Sentia então o desejo insensato de abraçar aquella cabeça querida, cerrar aquelles olhos com um beijo muito prolongado, e refugiar a fronte n'aquelle seio estremecido, para esconder-se do mundo, fugir á miseria da vida — e alli morrer sob as azas da extrema-uncção d'aquelle sorriso de auroras. E sentava-se n'um banco, fatigado, descontente comsigo mesmo, querendo mofar, por vezes, dos seus proprios desejos.

« Que tolice! que tolice! »

A principio, ficou a receiar muito de encontrar-se de novo com Luiza — receiô de si mesmo, do seu todo moral incomprehensivel, dos desejos infundados d'aquelle seu coração que vivia sempre a correr para tentar a escalada da montanha áspera do Impossivel, em cujo cimo azulado, elle julgava divisar, pairando entre uma auréola, a nuvem inaccessivel do seu eterno sonho.

Se elle se trahisse! Se, perante Luiza, deixasse escapar uma palavra que revelasse a impressão que a joven havia exercido sobre elle? Se elle se trahisse!

Immediatamente, porém, em frente d'esse pensamento importuno e injustificavel, Armando reagia com todas as forças, tão depauperadas, do seu ser moral.

Trahir-se? Como? E elle tinha porventura para com Luiza algum sentimento menos justo, menos honesto, que fôsse capaz de trazer o rubor á face de um homem de dignidade? Quem era capaz de affirmar isso? E elle amava a Luiza — elle, preso por laços indissoluveis a uma outra mulher, a quem devia amar com todas as véras do seu coração? Que insensatez!

E forçava um sorriso pallido para illudir-se, mordendo nervosamente a ponta do charuto apagado...

« Que insensatez! Elle haveria de vêl-a sem-

pre! Que tinha isso? Não era ella simplesmente uma pessoa amiga da casa, que alli vinha ás suas *soirées*, para distrahir alguns momentos, em companhia de amigos? Tinha elle algum sentimento inconfessavel que podesse trahil-o?»

No emtanto avolumava-se dentro d'elle uma vontade exquisita e indomavel, de achar-se de novo em frente de Luiza, ouvil-a arrancar do piano aquellas notas que lhe iam direitas ao coração, como pedaços de almas dilaceradas, como estrangulados gritos de agonia impotente, casando-se, n'uma estranha harmonia, com as amarguras do seu espirito...

Havia de vêl-a! havia de vêl-a! Não a amava, era claro, por isso poderia vêl-a, escutar-lhe a voz unctuosa, sentir o perfume estonteante d'aquelles seios oppressos nos cordeis tyrannos do corpete, e o effluvio empolgante do olhar d'ella encher o seu coração de uma prece fervorosa!...

E continha a sua exaltação, irritado, a pensar:

«Hei de vêl-a, simplesmente! Que tolice!»

Passaram-se assim dias, passaram-se mezes sem que nada se modificasse no viver intimo de Armando. Com intermittencias mais ou menos longas, seu estado moral aggravava-se em

crises de hypocondria que o deixavam prostrado, muitas vezes fechado no seu gabinete, só insistentemente cedendo aos rogos de Martha.

Teve dias de guardar o leito, preza de febre intensa, dizendo cousas desconnexas, em delirio. Depois, restabelecido, deu longos passeios, fez estação balnearia em Boa Viagem, todo elle cheio do bem estar d'aquelles grandes silencios que só o mar interrompia, quebrando seu velho queixume sobre a grande praia arenosa. E ahi vinha ter Armando á tarde, todo elle embebido n'aquelles longos crepusculos de verão, luminosos e lentos, os olhos fixos na opala do céo que morria n'uns estremecimentos de luz que se apaga.

Com Luiza tinha-se feito, antes de sua vinda á praia, uma certa intimidade toda familiar. E eram deliciosos, dentro de sua amargura, esses momentos de encantadora convivencia que elle, Martha e Luisa, passavam, os tres sós palestrando no seu gabinete de estudo, quando não faziam um bocado de musica ou liam algum trecho de romance ou poesia, de auctores escolhidos.

A's vezes Martha deixava-os sós, elle e Luiza, e entre ambos fazia-se repentinamente um silencio difficil, longos silencios de espectativa e anceio em que a alma de alguma cousa intangivel abria as azas.

A's vezes, entretanto, Armando suppunha-se

curado com aquella familiaridade, todo elle convicto que aquillo poderia ficar dentro dos justos limites de sua adoração. E porque não? Pois não se podia amar assim, só pela contemplação do objecto amado? Porque haver-se-ia de conspurcar todos os sentimentos na confusão dos instinctos que a materia soprava para escarnecer e manchar todas as cousas puras?

Um dia, porém, deu-se um pequeno incidente que abalou muito a Armando e obrigou-o sobretudo a esse refugio de Bôa Viagem, no temor de algum perigo imprevisto.

Conversavam sós, Armando e Luiza, no afastado silencio crepuscular de seu gabinete, quando esta teve de sahir um instante a chamado de Martha, deixando sobre uma cadeira a mantilha de renda que usava. E a um movimento automatico, Armando pegou com violencia na mantilha e n'ella afogou o rosto, respirando-a, mordendo-a, tendo-a nas narinas e nos olhos, todo elle embriagado do perfume pessoal de que aquellas rendas odoriferas estavam impregnadas.

Sentiu-se então suffocado, dominado, toda a sua alma de improviso vencida, como os diques rompidos por uma cascata. Aquelle objecto tão simples, tão pouco intimo, afigurou-se-lhe então o prolongamento da creatura desejada, a objectivação d'aquelle tremendo mytho que o empolgava n'um desejo selvagem de aniquilar-se e

confundir-se na essencia tenuissima que lhe fallava a todos os sentidos e a todos os sonhos. Sentiu tudo confundido e synthetisado n'aquelle pobre trapo que amarrotava entre os dedos febris; tudo que sentira e desejara: os vôos cegos, a palpitação da vida, as maravilhas idealisadas pelo sonho e pela carne, a paciencia e odio—a paciencia por essa cruz, e o odio pela puerilidade das cousas—tudo que elle sabia e ignorava d'essa essencia que era o conjuncto do *eu* pensante. Meu Deus! como isto era pouco e era tudo para todas as suas sêdes não saciadas, para os abysmos de melancolia em que sua alma se encerrara como n'uma solitaria torre de marfim! Era o irrevogavel passado e o eterno presente, enlaçados no mesmo abraço tragico, mysterioso e intangivel como a solidão das florestas e a frieza dos templos!

Foi n'esse interim que Luiza, tendo voltado inopinadamente, o surprehendeu de imprevisto.

E Armando, confuso e triste, ante aquelle olhar cheio de interrogações que o ambar claro das pupillas de Luiza pousara sobre elle, só teve um movimento de afrouxar as mãos, deixando cahir aquella cousa inerte, tal se ella de repente o queimasse, como ferro em braza, tomando vida e palpitando entre seus dedos tremulos.

Elle sentiu, atravéz da nuvem que passou no olhar de Luiza, a revolta de seu pudor offen-

dido, como se ella mesma fôsse violada atravéz d'aquellas rendas e sentisse em sua propria carne aquella respiração dolorida e offegante que absorvera alli o perfume intimo e casto de seu seio. Era então n'aquella physionomia, a mesma sombra altiva e rude que Armando já lhe notara, a mesma attitude de vaga hostilidade que lhe dava á fronte aquelle aspecto de sphynge, que cabellos louros coroavam como azas de ave de rapina, tão em contraste com a sua doçura habitual. Dir-se-ia que lhe atravessára o espirito, como uma flecha envenenada, voando rapida ao alvo, um sopro de covarde vingança. Na physionomia immovel, só as palpebras se agitavam, só viviam os olhos na sombra dos cilios, onde uma fagulha solitaria denunciava o flammejar d'alma. Armando julgou sentir que seus dedos tremiam, que as mãos iam levantar-se: mas o corpo ficou immovel, como se um invencivel torpor o dominasse, emquanto os braços continuavam desarmados, impotentes. Ah! era bem soberana, assim, essa mulher, no reducto de sua castidade offendida, agitada pelos sentimentos os mais desencontrados — e não obstante, serena e impassivel, de uma divina impassibilidade que a transfigurava, devorada assim como sob a acção de um veneno fulminante, tal se a sua alma houvesse sido dilacerada estupidamente atravéz da carne miseravel e pura!

Mas Armando teve por um momento, diante d'aquella attitude hostil, um vil impulso de odio contra aquella adoravel juventude, aquella virgindade intacta, aquella belleza fechada como lyrio em botão, de si propria orgulhosa, cheia d'aquella força tremenda que o subjugava a elle que com os dedos tinha tocado o fundo de todas as impurezas da vida. Então lhe pareceu que sossobrava, com toda a sua existencia, esmagado por esse tremendo pesadelo, no fundo d'aquella dôr misturada de colera, de cuja escuridão elle não ousava sahir. Então estavam assim tão perto e tão separados, que nenhuma força humana poderia arrancal-os d'essa sangrenta escuridão, onde toda a sua revolta selvagem se produzia, para ascendel-o do abysmo de sua poderosa sensualidade até aquella candura em botão, assim desarmada e protegida?

Tudo isto porém foi demasiadamente rapido, só reflectido no olhar de cada um, sem uma palavra. O gesto que apenas suggeria n'elle a fonte obscura do instincto, transformou-se. Deu-lhe vontade de ajoelhar, beijar-lhe a fimbria adorada do vestido. Inclinou-se em silencio, tocou-lhe a mão com os labios, com uma infinita castidade.

Foi só. Luiza, desarmada, os olhos limpidos, sentou-se. De novo elle sentiu-a ligeira e fraca, como se um outro trama symphonico vibrasse em todas as cordas de sua alma. Puxou

naturalmente para si a mantilha de rendas, pousou-a sobre os joelhos. No silencio que se seguiu, Armando sentiu bem atravessal-o uma desconhecida torrente de musica, toda uma onda melodiosa que a ambos envolvia n'uma infinita caricia de sonho.

E não houve mais nenhuma palavra nem uma allusão entre ambos, e fizeram mais tarde sua musica e sua leitura como de costume sem que mesmo os seus olhos se dissessem mutuamente os pensamentos d'aquella scena imprevista.

Foi então que Armando veio para a praia, no intuito de fugir á obsessão que se lhe apoderava do espirito. Estava-se então no Natal. Aquella solidão retemperou-o um pouco, bem que todo elle entregue ás longas rèverias dos seus passeios atravéz de caminhos escusos ou da demorada contemplação do oceano.

Alli, porém, elle teve um dia de inquietações bem que seu coração, de momento, rejubilasse a contra gosto. Para fazer surpreza, o Torres veio inopinadamente passar com o Armando a festa de Reis, em companhia de Luiza, do dr. Thompson, o Desembargador, D. Euphrasia e outras pessôas a quem elle chamava «a *élite* das *soirées*.»

Por sua vez, sabedor do passeio, o Regadas organisou seu grupo e apresentou-se em casa de Armando, acompanhado do Mendonça e das

Mendoncinhas, pois que andava de ha algum tempo de namoro com a Anna.

E foi um dia cheio, trechos recitados ao piano, modinhas, jantar improvisado sob uma mangueira e passeio á tarde á praia.

Armando não teve opportunidade de ficar a sós com Luiza e de proposito evitou-o: mas elle conhecia que desde a scena da mantilha aquella propria distanciação forçada entre ambos, aquella nuvem que se interceptava nos seus olhares que não procuravam fitar-se, como que mais os approximava n'uma cumplicidade tacita que Luiza não tivera força de romper, talvez por piedade, n'aquella occasião.

Entretanto conversaram por vezes como bons amigos, fallaram dos livros novos que lêram, trocaram algumas impressões sobre a vida do campo, ambos vagamente enternecidos por aquelle bucolismo e aquellas solidões tão dôces e tão convidativas.

Deu-se em Armando uma sensação singularissima quando as comitivas alacres do Torres e do Regadas se fôram. Elle as acompanhara até a estação e afigurou-se-lhe que a mão de Luiza tremera sob o seu contacto ao despedir-se. E pareceu-lhe vêr o ambar de suas pupillas ennevoar-se d'uma saudade como se ella lhe dissesse: «ingrato!»

E o trem partiu, já fazia quasi noute. Elle, só, na plataforma, ficou a seguir a locomotiva

que se perdia na bruma, o penacho de fumo na cinza do crepusculo, encobrir-se distante, na escuridão do caminho, como se fosse para uma longinqua viagem.

Parecia que alguma coisa desabava definitivamente n'elle como ruinas. Subitamente tinha descido a um pelago tão profundo onde nada existia senão a treva, o silencio e o vacuo. Aquella dôr se tornava insupportavel por ser o remorso de uma acção inevitavel. Perdia-se no labyrintho selvagem da vida como um pobre caminheiro, á noite, n'uma encruzilhada solitaria.

Ergueu os olhos para o ceu mudo como se fizesse um appello. Na hora do calmo recolhimento, nada lhe vinha da Natureza senão a aspereza do isolamento. As melancolias vesperaes tornavam-lhe mais aguda e insupportavel a dôr que não comprehendia. Julgou-se allucinado ao perceber que as estrellas que se accendiam, oscillavam como se nas alturas inaccessiveis uma ventania phantastica as sacudisse. De longe, vinham sons confusos—de onde? Distinctamente percebia os longinquos latidos lastimosos de um cão. Mas outros sons confusos, multiplos, indistinctos, subiam da floresta, em torno, como se a alma invisivel de todas as coisas lhe fallasse por suas boccas enygmaticas, especie de ondulações musicaes que o embriagavam de envolta com o ardente perfume d'aquella tarde de verão.

Elle deixou então cahir desanimados os braços ao longo do corpo como se nada lhe restasse mais fazer, tendo a impressão de estar n'um grande deserto, sedento e cansado, batido por inclementes ventanias de morte. E sentiu-se como que apartado da vida ambiente por um accidente tremendo, qual se lhe tivessem arrancado violentamente alguma cousa, talvez o coração. Era então, como outr'ora, o desejo de chorar sem testemunhas, chorar toda a sua grande dôr incomprehendida de si mesmo. Pois que! era tudo assim d'alli por diante? Parecia-lhe ter, por instantes, entrevisto uma perspectiva nova em sua vida, horisonte amplo sorrindo em verdejantes collinas de flancos azues. E de repente, era isto, era toda esta suprema tréva, esse abalo brusco, essa volta ao pesadêlo, sentindo-se pregado ao muro espantoso que lhe vedava o futuro incerto e negro...

Na sua muda desolação, elle teve a nitida sensação do vacuo aterrador da vida, com suas crises contradictorias — sua abundancia e aridez, suas inercias e vãs aspirações, suas effervescencias e desanimos. A monotonia de um canto de cigarra, perto, augmentava a sensação do silencio, do deserto e do abandono. Toda a luz da sua alma apagava-se; todas as crenças morriam como seccam as fontes amaldiçoadas. Desejou de repente que uma catastrophe se produzisse e o levasse antes de morrer lentamente empa-

redado n'aquelle sepulchro em que se sentia e onde se mantinha apenas de pé pela vil attracção que gera o lôdo dos instinctos.

Voltou para casa, obrigou Martha a tocar um trecho, mas aquella sensação de isolamento e abandono não o deixou.

Passaram-se dias e sua mulher assustou-se com a sua physionomia. Armando mesmo propoz a volta á cidade: tornara-se-lhe insupportavel aquella vida, aquella tristeza que desolava, a ausencia que lhe devorava o coração.

Nos primeiros dias de Fevereiro voltaram, pois, para a sua residencia da Magdalena, e recebiam no dia seguinte, á chegada, as visitas dos amigos e *habituées* da casa.

Bem cedo, estavam presentes o Desembargador e a familia, o Torres, o dr. Thompson, o Alberto, as Mendoncinhas da rua Velha, Luiza e alguns outros amigos, entre os quaes se destacava o auctor das *Flôres Pallidas*, o Regadas, religiosamente abotoado n'uma sobrecasaca bem digna d'um museu.

Os grupos tinham-se formado segundo os gostos de cada um.

O piano estava rodeado, e occupava-o a Anna Mendonça, que a pedido do poeta, havia accedido a cantar uma modinha.

—Cousa de sentimento, minha senhora!—

havia pedido o Regadas, n'uma gravidade sentimental — Cousa de sentimento é que servia, Ao menos estava a gente a lembrar-se dos bons poetas, d'aquelles que nos haviam legado a verdadeira poesia.

O Torres, ao longe, defronte de M.lle, mordia o bigode, irritado com aquella invasão romantica nos salões de Armando.

Um grande estupido, aquelle Regadas! N'um salão onde entrava um bocado da vida moderna, ia muito melhor um trecho de opera! Que semsaboria!

E com o monoculo apertado no olho, o litterato voltou as costas, n'um gesto supremo de desdem, para o piano, citando gravemente auctores antigos:

— E' em Inglaterra que nasce por assim dizer a escola philosophica do seculo XVIII, pelo desterro de Voltaire, pela convivencia de Rosseau com Hume. O primeiro revela Shakespeare no continente; o segundo comprehende alli as magnificencias da discussão e o movimento das instituições modernas.

Montesquieu, o grande philosopho politico, gravâ no seu estylo conciso e nervoso, as theorias do governo representativo, estudadas no seu berço — a Inglaterra. Esta é, M.lle — acrescentou com voz profunda — a opinião de um dos mais eminentes escriptores do presente seculo.

Defronte, Anna Mendonça tinha começado a cantar:

«Si vires a tarde triste
E o ar a querer chover,
Dize que são os meus olhos
Que choram por não te vêr.»

—Que semsaboria! —repetiu o Torres, interrompendo outra citação profunda, que começara —Que ideia, a d'aquelle idiota, de estragar-nos as *soirées!*

M.lle approvava com um sorriso imperceptivel, fazendo *oui*...

—Saiamos d'aqui, M.lle —concluiu o litterato dando-lhe o braço e conduzindo-a para a janella.—E' um horror estar a gente a ouvir semelhantes asnidades, n'um seculo como este e n'um salão onde se deve cultivar a arte.

E concertando o monoculo, concluiu gravemente, como quem falla em ultima instancia:

—Eu sou da opinião de Chateaubriand, no ponto em que elle diz terem existido sómente seis escriptores que foram genios dominadores: Homero, Dante, Rabellais, Shakespeare, Byron e Walter Scott. E' innegavel, por exemplo, que Eschylo, Sophocles, Euripedes, Aristophanes, Horacio e Virgilio, não fôram mais que filhos do genio de Homero, assim como Lafontaine e Molière descendem espiritualmente de Rabelais.

N'esse momento, defronte do piano, Anna Mendonça acabava de cantar:

«N'aquella noute saudosa
Quando de ti me apartei,
Cem passos não eram dados
Quando sem alma fiquei.»

O Regadas, enthusiasmado, felicitava-a, dando-lhe o braço para sahir do piano, com os olhos babosos.

As Figueiredos entraram n'esse momento, acompanhadas da professora D. Francisquinha, cuja intimidade haviam obrigado á força de successivas visitas e solicitações. Isto em despique ás Mendoncinhas de quem se constituiram rancorosas inimigas desde o dia em que haviam descoberto a inclinação de Anna Mendonça pelo poeta Regadas.

E foi um acaso tremendo esse que os conduziu a entrarem juntamente quando o Regadas conduzia galantemente a Anna pelo braço. Torceram os narizes furibundas e foram directamente a Martha, cheias de recriminações.

Pois então não as tinha querido convidar para a sua festa do dia de Reis em Bôa Viagem? Pois alli a D. Franeisquinha tambem estava com suas queixas...

Martha, benevolente, explicou o motivo da festa campestre, toda inesperada e ellas correram a entrincheirar-se no vão d'uma janella, arrastando comsigo a professora.

A Zuca Mendonça, vendo passar o grupo,

não pôde deixar de commentar, ao notar os olhares de desdem que lhe atiravam:

—Era melhor que essas assanhadas deixassem de se metter com a nossa vida. E aquelle cipó de virar tripas—accrescentou para a professora—que se arranje com o Borba, no gallinheiro. Aqui já são bem conhecidas p'ra arranjar casamento.—E cuspinhou.

As Figueiredos, n'esse instante, contavam á professora pittorescos pormenores da tal festa de Reis em Boa Viagm.

Definitivamente a familia do Desembargador andava illudida com toda aquella corja. Um horror, não imaginava a D. Francisquinha!

A Anna Mendonça fôra encontrada aos abraços com o Regadas debaixo d'um cajueiro, porque não era d'outro modo que ellas procuravam casamento. Tambem era costume velho, porque com o Deoclecio, aquelle despachante da Alfandega, contaram-se cousas que uma moça que se desse ao respeito não poderia reproduzir.

Quanto aos abraços, a Zulmira rectificou dizendo que não fôra tanto. Os dous estavam, é certo, debaixo do cajueiro, porém lá o que faziam ninguem viu.

A Laura porém destemperou, toda ella irritada:

—Ora vê lá que não te queiras fazer de santa diante da professora. O que fazem duas pessoas

sós, no meio do matto, não pódem ser de certo cousas muito limpas. E logo quem! Não me obrigues a contar-te a biographia que todo o bairro da Bôa Vista sabe de cór e salteada.

A D. Francisquinha, cheia de modos dignos, fez gestos de reprovação e nojo, com muitos *ps, ps*...

Realmente não era aquillo muito recommendavel... Assim a sós com um homem, oh! era grave...

E chamada por D. Euphrasia, n'esse instante, a professora retirou-se no biquinho dos pés, pedindo licença.

— Vê lá tu quem falla tambem — disse a Laura para a irmã. Pensa que não conhecemos a historia do gallinheiro. — E riram-se muito á socapa, a essa recordação.

E a Zulmira accrescentou a proposito:

— Mas já ouvi dizer em casa da Nazinha Pereira, que o viuvo sempre está disposto a pedil-a. Coitado! já é preciso coragem para roer os ossos d'essa carcassa...

N'esse momento a professora voltava para o grupo.

— Sabe? — disse-lhe Laura — Ha quem affirme que a franceza tambem deu seu escandalo na festa com o tal sr. Torres. Se elles aqui vivem aos abraços pelos cantos da casa, imaginem o que não terão arranjado por lá...

O Regadas, deixando a Anna Mendonça, foi

até defronte do grupo do Desembargador e do dr. Thompson, com as mãos para as costas, a fazer observações judiciosas.

—O que nós precisamos é conservarmos um bocado d'alma n'esta onda devastadora que nos tem roubado todos os nossos bellos sentimentos de outr'ora, todas as nossas grandes creações espirituaes de outros tempos que fizeram a gloria dos maiores vultos que possuimos na galeria brilhante dos genios. E' verdade—accrescentou, abafando um suspiro profundo—já não temos nada capaz de despertar um enthusiasmo! Está tudo polluido, podre e falsificado até á medulla dos ossos!

E com um gesto desolado, defronte do grupo, o poeta das *Flôres pallidas* concluiu, com as mãos sobre o peito amoroso:

—Ah! a nossa bella poesia já não existe! a geração dos velhos e gloriosos poetas está extincta, diante da reforma vandalica que tem invadido tudo.—E olhando para o tecto, romanticamente, com o braço estendido e a mão esquerda aberta sobre o coração:

> Lembras-te, Inah, d'essas noites
> Cheias de dôce harmonia?

Não se escrevia mais d'isso, desgraçadamente!

O desembargador e o dr. Thompson lem-

braram ao poeta que recitasse alguma cousa... Para quebrar a monotonia da sala não era nada mau... pois se o Regadas recitava tão bem...

O poeta, lisongeado, desculpava-se, com um riso romantico a enflorar-lhe os labios.

Não valia a pena! As suas poesias não estavam mais no gosto da epocha! Não era mais a velha escola que agradava!

E atirou, de soslaio, um olhar para o lado do auctor dos *Antros*, que lia, enthusiasmado, umas tiras de papel, para M.lle.

Recitasse mesmo a *Inah!*—lembrou o Desembargador—uma bonita poesia!

—Muito sentimental! — confirmou o dr. Thompson, profundamente, por cima dos oculos.

O poeta ia ainda protestar.

—Não senhor! —concluiu o Desembargador a encaminhar-se para o grupo em que Martha conversava com Luiza e as Mendoncinhas, sobre modas.

—Martha, vem acompanhar aqui ao piano.

E conduziu a filha por um braço.

Afinal, veio o poeta para o lado do piano, pigarreando forte, passando o lenço sobre a fronte inspirada.

Martha preludiou gravemente, fazendo gemer as teclas, como suspiros prolongados. A *Dalila* começou pausada e sentimental, vibrando fundo no silencio da sala, concentrada.

Armando, a um canto, fumando abstracto, tinha aberto sobre os joelhos um livro em que, de quando em vez, lançava os olhos.

O poeta havia começado a recitar ao lado do piano, fazendo evocações, como para sêres invisiveis, com um gesto largo:

«Lembras-te, Inah, d'essas noutes
Cheias de dôce harmonia,
Quando a floresta gemia,
Do vento, aos brandos açoutes?...»

As palavras inspiradas do poeta, desgarraram Armando, inteiramente, do livro, alheiando-o ao que se passava em volta...

Aquelles versos vasados, n'uma alta sentimentalidade, voavam-lhe como settas ao coração... Elles pareciam perguntar-lhe tambem pelas recordações que lá tinham ficado, nas encostas saudosas da velha aldeia, perdendo-se distantes na sua alma, como os longes azues do oceano... O poeta dizia-os com a alma das convicções que não se abalam, e Armando sentia-os virem, um a um, quebrar-se nos descampados do seu coração, como as vagas impetuosas que se rebentam de encontro ás penedias austeras. Escutando-as, era como se, na sua imaginação dilatada, passasse toda uma existencia para sempre perdida, cheia de juras infindaveis, de sombras silenciosas, na eterna harmonia do amor eterno...

No emtanto, o Regadas perorava, exaltado, com o olhar extactico, levantado tragicamente para o tecto, e o braço para o alto, como querendo violar a Eternidade:

« Se eu não puder encontrar-te...
Quebrando a dura barreira,
D'este mundo de poeira,
Talvez, Inah, hei de achar-te.»

E sahiu do piano, ufanoso, cercado de cumprimentos.

O dr. Thompson, com os oculos do alto, felicitou-o paternalmente:

Sim, senhor! Tinha ido perfeitamente!

E voltando-se demoradamente para o Desembargador:

— Muito sentimento! O nosso poeta tem sentimento para dizer as cousas.

A professora não gostava de certos modos do poeta, ao recitar, e observava a Martha junto ao piano:

— Uns gestos exaggerados! Pois não achas? Credo!

.....

Armando voltara á leitura, quando Luiza se lhe acercou:

— Então, doutor? Está de certo hoje muito interessado com esse livro, pelo que vejo...

Armando desculpou-se, sentindo-se perturbado.

Estava a observar... Depois era interessante o capitulo quinto do *Outomno de uma mulher*, de Marcel Prevost.

—Muito lindo! —fez Luiza sentando-se-lhe ao lado — Em que ponto está? Deixe vêr, faz favor?

Armando, com uma commoção vaga, entregou-lhe o livro, apontando um logar na pagina.

Luiza começou a lêr, alto:

«Sons de orchestra, enfraquecidos pela distancia, amortecidos pelas tapeçarias, chegavam ainda alli, ao mesmo tempo que a voz dos jogadores no salão contiguo. Julia sentiu-se desarmada, vencida pela necessidade de ouvir aquella voz dizer-lhe que era formosa, que era amada. Fixou então em Mauricio, olhares cheios de ternura.

«Elle encostou a face no joelho dobrado de Julia.

«—E' necessario que me ame, murmurou elle. E' necessario que não seja de mais ninguem n'este mundo senão minha. Porque eu tambem não tenho ninguem mais.

«Ella tomou-lhe entre as mãos a cabeça querida; levantou-a para si, para a sua bocca. Tinha esquecido o baile e o mundo. As resonancias dolorosas da voz do seu amigo tinham dado volta ao seu coração fraco. Nenhuma força, n'esse momento, a teria impedido de o attrahir para si e de lhe responder:

«— Para que precisas dizer-me que te ame? Pois não sabes que n'este mundo só te amo a ti? Adoro-te!»

Luiza, com o dedo entre as paginas, fechou o livro, pousando-o nos joelhos.

Armando notou-lhe um rubor imperceptivel, ao lêr as ultimas palavras... E uma onda de ventura e martyrio, um mixto de vergonha e desespero, encheram-lhe todo o coração alanceado. «Se fossem ditas a mim aquellas palavras!...— pensava insensivelmente, esquecendo a vida e o mundo —como eu seria feliz!» Ao mesmo tempo, relanceando um olhar pela sala, cujo conjuncto o chamava á realidade das cousas, revoltou-se contra si mesmo: «Que insensatez! porque me havia de vir esse pensamento importuno?»

E para disfarçar a sua commoção, disse, levantando os olhos tristes para Luiza:

— Como vê, a these do romance é perigosa... Ha ahi de certo uma moral, mas que entretanto escapará a muitos.

— Mas é uma moral verdadeira — observou Luiza, com uma inflexão grave. — Eu conheço bem o *Outomno de uma mulher*: o amor da protogonista, comquanto criminoso, é justificavel e natural.

— Natural, é, em absoluto, nem eu contesto. Justificavel não será nunca para a sociedade, tal como a temos. Julia era casada: não po-

dia amar...—accrescentou Armando, com um accento convicto e doloroso, como se dictasse, n'aquelle momento, uma lei para si proprio.

Depois, teve um sorriso amargo por onde extravasava o fel da sua alma. E disse n'um gesto que exprimia a surda revolta comsigo proprio:

—As leis e a alma, que contradicção! Nas leis, o raciocinio; n'alma, o enxame dos sonhos. Imaginemos a alma como a rêde que os pescadores lançam ao mar, e os sonhos como as ondas revoltas. Os sonhos encherão a alma como a agua encherá a rêde que oscilla mas não a póde reter.

Luiza ficou um instante calada, a folhear o livro, subitamente enlevada, com os olhos baixos... Armando fingiu indifferença, e concluiu, tentando um riso forçado, em que se adivinhava um imperceptivel resabio de amargura:

—A nossa sociedade é assim: viola os principios da natureza, sorrindo, e recua, cheia de odios, forjando raios, quando a natureza se insurge contra essa violação. Julia, amando, nunca poderia encontrar absolvições.

—E' verdade—disse Luiza. Mas para as almas bem formadas, a luz da eterna justiça está acima de todas as cousas. Não é exacto que todos esses preceitos que nos impõem na vida social, devem estar, pelo menos, em nossa consciencia, abaixo da suprema razão de todas as

cousas? Mas para que havia eu de argumentar o caso?—accrescentou, mudando a entonação da voz — Parecer-lhe-ia, de certo, estranho que eu combatesse a sua opinião, não é assim?

Sorriu nervosamente com um fremito de ave mal ferida. Agitou a loura e divina cabeça leonina onde havia scintillações astraes. Os seus olhos tiveram a sombra que transfigurava o ambar das pupillas—como se alli passasse a espessa nuvem dolorosa das illusões irrealisaveis, a infinita e perturbadora chimera que parecia viver na sua alma.

E levantou-se, quasi violentamente, entregando o livro a Armando; e sem dar a este tempo a uma resposta:

—Para victimas, como essa, o perdão do mundo inteiro seria pouco! — concluiu com uma melancolia vaga.—Venha, doutor, ouvir alguma cousa, já que gosta de musica.—E encaminhou-se para o piano.

Armando seguiu-a, e emquanto Luiza tocava uma melodia vaga e arrastada, como um canto perdido na quietação de um lago azul, elle pensava, vendo-a embebida n'aquellas notas que arrancava como se uma onda nebulosa de soluços doridos se levantasse do teclado, queixosa e triste, sob a pressão dos seus dedos:

«Que enygma é o coração humano!»

E ella talvez pensasse, vendo-o triste: «como o coração humano é fragil!»

Fechadas n'um circulo de bronze, aquellas duas almas como que se fitavam, mutuamente inquirindo-se; e em Armando, o mundo real se dissolvia como uma nevoa para se transformar n'um mundo intensamente ficticio, singularmente lucido, corporisado n'uma extranha scena de theatro de que elle fôsse o phantastico espectador, por um processo de desdobramento da personalidade. As palavras de Luiza lhe voltavam como certos licores que estimulam um momento a vitalidade: «para victimas como essa, o perdão do mundo inteiro seria pouco!» Ella mentira a si propria, estava certo; mas quantas vezes se não procura a verdade atravez das palavras que mentem!

XXI

Armando não pôde dormir n'essa noute. Uma inquietação vaga e superior ás suas forças, não lhe permittia que elle cerrasse as palpebras.

A despeito seu, era Luiza que lhe enchia a imaginação; e a melodia que ella tocara ao piano, como que vibrava ainda nostalgicamente em sua alma toda, revivendo n'ella um mundo antigo que para elle se perdera e se esvaecera para sempre, nas dobras longinquas do passado e que de momento abria as azas n'uma resurreição phantastica. Aquella ternura profunda dos olhos de Luiza que pareciam, n'essas horas da noute, na sua imaginação doentia, abysmos que se escancaravam para tragal-o no seu venenoso e desconhecido seio, dominava-o inteiramente, amollentando-lhe o espirito, quebrando-lhe as energias, amodorrando-lhe a vontade

como se elle todo mergulhasse n'um banho de balsamos subtis.

Martha dormia socegada ao lado d'elle, com a respiração suave e rythmica, os olhos cerrados n'uma expressão de doçura, como o somno que a tranquillidade absoluta de consciencia, torna sereno.

Na serenidade do somno, as feições se haviam transfigurado como se a alma emergisse do fundo de sua amargura. Era de notar a attitude das mãos tão brancas como a musselina e que pareciam juntar-se n'um doce gesto de supplica impotente. Sonhava, talvez—quem sabia? E aquelle vago gesto de supplica porventura acompanhava o fio precioso que a illusão desenrolava infinitamente para um paiz de selvagem melancolia.

Elle olhou-a demoradamente, por vezes, querendo surprehender nos seus traços physionomicos, n'aquelle todo de carnação plastica, o que o tinha acorrentado a ella, o que o tinha conduzido a prender-lhe, para sempre, o seu destino e a sua vida.

Não descobria agora o encanto que o tinha subjugado! Ella estava alli, ao lado d'elle, adormecida e formosa; afigurava-se-lhe agora, contemplando-a demoradamente, que ella representava, n'esse instante, a fórma vaga de uma illusão que se evaporava, a sombra de um sonho que se diluia. Chegava mesmo a duvidar

dos sentimentos que o tinham dominado antes ao vêl-a, que o tinham levado a tomal-a por companheira eterna.

E por um sentimento indefinivel, descia, sem o querer, á analyse detalhada d'aquelles traços physionomicos, n'um começo precoce de abatimento. Havia alli rugas imperceptiveis que se insinuavam sobretudo aos cantos dos olhos fechados, traços que se entrecrusavam em semi-estrellas, sublinhadas indecisamente... Nos olhos adivinhava-se o quer que fosse que tivessem perdido algo da primitiva frescura de flôr apenas desabotoada. «São as lagrimas talvez— pensou — o sal das lagrimas devorando como um acido»; porque Armando tinha essa vaga desconfiança de que Martha chorava ás occultas... Surprehendera-a um dia com os olhos marejados; e ella mesma dera, de longe em longe, para extasis prolongados, diante do oratorio onde puzera o seu Christo sangrento, porejando dôr em todas as chagas abertas.

Agora, assim dormindo, Martha apparecia-lhe como visão que ia evaporar-se. Um instante, julgou-a morta, e poz-lhe instinctivamente a mão sobre o coração. A fonte da vida e do amor pulsava fracamente: dir-se-hia um relogio prestes a parar.

Tomou-se de um pavor infantil e supersticioso. O aposento enchia-se agora de uma ondulação lenta de musica, vaga e doce. D'onde

vinha? Não sabia! De longe, naturalmente. Mas essa musica inundava a casa tranquilla. Tinha algo que recordasse musicas mortas, doçuras de sonhos. Ouvil-a-ia Martha? Pareceu-lhe que sim e que nos olhos fechados borbulhavam lagrimas. Mas porque? porque?

E aquellas lagrimas adivinhadas, aquella dôr entre elles, não era como uma muralha formidavel que a cada hora crescia e os separava? Mas voltava a inquirir-se, na dolorida ancia de conhecer-se e conhecer melhor os seus sentimentos.

Elle teria realmente amado essa mulher? Se assim era, porque motivo esse amor desapparecia sem que nada o podesse deter, como uma essencia subtilissima que se evapora?! Porque não a continuava a amar da mesma maneira, com o mesmo ardor, com a mesma abnegação que o tinham levado à offerecer-lhe a prova mais evidente de amor que um homem póde dar a uma mulher, tomando-a por esposa? Ah! elle era um infeliz, um louco! Como elle fazia a infelicidade em volta de si, em torno de quantos o amavam!

E com os olhos ardendo de insomnia, cravados em Martha, sentia o remorso descer-lhe, como uma noute sem astros, sobre a consciencia — o remorso de ter-se feito mais infeliz e de ter infelicitado aquella formosa juventude que se lhe entregara, pedindo-lhe amor em paga de amor!

Cheio d'esses pensamentos, Armando veio a conciliar o somno perto do amanhecer. Logo passou da vida real para um sonho. E—cousa singular! —elle que nunca mais sonhara com a amada morta de sua juventude, viu-a surgir em frente d'elle, pallida, romantica, estendendo-lhe os braços de neve languidamente, e offerecendo-lhe a bocca purpurina, n'uma suprema expressão de amor. Ao contacto dos labios d'ella, elle sentira um frio immenso e agudo penetrar-lhe até á medulla dos ossos, um frio de eternidade que o envolvia todo, n'um abraço algido, emquanto ella, carinhosamente, sugava-lhe os labios, soffrega, enroscava-se-lhe ao peito, e cingia-lhe o pescoço com os braços egualmente frios... Elle quizera repellir aquelle contacto que o affligia, aquella caricia que não pertencia á terra, aquelle beijo espiritual que tinha o resaibo da morte... De repente, porém, ella fallava-lhe, baixinho, perto do ouvido, caricias amantes, ciciantes, soprando meiguices, balbuciando n'uma supplica:

—Não me repillas, Armando! deixa que eu reviva ao teu calor, que eu volte para o teu coração, que eu resuscite para a tua alma...

Era agora a sensação de uma nudez espiritual junto de si; tinha a ideia de vêl-a de pé, em toda sua puresa de lyrio, vestida apenas de luz, como recordando a attitude da ave prestes a mergulhar o vôo no azul do ceu. Por uma as-

sociação de ideias — estranha phantasia do sonho! — Armando via, na apparição, um quadro de Aphrodite que tinha no seu gabinete: a deusa nascida da espuma, branca e fria, tomando vida, assombrada de seu encanto, reflectindo a belleza no espelho do ceu e do mar, casta e núa, sem que nenhuma gaze profanasse o seu corpo divino. E abandonava-se ás suas caricias.

Então, elle sentia que aquelles labios frios tomavam calor, que toda aquella atmosphera que o cercava se ia modificando, emquanto elle a beijava, longamente, doudamente, chamando-a pelo nome, n'uma pungente supplica:

— Lucia! minha *Yú!* eu te amo! eu te amo!

Então ella o encarava séria, n'um gesto de reprehensão.

— Por quem me tomas tu, Armando? Eu sou Luiza! eu chamo-me Luiza!

Effectivamente elle reparara que não era a *outra* que conservava nos braços: era Luiza, provocante e cheia de amor, com o seio desnudo, os olhos humidos de ternura, os profundos olhos de ambar que o enleiavam n'uma ternura empolgante, n'uma irresistivel sensualidade, pedindo-lhe beijos, os braços enroscando-se-lhe ao pescoço.

E ao mesmo tempo, mãos invisiveis tocavam ao longe, n'uma surdina etherea, a mesma melodia que Luiza tocara ha poucas horas — e elle acordava, com um suor humido a escorrer-lhe

da fronte, com uma suprema agonia a pesar-lhe no coração...

O dia já vinha rompendo, nevoento e brumoso, quando Armando se levantou para respirar um pouco o ar livre que o libertasse d'aquella atmosphera pesada que sentia cercal-o na alcova, como se elle tivesse dormido sob uma pressão devoradora.

Quando Martha se poz de pé, foi encontrar o marido sentado n'um banco, meditativo, olhando distrahidamente para os passarinhos que cantavam, volteando sobre o caramanchel.

Armando estava pallido e de olheiras. Martha notou-o; e elle, como se fôra surprehendido em flagrante delicto com os seus pensamentos, desculpou-se afflicto com a noute mal dormida que havia passado. E ficaram alli a conversar sobre as flôres...

Passaram-se algumas semanas apóz esse dia, e as reuniões de Armando tinham continuado com a mesma regularidade.

Luiza não deixou um só dia de frequental-as. Os longos trechos que tocava ao piano enchiam de uma dôce harmonia aquelle ambiente intimo, onde se respirava tão bem, e substituiam muitas vezes as conversações dos grupos, em que

se destacava sempre a alacridade do Torres, de monoculo no olho, a fallar dos seus planos litterarios.

Para Armando é que o martyrio ia crescendo cada dia, em presença de Luiza, não conseguindo um só instante afastar de si aquella impressão que d'elle se apossara, que se avolumava n'elle como uma sombra phantastica, subjugando o resto de suas energias.

Evitava o mais que era possivel trocar alguma palavra com Luiza, temendo ficar perturbado; mas se ella tocava, que delicioso martyrio era para elle ficar, inconscientemente absorto junto ao piano, a construir um mundo, além das nuvens, emquanto o seu olhar nostalgico e magoado demorava insensivelmente cravado n'aquelles dedos afilados e brancos que corriam celeremente, como passaros em debandada, sobre o teclado de cuja alma arrancava a profusão harmonica das notas!

Quando Armando agora se interrogava, sentia-se na posição da pessoa a quem todos os dias se apresentasse uma taça e se dissesse:

«Se queres hoje ter o direito á vida, espreme aqui, gotta a gotta, todo o sangue do teu coração».

Agora, ja não podia duvidal-o; amava-a, ou, pelo menos, julgava amal-a como tinha julgado amar a sua mulher.

Não sabia porque a amava e no emtanto

amava-a, sentindo que nunca mais aquella imagem querida perduraria por muito no seu espirito.

No emtanto elle pensava a miudo no seu dever que não lhe permittia esse amor, para os olhos do mundo, criminoso, que em bem da tranquillidade de sua consciencia e da felicidade d'ella, tinha de arrancar do coração, custasse o que custasse — d'aquelle seu pobre coração acorrentado e captivo, sem direito de amar a mais ninguem que não fosse áquella a que o tinham ligado laços indissoluveis. Mas como arrancar aquelle amor sem arrancar o proprio coração?

Como agora elle sentia bem, no intimo d'alma, pesarem-lhe aquelles grilhões que não poderia quebrar, que o acompanhariam por toda a parte, por toda a existencia, arrastando penosamente aquella grilheta ao pé, para lembrar a sua condição e o captiveiro do seu magoado coração! Elle comprehendia agora, com uma nitidez espantosa que, para a sua alma, estavam já interdictos os affectos de seu coração insaciavel e que lhe parecia precisar, por um estranho phenomeno, de novas illusões para alimentar-se, de novos sonhos que lhe viessem dourar a horrivel monotonia da vida, de novas esperanças que viessem reanimar os desalentos do seu proprio espirito.

Elle distinguia melancolicamente que no seu intimo cahia já, silenciosamente, pausadamente, o crepusculo do derradeiro occaso, tristonho e

*

sereno, empanando o brilho de sua formosa mocidade e o ceu azulado e longinquo de sua juventude. Distinguia claramente — como a natureza ao cahir da noite — as linhas diluirem-se, os horisontes afundarem-se, o ceu vestir-se de melancolias supremas, as arvores penderem somnolentas os galhos, as aves entoarem a despedida saudosa do dia, o poente ir baixando pouco a pouco, e, muito no alto, as estrellas espiando a terra, tremeluzindo solitarias, concentrando as eternas saudades que vem procurando o asylo do coração, devastado com a perda da ultima illusão!... Era bem isto! elle era o naufrago atirado á praia esteril da ilha desconhecida onde uma vaga o abandonara como coisa inutil.

Era tudo isso exacto, era tudo isso real e esmagador! Não lhe restava mais nada, nada! Era preencher um resto de vida sem amor e sem aspirações, indifferente ao mundo e aos impulsos do coração, esperar que a velhice chegasse para quebrar o resto das energias de sua vontade e do seu espirito rebellado — e depois morrer tranquillo e resignado, crucificado na sua incomprehendida dôr, sem uma lagrima sequer pelos affectos santos que o prendessem á terra.

Era isso mesmo! era resignar-se, era esquecel-a — e estaria tudo acabado, bem acabado!

Ah! mas esquecel-a, era tão cruel! Era-lhe

tão difficil a vida assim, eternamente com essa chaga aberta no coração, sempre porejando sangue, em toda a existencia agarrado ao pobre cadaver de sua illusão morta, para sempre morta! Podia renuncial-a, sentia-o bem! Porém esquecel-a, como? se não podia calar os impulsos do seu pobre coração insaciado, eternamente a pedir-lhe vida e amor—amor e vida que elle já não podia dar!

Como esquecel-a, soffrego d'aquelles queridos encantos?

E como sentia-a tão grande e elle via-se tão miseravel! Via-a tão no alto, onde nunca ousaria tocal-a, e lhe parecia agora ter descido tanto, a ponto de nem poder mais alcançal-a com os olhos de cordeiro submisso! Comprehendia-a tão grande e tão magestosa, e elle sentia-se tão pequeno e tão indigno! Era tão extraordinario o abysmo que os separava, julgava tão enormes as suas desproporções moraes — que ás vezes nem sabia como tivera a audacia de levantar para ella os seus olhos supplices!

Havia de fugir-lhe pois! Nunca mais procuraria vêl-a, nunca mais procuraria approximar-se-lhe! Ella ficaria sendo para seu espirito como um culto, eterno e imperecivel... Sobreviveria no seu coração e na sua saudade, — e a mão destruidora do tempo se encarregaria de ir, anno a anno, desfazendo o iris do seu sonho, deixando-a apenas, na sua memoria, como uma

forma querida, como uma longinqua recordação do passado, descendo como balsamo para cicatrisar, pouco a pouco, as chagas de sua atormentada vida.

Chegou a pensar n'essa estranha volupia que possue a dôr. Saber soffrer é um dom divino e quanto maior é a partilha de soffrimento, mais dignos devemos ser d'essa dôr. E' esta força que vivifica a materia e floresce os pomares, como pertence ao espirito alliada a essa outra força, porventura mais mysteriosa, que atravessa os mundos, os abraça, os faz estremecer, no seu turbilhão infinito, e desentranhar-se em amor, em perfumes e em luz. Não é o homem como a montanha, despedaçada pelos mil sêres que lhe sugam as entranhas — os mil tentaculos que lhe pedem vida ao seio e que se revelam em arvores, em galhos seivosos, em flôres e em fructos, n'uma palpitação de vida que embriaga e empolga?

Um instante, Armando pensou n'isto. Despir-se de tudo e ir para a dôr, era bem o sonho do infinito, a catadupa onde dormem os germens dos mundos de ámanhã...

Sim! «adeus»! estava bem acabado!

Como porém seria isto? Vendo-a a cada passo, seu sentimento tenderia a crescer sempre, a transbordar... Pensou n'uma viagem, n'uma longa viagem, porque sempre ouvira dizer que as viagens tinham o poder de curar os

corações doentes. Chegou a fallar n'isto a Martha, disse-o tambem, em conversa, a Luiza, fingindo despreoccupação. E pareceu-lhe sentir que a chamma d'aquelle olhar se obscurecia, que ella lhe repetia aquelle «ingrato!» dolorido — para que toda a sua resolução se desarmasse, toda a sua coragem ficasse vencida. E atravez d'aquelle sorriso despreoccupado, com que ella acompanhou as palavras de approvação á viagem — «muito bôa para enriquecer o espirito» — Armando julgou ler outra phrase subindo como uma amarga queixa, uma doce misericordia para elle! «Pobre querido! não tens força para te despedires de mim!» Deus do ceu! que espantosa coisa delicada e ferida era elle agora!

Ir-se, desapparecer, deixal-a agora entregue ao seu destino, não era poder aquillo que o amor não póde?

E ficou, sem animo para decidir a viagem, adiando-a, amollentado a um canto, na esperança de que a vida continuasse assim para todo o sempre, n'aquella ignorada adoração de espirito diante do objecto amado. Como seria bom amal-a sempre assim, sem a ideia da posse, sem a troca de uma confissão, nas ternas confidencias em que os silencios valem pelas palavras e os olhares enviam, no seu poderoso fluido, a essencia adivinhada do pensamento! E abrigava-se n'essa derradeira esperança, — sombra que fugia para os limbos — sentindo-se chegar ao cimo

do calvario de sua dôr, onde cahia, como uma creança, de joelhos, pedindo misericordia.

Essa apathia ficticia era como um inesperado allivio. Ahi elle procurava deter o desenvolvimento do amalgama de sentimentos anteriores. Era como se evitasse examinar-se e revolver a alma para não despertar as coisas apparentemente mortas, tal como um lago de aguá limpida na superficie que se evite revolver para que a vasa depositada não suba para turvar a limpidez crystallina. N'esse estado, Armando reconhecia-se como um d'esses doentes que, pela perda da sensibilidade de uma parte do corpo, conservam comsigo a contínua sensação de estar ao lado de um cadaver.

Havia, porém, um ponto obscuro e tremendo que elle divulgava a cada instante no azul sereno d'essa esperança: Luiza teria de casar mais tarde e elle ficaria desamparado no vasio da espantosa agonia de seu coração. Era então que todo o seu doloroso egoismo se erguia como um vaga temerosa dentro em si. Casar? mas como seria isto? Como se realisaria essa tremenda iniquidade? Nos momentos em que lhe vinham estas ideias, tinha ciumes insensatos, capazes de compromettel-o, todo elle impellido a explodir a sua colera contra alguem.

Um dia, n'uma de suas *soirées* ás quintas, como o Amadeu demorasse muito tempo junto de Luiza a dizer-lhe amabilidades futeis, teve

impetos de desancal-o e atiral-o de porta a fóra como bebedo e immoral. E não se conteve que não dissesse a Luiza, quando o Amadeu a deixou, com uma aspereza que o seu esforço mal velava:

— Sempre creio que não terá o mau gosto de ser a *companhia* d'essa firma commercial.

Luiza ergueu para elle os olhos longinquamente queixosos e turvos, esses olhos em que o vôo do sonho adejava.

— Porque diz isso? — respondeu — Pois creia, doutor, que tenho decidida repugnancia ao casamento — e sorriu indefinivelmente.

Houve um pacto mudo n'estas palavras que eram como azas aladas de coisas que se não revelavam. Olhavam-se no fundo das pupillas onde sentiram entretanto alguma coisa intransponivel. «Se um dia...» mas não! veio a ambos a noção tremenda do tempo que foge e comsigo arrasta as possibilidades; da chamma que arde um momento e se apaga; de todas as infinitas coisas que se corrompem e morrem, a cada ruga que se cava no rosto, a cada fio que se branqueia nos cabellos.

Mas a phrase amada ficára soando n'aquelle momento divino. Esse momento marcou um intervallo unico na vida, talvez de ambos.

Ah! isto foi bem para Armando uma doçura inesperada, um divino encanto, um delicioso apaziguamento, tal como se um rocio de repente

cahisse sobre a dolorida chaga de seu coração. Deus do ceu! pois seria verdade? E' que se aquella alma não pertencesse a outro, bem certo é que ella lhe pertenceria em alguma coisa. Se ambos podiam ter a dolorosa força d'esse mutuo renunciamento, se podiam consummar esse sacrificio em nome do espirito que os unia, é que de facto elles se pertenciam bem fundamente, intangiveis aos grilhões da carne, n'esse doloroso consorcio solitario, acima de todas as leis e ausentes de todo o contacto do mundo, simples sonho delicioso de posse mystica. Armando fechou os olhos um momento e sentiu-se levado por essa sombra vaga, elle e Luiza arrastados para o paiz desconhecido das lendas, todas as leis da vida sophismadas, ambos enlaçados atravez d'essa paragem encantada, no mesmo abraço infindavel, sem saber que florestas, que rios, que clareiras, que collinas atravessavam, entre os corpos vaporosos, os objectos sem nome, conduzidos por uma apparencia de tempestade para o infinito obscuro, a fuga para o melancolico fim dos desertos onde estariam sempre mais longe e em nenhuma parte.

Isto fez Armando feliz por muitos dias, como se aquellas palavras fossem a promessa d'um paraizo sonhado. E com essa felicidade, elle de si mesmo inquiria se Luiza comprehenderia o seu amor e se amal-o-ia arrastada, como elle, por uma força superior e indomavel. Vinha-lhe

então á lembrança a scena da mantilha, reunia outros incidentes minimos, coisas fugaces, olhares reticenciados, todo um mundo de nadas que para elle era a historia d'aquella affeição nascida d'um fatal imprevisto. Ah! desejaria que ella não soubesse, elle que se julgaria deshonrado se alguem suspeitasse d'aquillo — ella propria, talvez! Ella tambem? mas porque ella tambem o supporia deshonrado com aquella acção? Em que fibra mais tenue e delicada o seu pudor sentir-se-ia offendido com essa adoração de seu espirito?

Se era verdade que ella não o ignorava, porque tambem não suppôr que ella não se revoltava por um sentimento de piedade e misericordia por elle, sabedora, como talvez fosse, de toda a sua historia?

Esta ideia então atormentava-o atrozmente; superior a todas as outras. Ah! como elle sentia-se duplamente infeliz inspirando piedade a quantos o cercavam!

XXII

A tal festa campestre de Armando, em Bôa Viagem, havia lançado a familia Figueiredo no ardor d'uma desforra, pela sua exclusão premeditada e acintosa.

E acharam um motivo, improvisando o anniversario da Laura. Foi então toda uma historia de sacrificios, vintens arrancados ás despezas diarias, 50$000 tirados a uma caderneta que dormia o somno da eternidade na Caixa Economica com 100$000 de outras economias e mais alguns magros mil reis de juros que se haviam accumulado, na Caixa. Queimaram então as pestanas em arranjar o orçamento da despeza,—tantas garrafas de vinho Figueira, tantas do Porto, um perú, um quarto de porco, tantos kilos de carne—porque, em logar de um simples chá, haviam resolvido offerecer um jantar que dava assim ares de aristocracia e solemnidade.

Em companhia da D. Brigida, então, de la-

pis em punho, as duas irmãs, cheias de febre, discutiam todos os pormenores, os minimos detalhes, desde a questão da despeza até a organisação da lista dos convidados, em cujo cabeçalho figurava o nome do Dr. Armando. N'este ultimo ponto então é que os interesses se apuravam, porque era preciso dar na vista e apresentar gente limpa — pois tudo aquillo visava simplesmente um despique ás Mendoncinhas, ao Regadas, ao Amadeu e ao Deoclecio. Haviam de mostrar como eram pessoas importantes e que tinham amizades de gente que se visse.

As Mendoncinhas haveriam de vir ao *sereno* e então que desforra as irmãs Figueiredo gosariam na sua superioridade de pessoas de recursos e bem relacionadas! Alarmavam-se, porém, com receios que algumas pessoas não acceitassem o convite: o Dr. Armando, por exemplo, o Dr. Thompson e a familia do Desembargador corriam perigo...

— Mas olha! — commentou a Zulmira — lá por aquella franceza, sempre era melhor que não puzesse por aqui os pés... Era bem capaz de dar-nos algum escandalo pelos cantos das janellas.

Mas a D. Brigida interveio então, com juizos graves. Sim, senhora! mas sempre era gente limpa que honrava a casa... Bastava ser da familia do Desembargador, pois então?

A Nazinha Pereira... essa não faltaria... E a Laura estourou logo a rir-se, illustrando o

caso... Se apparecesse algum sargento de policia ao *sereno*, era bem capaz de fugir, porque nunca ninguem vira jámais tamanho assanhamento. Uma pimenta!

O Torres, esse de certo não podia entrar no numero dos convidados, com toda a sua presumpção de sujeito besta! O que era pena — commentou a Zulmira—porque a irmã, a Luiza... Mas a Laura indignou-se cortando a phrase da irmã:

—Ora, sáe-te d'ahi! já está dando até para namorar homens casados — o que fez com que D. Brigida a fitasse com olhos interrogativos, toda ardendo de curiosidade, a fingir circumspecção, forçando o sobr'olho.

— Quem te disse isso, menina? Tambem vossês fallam de todo o mundo!

A Laura porém indignou-se. Fallava de todo o mundo, não senhora! Toda a gente sabia d'essa pouca vergonha, nem ella tinha culpa que os outros não se dessem ao respeito.

E os convidados continuavam a desfillar, com a imprescindivel critica. O Eduardo Lima —um primo da casa que namorava as duas irmãs por intermittencias — era certamente uma bôa acquisição. Patusco, tocador de violão, cantor de modinhas, só elle valia por dez! A D. Professora, ah! essa não deixaria de vir... Era pessôa que, apezar de tudo, honrava, por sua posição official. E podia-se até, para agradal-a,

chamar tambem o Borba, o tal viuvo, porque afinal o casamento parecia assente. Quanto a este, as duas irmãs combinaram todo um plano complicado de diplomacias para incumbirem a D. Professora do proprio convite, pois que não ficava decente a ellas — foi a opinião de D. Brigida — convidar a uma pessôa a quem não conheciam senão de vista. E um inspector de ensino sempre era um sujeito com honrarias na festa!

Foram afinal arranjadas as coisas do melhor modo, os convites pessoalmente feitos e o anniversario, que cahia n'uma sexta feira, foi adiado para o sabbado, n'um dos primeiros dias de março.

E a casa amanheceu toda rescendente, com cortinas obrigadas ás janellas, candieiro de suspensão e folhas de canella até pela calçada, em profusão. Pelas seis horas começou o jantar, que fôra prorogado pela ausencia de certos convidados de importancia, entre os quaes o Dr. Armando e o Desembargador, com as respectivas familias. Isto foi logo um começo de desapontamento para as irmãs, que se viam assim logradas nos seus intentos. E a Laura havia já cochichado para a velha, cheia de indignações:

— A não ser a D. Francisquinha e o Borba, não vejo ahi senão uma canalha. Se não queriam vir cá, era escusado prometterem. — E sua indignação subiu de ponto ao vêr chegar o Chico Alves, um visinho de fronte.

—Pois então até os *bicheiros* nos invadem a casa?—E chamou a irmã.—Mas, Zulmira, quem convidou semelhante pelintra? Não me parece que isto seja nenhuma *sovacada*...

Acalmaram-se porém um pouco, ao vêrem entrar a familia do coronel Monteiro—elle, a mulher toda a abanar gorduras disformes, e tres filhas chloroticas, de indefinivel idade.

A D. Brigida foi recebel-as, a dizer bem alto «coronel, como vai?» «coronel, sente-se!» para que os primeiros curiosos acercados á porta da rua, ouvissem distinctamente e soubessem que se tratava de pessoas importantes.

Quando estavam já na sopa, o jubilo da familia dobrou ao vêr surgir o Dr. Lula, com as irmãs. Estudante chronico, esse Dr. Lula formara-se em direito já aos trinta annos e havia dez mendigava uma promotoria em Cabrobó, que todos os governos lhe recusavam.

Vivendo quasi essa inexplicavel vida de expedientes das cidades, o Dr. Lula, na caça d'um emprego, tinha, bem examinado, esse ar de pessimismo precoce que a consciencia de si proprio e o insuccesso nos primeiros passos da vida publica imprimem ao homem. Entretanto apparentava ares importantes entre pessoas de mediania, esforçando-se por dar á physionomia um tom acima da vulgaridade, inventando para isto um *pince-nez* de vidraça a pretexto de myopia que nunca tivera.

As irmãs, Domdonsinha e Miloca, ambas já attingindo aos trinta, de uma lealdade toleravel, frequentavam todas as rodas, vistas em toda a parte procurando noivos com o mesmo afan com que o irmão procurava empregos. Tinham entretanto ares correctos, fingindo desdens pelas coisas, olhando por cima dos hombros a generalidade dos homens. Sonhavam com um casamento rico, bem que esse sonho estivesse já um pouco modificado pela approximação dos trinta: agora já se contentariam talvez com um rapaz de bôa familia.

As irmãs Figueiredo, exultantes, cederam logares de honra á mesa, dispondo do melhor modo os convivas. O Chico Alves foi propositalmente deslocado e atirado lá para o fim da mesa. E a sopa ia sendo acabada emquanto os primeiros copos se enchiam de vinho Figueira.

A D. Francisquinha, no fundo mordida por um pouquito de ciúme por taes honrarias, inclinou-se para a Zulmira a indagar:

—Mas quem é esse povo? Vossês agora andam de grandes conhecimentos!

A Zulmira explicou-se, cheia de modestias. Ah, não! já conheciam ha tempo o Dr. Lula e as irmãs. E' verdade que não se frequentavam assiduamente, mas tambem ellas, as Figueiredo, não gostavam de muitas intimidades. E confidenciou para D. Francisquinha:

— Gente bôa, não tem duvida, gente de con-

siderações! Da Domdonsinha, é que se dizem umas tantas coisas... talvez mentiras.

A professora, a colher suspensa, applicava o ouvido, animando-a.

— Ah! da Domdonsinha? Aquella de olhos azues, não? Realmente não tem lá cara de pessôa muito escrupulosa... — E sentenciou, sorvendo a sopa: — Tambem as moças de hoje em dia, feitas poucas excepções, parece que perderam a cabeça!

E na sêde de expandir-se, espicaçada do vago ciume que sua solteirice animava, detalhou em seguida:

— Vê alli aquella menina, filha do coronel Monteiro? aquella de vestido creme, a Lelena... Pois esteve de casamento com um senhor bem apessoado, nome no commercio e por cima apatacado; e sabe qual foi a consequencia? Ahi por pelintra, um fedelho qualquer, deu com os burros n'agua... Frequentadora do Santo Christo, vivia a fazer mômos ao typo e a passar-lhe cartinhas pela grade. A proposito, dizem que um dos taes bilhetes foi ás mãos do negociante que andou a mostrar a todo o mundo as licenciosidades de que estava cheio. — E rematou indignada, esgotando o primeiro copo de vinho, a limpar os beiços com o guardanapo, os olhos já brilhantes do alcool: — Uma porcaria, como vê!

Isto aguçou a Zulmira Figueiredo que, para prestigiar as visitas, desejaria calar-se sobre as

taes historias que corriam sobre a Domdonsinha; e não pôde conter-se sem dizer o que sabia do caso:

— Pois aquella sonsa — e apontou surrateiramente para a irmã do Dr. Lula — apezar de ser de bôa familia, tambem não possue um ceitil de juizo... Dizem-se tantas coisas que, verdade ou mentira, já contribuiram para que lhe desmanchassem dois casamentos. Ha quem diga que o pae morreu de certos desgostos... Afinal eu não sei, mas o que é facto é que ninguem conhece o meio de vida d'aquella gente. Ellas não sahem da janella á espera que desfilem os namorados, e o irmão, que nunca arranjou emprego, dizem que vive de emprestimos que não paga. Uma vergonha! — e cuspinhou.

A professora, que fingira a principio não conhecer a familia, agora alargava-se, no intimo regosijada por tirar a desforra das honras que haviam dado na mesa á gente do Dr. Lula.

— Mas então vossê não sabe? O Dr. Lula vive até a *vender bichos!* Ora isto de bacharel *bicheiro* sempre é uma miseria de causar lastima!

E a professora ia continuar n'esse diapasão, quando uma scena chamou-lhe a attenção. O Borba, debruçado sobre a mesa, quasi em frente, offerecia assado, todo cavalheiroso, para as irmãs do bacharel. Justamente a Domdonsinha tinha no olhar uma pontinha de ternura, der-

reando-se, a entregar-lhe o prato, entre risos amaveis que o viuvo parecia acceitar.

A professora fez-se escarlate; e em sua physionomia como que de momento, estampou-se a tempestade que se lhe levantou no coração, o pobre coração desenganado que se agarrava áquelle viuvo como a ultima salvação da arruinada solteirice junta do supremo naufragio dos annos. E inclinou-se para a Zulmira Figueiredo, mas dizendo alto, de modo a ser ouvida por mais alguem, os labios tremulos, os olhos faiscando:

— Está vendo como procede aquella assanhada? Eu sei d'ella melhor do que vossês e se não fallo é simplesmente porque me não convém tratar de bandalheiras. — Baixou a voz, entre mysterios. — O que lhe garanto é que, alta noite, foi encontrada no sotão da casa em que ellas moravam uma escada de corda por onde alguem subiu pelo quintal da visinhança. E o facto é que os visinhos deram alarme, a ronda compareceu, e o typo foi mettido na cadeia, como ladrão, isto ainda para salvar as apparencias... Aqui está porque o pai morreu... Ella que não se metta com o snr. Borba! — concluiu n'uma ameaça vaga. Ha muito por onde se lhe pegue! O rabo de palha é d'este tamanho — e abriu os braços tragicos.

Isto contado a meia voz, correu logo a mesa, entre risadinhas e commentarios pittorescos — o que não impediu que a Laura Figueiredo de-

clárasse para o lado que aquillo não era coisa de pessoas que se percebessem. Era preciso vêr que se estava entre familias.

Do lado do Chico Alves, lá no fim da mesa, a coisa então assumia porporções de franca hilaridade. O Eduardo Lima, que fôra tambem namorado da Domdonsinha, accrescentava pormenores illustrativos, attestando coisas de sciencia propria.

— Olha, no tempo em que tomavamos banhos salgados na praia de S. Francisco, em Olinda, era uma delicia... — E retorcia os bigodes ruivos, cheio de goso, a cochichar com o Chico, dando-lhe palmadinhas familiares. — Bem sabes que não *aliso* — accrescentou depois d'uma confidencia escabrosa.

O Chico Alves, que esvasiava copos sobre copos, retorcia-se estourando em risos, a bocca cheia das grandes garfadas.

As Figueiredo viam já isto com máos olhos. Definitivamente aquella gente lhes estava estragando a seriedade e a importancia da festa! E como, n'um dado momento, a uma risada mais alta, o coronel Monteiro franzisse o sobrecenho, a Laura chamou pela mãe, que não estava na mesa, e recommendou de modo a ser ouvida:

— E' preciso dizer ao Eduardo que contenha o Chico Alves e que elle respeite as pessoas. Isto aqui não é nenhum chinfrim!

N'esse momento todas as attenções foram

desviadas para o perú, que chegava solemnemente á mesa. O Samuel Lins, um estudante de direito, retardado, que assomara á sala, nem mesmo conseguiu que o olhassem, a tal ponto o perú attrahia as vistas unanimes. Mas o Samuel, desembaraçado, foi bater ao hombro do Eduardo Lima e entre este e o Chico Alves arranjaram-lhe um logar, ficando os tres sentados em duas cadeiras.

O Dr. Lula, agora, propunha-se a trinchar o perú, e o Chico Alves desabotoava o collete e o primeiro botão das calças, declarando que não almoçara n'esse dia para ter melhor disposição. E lambia os beiços, os olhos languidos para o perú.

— Não almoçou? — repetiu a Zulmira Figueiredo para a D. Francisquinha. — Veja vossê que pretenção a d'aquelle typo! O que não resta duvida é que elle não come ha tres dias.

— E' uma indecencia! — rosnou a professora a engulir o resto do assado.

O perú voou então pela mesa, já sem ordem, aos pedaços.

E como o Borba se lembrasse n'esse momento de offerecer á Professora fatias de perú, a D. Francisquinha fez um momo grave, recusando, a olhal-o de modo que o viuvo empallideceu. Não! obrigada! já estava servida! E, acintosa, de modo que elle a ouvisse:

— Offereça alli á Domdonsinha...

Mas a Zulmira chamava-lhe a attenção para

o Samuel, que só então viu entre o Eduardo e o Chico Alves, os tres distribuindo-se os ultimos pedaços da carcassa do perú. Foi para a Zulmira um grande gosto que o Samuel viesse e fez-lhe um grande cumprimento de longe, pretendente teimosa que sempre fôra a namorada do estudante.

— Quem é?—perguntou a professora.

— O Samuel, pois não conhece? Estudante, poeta e rapaz distincto! Aquillo é p'ra quem é... As filhas do Mendonça andaram a offerecer-lhe o peixe pôdre que elle nunca acceitou... A Anna vivia dia e noite á janella, esperando a hora em que elle passava para entregar-lhe bilhetinhos de namoro a que elle não respondeu. E fallam dos outros, aquellas assanhadas!

A professora, porém, fez um gesto de significativo desdem, torcendo o nariz.

—Cheira-me a pelintragem! Olhe p'ra aquelle *pince-nez*... a apostar como é vidraça.

Do outro lado, porém, as filhas do coronel Monteiro, as tres em linha, abafavam risos nos lenços, vermelhas, a olhar para a professora, commentando-lhe o ciume pelo Borba, pois que lhe haviam ouvido a phrase relativa á Domdonsinha.

— Já é coragem! — observava a Lelena. — Ter ciumes do Borba, com aquella careca indecente... Crédo!

E a phrase da professora correra como um

rastilho de polvora de bocca em bocca até o grupo do Chico Alves que, na opinião de D. Brigida, dava conta de toda a comida da mesa.

— Mas de que se riem aquellas amarellas? — sibilou a professora, os olhos esgazeados para as filhas do coronel. Era melhor que cuidassem da propria chronica que não é muito limpa... Que vão fabricar escadas de cordas...

No grupo do Chico Alves, porém, o caso fizera successo, e o Eduardo, o rosto já congestionado, fazia bolinhas de pão para atirar á careca do viuvo. O Chico, a proposito, contava, com toda a correcção e augmento, a tal historia do gallinheiro da professora, d'onde lhe viera o ser conhecida por *Chiquita do gallinheiro*. E reinava agora, de ponta a ponta, uma franca hilaridade, uma balburdia sem nome, toda uma sem-ceremonia que alguns declaravam encantadora. O Eduardo, no auge do enthusiasmo, partiu um copo, com estrepito. A Laura conseguiu então chamar a mãe de novo, recommendando-lhe indignada:

—Diga ao Eduardo que tenha modo. Já lá se foi o copo da visinha...

A D. Brigida estava apopletica. E declarava á filha que se não fosse a familia do coronel e mais duas ou tres pessôas de ceremonia, punha toda aquella corja no olho da rua. Uma canalha que nem ao menos sabia respeitar as pessoas! E segredou á filha:

— Até a D. Professora entende que deve vir para cá dar os seus escandalos...

O coronel Monteiro, porém, salvou apparentemente as difficuldades do momento, levantando-se para fazer um brinde. Com uma pequena difficuldade, a assembleia calou-se para ouvil-o, não sem deixar de mastigar.

O coronel, a mão solemne na cava do collete, ia começar a fallar, quando uma bolinha de pão, atirada para a careca do viuvo, perdeu o rumo e alcançou-lhe o nariz. Isto fez rir toda a mesa, a despeito do olhar severo dos donos da casa e dos *psius* que partiram de alguns lados.

D. Brigida não se continha e desabafou com a Laura, quasi alto:

— Aqui tem o resultado de se encher a casa de pessôas que não se percebem! Não será mais essa sucia de pelintras que me encruzem os batentes!

O coronel, entretanto, começara a fallar, entre o ruido dos queixos que continuavam a mastigar e do tinir dos talheres — o que fez com que a professora notasse para o lado:

— Nunca se viu maior falta de educação! Definitivamente essa gente nunca comeu.

O orador, depois de alludir á sua «humilde individualinade e pobreza de rethorica» com um «não apoiado!» do Dr. Lula, declarava «erguer a debil voz n'um momento tão solemne, para brindar á Laura», que elle comparou a um mi-

moso botão de rosa no florido jardim da vida...

— Botão de rosa, está muito proprio! — declarou a professora revirando os olhos para o viuvo, enternecida pelo vinho e disposta a perdoar.

O brinde acabou n'um *hip! hip!* formidavel. E, no momento do enthusiasmo, quebrou-se um outro copo para o lado do Chico Alves.

— Essa corja dá-me cabo da louça e dos copos! — exclamou a D. Brigida, a face congestionada. — E passou junto do grupo, accrescentando: — Vão beber assim ao inferno!

Mas a Laura chamou-a, recommendando:

— Veja o meio de acabar com a mesa, porque o vinho já é pouco. Só aquelles typos — e apontou para o lado do Chico Alves — deram conta de tudo que havia na mesa.

Mas o Eduardo declarava que era preciso accender-lhe a *lanterna*, que diabo! e levantava o copo vazio, batendo depois no fundo das garrafas.

Para salvar a situação dos bebedos que escouceavam, a Laura mandou dizer ao Dr. Lula que fizesse o brinde de honra ao bello sexo. E o bacharel, emocionado e solemne, sem conseguir senão um relativo silencio, começou a fallar, pausado e grave, declarando tomar a liberdade de erguer o brinde de honra.

— Já é o de honra? — perguntou o Chico Alves. — Pois nós por aqui agora é que iamos começando... — E desabotoou mais um botão do collete.

— Por pouco fica em mangas de camisa — declarou a Zulmira.

Entretanto o Dr. Lula cahia no pathetico do brinde.

—«O que seria o homem sem a mulher, meus senhores? Sim, o que seria?» — E ficou com os olhos para o tecto, com uma pausa de commoção.

— Seria um bemaventurado! — declarou o Samuel á meia voz.

A professora porém fulminou-o com o olhar cheio de reprehensões amargas.

— Sempre ha typos muito pedantes — e cuspinhou para o lado, voltando-se para o orador.

— «O que seria?» — repetiu o bacharel, visivelmente embatucado. Mas a inspiração veio-lhe: — «Ah! seria, como diz o poeta, uma estatua de pedra sem coração!»

— E' bôa! — commentou o Chico Alves — onde foi que elle já viu estatuas com coração?

Veio porém dos lados da mesa um *psiu* reprehensivo, emquanto o bacharel continuava:

— «Ah! o homem sem a mulher, seria uma arvore sem fructos, seria a rosa sem perfumes...»

O Borba deu um apoiado e olhou insensivelmente para a Domdonsinha.

A professora ficou de novo escarlate a este movimento do viuvo.

— E aquelle careca descarado o que seria? — rugiu, com supremo escarneo para a Zulmira, apontando o Borba.

Entretanto o bacharel fechava o brinde, considerando a mulher no triplice aspecto de filha, esposa e mãe. E synthetisava o brinde na familia Figueiredo—a D. Brigida, que fôra esposa e era mãe e as duas irmãs, fructos d'essa arvore que elle classificava de «benefica e promissora».

—Promissora. é que não!—declarou o Samuel. — Aquella já não promette nada...—E os risos explodiram entre os protestos do Chico Alves, que dizia não satisfazer a saude por falta de vinho, chegando quasi a indignar-se. Era bôa! quem não estava no caso de dar festas não se mettia! Era uma *lastima*, aquillo! E bateu com o copo e o copo resvalou e quebrou-se.

A D. Brigida, entre a debandada dos que deixavam a mesa depois do brinde, não se conteve e veio até onde estava o Chico Alves. Era uma lastima, não senhor! Ellas não estavam alli para sustentar cavallos e de mais, se elle estava bebedo, era favor retirar-se. Que aquillo era casa de familia e era preciso respeitar as pessoas e as conveniencias!

O Chico porém, completamente ebrio, cerrou os punhos batendo-os na mesa com força. Pois elle queria beber, com os diabos!—E se não fôra estarem quasi todos os convidados na sala da frente, aquillo seria um escandalo, porque o Chico declarava que não sahiria e quem fosse homem... e metteu a mão na cava do collete, n'um significativo movimento.

Mas o Eduardo e o Samuel dissuadiram-no e levaram-no para o quintal.

Na opinião de D. Brigida, era preciso acabar quanto antes com aquelle escandalo. E dizia ás filhas, afflicta:

— Façam ideia o que não se dirá pela rua ámanhã! Porque realmente não é decente que n'uma casa de familia se reuna tanta gente porca! Uma vergonha, simplesmente!

A Laura achava tambem tudo aquillo muito grave e desabafava com a mãe a um canto. Não admirava o Chico Alves, que afinal nunca se dera ao respeito e ninguem sabia porque modos tinha vindo parar á festa. O que era para escandalisar, realmente, era a D. Professora, que por fim tinha dado um soffrivel escandalo á mesa, com aquelles ridiculos ciumes do Borba, uma creatura indecente com aquella careca...

— Mas tambem a Domdonsinha não se dá ao respeito — objectou a D. Brigida. — Olha que passou o jantar inteiro a machucar os pés do viuvo por baixo da mesa. Bem se vê que isto não assenta n'uma moça de familia.

— E' melhor que não se chame o viuvo mais aqui para casa — replicou a Laura. E concluiu, indignada: — E' incapaz de estar n'uma casa de gente que se perceba!

— Chamal-o para aqui? — perguntou indignada a D. Brigida. — E tu pensas mesmo que eu estou p'ra dar mais reuniões e encher a barriga

de semelhante canalha? De escandalos e prejuizos, já basta. Amanhã, tem-se que pagar os copos da visinha...—E recriminou: Se eu não fosse atraz da cabeça de vossês, não passaria por semelhantes vergonhas. Uma porcaria d'estas!

Na sala, agora, servia-se o café; e o *sereno*, já reunido á porta, augmentava de momento a momento em proporções.

Tocou-se em seguida uma walsa no piano que as irmãs haviam especialmente alugado para a festa e alguns pares menos timidos se arriscaram a sahir. O Dr. Lula bateu palmas depois para uma quadrilha, arvorando-se em mestre-sala, e a dança animou-se então.

No *sereno*, agora compacto, os commentarios voavam escabrosos, vinham risadas mal contidas e dicterios que chegavam até os ouvidos da sala.

A D. Brigida ouviu claramente classificarem a festa de «sovacada.» E tentou fechar as rotulas das janellas, toda ella cheia de indignações.

—Mamãe está doida?—inquiriu a Laura intervindo.—Bem vê que, se fecharmos as rotulas, apedrejam-nos a casa.—E voltou-se para o *sereno*, o nariz no ar, cheia de indignações:—Não se deve ligar importancia a canalhas.

No *sereno* ouviram a phrase, e alguem fez um *miau!* imitando o gato; e as gargalhadas dobraram. A quadrilha começara felizmente e o ruido foi abafado. O Eduardo dançava com uma nova convidada, a Santinha, que chegara apóz

o jantar. E esse par sobretudo provocava os commentarios mais acres do *sereno*. Contava-se que a *Santinha*, conhecida por *Santa do chapéo de sol*, trazia todo o bairro n'uma verdadeira dobadoura, devendo a alcunha ao facto de — na phrase consagrada pelo vulgo — «entrar para todo o mundo de chapéo de sol aberto.»

E como elles dançassem, as mãos entrelaçadas n'uma effusão de ternura, um sujeito alto, de bengalão de volta, declarou que era muito melhor que fossem abraçar-se longe d'alli.

A historia do Borba já tinha sido fallada no *sereno*, o tal caso do gallinheiro. E como as Mendoncinhas tivessem chegado na occasião, a tomar parte no *sereno*, applaudiram muito o caso, rindo-se de estourar.

Mas repara! — disse a Anna Mendonça para a irmã — o viuvo está hoje de dengos para a Domdonsinha. Olha que pega-se com excellente firma! Cruz!

— Ah! a Domdonsinha! — inquiriu a irmã, que accrescentou, para ser ouvida ao lado: — Não tem muito bôa chronica! Dizem que conversava á meia noite com os namorados, porque ella sempre os teve ás duzias.

A quadrilha findara no meio d'um verdadeiro escandalo. A professora, lá dentro, tivera um ataque de nervos, e os seus gritos lançaram pares e convidados n'uma debandada tremenda.

Pessoas do *sereno* aproveitaram a opportuni-

dade para entrar sem convite. A D. Brigida, afflicta, chamava pelas filhas, no meio da confusão geral, com a professora ao collo.

— Eu sempre disse que isto acabaria n'uma chinfrinada! — ralhou para a Laura.—Não é para outra igual que vossês me pegam! Uma pouca vergonha assim!

O Borba, conhecendo a origem do facto, indignava-se na sala. Não estava para isto! Que fosse para o inferno! Pilulas!

E com arremesso pegou no chapéo e sahiu. Ao atravessar, porém, pelo *sereno*, ouviram-se assobios, porque as Mendoncinhas, regozijadas, contavam a todo o *sereno* a historia do namoro da Professora com o viuvo.

O Borba porém soltou uma praga ignobil, o punho cerrado, deu um empurrão adiante e pozse longe.

— P'ra casa do diabo, carcassa! — rugiu elle, explodindo despeitos, mas já arrependido por ter deixado na festa a Domdonsinha.

Foi n'este momento, o mais infeliz para as Figueiredo, que Armando vinha, para não provocar attrictos, trazer elle proprio os cumprimentos á familia, pedindo ao mesmo tempo escusas em nome de Martha e do Desembargador que não tinham podido comparecer.

As irmãs alvoroçaram-se procurando cohonestar o escandalo. E correram a dizer á velha para dar ordem ás coisas.

— Que a D. Professora se contenha! — declarou a Laura. Ao menos agora que chegou gente de ceremonia.

Felizmente a D. Francisquinha voltara a si do chilique e repousava um bocado no quarto de D. Brigida que, livre do vexame, veio receber o Dr. Armando á sala, ainda a resmungar torpezas entre os dentes contra «aquelle estafermo...»

Só então a familia notou que a casa estava totalmente invadida por estranhos. Gente do *sereno* vasculhava pelo interior, comia restos de coisas agatanhadas dos aparadores da sala de jantar, escorrendo as garrafas encontradas.

A D. Brigida chegou ao cumulo do desespero, tendo até ideias sinistras de evacuar a casa pela policia. As irmãs então tiveram attitudes energicas, botando francamente gente para fóra. Sim, senhores! que aquillo era casa de familia, pois então?

Armando, a um canto da sala, no isolamento a que um individuo differente d'uma collectividade fica condemnado quando uma causa accidental o leva a participar d'ella, acompanhava, no intimo desgostoso, a vulgaridade chata d'essa scena de vida commum, que tão pouco o interessava na trivialidade das paixões vulgares que a teciam e que tão differentes eram certamente do longinquo ideial incomprehendido e superior de seu espirito.

E lamentava-se de não ser como toda aquella gente banal que vivia para as necessidades da vida material, aquella gente que toda ella se alimentava e interessava nas intrigas pequeninas da vida do bairro, sem que o espirito outra coisa pedisse além do pequeno horisonte visual que a cercava, sem que outra necessidade o coração sentisse além da propria possibilidade das coisas.

Ah! os infelizes eram os que, como elle, aspiravam uma perfeição, tinham no coração um evangelho, e corriam sempre em procura do ideial intangivel, o ideial polyforme que é o horisonte dos espiritos que emergem acima da tona commum. E essas Figueiredo não incarnavam em si o typo da felicidade que se despreoccupa, dos que tiram da vida o que ella tem de materialidade para satisfazer os appetites desenfreiados e grosseiros? Como estes tinham felicidade para si e elle não a tinha!

Sentiu então o soluço de sua velha magua subir-lhe do coração, no seio d'aquella algazarra estupida que os convidados das Figueiredo faziam em torno d'elle, na organisação d'uma nova quadrilha.

E estimou que essa confusão desviasse d'elle as attenções da propria familia, para conseguir seu chapéo e sahir sem ao menos despedir-se.

Não reparou mesmo na descortezia. Ah! era o nojo todo do mundo que se levantava do mais

intimo de sua alma, como uma maré transbordante e insuperavel, diante de toda aquella gente que resumia em si todas as paixões vulgares, que elle conhecera, as propensões sediças que lhe tumultuavam em torno, a ausencia da noção do Justo, do Bello e do Perfeito que elle notara por toda a parte.

Sahindo, Armando sentiu uma especie de bem estar ineffavel, respirando a serenidade da noite, longe d'aquelle contacto que lhe fazia mal. E tomou para a Praça Maciel Pinheiro e veio descendo, Rua da Imperatriz abaixo, no intuito de encontrar o bond que o conduzisse á casa.

Como o bond tardasse, veio até á ponte da Bôa Vista, sobre o Capibaribe, onde as estrellas e os combustores da illuminação publica faziam dançar os mil reflexos macabros na corrente vagarosa e profunda, parecendo mais profunda ainda de baixo da grande sombra melancolica d'aquella noite sem luar.

O rio quasi morto e uma especie de vapor tenuissimo que subia d'agua absorviam todas as formas e côres. No caes deserto, apenas interrompia a pardecenta monotonia, a fila de lampeões que emergiam da escuridão e que davam uma vaga ideia de monges em infinita procissão por um caminho de cinzas. Ao longe Olinda denunciava-se, n'um vago clarão de incendio fechando o horisonte incerto. D'alli, ouvia o lamento monotono das vagas sobre os ar-

recifes e isto como que ampliava e dava alma ao silencio que o cercava.

Armando deteve-se ahi, contemplativo, debruçado n'uma das varandas, evocando recordações, aquellas mil recordações tormentosas, atravez de cujo estendal sinuoso correra sua mocidade cheia de dolorosas contradicções.

Veio-lhe então ao espirito, por natural desdobramento de sua memoria, aquella noite em que n'aquelle mesmo logar, depois de sahir do 3.º andar da sua saudosa *republica*, alli defronte, tivera a ideia tão nitida do suicidio, ouvindo o marulho surdo das aguas debaixo dos seus pés, emquanto os olhos fitavam o abysmo que exercia sobre elle toda sua attracção voraz de morte.

E agora, como n'aquelle tempo, sentia que nada se modificara n'elle; não! que o mal de sua vida antes se aggravara. Admirava-se apenas como tinha chegado até alli, com as mãos vasias, todo elle entregue á corrente que o arrastava sempre sem misericordia, victima de seu proprio ludibrio, galé de sua propria fatalidade.

Erguendo os olhos para um 3.º andar, procurando reconhecer a sua antiga habitação bohemia, distinguiu uma luz discreta insinuando-se atravez das venezianas d'uma janella. E, por uma singular connexão de ideias, pensou em Luiza, que talvez áquella hora trabalhasse, lêsse talvez no *deshabillé* do seu vestuario, na recatada solidão de sua alcova. Pensaria n'elle ou

n'esse *outro* que elle presentia a cada passo levantar-se entre ambos, roubal-a do silencioso affecto de seu coração, lavantar-se diante de si como a barreira insuperavel que o seu zelo forjava a cada instante no seu proprio desespero?

E era sempre a mesma tremenda impossibilidade contra a qual luctava: a primeira roubada pela morte, esta outra por todos os principios da honra! E se só Martha tivera em seus braços, na posse de tudo quanto quizera, era bem verdade que o sonho se desgarrara n'esse abraço, se desmaterialisara d'essa creatura, para ir personificar-se na outra, intangivel como a primeira, ascendendo sempre para o irrealisavel que seu espirito nunca alcançaria, a nevoa fugace, a miragem atroz que o devorava.

Voltou-se para o rio, no mesmo movimento impulsivo de outr'ora. Oh! a morte! o abraço algido e ineffavel, a paz inviolavel de que ninguem mais o arrancaria!...

Mas ouviu o ruido do *bond* atraz de si e voltou-se em sobresalto como se ouvisse o fragor de hordas vandalicas cavalgando a toda a brida.

Voltou, porém, depressa, n'um rapido instante, á posse de si mesmo. Fez signal afim de pararem o *bond* e tomou-o.

XXIII

Passou-se mais um mez sem que a vida de Armando se modificasse. Apenas a aggravação de seu soffrimento se accentuava na melancolia profunda em que cahira, como inconsciente do mundo exterior. A presença de Luiza agora o abalava até ás profundezas do seu moral como se com ella todas as chagas doloridas do coração se reabrissem de momento. Eram sobretudo temores quasi infantis em presença d'ella, as phrases balbuciadas, as mãos tremulas, se chegava a tocar-lhe o quer que fosse de seu vestido, os olhos perturbados se encontravam por simples acaso as pupilas sonhadoras de Luiza voltadas para elle.

O que agora mais preponderava nos seus sentimentos para com ella, era o ciume atroz que o perseguia, que lhe roubava o somno, que o arrastava a trahir-se a cada momento deante d'ella e de outros. Então era como se para elle perigos de mil naturezas o ameaçassem, a sen-

sação asperrima d'uma sombria floresta em que se achasse e onde laços invisiveis se armassem, abysmos traiçoeiros se abrissem por sob as flôres para tragal-o a cada passo.

Sentia perfeitamente que lh'a roubariam, ella iria em breve caminho de seu destino, ao aceno de sua mocidade victoriosa, ao braço forte de seu escolhido, esquecendo-o, deixando-o abandonado á margem do caminho, onde elle ficaria para todo o sempre, os olhos fitos para o horisonte nublado e escuro, o horisonte incerto e poeirento onde se fechava o seu destino, onde se afundava a sua grandiosa visão intima na grandeza tremenda de seu indecifravel enygma.

Sim, era bem isso! Luiza ia para as suas esperanças, ia preencher o seu papel no drama da existencia; e elle o tinha preenchido já, estava no fim do caminho que dava para o deserto esteril e nú, para o nada das coisas que haviam desabado a seus pés. Tinham de separar-se, tinham de distanciar-se, tinham de quebrar essa cadeia de subtis caricias, de affinidades e de suggestões mutuas que elles haviam inconscientemente tecido, mas que talvez nem um nem outro tivessem a força de manter illesa.

Agora, pois, o que o dominava era essa febre instinctiva, obscura e latente do crime sexual, levado de roldão por duas forças de um antagonismo obscuro—uma repulsão e uma attracção perfeitamente physicas. Essa febre am-

pliava-lhe desmedidamente todas as visões bizarras e desejos desconnexos que o habitavam, tal como esse phenomeno de certos vasos de bronze que nos theatros dão sonoridade á voz dos actores.

Essas ideias começaram então como nunca a preponderar no animo de Armando; e todo elle, quando não cahia na depressão moral que o mergulhava n'um mutismo e isolamento obstinados, tornava-se irritavel á menor causa, cheio de injustificaveis violencias, explodindo em odios insensatos.

Um dia, em casa do Torres, como elle notasse que seu amigo Alberto dera para apparecer alli frequentemente e como lhe ferisse a impressão uma phrase de uma dubiedade mesclada de ternura que Alberto dissesse a Luiza, n'um movimento de galanteio, Armando sentiu, com a ideia do ciume voraz que se lhe accendeu no espirito, a punhalada que esse pensamento lhe dava em pleno coração. N'um instante, todo o seu mal obscuro se illuminou a esse clarão subito, elle proprio pôde comprehender a ancia infinita em que essa espantosa crise se debatia. Ah! vêl-a tão desejavel e fecunda e assim arrebatada ao grilhão formidavel de seu consorcio espiritual! Como reatar os fios d'essa delicada mentira consoladora, tão fragilmente tecida; como deter essa dourada ave prisioneira que se lhe escapava d'entre os dedos como uma coisa im-

palpavel, cuja unica melodia era capaz de encher a desolada e funda solidão de sua intelligencia? Porém tudo isto, de facto, esse sobrehumano sacrificio que elle desejava, não era a monstruosidade ignobil e sem nome? Mas—tremendo egoismo!—que lhe importava isto, por acaso? odioso sacrilegio que fosse encher de ruinas aquella alma harmoniosa, das proprias ruinas de seu coração, Armando não via senão o seu proprio isolamento que lhe causava medo, a treva que o espantava; não sentia senão que ella lhe fugia e o deixava, como coisa inutil e aborrecida, no ultimo recanto da terra solitaria e núa. Era bem isso, o desastre tantas vezes entrevisto! Ella ia em busca do radioso mundo que se lhe abria, gosar a sua partilha de felicidade; ia para o amor que lhe sorria na estrada da vida, banhada de luz e toucada de flores; ia, em summa, para o marido sonhado, para os filhos... Ah! era este o arrancamento definitivo, o dilaceramento inevitavel do grilhão que a sua phantasia forjára!

Via agora aquella alma arrastada para longe, para o irremediavel que não podia alcançar, longe de todos os dominios de sua vontade. Era a posição do marinheiro de cujas mãos foi arrebatada a canna do leme, inerte em face do cabrestante que, virando ao revez, com o impulso de uma força indomavel, deixa que se despedacem as amarras.

Armando experimentou, então, um terror surdo, como se tudo se lhe desabasse em torno, n'uma catastrophe inesperada. Ferido por este abominavel soffrimento, levantou-se n'um impeto de automato, chamou Alberto ao vão de uma janella e disse-lhe, livido, sem procurar rodeios á phrase, os punhos instinctivamente cerrados:

—Não quero que falles d'aquella maneira a Luiza, entendes? Fica sabendo que isto me faz muito mal!—E deu-lhe as costas, n'um movimento sacudido e nervoso, sem dar tempo a uma resposta.

Como se o assaltasse um demonio perfido, teve a necessidade irresistivel de tudo estragar e calcar aos pés. Como se um vento arido soprasse de sua alma, de repente sentiu varrerem-se-lhe todos os restos de bondade, ternura, esperança e illusão.

Junto de Luiza, como esta lhe perguntasse o que sentia, elle teve impetos de grosserias, julgando sentir o dardo da ironia sibilar atravez da phrase. Calou-se porém, sem comprehender a descortezia, fingindo mal não ter ouvido, os olhos abertos, sem lêr, sobre as paginas d'um romance illustrado.

Luiza, porém, quiz ser graciosa, não surprehendida com aquella obstinação irritada. Tomou-lhe o livro das mãos, obrigou-o a olhal-a de frente, a sentir o magnetismo d'aquelles dois

olhos profundos que tanto o perturbavam, nas interrogações mudas que iam direitas até á alma, subjugando-o, alheiando-o, dominando-o como a uma creança desamparada. E approximou o rosto, n'um movimento que lhe era hatitual, para repetir a pergunta.

—Mas que tem? Olhe que não o queremos triste, pois então?

O tom de carinho maternal da intima phrase, a solicitude amiga com que Luiza a pronunciara, o magnetismo dos olhos queridos assim tão perto, desarmaram e venceram Armando. Elle teve então um d'esses gestos que lhe erám tão frequentes nas reacções nervosas, que agora se accentuavam mais, uma d'essas attitudes de creança consolada com a mais ingenua satisfação de seus caprichos.

Ia responder n'uma phrase grata, quando a figura de Alberto, atravessando a sala, ao lado do Torres, irritou-o com o seu todo que lhe pareceu de escarninhos e sarcasmos, como se o amigo, n'aquelle momento, synthetisasse em si toda a sociedade, o mundo inteiro zombando de suas puerilidades.

E como Luiza acompanhasse a direcção do seu olhar ao vêr a sombra repentina que lhe descera nos olhos, tanto bastou para que a irritação de Armando de novo explodisse n'um impeto que toda sua energia seria insufficiente para reprimir. E disse, o olhar velado e sombrio:

— Que tenho, sei lá? Tenho o aborrecimento das coisas, o tedio da imperfeição do que me rodeia, o nojo das puerilidades, o odio de todos os preconceitos burguezes...

E ia continuar, na sua inconsciencia soffrega, quando o olhar surpreso e maguado de Luiza o conteve como se a uma onda se anteposesse um dique. E ella sorriu, em seguida, ao seu silencio, cheia de benevolente solicitude:

— Sou razoavel — disse. — O meu amigo não está hoje de bom humor... Esses seus nervos o atraiçôam muito frequentamente. Já sei que devo dar-lhe a ler a *Hygiene d'alma*.

Mas essa doçura não fez senão invadir Armando de uma onda gelida. Sentiu-a como um sarcasmo cobarde d'essa mulher que talvez se divertisse do seu lento supplicio. Como antes, sentiu-lhe adejar em torno o sorriso felino, as azas de rapina voando-lhe ao redor, os dentes miudos promptos a devorar, os olhos com as varias tonalidades de luz solitaria feita do philtro de todas as volupias, que alli velava, no fundo desconhecido. Porque não romper a situação, arrancando-se áquella monstruosa apathia fatal que o devorava, por fim liberto d'essa agua estagnada e pôdre a que aportára a ilha funebre de seu destino? Houve um instante em que lhe pareceu que todas as energias obscuras de sua alma resuscitavam, o chamavam para a libertação além da qual estaria a harmonia que elle

embalde havia procurado, o divino sorriso que seus labios soletrariam, a magestade d'esse mundo apenas entrevisto, como um cego a quem de repente restituissem a luz, as paysagens, os astros immortaes e o céo infinito. «Posso certamente aquillo que não póde a paixão! Fica-te, segue teu destino; ahi estão rotos os laços todos que te prendiam ao meu cadaver!» Isto pensou e teve um gesto de tão soberano desdem, que Luiza espantou-se, adivinhando que alguma coisa impetuosa e formidavel se gerara n'aquelle pensamento. Ella supporia ouvir nitidamente as pancadas d'aquelle coração, tal como se n'uma incude formidavel batesse compassadamente um martello. Mas, no seu intimo, julgou que os designios d'aquella resolução transposessem os limites que ella propria imaginava. «Poderia isto ser? Que incomprehensivel era o fundo d'aquella alma devastada por todos os tormentos moraes!»

Pensou n'isto tão rapidamente, ao sopro poderoso de seu instincto apurado, que teve tempo de impedir o novo impulso de violencia que n'elle se gerava. A solidão tragica d'aquella alma de esphynge, gelou-lhe até o coração. Toda a piedade exhalou-se de sua bocca no accento d'estas duas palavras, como se n'ellas houvesse sellado o pacto de um sacrificio, o jugo que a sua propria vontade acceitava:

— Meu amigo!

Não obstante, Armando julgou perceber na

phrase uma ironia que se revelava na voz, uma malicia que se insinuava na commissura dos labios, como se em tudo houvesse um espasmo muscular. Sentiu-se de repente desesperado e só, como se a sua alma se inclinasse sobre um abysmo obscuro que era essa outra alma.

Mas havia n'esta phrase um accento tão sobrehumano e desconhecido, uma supplica tão ignorada, um vôo tão exaltado, que Armando, no seu espanto, teve odio d'essa inesperada caricia que reatava todos os grilhões rotos ha instantes, n'um só ésto de sua vontade. Voltou-se para Luiza, desejoso de lêr nas pupillas fulvas o fundo d'alma que se retrahia; mas aquelles olhos nada viam nem diziam, e viam comtudo alguma coisa, alguma monstruosa imagem talvez, cheios d'uma visão ignorada.

De facto havia no fundo d'aquelle olhar algo que denunciava o mysterio sobrenatural, terrivel e doce que fechava aquella alma. Ella teve um vago gesto de ternura inefficaz. Mas ficou impassivel, serena e immovel em seguida como se uma dôr subita a paralysasse.

Estava assim obscura, impenetravel, nem por isso menos desejavel no seu mysterio. «Meu amigo!» naturalmente só essa phrase, exteriormente, denunciava a musica que dentro em si ella tinha encerrada, com o mesmo recato doce de sua inviolada virgindade, com todo o poder sobrehumano d'esse lyrio fechado em botão. Quiz

dizer alguma coisa e a palavra estrangulou-se-lhe na garganta. De facto, seria impossivel que uma palavra podesse exprimir esse contraste de sentimentos que n'este instante a habitavam, o sêr moral tecido de todas as contradicções monstruosas, o rosto feito d'essa mascara tragica que exprime furor e tristeza ao mesmo tempo. A sua alma, via-a levada sem rumo, como uma coisa de si distincta, fluctuando acima de sua vontade, tal como o marinheiro arrastado pelo vendaval.

Luiza deixou transparecer isto no rosto. Não lhe foi difficil porém repôr a situação nos justos termos.

E levantando-se disse, n'um tom já despreoccupado:

—Vou fazer um capitulo da psychologia da musica. Vejamos que effeito lhe fará uma nova cavatina que tenho na estante.

E como Armando fizesse gesto para fallar, já serenado, Luiza deteve-o:

—Ah! não me peça o seu adorado Chopin! para seus nervos, hoje, seria um assassino!

Mas antes de ir ao piano, deteve-se um momento e disse, entre risonha e ironica:—Mas está triste, de veras? Se assim é, lembre-se que é da Dôr que a illusão cria as lindas azas translucidas. Não ha obra d'arte, nada de bello, nada

de eterno, cujo barro não tenha sido amassado com o acido das lagrimas. Ah! todos nós temos comnosco um bocado do infinito e a dôr é a alma sempiterna d'esse infinito. Vae-lhe parecer de certo que faço hoje litteratura, não é?

Disse e partiu sem esperar resposta.

Essa superexcitação em que Armando cahira tornara tristes e pesados os dias de seu lar, outr'ora tão doce.

Martha, não obstante habituada ás mudanças bruscas d'aquelle temperamento, notava desolada os progressos que aquelle mysterioso mal fazia no marido, cujo physico agora visivelmente se resentia.

O medico da familia, consultado, limitava-se a abanar insensivelmente a cabeça diante da serie de phenomenos presenciados, e acabava recommendando que o distrahissem.

Toda a familia do Desembargador tomou-se de receios e este já não deixava Armando, levando-o para toda a parte, obrigando-o ás suas reuniões do costume, não o deixando, em summa, entregue a si mesmo.

Lembraram-se então do anniversario de Martha e se propoz solemnisal-o em casa de Armando. Era um pretexto para distrahil-o e o Desembargador não o largou, communicando-o logo ao Torres n'um dia de reunião para fazer a propaganda nos espiritos.

O litterato deu mil voltas ao monoculo, todo

elle cheio de expansões com a ideia. Pois estava claro, que duvida! O que convinha era evitar que certas pessôas comparecessem — era sua opinião. Se as Figueiredo viessem, bem certo que estaria perdido todo o chic!

O Torres fez-se então arauto da ideia, communicou-a ao Dr. Thompson e aos que chamava a *elite*, combinando com *Mademoiselle* uma serie de surpresas para Martha. E de enthusiasmo em enthusiasmo, elle chegou a ter quasi a ideia d'um baile, assumindo a direcção do programma da festa e forçando Armando a interesar-se por tudo, a collaborar com todas as forças para que nada faltasse ao encanto d'aquella noite. Elle proprio dirigiu o serviço interno da casa, providenciando nas minimas particularidades, e para que presidisse á reunião todo o apuro do seu senso esthetico.

E tinha comsigo momentos de desespero, ao pensar na possibilidade da vinda de certas pessôas que lhe estragariam de certo o *tic* elegante d'aquillo que elle desejaria que fosse uma reunião puramente intellectual. O Regadas, o poeta das *Flores pallidas*, chegava a povoar-lhe os sonhos, com aquelle seu *croisé* archaico e aquelles modos de lyrismo mofado, a rescender alecrim e alfazema. As Figueiredo, essas definitivamente causavam-lhe pesadellos...

Armando, fingindo interessar-se, assistia a tudo aquillo com um doloroso peso no coração.

Luiza viria, para exercer n'essa noite todo o seu poder de fascinação, e elle sentia-se covarde, tremendo por todas as peripecias tão possiveis.

Afinal, como não lhe era licito nada recusar, tudo cedeu e o dia da festa chegou com grande gaudio do Torres.

A's 8 horas da noite, já o salão principal, com todos os tons d'uma grande solemnidade familiar, estava cheio. Pessoas de boa roda social, citadas de continuo no *hig-liffe* recifense, tinham vindo trazer os seus cumprimentos á esposa de Armando, além dos *hatitués* de sua familia.

O Regadas tinha chegado cedo, e fazia successo, no meio da sala, cercado de muitas pessoas destinctas diante de quem discursava sobre lettras, fazendo sua profissão de fé litteraria.

— Asseguro-lhes—dizia o poeta com ar profundo e com um gesto de suprema convicção — os homens de lettras da actualidade não hão de ficar para as gerações vindouras, especialmente os que teem cultivado a poesia e o romance. A poesia é o coração, meus senhores, — e a poesia de hoje consagrou a fórma, em absoluto, como a pedra de toque por onde se lhe reconhece o valor. A poesia não é isto, porque deve estar muito acima de um réles convencionalismo: a poesia é Lamartine, cantando as *Harmonias*, é Victor Hugo nas *Contemplações*... O romance póde ser isso que temos? essa por-

nographia intoleravel que uma menina de quinze annos não póde ler? Será o sr. Zola destruindo o dogma, no *Lourdes*, fazendo a escola do deboche no *Nanã?* Será o sr. Tolstoi com o seu pessimismo devastador; o sr. Eça de Queiroz com o seu sorriso voltaireano, e, entre nós, o sr. Aluizio Azevedo, remechendo os monturos, no seu *Cortiço?* Não, meus senhores, mil vezes não! Esse romance e essa poesia de andrajos, não ficarão certamente para envergonhar-nos no futuro.—E o poeta pronunciou as ultimas palavras com uma convicção de sentença do Juiso Final.

Entretanto alguns protestos se fizeram ouvir. O Dr. Thompson, sobretudo, emittia pareceres judiciosos. O romance actual estava na sua missão, verdadeira e unica, analysando as paixões sociaes e individuaes. O romance deixara de ser um amontoado de futilidades, ao capricho da imaginação exaltada, para ser um documento palpitante de sua epocha, o escalpello do coração e o reflexo da vida social com todas as suas multiplas facetas. O romance agora era a discussão das theses, a critica e a philosophia. Não estava de facto enterrado o *Rocambole* de Ponson du Terrail?

O velho poeta descoroçoou com o Dr. Thompson, e indignado veio ter com as Mendoncinhas que haviam feito entrada no salão.

Em frente á Anna Mendonça, deteve-se al-

guns momentos, a conversar, procurando pretextos para galanteios e madrigaes.

Queria ouvil-a n'uma modinha igual áquella do outro dia... Não sabia D. Anna—affirmava envolvendo-a em olhares romanticos — como aquillo lhe tinha feito bem ao coração... Coisas de sentimento sempre haviam de calar no espirito da gente.

Anna Mendonça pedia escusas, embaraçada com os modos do poeta.

Ai não! Havia de desculpar-lhe o sr. Regadas. Estava a soffrer da garganta ha muitos dias. E revirou os olhos, n'uma intenção de ternura —N'outra occasião, não teria duvida...

O poeta acceitou afinal as escusas, depois de muitas instancias, sob a promessa de que a moça cantaria alguma coisa na reunião proxima.

E fazendo-lhe uma cortezia profunda, sahiu para uma janella, atravessando gravemente a sala, cheio de importancia, dentro de seu comprido *croisé*.

E foi fazer grupo com o padre Santos e o Dr. Saladino, um velho amigo do Desembargador e que aliás só visitava a familia de longe em longe. Esse Dr. Saladino tinha tradições consagradas de magistrado austero e talentoso, juiz de direito que era de um dos municipios visinhos á capital. Politico de crenças, eterno opposicionista ás coisas dominantes no paiz, vivia n'um contínuo ostracismo que lhe dava á

physionomia um ar de desalento e desillusão pelas coisas publicas cujo máo paradeiro o alarmava fundamente como patriota convicto.

No momento em que o poeta se approximava, o magistrado fallava, na sua obcessão continua, desolado, os olhos tristes e expressivos atravez dos vidros de gráo do seu grande *pince-nez* de tartaruga. E tinha gestos largos e violentos, ás vezes, n'uma momentanea febre que, espelhando-se no rosto tragico, logo se apagava, para cahir de novo na sua melancolia ao discutir os homens e as coisas.

O que se queria senão isto? O que havia senão a onda das podridões em fermento que avassallavam e arrastavam comsigo o paiz? Onde a sua esperança de legar aos filhos um futuro melhor e uma patria mais feliz? Pois a que se assistia senão ao dominio da incompetencia, a afilhadagem devorando todas as forças vivas do paiz, a improbidade com a investidura dos dignos e os dignos pisados e desprezados, como elementos inassimilaveis e heterogeneos n'essa estupenda gangrena que invadia todo o corpo da nação!? Ah! mas era isso mesmo!—rematava — nada mais de esperança, nada mais de consolo!

O Regadas approvava silenciosamente, cheio dos seus desconsolos de outra ordem — e aquelles dois homens melancolicos, em frente um do outro, representavam phantasmas dos dois ideiaes

bem mortos, vivendo apenas como reliquias no fundo dos seus corações, voltados ambos para aquella miragem que era o seu culto intimo, o seu grande sonho eternamente irrealisado.

N'esse momento, chegavam as irmãs Figueiredo, acompanhados de D. Brigida. E como desde o dia de sua reunião se incompatibilisassem com a professora D. Francisquinha, sobre quem atiraram a culpa do insuccesso de sua festa, vinham seguidas, por temerem ficar isoladas, pelas irmãs do Dr. Lula, a quem haviam obrigado a acompanhal-as, protestando sua grande intimidade em casa do Dr. Armando.

Apenas entraram, correram em alvoroto para Martha, com muitos beijos e parabens. Pois, sim senhora! como as festas anniversarias prescindiam de convite, cá estavam ellas! E como prova de maior satisfação, cá traziam tambem as irmãs do Dr. Lula, distincto advogado, e pessoas que se podiam apresentar.

E a Laura explicou-se, emquanto Martha, disfarçando a contrariedade, tomava-lhes o classico chapéo de altas plumas de indefinivel idade:

—Mas imagina que ellas não queriam vir, essas tolas! Como se em casa do Dr. Armando não estivessemos á vontade...

As Mendoncinhas apenas distinguiram as Figueiredo, correram a refugiar-se a um canto, arrastando comsigo duas mocinhas chloroticas que conheciam de vista e com quem haviam

travado intimidade momentos antes, no intuito de pôl-as ao par da chronica das Figueiredo.

Mas como n'esse momento entrasse na salão um joven amigo de Armando, chegado em vesperas do Rio, as Mendoncinhas deram treguas á lingua, com *ohs!* cheios de admiração. Quem era?

Uma das mocinhas chloroticas, a Candoquinha, explicou:

—Ah! o Dr. Siqueirinha, formado em odontologia. —E cheia de sufficiencia, por estas relações: —Papai quer que elle nos concerte os dentes. E' muito gentil, não é?

No momento, o Dr. Siqueirinha, cercado de algumas pessoas, dizia amabilidades a Martha que se lhe acercara para o receber. As Figueiredo, ainda indecisas no meio do salão, opinaram logo que esse novo convidado era encantador, com seus claros olhos pardos, suas cortezias rasgadas, a dominadora fronte ampla e intellectual, o bigode com as ousadas guias cuidadosamente caracoladas, todo elle respirando um grande desembaraço de maneiras, esse distincto apuro dos salões fluminenses.

Seria supposta aquella linda dentadura? E deram estalinhos com a lingua, ruminando coisas licenciosas.

Mas como a Laura divulgasse os olhos quebrados da Candoquinha, derreada de ternura para o doutor, lá no vão da janella, agarrada ás

Mendoncinhas, aos cochichos e tregeitos, fez um subtil signal á irmã. Alvoraçaram-se então. Certamente era por insulto!

—Já aquella triste amarella está-se babando... E' melhor que ponha carmim á cara... Mette-se talvez a namoricos suppondo que o doutor ponha alguma corôa para enfeitar-lhe a bocca de cambronne. Ao menos diminuia a fedentina...

A outra sublinhou:

—Ah! é a Candoquinha! Tem uma historia muito limpa! pois não conheces? Outra coisa é que ella devia pôr em logar do dente; outra coisa que lhe falta...—E cochicharam, detalharam a torpeza, rindo a estourar—O pae vive bebedo como uma cabra! E as filhas vivem não sei de que...

D. Brigida, por sua vez, grunhiu torpezas desconnexas. Não tinham modos de moças de familia... Pareciam antes mulheres da vida...

E sob um futil pretexto, as irmãs approximaram-se de Martha, farejando uma apresentação, por despique ás outras, que de longe as observavam, curiosas, entre detalhes escabrosos e risadinhas mal abafadas.

O Dr. Siqueirinha teve de interromper o que dizia no grupo, alguma coisa de suas actuaes impressões da cidade. Martha não pôde fugir á situação, e apresentou as Figueiredo:

—Minhas amigas, doutor.

O joven dentista, com um sorriso levemente

ironico, inclinou-se. As duas irmãs exultavam. Foi um fugaz momento de triumpho, porque como aquelle continuasse a conversa apenas interrompida, as Figueiredo, de novo isoladas, tiveram que abandonar o grupo, desapontadas, com o nariz no ar, entre os convidados, a farejar commentarios e historietas.

—Um tantinho cheio de sufficiencia!—commentou a Laura. Viste de que modo nos olhou? quem lhe teria cortado o umbigo?

—Pedante é que é—affirmou a outra, com impetos, roida pelo desdem do Dr. Siqueirinha. Cá temos o Torres n.º 2. Sempre apparece cada um...

Mas esse ligeiro incidente fez exaltar o grupo das Mendoncinhas. Já se tinha visto maior descaramento? Aqui está o que ellas queriam, aquellas mettediças! Nem ao menos o doutor lhe tinha reparado nas carantonhas... Porque aquellas carcassas não iam vender seu peixe pôdre lá p'r'a *Ribeira?*

E as Mendoncinhas apossaram-se das meninas chloroticas, aproveitando-lhes o vago despeito para pôl-as ao facto de toda a historia das Figueiredo. Fizeram-se ellas proprias tocadas de repugnancias, cuspinhando para os lados, cheias de nauseas...

Pois se eram as duas Figueiredo a pedra de escandalo do bairro? Andavam por toda a parte e em todas as reuniões a fazer chinfrim! Então

não sabiam? Não havia historia escandalosa em que ellas não estivessem! Simplesmente uma vergonha para pessoas de assento!

E como a professora D. Francisquinha lhes passasse proxima, fugindo em despeito ás Figueiredo, as Mendoncinhas correram-lhe ao encalço, como um achado na occasião, sabedoras que tinham sido da animosidade que reinava agora entre as duas irmãs e aquella.

— Ora aqui tem a D. Francisquinha, pessôa de considerações que, suppondo-as gente, deu-lhes a honra de assistir á sovacada e sahiu de lá escandalisada... Pois não é verdade, D. Francisquinha?...

A professora assumiu ares circumspectos de quem deseja apparentar profunda discreção, deixando entretanto que a physionomia retratasse todo o horror que sentia por aquella gente.

Sim... sim... os costumes não lhe tinham agradado... Quanto ao mais, cada um com a sua lei e a sua moral, pois não era?

A Anna Mendonça, porém, pouco satisfeita com as reservas da professora, disparatou:

—E' que a D. Professora não quer dizer as coisas por escrupulo! A mim é que pouco importa! O que se sabe é que a tal reunião foi um escandalo para toda a visinhança. Até o Borba, um viuvo que parecia serio, dizem que chegou a ser indecente, sahindo da festa debaixo dos assobios da garotagem; além d'isso...

E ia continuar, cheia de ardor, quando lembrou-se da antiga paixão da Professora pelo Borba, e calou-se, escarlate, sem saber o que dizer.

A professora comprehendeu e tranquillisou-a:

—Não se incommode, D. Anna... E' essa a verdade e por isso mesmo o deixei... Foi alli por causa d'aquella assanhada—e apontou a Domdonsinha, a irmã do Dr. Lula, que no momento atravessava a sala, acompanhada das Figueiredo.

E julgou-se então no dever de explicar o motivo moral do rompimento:

—Ora bem sabem que não sou uma creança! Se acceitei a côrte do sr. Borba, é que o julgava um cavalheiro; e se esse homem é tão fraco para cahir na patetice de derrear-se por uma doida, certo já não me era licito tolerar o caso.

Calou-se um instante para explodir em seguida, no seu impotente ciúme no louco desespero de perder aquelle viuvo, derradeiro cachôpo a que se agarrara sua mocidade estiolada, nos ultimos arrancos.

—O que ella é, todos o sabem! O pae morreu de desgostos por um escandalo que todo o bairro conhece. —E curvou-se para uma das mocinhas chloroticas, n'um sorriso ferino, onde punha o fél de toda a sua amargura, e cochichou um episodio que rematou com esta phrase:

—Até dizem... não, não é mais nada!

As mocinhas riram-se muito, por traz dos leques, n'um doentio goso por aquellas licenciosidades ouvidas á meia voz.

As Figueiredo tinham feito grupo a um canto da sala com as irmãs do Dr. Lula, e a proposito do despeito da professora, a Laura, quasi em voz alta, commentava-o a seu modo:

Pois que ellas não tinham culpa que o Sr. Borba não a quizesse, era bem claro! Quanto a fazer da sua casa logar para chinfrins, a isso não se podiam sujeitar, a troco d'uma amizade réles que afinal não podia honrar pessôa nenhuma... Escandalos, cada qual os guardasse para a sua casa, pois então?

E como a Laura erguesse um pouco a voz, a D. Brigida, que as ouvira, correu ao grupo com recommendações.—Sempre é melhor que tenham mais cautella na lingua! Do contrario, dou por acabada a festa e levo-as d'aqui. Ora, muito bem!

E voltou, com meneios graves, não sem lançar um olhar de despeito para a professora, defronte.

O dr. Thompson que constituira seu grupo, pontificava tratar de cousas transcendentes, os oculos cheios de fulgurações.

Fallava se da origem das especies e como o desembargador aventurasse hypotheses favoraveis á theoria da evolução ou transformismo de Darwin, justificando a sua immediata conse-

quencia que é a selecção natural—o doutor teve gestos largos, citou Cuvier e partiu a mostrar que as especies, quer animaes quer vegetaes, sempre obedeceram a um typo fixo e invariavel que, desde sua remotissima origem até nossos dias, se transmittiram sob uma fórma que, sendo-lhes essencial, foi absolutamente primitiva. Essa theoria não se apoiava em simples hypotheses? As condições de clima e de meio, creavam variedades na especie e por esse meio se póde produzir a selecção artificial; mas nunca se assistiu a esse assombroso phenomeno de uma variedade que se transformasse propriamente em uma nova especie.

Martha interrompeu a prelecção, vindo offerecer ao doutor o ramalhete de flôres que sempre costumava trazer-lhe para provocar as lições de botanica.

—Falle-nos sobre a fecundação das flôres, doutor! foi tão linda a sua dissertação de outro dia! Oh! os estames que se inclinam para o estigma afim de cobril-o do pó fecundante, que lição da natureza! Qual a causa d'esses movimentos?

O doutor aspirou commovido o ramalhete e disse lentamente, os olhos inspirados:

—Sim, sim, um lindo mysterio! Que de explicações têm sido dadas até o presente sem que a questão deixasse de permanecer na mesma posição de hontem! Poderiamos attribuir esses

movimentos a causas puramente physicas ou mecanicas, como a influencia da seiva, a exhalação dos gazes, a acção do calor, as vibrações da luz ou da electricidade? Ou poderiam ser explicados por um principio de excitabilidade que possuem todos os tecidos vivos, que é uma resultante da faculdade de recepção e transmissão, n'uma determinada area ou a um centro de polaridade, da acção dos agentes externos? Que sei eu, que sabemos nós? — Teve uma longa pausa commovida, o labio vibrante e a face inspirada, e concluiu: — Nada existe no mundo fóra da contemplação. Tudo no universo — as estrellas immortaes, o mar estuante, os animaes, as plantas e esse sopro que é o espirito, aza que nos toca e nos leva para um turbilhão desconhecido, sem que o sintamos — são os sonhos da natureza que pensa em Deus, e eis porque suas obras são tão livres, tão bellas, tão harmonicas e tão divinas. A Natureza é a Cybéle adormecida que não precisa descerrar as palpebras e não conhece as palavras que só o homem achou.

Armando, depois de receber alguns amigos, correra a refugiar-se no recanto da saccada d'uma janella, olhando para fóra, para o alto, o olhar vago voltado para a serenidade augusta do firmamento estrellado.

E' que seu espirito mais do que nunca enchia-se de pueris e extraordinarios presentimen-

tos, a previsão do perigo impalpavel que tantas vezes sentira em torno de si, olhando-o por todos os lados, n'uma sensação aspera de abysmos proximos. Era o mêdo de si mesmo, da sociedade, de tudo, o pavôr desconhecido das coisas de que o seu coração vivia cheio. Aquellas expansões em honra de sua familia, as luzes do salão, o cheiro das flôres que embriagava, o perfume das *toilettes* que dava volta aos sentidos, produziam-lhe uma especie de asphyxia a que elle fugia n'aquella meia solidão em que se achava, de onde aspirava o odor mais suave do jardim na immobilidade adormecida, perturbada apenas pelos balões venezianos, pendurados nos caramachões em flôr.

Até elle entretanto chegava o borborinho do salão, os risos que se elevavam, as conversações confusas dos grupos — e todo esse ruido e essa alegria se levantavam dentro de seu espirito como um pungente contraste comsigo proprio, a ironia tremenda do destino rindo em torno da incomprehendida amargura de sua dôr.

E como levantasse uma cortina para, por um instante, observar o interior do salão, notou que Luiza não tinha vindo ainda. Experimentou então essa necessidade de vêl-a, necessidade a que se alliava o receio instinctivo que agora era o fundo accentuado de seu espirito. Como o salão o embriagasse com as suas luzes reflectidas nos cambiantes dos crystaes e o perfume en-

tontecedor que vinha d'aquelle meio, elle deixou a cortina cahir e voltou a refugiar-se no recanto solitario.

E' que o sentimento de sua fraqueza predominava, ao pensar em todas as circumstancias que se podiam tornar cumplices d'essa mesma fraqueza.

«Amo-a mesmo?» perguntou a si proprio. E o resto das energias, toda a sua vontade violentada, toda a sua alma dobrada levantavam-se n'um derradeiro arranco: «Não! não! mas o que era aquillo? o que era aquillo?» a dolorosa pergunta subía, n'um soluço angustioso, os olhos embalde aberto ssobre aquelle enigma impenetravel. D'onde vinha o sentimento indefinivel que Luiza lhe evocava, corporisando a resurreição d'uma *nuance* que mudava apenas de fórma, para ser sempre o ponto intangivel corôado do azul do eterno sonho em busca do qual elle sempre embalde correra?

D'onde vinha? a pergunta voltava. Seu braço esboçou um gesto vago, atravez da janella, apontando além. Além, onde? não o sabia; mas era um logar remoto, a uma aterradora distancia, n'uma região inaccessivel e mysteriosa... A força vinha de longe, do fundo do abysmo, tomava-o de improviso — aguia prisioneira que elle era — occulta sempre, a transmittir-lhe os seus oraculos tremendos. E seu espirito estacou indeciso como tantas vezes ante a

sphynge tremenda que se lhe antolhava, e os olhos molhados de lagrimas distinguiam aquelle sonho querido partir deante de si como duas azas brancas que voassem para desconhecidos paizes, como adeuses de lenços tremulos arrastados para as distancias de onde não mais se volta. A visão apagava-se e elle ficava sosinho, como o seu coração, trancado na sua propria inutilidade, dentro da cerração que descia como um tremendo crepusculo para amortalhal-o.

«Ah! se Luiza não viesse...» — pensou n'esta hypothese — «poupar-me-ia sacrificios, martyrios, quem sabe?...» Mas rebellou-se depressa, espantado d'aquella desgraça, com todas as suas energias depauperadas. «Mas eu não a amo! não a amo! é inutil pensar n'isto!»

E emquanto voltava o pensamento para o alto, para a lucidez das constellações, procurando illudir-se a si proprio, havia uma voz que se lhe levantava do intimo, como um gemido, a principio, como uma queixa crivada de mil espinhos ponteagudos:

«Se ella não viesse, seria muito maior o supplicio de não vêl-a do que o martyrio de vêl-a!»

N'esse momento fez-se um rumor no salão, cheio de admirações. Alguem entrava. Armando voltou-se, levantou de novo a cortina e observou-O Torres entrava triumphalmente, o monoculo assestado, dando cavalheirosamente o braço á irmã, a Luiza.

No seu elegantissimo vestido de sarau, Luiza radiava sob o calor das luzes e da multidão que attrahia-lhe ao rosto toda a seiva exploente do sangue.

E era de notar sobretudo o contraste d'esse ardor com a pallidez dos hombros e do collo, que o decote, mais sensual que a propria nudez, descobria em parte, n'uma fulguração estonteante de vida e de juventude. O cinto fixo d'onde pendia uma faxa, concorria para modelar-lhe exteriormente as fórmas, retezando o espartilho atravez de cujas chanfraduras os seios se adinhavam na sua rigidez de marmore.

Armando parou deslumbrado, tudo de momento esquecendo ante aquella apparição phantasticamente linda.

Havia n'aquelle todo,—no trajo, no rosto, em cada detalhe, uma harmonia tão rythmica, impetuosa e lyrica como um hymno á belleza e á grandeza alada.

«Tão formosa! tão formosa!» murmurou.

Luiza, n'um desembaraço apurado e aristocratico, estendeu-lhe a mão fina e alva que elle teve impetos de demorar entre as suas e cobril-a de beijos. E disse-lhe n'uma encantadora semcerimonia:—Então como vai, caro doutor? Mas essa phrase desgostou Armando: «Porque me trata ella assim?»

Como o Torres porém o fitasse atravez do monoculo, elle mostrou-se sereno.

—Bem, minha bôa amiga... E se goso a felicidade d'esta noite devo-lhes inteiramente...

Martha chegava n'esse momento, tendo vindo prasenteira cumprimentar os recem-chegados.

E como o Torres fosse solicito para M lle Marie, tendo deixado a irmã com Martha, Armando, os braços cruzados, um tanto afastado, contemplava abstracto esse grupo encantador formado por sua mulher e Luiza. Só agora reparava no contraste das duas, na pallidez de Martha, o cansaço dos olhos sem o brilho de outr'ora, a tez sem aquella frescura de primavera, um vinco quasi imperceptivel cavado entre os sobrecenhos, um todo de vago desolamento e de sonho amortalhando o semblante. Era como se a sua illusão fugindo d'alli levasse comsigo todo o perfume das coisas intangiveis que elle procurava na sua allucinação, fugitivas como uma poeira impalpavel que elle tentasse tocar com os dedos.

Sentiu o coração cerrado diante da incuravel desgraça que elle presentia entre aquellas duas mulheres, e fugiu d'aquelle logar, abalado por um imperceptivel fremito. A fronte escaldava e elle desceu para o jardim, sentindo-se nas imminencias d'uma grande crise nervosa. E o seu doloroso enigma se evidenciou diante do grupo adorado que elle continuava a vêr do jardim atravez da luz que se coava pela cortina rendada. Martha! não a tinha amado com o mesmo im-

p t.? não a quizera para si com a mesma violencia? E *Yú*, a noiva morta? Porque a segunda substituira a primeira e ambas se personificavam n'essa terceira, sem solução de continuidade, como se atravez d'essas tres mulheres não houvesse senão a mesma essencia mudando de ló mas e fugindo ao alcance de suas mãos febris? Ah! o tremendo enigma!...

Levantou os olhos para a janella e já lá não estava o grupo. E ficou alli abatido, inconsciente, sem saber o que fazer e para onde ir, olhando para a casa deslumbrante de luzes surgindo da noite n'um clarão de apotheose, atravez do arrendado bizarro das folhas.

Mas de repente, Armando pensou que o procurariam no salão, levantou-se e encaminhou-se.

Começavam a primeira valsa quando elle assomou aos batentes da porta do salão a cuja hombreira se encostou.

Procurou instinctivamente Luiza com os olhos e deparou-a valsando com seu amigo Alberto, em cuja physionomia julgou vêr aquelle mesmo sorriso de felicidade plena de quem cinge entre os braços a creatura amada. E, na sua obsessão, afigurou-se-lhe n'aquelle olhar, turvo de sensualidade, algo de quem procura descobrir no decote alguma coisa mais da nudez do que o espartilho permittia vêr. Teve então um rugido de tigre, ferido em pleno coração, como o rancor instinctivo do sexo em face do prazer alheio com a mesma creatura desejada.

ouvir distinctamente as pancadas violentas de seu coração como se fôra um formidavel martello batendo na rigida incude em que se forjam os inamoldaveis destinos humanos.

Era a sensação exquisita de estar ilhado n'uma apathia fatal, luctando entre a vida e a morte como se porventura se achasse sobre uma grande extensão de agua estagnada, cuja superficie liquida parecesse ceder a cada momento sob os pés, ao passo que tinha sempre os olhos voltados para a linha tranquilla sem jamais se afogar. Meu Deus! mas como valia a pena viver se a sua vida tinha limites n'uma contínua dissimulação, que era como o equilibrio engenhoso em que oscillava o seu proprio destino como o vagaroso pendulo d'um relogio?! Elle era então como essas plantas a que as tesouras dos jardineiros imprimem uma fórma bizarra e artificial; mas que deveria ter o cuidado em que suas emoções, como a obra do ferro sobre as plantas, fossem sempre vigiadas, para que os impetos da natureza não trahissem o segredo da propria essencia. Já não podia nem queria viver se na vida não encontrava a harmonia sem que sua alma não podia existir!

Tinham acabado a valsa; mas Armando tinha-a ainda dentro em si, vibrando nas dolorosas resonancias acordadas de seu espirito. Tinha passado algum tempo quando presentiu, pelo leve roçagar d'um vestido, alguem atraz de si.

Isto foi tão subtil como uma aza que se abrisse. Voltou-se e viu Luiza de pé, junto d'elle, triste e grave. Fitou-a, no fundo das pupillas, a tremer; e adivinhou bem na doçura de seus olhos alongados entre os cilios espessos, a fugitiva lagrima subindo, bailando e se dissolvendo por um imperioso poder de vontade.

Armando estremeceu ao vêr Luiza, assim pela primeira vez, diante d'elle, ella que era, de ordinario, tão compassiva e benevolente. Mas, apenas a scena do salão se lhe reaccendeu no pensamento ante ella, todo o seu egoismo cegou-o novamente.

Já não era só a dôr de não poder soffrear junto a si aquelle corpo; era a alma que lhe fugia tambem sem que elle a podesse agarrar!

Teve então impetos de commetter uma violencia, explodir todo o seu despeito, arrancar aquelle espartilho e apunhalar aquelle seio com as mãos febris, antes que imaginasse o *outro* encostando alli a fronte, antes que podesse vêl-a arrebatada pelo braço d'esse outro, entregar-se a caricias que não eram suas, voltando-lhe as costas como a uma coisa inutil que se encontrou na vida.

Experimentou uma suprema angustia. Por instantes pensou na puerilidade dos poetas que haviam imaginado o inutil trabalho de Sisypho, a insaciavel sêde de Tantalo e o coração eternamente devorado de Prometheu. Oh! a tortura

do desejo esteril era bem mais terrivel que o bico de um abutre a depenicar um velho coração! O supplicio de se encontrar só, sem aquella mulher que nunca poderia possuir, tornou-se-lhe intoleravel. Evocava o passado perdido, em cada uma de suas parcellas minimas, agitava do fundo mysterioso de sua memoria as recordações estagnantes de sua ternura — e cada cousa acordada era uma pergunta secreta d'onde subia uma enigmatica resposta, tristes perguntas e tristes respostas que elles se diriam inconscientemente na historia d'essa paixão jámais confessada, cujo marco final presentiam — elle principalmente — n'uma especie de superstição instinctiva. «Recorda-se?» esta pergunta estava tão viva no olhar que prescindia o formulal-a. Mas Armando teve um estremecimento brusco, e uma nuvem de sangue raiou-lhe nos olhos — o impulso vago e atavico vindo, não sabia de que profundezas, para consummar a situação com um crime.

Luiza notara-lhe o movimento, o mesmo que já percebera no salão momentos antes, vendo-lhe os olhos felinos cravados sobre ella. Mas, de momento, transfigurada, Luiza approximou-se-lhe, já sem gravidade, e os olhos quasi maternaes accenderam-se clementes, cheios d'uma grandeza infinita, como um immenso horisonte de paz. Armando teve uma emoção subita por vêl-a d'essa fórma inesperada. Ella fallou lentamente,

os olhos livremente fitos nos d'elle como se por aquelle momento abandonasse todas as dissimulações que os enredavam a ambos.

Era como se por fim elles sentissem a imperiosa necessidade de se fallarem, de ouvir essas mil cousas intimas que nunca haviam proferido. De toda a sua ternura esmagada, de tudo o que tinham sorrido e confundido na vida, surgia agora a evocação espontanea, rapida, muda e terrivel d'aquelle poema dilacerado. E Luiza disse simplesmente:

—Procedeu mal ha pouco, Armando, e continúa a não ser razoavel...

Havia n'estas palavras um timbre de resolução e franqueza que assombraram Armando.

Accrescentou, agora mais baixo, como uma confissão arrancada do coração, mas com a mesma serena altivez:

—Porque tem medo de soffrer? Eu julgava sua alma capaz de arrostar com todas as dôres... Eu sou assim, perdôe que o diga.

N'estas palavras, havia soffrimento e goso— o soffrimento do corpo sensual tão profundamente agitado e o goso da espontanea renuncia que offerecia nos seus ignorados pensamentos. Ella sentiu-se caminhar para um paiz de desconhecido exilio, arrastada por uma força profundamente poderosa, peregrina sem descanço nem pousada, atravéz das planicies adustas, das montanhas núas, á beira dos rios, ao longo dos

mares, flagellada pelos elementos, mas sentindo sob os passos dolorosos brotarem fontes imprevistas de poesia. As vozes da natureza, os sussurros profundos das florestas, as essencias subtilissimas dos elementos, as madrugadas, os poentes e as noutes—tudo entrava n'esse prodigioso drama de soffrimento, os aspectos, as linhas, as côres e os movimentos, collaborando n'esse poema sagrado de dôr e de mysterio immemoravel. Ella se sentiu superior á propria contingencia do sêr, prompta a ser immolada, para que ambos podessem ser uma só alma e um só soffrimento. Quiz ter nos olhos a espiritual cegueira das estatuas immortaes.

Como uma sombra da propria alma materialisada, suas palpebras desceram-lhe sobre os olhos como para velar a imponencia d'esse secreto orgulho. Mas da vontade liberta, um instante victoriosa, reflectiu sobre o rosto de Luiza uma belleza incomprehensivelmente subtil e complexa, que dava á sua physionomia um estranho fulgor de vida e de verdade, uma profundeza sagrada, onde, em silencio, alguma coisa de superior e intelligente se acabava de completar e de se affirmar. N'aquella voz e n'aquellas palavras houve como que um estremecimento convulsivo que vibrasse n'aquelle corpo como cordas d'harpa cuja ondulação sonora ficasse enchendo o aposento d'uma musica celeste.

Armando, calado, bebeu essas palavras que

eram como a propria derivação d'aquelle coração qual se este, tornado em outra essencia, se transfundisse n'essa ambrosia que ella lhe dava a gosar. Da escuridão em que sua alma havia sossobrado, elle sentiu que aquella voz limpida o levantava á superficie onde alguma coisa se dilatava como a recurva azul d'um céo matinal.

Julgava traduzir n'aquelles labios, n'aquella attitude, n'aquellas palavras ousadas, alguma coisa mais bella e mais transcendente. Via-a muda e dizendo: «Não conheço senão esta vertigem. Sou pura e quero morrer na volupia desconhecida d'este atroz soffrimento. Não conheço outra lei que não seja a tua doçura e a minha força. Distantes um do outro, separados por todas as leis irrevogaveis dos homens e do destino, somos mais bellos e mais nobres, assim santificados pelo sentimento. Que abraço, que caricia poderia forjar uma cadeia mais intima?»

Armando teve impetos de dobrar o joelho deante d'aquella mulher, que resumia bem, n'aquelle instante, o ultimo grito de sua paixão, o ultimo impulso d'uma oração nunca murmurada, a ultima esperança a cujo farrapo se agarrava como um misero, o derradeiro favor que lhe fosse dado encontrar n'esta vida. E abandonou-se ao goso fugitivo d'esse instante unico, porque o desejo da morte, sentia-o subir do mais intimo de suas profundezas — para que podesse encontrar a solução impossivel de sua

ternura sem sahida. Sentiu então, com a mais prodigiosa intensidade, a volupia de sua dôr no holocausto do seu sacrificio voluntario. Vieram-lhe á mente aquellas tragicas palavras de Child Harold, ao embarcar para a ultima viagem: «Sou como a alga errante, arrancada ás rochas e fluctuando entre as espumas; a vaga arrasta-me e a tempestade traça-me o caminho.» Aportava, naufrago e nú, a este ultimo esteril rochedo, n'esta ancia de buscar uma felicidade chimerica. A felicidade, Deus de bondade! que farrapo, que sonho, que intangivel estancia se a procuramos fóra de nós!

Armando julgava-a sentir agora, não na ebriedade que desejara, não nos extases que o absorveram, não nos sonhos que andou construindo — mas na indulgencia, na equidade, na submissão, no proprio sabor acre que nos dá o soffrimento. É que elle comprehendeu no instante o dom da vida quasi sempre triste, sabido como é que quem nol-o transmitte não póde garantir á creatura que arrancou do mysterio nenhum dos coefficientes indispensaveis da felicidade. Comprehendeu a razão da felicidade dos discipulos de Budha e desejou-a como o supremo lenitivo: «Para cortar a raiz da dôr, tem-se que cortar o desejo, isto é, a vida. Renuncia, contemplação, inacção: eis ahi as virtudes do perfeito discipulo.»

Tudo isto passou na agitação de seu espi-

rito como um tropel. Cada ideia teve a rapidez de um segundo. A ultima, porém, fixou-se-lhe, e voltou os olhos para Luiza, cheios do subito e espiritual clarão d'esta renuncia.

Viu-a crescer a seus olhos na chamma das palavras evocadas. Armando sentia-a, delicada e poderosa, com a subtileza das flôres e a rigidez do marmore, formada de luz e de sombra, com o brilho da primeira e o recato da ultima. Sentiu-a envolta na clamyde inconsutil que nada poderia violar, a cabeça leonina e astral, tão serena e soberana, que era bem um enigma o contraste evidente que essa attitude varonil offerecia com a apparente fragilidade dos punhos nús. Então afigurou-se-lhe que aquelle vestido que a envolvia, a musselina fulgida e a finissima gaze diaphana que cercavam-lhe o collo, os braços e os hombros semi-nús — todas aquellas cousas brancas sob que a pelle radiava no frescor juvenil, pareciam infinitamente longinquas, intangiveis e enigmaticas, como se a curva do seio adivinhado sob a pennugem dos frócos alvos tivesse dado a elle entrever o farrapo de um mysterio infinitamente sobrenatural.

Como o visse calado, Luiza interrogou-o resolutamente:

— Sejamos francos: porque se entrega a esses desesperos inuteis?

E como elle fizesse um movimento para protestar, ella deteve-o.

—Não diga que não! teria mentido... e a verdade é sempre bella, pois não é?

A fallar, como que Luiza crescia n'um extase, tendo nos olhos uma faúlha mysteriosa; e as suas mãos delicadas tiveram um gesto impulsivo de partir uma cadeia...

Armando ergueu para ella os olhos perscrutadores, procurando ir até o amago das palavras. Via bem Luiza, já sem serenidade, a garganta estrangulada, o quer que fôsse de immenso que a commovia até o intimo... Elle sentia-lhe perfeitamente o bater violento do coração, o seio arfando nos grilhões do espartilho... Pensou, não obstante, no *outro* e cahiu-lhe uma nuvem no olhar. Luiza sentiu-a, viu levantar-se a tempestade d'aquella alma, na attitude fria e immovel.

Adiantou-se, então, maternalmente, pegou-lhe n'uma das mãos invadida pela onda gelida, dizendo n'um tom de profunda caricia:

—Bem sabe quanto sou sua amiga, não é assim?

Aquella phrase desarmou-o. Teve impetos de cahir-lhe aos pés e beijar a fimbria adorada d'aquelle vestido. Foi a sensação de a ter magoado inutilmente, de ter batido n'um pequeno ente inoffensivo e só. Curvou a cabeça, apenas, como a creança a quem se reprehende, todo elle tornado creatura humilde e dolorosa.

—Fiz mal, sei... sou um insensato.

Como ouvissem vozes, então, de um grupo perto, Luiza fez um movimento para retirar-se. Armando, porém, momentaneamente transformado, a sombra accumulada no rosto, levantara-se e pegara-lhe no braço nú, impedindo-a de sahir, os olhos cheios d'uma desconhecida nuvem. Aquella attitude de creança batida, mudava-se, agora, de repente: e Luiza teve a previsão instinctiva, sentiu que a vertigem irresistivel d'aquelles olhos pregados nos hombros nús e no seio palpitante, atravez do decote, despiam-n'a mais perigosamente que a propria nudez, envolvendo-a n'uma tentadora chamma de desejos máos. Sentiu a carne ferida por aquelle olhar, violada por aquelle desejo, tão dolorosamente como se lhe rasgassem uma chaga. Ella teve medo, medo d'uma força talvez superior á sua, evitando o contacto d'aquelles dedos, tremulos de febre, que abrazavam-lhe a pelle. Sentindo-se presa, teve uma supplica, tão branda e fragil como a pennugem de cysne que lhe rodeava o decote e lhe protegia o seio.

Luiza tornou-se subitamente livida como se a devorasse um veneno. Sentiu em Armando o gesto irresponsavel e brusco do instincto ignobil. Toda a sua revolta, o nojo das miserias humanas subiram ao seu coração como onda irreprimivel. Sentiu varrerem-se-lhe d'alma toda a ternura, toda a illusão, toda a esperança como se tudo de repente, de envolta com um odio

surdo. naufragasse n'um charco fetido. Que profundeza de sombra teve este momento de sua vida! mas ainda fallou calma.

—Não me faças mal! não me magoes! Como elle ficasse mudo e immovel, ella arrancou-lhe os dedos, ferindo-se-lhe nas unhas, com um brusco movimento. Com o choque, Armando cambaleou e cahiu pesadamente sobre uma cadeira em que se achava ha pouco.

Armando, novamente só, sem saber definir aquella scena rapida, deixou-se ficar em attitude de desamparo. Então, ouvindo de novo a musica assassina, vinda do salão, elle experimentou, mais do que nunca, a sensação aspera de seu isolamento, no seio da festa que o cercava, incomprehendido e repellido, como se fôra atirado a uma praia deserta e núa, batido por inclementes ventanias de morte e de peste.

Como ouvisse um novo ruido atraz de si, voltou-se e viu Martha cujos olhos cheios de dolorosas surpresas o interrogavam:

—Que tens?—E ella sentou-se-lhe compassiva ao lado, os olhos de apaixonada que não se sente amada.

Elle dissimulou.

—Nada, nada... querida. Os meus nervos, vês?

E sentiu-se enternecido até o mais intimo do coração. A bondade tocante d'aquella creatura terna, tão sua, o velludo d'aquelles olhos

tão claros, tão cheios d'alma que alli se reflectia em toda a plenitude resignada, abriram-se-lhe como um seio doce de mãe, cheio de caricias e perdões. Reclinou a fronte cansada n'aquelle regaço, teve uma só phrase:

—Meu Deus!...

Martha porém tomou-lhe a fronte entre as mãos, reanimou-o, ergueu-o:

—Vamos, isto vai passar... Procuram-te lá no salão. Vamos.—E deu-lhe o braço, sahindo ambos.

No salão, na roda mais selecta, o Torres, ao lado do dr. Thompson e do dr. Saladino, fazia a critica do *Jardim de Berenice*, obra de Mauricio Barrés, um symbolista em quem se realisava a previsão de Banville quando tratára da reacção inevitavel á escóla naturalista, não sob o molde dos idyllios piegas, mas sob a fórma da subtileza quintessenciada e do symbolismo metaphysico. E' assim que, se depois de Flaubert, com a sua *Madame Bouvary* e a *Salammbô*, viera Bourget, o agudo psychologista, desfibrando os minimos estados d'alma, em todas as mais exoticas e desconhecidas manifestações da sensibilidade, com aquella penetração de critica que vae até desfibrar o coração da mulher em que tem logar o estupendo dualismo da paixão; e depois de Zola, o summo sacerdote da Escola, com a sua admiravel série dos *Rougon-Macquart*, vinha agora Maurice Barrés com as filigranas do

seu symbolismo transcendente, com as theorias obscuras de sua Berenice, considerando o Universo uma estupenda charada cuja decifração deve ser o esforço vão de toda a nossa vida, e encarando a submissão ao instincto como a unica lei racional.

A proposito da obra de Barrès, o dr. Thompson fallou da semelhança do *Tite et Berènice*, de Corneille, com a *Berénice* de Racine. Que achava o illustre critico? Não eram simplesmente duas fórmas diversas, identicas no fundo, do mesmo assumpto?

O litterato tomou folego, concertando o monoculo:

—Sim! sim! a seguir á lenda tecida sobre as duas obras, de accordo com Luiz Racine, nas *Memorias* de seu pai, Voltaire e Fontenelle, uma princeza, famosa pelo espirito e pelo amor á poesia, levara aquelles dous grandes rivaes a tratarem do mesmo assumpto. Afinal o episodio classico e o motivo real tratado outro não era senão a expulsão de Berenice imposta e executada por Tito, imperador de Roma, que, bem que a amasse do fundo de sua alma, teve que optar pela razão de Estado contra a exaltação de um coração, mas o que é facto é que nas entrelinhas estava palpitante o romance amoroso de Henriette, duqueza de Orleans, no tempo de Luiz XIV, desejando vêr celebrada a sua paixão pelo regio cunhado e o sacrificio que a ambos

custára esse alto lance dramatico, tão intensamente real.

Como houvesse fallado em Tito e Roma, alguem notou a coincidencia de se acharem em frente a um quadro historico, pregado á parede e o apontou ao litterato: *Nero diante do incendio de Roma.*

O Torres teve uma syncope de goso artistico. Abriu os braços, no gesto dramatico que lhe era familiar, como para abranger a grande visão.

Roma! a cidade unica que conta por millenios os periodos da vida. Que luctas, que victorias, que civilisações e que idades se contam dos tumulos preromuleos abertos em torno do Palatino aos portentosos monumentos que fizeram a gloria e o esplendor do Imperio; da infinita solidão das catacumbas esquecidas sob os hortos suburbanos, onde a fé christã, pura e simples, ergueu as primeiras orações ao seu Deus, até á Egreja que a tão altos triumphos chegou, já decadente nas suas formulas e nos seus dogmas! Evocou auctores queridos para recordar a visão magnifica e deslumbradora do Pincio, á hora suggestiva do crepusculo; do soberbo Janiculo, recordando Jano por ser bifronte, e em cuja perturbadora altura, nos tons vivos de ouro e purpura, passa Messalina, os cabellos soltos, a empunhar o facho vesperal na gloria sangrenta das nuvens.

E como as Figueiredo passassem n'esse momento, em grupo, arrastando comsigo as irmãs do dr. Lula, furiosas por não acharem cavalheiro para as dansas, tiveram phrases acres para o Torres. De certo era aquelle pelintra de luneta, que fazia propaganda na sala contra ellas, pois que dera agora para diffamal-as em toda a parte! E a Laura accrescentou entre impetos:

—E' melhor que ponha os olhos na irmã, que vive até a tomar os maridos das outras!

E como a Domdonsinha e a Miloca abrissem os olhos muito admiradas, perguntando sobre o caso, a Laura, para aguçar-lhes mais a curiosidade, fingiu discreção:

—Nada! é cá uma cousa! Se nós nos occupassemos da vida alheia, como muita gente, teriamos muito que contar.

A Domdonsinha porém chamou a Laura Figueiredo para um canto:

—Mas conta-me isso! Bem sabes que não sou de bate-bôcca nem de mexiricos. E' só para saber...

A Laura fingiu ceder:

—A Luiza, sabes? — Curvou-se cochichando, soprando detalhes escabrosos, entre risadinhas e rematou:

—Bem vês que isto não é nada limpo.

E deteve-se, cheia de regosijos, ao vêr passar defronte o Antunes, um empregado d'uma

das estradas de ferro, a quem agora costumava esperar diariamente ás nove, quando elle passava chronometricamente para o escriptorio, aprumado no seu terno côr de cinza, a gravata admiravelmente posta.

Notara-lhe um olhar de vaga sympathia, encantando-a aquelle todo de retrahimento e algo de timidez do Antunes — o que para a sua psychologia era signal de bom agouro.

O peor é que o Antunes não dera um passo adiante d'aquelle olhar e d'aquelle retrahimento: mas agora que o tinha tão perto, havia de ir-lhe ao encontro, provocar a situação...

Largou a Domdonsinha, alvorotada e correu a confidenciar com a velha, a D. Brigida:

— Mamãe já viu? *Seu* Antunes, aquelle rapaz da estrada de ferro que passa por lá todo o dia, está ahi.

N'esse momento a orchestra começou a preludiar uma valsa.

A Laura, temendo não ser vista pelo Antunes, n'uma occasião tão propicia, deixou a velha, atravessou entre alguns pares em busca que elle a visse. E como o dr. Siqueirinha, o dentista, passasse no momento trazendo pelo braço a Candoquinha, a Laura precipitou-se para tirar a desforra, tanto mais quanto o doutor parecia soprar amabilidades, que derreavam seu par de ternura.

O Antunes porém, no seu irreprehensivel

chic, levava pelo braço agora uma das Mendoncinhas, a Anna, ouvindo-lhe, curvado, no seu retrahimento habitual, uma especie de confidencia dita por traz do leque

Era bem o supremo desastre, final e inexoravel!

A Laura, desorientada com a monstruosa scena, foi refugiar-se, a garganta opprimida, no vão d'uma janella, chamando a irmã:

— Vês? — e apontou os dous pares — as filhas do Mendonça e aquellas amarellas andam agora a agarrar os homens... — E puxou uma cadeira, cahiu ahi fulminada, ao peso d'essa derradeira catastrophe.

Martha, que tinha trazido Armando do interior da casa, chamou Luiza que na occasião atravessava o salão, ao começar o preludio da valsa.

— Danse com meu marido — disse.

Armando fitou as duas mulheres, as duas sphynges que devoravam sua vida. Notou um movimento de hesitação em Luiza e quiz tambem recusar.

Ambos, porém, comprehenderam essa recusa deante de Martha que os fitava com os grandes olhos serenos e doces, velados d'uma longinqua angustia.

— Dansem — repetiu ella — eu tenho que providenciar sobre o chá. — E retirou-se.

Luiza accedeu, solicita e risonha, dando-lhe

graciosamente o braço. Armando acceitou-o, perturbado...

Emquanto a valsa, cheia de uma profunda sentimentalidade, soava, entre os primeiros compassos do preludio, os dois foram atravessando o salão entre os pares que se confundiam no borborinho que enchia a sala.

«Que pungente doçura!» pensou Armando, emquanto um vinco imperceptivel cavara-se-lhe na fronte. Luiza notou-o, não obstante, sentindo o braço de seu cavalheiro a que se apoiava, mollemente tremer de encontro ao seu, tendo-o assim tão perto do coração...

Com um ligeiro movimento instinctivo afastou-o um pouco, como se temesse que o coração pulsasse mais violento. «Que insensatez!» disse comsigo; «mas, esse homem soffre muito,» accrescentou no fundo do coração de onde lhe subia, n'uma desconhecida onda de ternura, uma infinita piedade por Armando.

O preludio da valsa, grave e demorado, havia chegado ao fim. Os pares começavam a girar, entrecruzando-se. Armando estacou um instante: o subtil perfume que se escapava das *toilettes*, as luzes, as flôres, os hombros nús que voejavam em torno, perturbaram-no um instante. Desceu os olhos sobre Luiza que o interrogava com um ineffavel sorriso, e ficou surpreso de se achar de pé quando todos dançavam. Sorriu, desculpando-se com um gesto mudo e vago.

Os olhos desceram, porém, insensivelmente e encontraram o começo do collo, radiando na sua nudez de alabastro, deixando adivinhar os seios. Perturbou-se de novo, n'um rapido instante: através do sorriso passou-lhe uma nuvem melancolica, no olhar indefinido e triste.

—Não dansa? inquiriu Luiza, adivinhando talvez as transicções d'aquella alma soffredora.

— Sinto-me mal — respondeu, arrastando Luiza docemente para um vão de janella.

Luiza interrogou-o n'um olhar inquieto:

—Que tem?

—Sinto-me mal — repetiu elle.

E pôz as mãos como n'um gesto supplice. Uma tristeza immensa e funda cobriu-lhe a physionomia.

Luiza seguiu todos aquelles movimentos, interessada e intimamente alarmada, no fundo do coração. Teve um impulso de piedade suprema; quiz consolal-o. «Armando!» ia pronuncial-o pegando-lhe nas mãos abandonadas e frias. Comprehendeu, porém, o momento. «Não! não!» e fitou-o, solícita, com um grave interesse de bôa amiga.

—Quer que chame alguem? Que chame Martha? accrescentou com um imperceptivel accento doloroso.

Armando deteve-a no movimento.

—Não, não é nada, passou...

E teve um arranco de esquecer o mundo e

os preconceitos. «Ingrata!» bradou-lhe o coração revoltado. Os olhos reflectiram o movimento d'essa revolta e cahiram logo na sua sombra melancolica. «Sou um louco!» e pegou novamente nas mãos de Luiza. A moça ergueu para elle os olhos confusos e tristes.

—Porque não valsamos?

Armando deixou-se levar, enlaçando-a ternamente pela cintura

Começaram a valsar tambem.

Para Armando aquelle giro atravez da sala, na confusão dos pares, entre a embriaguez dos perfumes, tinha a suprema ventura de atordoal-o um instante Enlaçando aquella cintura aerea, perto do calor voluptuoso d'aquelle seio arfante, debruçado ante o profundo magnetismo d'aquelles dous olhos—sentia que nenhuma força do mundo era superior áquella que alli o prendia como n'uma cadeia indissoluvel.

Pouco a pouco a sua perturbação foi tomando vulto... Aquella respiração offegante que sentia tao proximo, queimando-o como uma febre; aquelle coração que adivinhava, impetuoso, bater tão perto de si; aquelle perfume subtil e penetrante que vinha d'ella, envolvendo-o n'uma onda tenuissima de ternura, enchendo-o todo de uma estranha e dormente delicia paradisiaca; aquelle brando contacto da cintura fina que elle enlaçava com uma prolongada caricia amiga—actuavam fortemente so-

bre o seu espirito e sobre os seus sentidos empolgados.

De repente, como se fosse preşa de uma allucinação, extraordinariamente phantastica — á semelhança do que se passara em um sonho de noites anteriores — ao fitar o semblante pallido de Luiza, viu-o como se fôra atravez de uma nevoa.

E a semelhança indecisa que notara n'ella outr'ora, com alguem, vagamente, agora accentuava-se, em cada linha, em cada detalhe physionomico. O pesadello empolgava-o agora acordado... Luiza lhe apparecia, phantasticamente linda, n'uma ideal «transfiguração»; e atravez da aureola que o offuscava, elle via, não o rosto d'ella, mas a physionomia d'aquella que levara para o tumulo todo o seu amor de mocidade, todo o sonho immortal de sua juventude.

A valsa continuava, e elle via-a pallida, agora, sentia-lhe as mãos geladas, a respiração fria, como se viesse de além tumulo!

Já não era ella a quem via!

Era a *outra*, resurgindo para elle, apertando-o com os braços algidos, como a propria morte, vinda do tumulo para exigir de novo o seu amor roubado, o seu affecto trahido, a sua recordação desprezada...

Quiz parar a valsa e parecia que uma força estranha o impellia e arrebatava.

Encarou-a de frente e sentiu um olhar ar-

dente que o envolvia, que o reclamava, que o enlaçava, como linguas de fogo.

Não via mais ninguem em volta d'elle como se o pesadello o possuisse de todo, acordado... A musica parecia descer das alturas infinitas como um hymno de nupcias espirituaes...

Musica, flôres, perfumes, luzes — confundiam-se n'uma apotheose soberba, n'uma alleluia phantastica, ao seu amor transubstanciado, surgindo do tumulo e da vida, n'um consorcio transcendente, n'uma fusão dolorida, entre crepusculos e auroras, para cantar-lhe aos ouvidos o hymno triumphal do seu coração sangrento, a luminosa epopéa de sua natureza insaciada.

A orchestra parou; os pares procuravam os seus logares, na confusão natural do fim da valsa.

Armando, readquirindo vagamente a posse de si mesmo, sentiu-se cambalear. O braço de Luiza amparou-o porém, e elle ouviu-lhe distinctamente a voz alterada, rompendo a bruma do seu sonho, chamando-o á realidade do momento.

— Sente-se mal? — E o coração de Luiza bateu mais violento.

Olhou para todos os lados, assustada, com receio que lhe notassem a pallidez. «Como soffre!» — e essa phrase, que lhe subiu como um vagido angustiado do coração, pareceu-lhe que alguem a tivesse ouvido. De pallida, tornou-se

rubra, ao notar que um par, ao lado, sorrira. Escondeu o rubor no lenço, rapida, voltando-se para Armando.

—Saiamos d'aqui. Sente-se mal?

E accrescentou com uma terna solicitude, n'uma inflexão grave:

—Venha um instante aqui para a janella, que o ar far-lhe-ha bem.

E puxando-o para o vão proximo, meio occultos pelas cortinas:

—Que tem?—insistiu com uma suggestiva caricia na voz avelludada e terna.

Alli onde estavam, a lua vinha allumiar frouxamente o quadro, n'uma penumbra doce. E á indecisão da meia luz, a physionomia de Luiza apparecia n'uma aureola romantica.

Armando esteve calado um minuto, prolongado momento de grave silencio, demorando o olhar, como se fôra pela ultima vez, n'aquelles olhos velados pela sombra infinita de um abysmo, que o interrogavam n'uma ancia prolongada e martyrisante.

Teve a instinctiva presciencia do momento de que falla Balsac: quando duas creaturas amadas se encontram pela ultima vez, ha um determinado instante na despedida em que já estão separadas. Isto aguçou mais sua dôr e o attrahiu mais á creatura desejada.

Aquella mulher, alli, n'aquelle recanto adormecido pela meia sombra, resumia, n'um su-

premo e dolorido instante, tudo que soffrera e amara: ella só, unica, dominando a ancia e a miseria da vida, resumia toda a aspiração do seu ser incomprehendido. Luiza, com uma intuição instinctiva, comprehendeu e teve medo. Viu, n'um fugitivo momento de lucidez, que ella havia sido cumplice das circumstancias. Baixou os olhos e a meia nudez de seu collo assombrou-a, erguendo as mãos ambas sobre elle, n'um gesto impulsivo.

Armando, n'um movimento arrebatado, impediu-a de fazel-o, pegando-lhe, trémulo, nas mãos geladas. Luiza sentiu-se desfallecer, presa dos sentimentos os mais desencontrados. Lançou em torno olhares desvairados, do temor da situação. Na sala, indifferentes, tinham começado outra valsa.

—Meu Deus! mas que tem? repetiu ella erguendo os olhos cheios de lagrimas para o moço.

Armando calou-se ainda um instante, tendo prezas as mãos de Luiza. Desejaria esconder prolongadamente o seu rosto n'aquelle seio querido e chorar ahi toda a sua grande amargura. Luiza, n'uma transição, soltara-lhe as mãos n'um gesto quasi brusco e recostara-se no extremo vão, n'um movimento de defeza.

Elle ficou um momento impassivel e estatico. Seus olhos volveram-se para fóra, demoradamente, para a profunda limpidez estrellada

do firmamento, como se no abysmo desconhecido procurasse alguma cousa que d'elle se desgarrara.

Ao reflexo do luar, ella viu brilhar, nos olhos de Armando, uma demorada lagrima, e teve pena... Toda a sua ternura exaltou-se e aproximou-se-lhe, compassiva.

Armando fitou-a de novo com o olhar vago e triste.

Mas n'este momento, elle sentiu-se de repente revolucionado, do mais intimo fundamento de sua alma, por um turbilhão de forças desconhecidas, como se todos os elementos de sua vida interior, arrebatados por este irreprimivel assomo, constituissem n'aquelle ambiente uma existencia ficticia em que todas as potencias do espirito naufragavam ante esta violencia que o tomava nas vigorosas azas de rapina. No seu espirito geraram-se, de repente, harmonias impetuosas e visões surprehendentes. Não era só um grito de volupia que lhe subia dos grilhões da carne macerada; era tambem um appello de liberdade, vindo do fundo de sua inconsciencia mais remota, um furioso desejo de sobrepôr-se ás convenções, o amor libertado de todos os laços communs, victorioso, por fim, pela unica conquista e pelo unico poder de duas creaturas que a natureza collocou no caminho da vida, aptas para completar-se, da fusão suprema dos braços que se abrem para o alado

carinho, n'esse gesto silencioso em que todas as musicas infinitas se geram.

Luiza tinha-se aproximado, mas agora parava, confusa. Sentia-se immensamente desejavel, assim offegante, e tomada de um pudor doloroso diante d'aquelle olhar duro de Armando, despindo-a e rasgando-a como uma chaga infinitamente magoada.

«Não me faças mal!» todo o seu olhar medroso dizia esta phrase, na contracção inexprimivel de sua castidade offendida. Quiz tentar um ultimo esforço para arrancar o doce amigo á sua horrivel vertigem. Mas aquelle olhar por onde a terna alma já não fallava, aquelle olhar onde só o monstro da volupia parecia habitar, a chamma corruptora e errante, o fogo ondeante e felino que dançava nas pupillas obscuras, levantou-lhe dentro em toda a sua alma fechada uma surda revolta como nunca sentira, a revolta pela estupidez dos homens, o horror de sua dura volupia, envenenada de todas as cousas brutaes e odiosas. Viu tudo então, em volta, subitamente perdido, todo o seu carinho feito das cousas mais infinitamente delicadas, manchado da baba mais impura; de repente profanado tudo isso que de si propria emanava, de mais precioso e sincero; a belleza de suas castas offerendas ridicularisada e violada, pela chamma destruidora que vinha d'esse olhar que apenas significava a miseravel fraqueza do sêr

opprimido pela dura servidão da natureza, o sêr que a intelligencia elevara e illuminara, tornara grande e bello, e que de repente naufragava n'esse charco immundo, succumbido á subita convulsão de seu sexo. Ah! era bem aquelle o quadro da simples animalidade debatendo-se nos grilhões da dolorosa impotencia. Aquella agitação vertiginosa, aquelle desejo suffocante, aquellas palpebras descidas, aquelles labios contrahidos, as mãos como se espremessem o succo dos fructos enganadores — tudo isto afastou-a, invadida de um tremor convulsivo, da cabeça aos pés dominada por uma onda gélida, que a amortalhou, como se de repente sua alma sossobrasse, supplantada pelo poder de um extranho supplicio, arrastada para o fundo de um abysmo desconhecido, na escuridão sem limites.

Quiz porém tentar um appello á realidade, repôr a situação:

— Armando, que tem? — e tocou-lhe a mão gelada.

Tanto bastou. Ella viu-o erguer-se, aquelle pobre mancebo melancolico, como se n'elle um poder phantastico lhe désse uma ossadura de gigante, impetuoso no poder carnal que o estrangulava.

— Que tenho? sei lá! Sei apenas que a amo! amo-a muito! oh, muito!

O imprevisto d'aquelle rapido desenlace não dava ao espirito de Luiza tempo para o contorno

de uma idea. Nos seus olhos passou uma vertigem tão densa que ella se julgou de si propria abandonada. O abysmo entrevisto ha pouco era tão fundo, que o sentiu, com toda a sua noute gelada, dentro em sua alma, que n'um só instante despiu as suas azas lucidas e sentiu o contacto de todas as cousas mortaes, como se todos os seus dons fossem dispersados, n'uma poeira luminosa, como os astros que brilham pela derradeira vez. Tudo isto porém foi um momento tão fugaz que apenas lhe roçou a aza fugitiva e errante do fundo d'essa sombra: alguma cousa emergiu logo, subtil e vibrante, alguma cousa immaterial e superior que ascendeu e abriu as azas infinitamente luminosas como o casto azul de um céo matinal:

Consciente de sua força, n'um instante omnipotente e invencivel, misericordiosa e superior, toda ella transformada em substancia vibrante, sêr delicado e poderoso, liberta da obscura prisão humana, pegou docemente n'essas mãos febris que se lhe estendiam, n'um ineffavel transporte, para dizer, face a face, áquelles labios sequiosos que pediam os seus, áquella alma tragica em que o urro do monstro da volupia dominara toda a superior belleza:

— Armando! Armando! porque não póde sua alma ascender além do nivel misero dos sentidos? Armando! eu lh'o peço...

Deteve-se um momento. E' que, pela primeira

vez, teve a visão nitida e segura da inutilidade das palavras cujos sons inuteis vibravam no ar sem que tivessem expressão nem poder. Armando appareceu-lhe então como a creatura fraca, inquieta e incolor, esmagado por leis inevitaveis. Teve dó infinito d'elle, com o impeto de deixar extravasar por fim o coração, dizer-lhe tudo que as conveniencias, o temor, o pudor, todas as leis sociaes a impediam de fazer.

Sentiu-o envolvido por um maravilhoso phenomeno, n'um ether inflammado que se lhe afigurava arrebatal-o da atmosphera commum, e recordou, por uma singular associação de ideas, uma remota noute em que, n'um campo solitario, ella se vira rodeada de fogos fatuos: a evocação e a miragem physica se completavam para arrancar aquelle pobre sêr indefeso ás leis communs da moral e da vida. Luiza teve, então, mais do que nunca, medo da belleza profunda d'aquelles olhos, da lubricidade empolgante d'aquelles labios que tinham uma perturbadora sêde. Sentiu, como chamma ondeante sobre a pelle, o appello vago do desejo, a doçura da desconhecida volupia, o esquecimento do minuto nunca esperado e sempre presentido...

Mas tudo foi rapido. Endireitou-se, rigida, livida, prophetica. Teve n'alma todas as forças espirituaes da vida para dizer, no impulsivo arranco que rompe todos os diques da vontade:

—Armando, meu amigo, reflictamos. Desde

algumas horas passadas que ha na sua alma um turbilhão que lhe veda a serenidade de seu bello espirito. Quero soffrer com o senhor este momento, mas por Deus façamol-o cessar quanto antes. Que intento de rebeldia é o seu? Não vê que a cadeia que nos prende os pulsos deve ser superior á força devoradora do instincto? Reflicta, meu querido amigo. Antes sentir as nossas azas queimadas da chamma que nos rodeia, do que consentir que ella nos penetre o corpo material. Ha uma belleza profunda e superior em ascender e sobrepôr-nos ao instincto, e no dia que elle nos maculasse, teriamos perdido a visão superior que fórma o mundo de nossa rotina intima. Que sou eu para o senhor, que somos ambos um para o outro? Que sei eu? Em nós palpita a torrente das forças selvagens, as obscenas tendencias das almas elementares — e seremos as vis creaturas, escravas como as outras, se não sabemos nem podemos ser victoriosos contra o Destino.

Ia continuar, quando sentiu que as mãos que segurava entre as suas, as mãos de Armando, afrouxavam. Avançou para elle, para amparal-o. Não o conseguiu. Armando, n'esse impeto, abriu os braços, como se fôra para o abraço infinito de seu sonho, e cahiu como uma massa inerte, como o cedro fulminado pelo fogo do céo. O ruido de sua queda, a confusão de Luiza, attrahiram todos os convidados que

fizeram circulo, emquanto Martha, n'uma suprema afflicção, de joelhos, toda dolorosa, suspendia a cabeça de Armando que as manifestações epileptiformes sacudiam n'uma agitação incessante.

—Armando! Armando!

Mas Luiza, em quem alguns olhares inquisidores se fixavam, correu para um recanto occulto. Ahi, por fim, aniquilada, toda a sua amargura se fundiu em lagrimas, lagrimas por aquelle instante mortal, como se sua alma, qual se fôra um bello dominio encantado, de si propria ignorado, de repente fosse invadido por um vento de peste, violado por todos os sacrilegios, calcado por todos os pés profanos, á mercê de todas as hordas crueis e vingativas.

XXII

N'essa mesma noute, quando Martha já dormia, Armando achava-se na sua secretaria, escrevendo uma longa carta.

Quem n'aquelle momento o surprehendesse, alli só, e reparasse para a pallidez mortal de sua physionomia, onde um vinco profundo se traçava, como o sello de uma resolução inabalavel — haveria de temer-se de todo aquelle seu aspecto que denunciava uma situação anormalissima do seu espirito.

Eis o que elle estava escrevendo com a mão firme, de quem tem a consciencia tranquilla de cumprir um grande dever:

«*Luiza*

«Permitta esta doce familiaridade para quem, abarcando com o olhar a derradeira visão da existencia, póde pedir uma graça como é licito

pedil-a aos condemnados á morte. Será a primeira e unica vez — e não é demais que a misericordia da sua grande alma, o desprendimento de seu nobre espirito, sob que tantas vezes se asylaram as minhas dôres e miseraveis fraquezas, o possam permittir.

«Lançará os seus olhos anciosos sobre esta missiva — que deve desapparecer apenas lida, para que o fogo purifique este derradeiro laço de minha peregrinação terrena — e perguntará certamente porque razão ella é tão longa e quiçá importuna. Mas, por tudo que entre nós se passou — esse romance obscuro que antes foi um pacto de dôr, em que duas almas, por instantes, vibraram essa intensa vida superior e inaccessivel a todas as vulgares e miseraveis paixões e preconceitos mundanos — depois sobretudo d'aquella scena de algumas horas, o desfecho tremendo e abrupto de que ainda tenho a tragica visão de seus olhos cheios de lagrimas, como se essas lagrimas fossem a essencia de minha propria alma ensaiando o vôo definitivo para o desconhecido, reflectirá que realmente eu não podia romper os élos da vida sem uma palavra que lhe escancarasse o abysmo de meu espirito, em sua real plenitude, agora nitida, n'esta ultima visão que me abre a porta da grande noute.

«Serei um louco? Serei um homem sem dignidade? Essas duas fórmulas usuaes offerece-

riam, diante dos preconceitos vulgares, as duas unicas pontas do dilemma que explicariam o meu procedimento. Ah! mas estou bem confiado no seu nobre espirito, bastante alheio á onda niveladora, para me não suppôr senão um pobre ente indefeso que a propria inconsciencia arrastou atravez de todos os seus actos. E como tantas vezes lhe surprehendi nos labios esse sorriso compassivo, li nos seus olhos o olhar que descia á mais intima obscuridade da inconsciencia, esse amplo perdão diante de minha dolorosa fraqueza! E quantas vezes um pavor me invadiu bruscamente o coração, a alma encheu-se de amargura á simples idéa de ser mal comprehendido! Mas não é com a senhora nem commigo que o vulgo pensa e raciocina! Para este, não ha senão as vãs agitações humanas, as paixões vulgares e os preconceitos estultos formando da vida essa cousa monstruosa feita de iniquidades e de appetites, sobretudo de appetites, oriundos das almas obscuras, nascidos da multidão e na multidão se confundindo. Pobres d'esses, que da vida nunca ousaram tocar no mysterio profundo onde a elaboração da alma se funde e se completa!

«Pobres d'esses e ai de mim! que de meu sêr moral bem pouco sei que exprima o seu obscuro enigma. E' que se não sou o homem sem honra de que acima fallei, sou certamente o pobre

visionario, de mim mesmo incomprehendido, e allucinado, o louco — para que não dizel-o? — que só para não sel-o de todo, tem a consciencia plena d'estes derradeiros pensamentos.

«Isto — depois do nosso ultimo encontro — é que me faz firmar a convicção de que devo partir em definitivo do theatro da vida, na dolorosa certeza de que já não tenho que fazer na existencia, onde o furor das paixões mortaes, como o succo dos fructos enganadores, já me não detem.

«Se eu tenho até aqui vivido de um sonho, habitando como luz solitaria a profundeza de meu sêr, esta alma secreta que passou velada aos olhos do mundo, surda aos rumores da vida, recolhida na sua sombra, extranha, immovel, intangivel e de si mesma adorada — porque, quando esse encanto tem que partir-se, como o grilhão dourado que liberta o passaro para a viagem do infinito, não procurar na morte a sua realisação — se a immortalidade d'alma não é uma mentira encantadora, como eu creio?

«Mas o que a senhora não sabe, Luiza, e o que lhe devo dizer, é a genese d'este sonho transcendente.

«Ouça-o:

«Na minha solitaria aldeia, onde meus olhos se abriram á luz, e minha intelligencia despertou, e cuja doce paysagem rustica eu tenho

gravada n'alma, como o élo inquebrantavel que me prende ao passado—eu amei, aos meus quinze annos, a uma linda e ingenua rapariga em cujos olhos saudosos e doces eu tinha um reflexo d'aquelles céos de limpido crystal. Ah! essa bôcca era bem a bôcca tocada de um beijo não dado ainda!

«Eu devo dizer-lhe que foi esse o unico trecho feliz da minha vida? Ah! se por acaso amou aos quinze annos, deve saber, como eu, o que é esse sentimento que tem mais de divino que de humano; deve saber o que são esses silencios prolongados de duas almas que se interrogam sem ainda comprehender verdadeiramente o mysterio que as rodeia; sem ter ainda no coração a cicatriz indelevel quando a primeira saudade nos faz despontar no rosto a primeira ruga.

«Lance os olhos para o seu passado, Luiza, o passado sempre cheio de um sopro irresistivel de poesia; percorra as paginas dispersas do seu coração joven como um livro de cujas paginas as emoções resuscitam, e verá que longe, como a linha azulada e longinqua dos horisontes, a recordação do seu primeiro affecto, d'onde se exhala o aroma do corpo lyrial das virgens innocente e puro—tão innocente talvez que não podia despertar o pudor—lhe fará oscillar nos olhos, em suas horas de scisma, uma lagrima furtiva, partida d'essa gruta solitaria do coração.

«Esse trecho da vida, ficará em nossa estrada como um marco erguido no deserto que nunca deixaremos de avistar ao longe, por mais que d'elle nos afastemos — nós -que corremos em busca de um ideal, sem ao menos pensar que no fim da estrada, apenas acharemos uma cruz erguida, a cuja sombra protectora vamos dormir para sempre, na quietação do olvido...

«Pois, eu amei aos quinze annos, Luiza! E o meu amor, insepulto no coração, foi o meu eterno sonho atraz de que eu corri louco, sem pensar — pobre de mim! — que vivendo elle, além das nuvens, eu já não podia encontral-o na terra.

«Eu tive de deixar a minha aldeia para formar um futuro que me collocasse ao abrigo das necessidades da vida; e pouco depois, eu recebia a fatal nova de que já não existia aquella a quem eu dedicara todos os affectos, a cujo destino eu havia jurado ligar o meu.

«Não tenho necessidade de contar-lhe o que foi esse golpe para o meu espirito e para o meu coração: seria reviver uma chaga cruciantissima que nunca cicatrisou dentro em mim!

«Procurei depois n'um sonho de gloria afogar o meu pesar: não sei se tel-o-ia conseguido, realisando essa aspiração. O que é verdade é que a maldade dos homens não m'o consentiu; não m'o permittiu uma sociedade que em começo se dissolve, que não comprehende a arte longa, a vida breve; conjuncto que se desaggrega na

sua propria lucta, em que a simples animalidade, em nome do egoismo, constitue a suprema lei. Que insania, o amor, a fraternidade, a intelligencia, contra a oppressão, a soberba e a ignorancia no seu tremendo e inevitavel contagio!

«Eu ia voltar para a minha aldeia, desilludido de tudo, quando um amigo—a quem perdôo o mal que me fez pela boa intenção que o ditava—suggestionou-me a ideia do meu casamento com Martha.

«Porque cedi, eu que estava descrente de tudo, eu que só vivia por esse culto intimo em que todas as energias moraes se tinham congregado?

«Não sei verdadeirameute o que mais actuou em mim, n'essa resolução que deveria parecer para muitos, estranha e incomprehensivel!

«Creio, entretanto, que de um lado a vaidade de ser amado por uma mulher formosa, e do outro, esse impulso inconsciente da propria natureza, na gestação de suas forças obscuras e irresistiveis, determinaram essa resolução de que guardo remorso por ter concorrido para ligar a mim proprio, ao meu terrivel destino, um espirito digno de todas as felicidades.

«Martha exerceu uma influencia fatal sobre mim! Eu esqueci-me, por instantes de embriaguez, d'aquelle passado que tinha ficado nas recordações de minha primeira mocidade, na dobra azul de um sonho que me pareceu, por ins-

tantes, morto para mim, no romance piedoso cujo epilogo eu suppuz escripto no humilde cemiterio que guardava os restos mortaes de aquella creança infeliz cuja imagem luminosa havia até alli completado os affectos do meu coração.

«Tive a loucura de acreditar ainda na felicidade — eu que já não acreditava em nada na terra e que vivia apenas das recordações do meu passado!

«Martha resumiu, durante esse tempo, o mundo inteiro, para mim, para meu pobre coração desamparado, que, como a ave transviada do ninho, durante a tempestade, temendo os rigores da invernada, acceitou o primeiro pouso que o acaso ou a Providencia lhe deparou.

«A minha illusão, porém, durou pouco tempo: o meu primeiro beijo de amor foi a primeira prova que eu tive que minh'alma não participava de toda aquella revolução que se operara em mim. A materia, ou melhor, o impulso de minha propria mocidade, funccionava, emquanto minh'alma se ia desprendendo pouco a pouco de mim, em busca de uma miragem que a attrahia como para o fim do seu destino fatal! Era a attracção do abysmo que se exercia em mim, que me chamava como se todo o meu sêr moral estivesse preso a uma corrente inquebrantavel que o arrastasse a despeito de todos os esforços de minha vontade, de todas as

luctas que a minha força, em si tão quebrantada, era capaz de emprehender.

«Entretanto, eu não comprehendi logo qual era a lei a que meu sêr moral obedecia: eu sentia apenas dentro em mim como uma sêde insaciada, como um desejo ignoto e incomprehensivel a me seduzir para cousas inconcebiveis, como uma nostalgia vaga e etherea que me enleiava todo, enervando o meu espirito e subjugando toda a iniciativa.

«Foi então que eu a vi, Luiza, e que senti — perdôe esta confissão de quem vai desapparecer da terra! — que todos os seus encantos despertavam-me um sentimento apenas adormecido no meu coração! Todos os sonhos de minha vida interior refloresceram, todo o meu sêr foi transubstanciado n'esse tumulto de melodias, tal como as forças subterraneas rasgando e transformando os terrenos vulcanicos, onde montanhas, penedias e abysmos nascem de improviso.

«Havia porém uma suprema razão para isto — uma razão que só ha poucas horas se me apresentou lucidamente ao espirito, tal como se uma apotheose phantastica de repente illuminasse todo o scenario de minhas paixões, todo o desconhecido tumulto de minh'alma.

«Entretanto, creia-me, esse sentimento não era como o amor commum, os dous sêres que a natureza liga e submette ás suas leis. Era bem

essa substancia vibrante, uma sensibilidade infinitamente delicada e intangivel! Era uma onda espiritual que me envolvia todo, esplendorosa e grande, era como uma luz suavissima de estrellas que enchia de paz todo o meu martyrisado coração, que apparecia como uma ilha luminosa dentro do cháos tenebroso de meu espirito doente.

«Em uma palavra: não era amor, era uma adoração! Tinha a sensibilidade das flôres, o fulgor ondeante da chamma, o vigor e rigidez do marmore, mixto da sombra que subia do coração, da luz que irradiava do espirito.

«Eu soffria n'esse estado, e Deus sabe as noutes de insomnia que passei! Mas esse soffrimento tinha em si alguma cousa que me acalentava, como uma cantiga maternal, uma melodia que me embriagava, envolvido de uma alta espiritualidade que me roubava a faculdade de pensar e as sensações da vida material.

«Eu tinha entretanto feito a mim mesmo o protesto de fugir-lhe, para furtar-me a todas as tentações, quando, por uma fatalidade, dansei aquella valsa com a senhora, Luiza.

«O que se passou então em mim, é indizivel!

«Vi-me, ao seu contacto, arrebatado a um mundo desconhecido, e na exaltação do meu sêr moral, vi, em sua physionomia, o rosto d'aquella que eu tinha amado ainda em creança;

e em volta a mim, representar-se todo o meu sonho inconcebivel, que me tem acompanhado a vida inteira, que me tem feito um doente, que me faria talvez um louco, se eu não procurasse na morte, como estou resolvido, fugir ao martyrio da existencia, e fazer do sonho uma realidade, na vida immaterial em que eu creio.

«Eu disse-lhe, na minha exaltação de que apenas conservo vaga memoria, que a amava... Pobre insensato! Bem quererá perdoal-o, não é assim, minha amiga! Quem me daria audacia para tanto, a mim que vinha do passado irrevogavel para o futuro murado? O que eu amava, e o que eu amo! Nada mais que a sombra desgarrada que se corporifica e se volatisa, como uma illusão de optica nos grandes desertos. Ah! esse passado que eu julguei tão bem sepultado no mais obscuro recanto do coração; esse passado que não reviverá nem voltará: foi bem o phantasma que se levantou de sua sombra adormecida, de seu miseravel exilio, para me levar atravez de todas as ironias, tomando todas as mascaras, de transfiguração em transfiguração, até este supremo desastre que naufraga na morte, como o navio entregue á direcção dos ventos que afinal encalha no rochedo aspero e nú. O phantasma exilado se vinga bem duramente!

«Não foi á senhora, pois, que eu amei; eu amei ao meu sonho, á transfiguração da som-

bra esquecida. Martha e a senhora não foram senão as duas fórmas da illusão nunca morta, sempre viva em essencia! E' ainda por isto que me vou asylar no aconchego d'essa aza encantada, para todo o sempre, correndo emfim ao desesperado appello de que estão cheios os meus ouvidos— cheios da nostalgia da morte!

«E quando não tivesse um supremo motivo para desapparecer, quando não temesse o meu nome arrastado entre todas as infamias, eu teria, para fugir á vida, esta simples e unica razão: tirar um obstaculo diante de seus olhos, deixar livre e florida a estrada de sua vida, para que goze a sua partilha de felicidade na terra, e cumpra a sua missão de mulher honesta. Fallo junto do tumulo, com immensa resignação e serenidade, apartado de todas as paixões materiaes, para ter uma só palavra de mentira ou hypocrisia. Seja, portanto, feliz, tão feliz quanto lhe póde desejar o seu maior amigo. Case e tenha filhos, muitos filhos! em que suas virtudes se transmittam e refloresçam como as rosas reflorescem pela seiva da terra. E' esta a suprema e unica felicidade — esse desdobramento da propria vida que se transmitte e se adora nos filhos que vão prolongar o nosso proprio *eu*.

Não me lamente na morte! Considere, espirito superior como é, que a vida é um vasto labyrintho em que em vão nos debatemos com

a grosseria das paixões e dos appetites; e felizes, bem felizes os que, na hora propicia, podem encontrar a sahida d'esse labyrintho que dá para o desconhecido e para o esquecimento...

«Adeus, Luiza! E agora que não me ha de julgar senão um infeliz, bemdiga a minha memoria, e entre os seus momentos de felicidade, não maldiga e sobretudo não lance ao olvido aquelle perante quem appareceu como a radiação de um sonho que vai começar a sua realidade na morte.

Armando.»

Depois de escripta a carta, Armando subscriptou-a com a mão tremula, foi deital-a na caixa postal, fóra, e voltou de novo para o aposento onde se achava, procurando todas as precauções possiveis para não fazer ruido.

Sentou-se de novo na secretaria e pensou escrever uma outra carta a sua mulher. Esteve minutos longos, a penna suspensa sobre o papel... Tinha escripto no alto: «*Minha adorada Martha.*» Sentia porém a inutilidade das palavras, toda a impotencia de seu espirito para gerar uma idéa capaz de absolvel-o aos seus proprios olhos. A dupla desgraça que ia acarretar sobre sua innocente victima paralysava-lhe os movimentos, lançava-lhe sobre a alma um terror confuso e supersticioso.

Tinha mesmo o direito de matar-se? Suas

indecisões voltavam-lhe n'esse supremo instantante... Mas, por que não? Era então o temor do desconhecido, o gêlo da sombria noute que o apavoravam? «A vida... a vida... mas não! não!» a onda transbordava, subia até sua alma cansada. A vida seria agora a cobardia absoluta, quando elle sentia que tudo por fim se desmoronava em torno de si, como um edificio abandonado, batido pelas ventanias inclementes, estalando sobre os alicerces.

Levantou-se, pois, n'uma suprema resolução, abandonando um instante a folha de papel e foi abrir a janella como para, n'um derradeiro relance, guardar na retina o espectaculo grandioso do céo estrellado. Olhou, um momento, demorando o longo olhar tristonho em toda a melancolia da natureza adormecida, respirando os perfumes penetrantes das flôres que vinham do jardim e que actuavam n'elle n'uma especie de subtilissima embriaguez. Applicou o ouvido como para comprehender e sentir pela ultima vez a musica silenciosa da Natureza: só o vento passava com o seu queixume lento, como um vago clamor de cansaço, de dôr e miseria, vindo da profundeza obcecante da treva. Só uma palavra lhe sahiu dos labios como uma oração, a querida abreviatura: *Yú!*

Ouviu um relogio, longe, dar quatro horas, na somnolenta melancolia que o cercava. Isto como que o despertou um pouco do seu embe-

vecimento. Voltou para a secretaria, deixando aberta a janella: e como se desejasse de vez acabar logo com aquelle supplicio que lhe devorava o coração, escreveu simplesmente na folha de papel, esta palavra — «*perdoa-me*». Fechou-a depois, metteu-a n'um envolucro, e escreveu como endereço — «*para Martha*». Poz a carta em logar bem visivel, relanceando depois um olhar em torno como a si mesmo, perguntando se ainda lhe faltava preencher alguma cousa na vida.

Teve então uma grande, uma suprema, uma infinita saudade de Martha. Só ella era afinal a victima immolada — ella, innocente de suas dôres, figura dolorosa e muda que passára sem um protesto atravez de seu sombrio e tragico drama, amando-o a despeito de tudo e até de se sentir relegada para um segundo plano! Que mulher teria maior superioridade e resignação mais nobre e mais dôce?

Quiz vêl-a, dar-lhe o adeus á sua dolorosa face adormecida. Se a acordasse... mas, não! foi pé ante pé, como o criminoso que vai para o seu crime. Entrou no aposento em que Martha dormia, frouxamente allumiado pela lamparina, cuja luz bruxuleante desenhava sombras exoticas na parede. Debruçou-se sobre o leito, tão subtil como um vôo d'ave.

Fitou-a longa e compassivamente e lagrimas borbulharam-lhe nos olhos. De tudo o mais ex-

tranho, é que Martha parecia ter envelhecido dez annos no espaço de algumas horas. A cabeça e os braços, com as mãos espalmadas, pendiam para traz, n'um vago gesto de lassidão, desalento e supplica. O somno tinha distendido as feições; mas a bocca mais aberta, deixando entrever parte das gengivas exangues, conservava uma profunda ruga de amargura, e, no alto do nariz, entre as sobrancelhas, havia um vinco que a dôr cavara e se tornara profundo: Aquella expressão moral era tão viva e tão differente da creatura habitual, que Armando sentiu abstrahir-se d'aquelle corpo a pessoa familiar para surgir um outro ente mais real, que vivera solitariamente ao seu lado — alma de dôr e mysterio que o envolvera sem que o percebesse senão atravez de uma sensação illusoria.

Teve um tremor supersticioso e profundo. Correu d'alli, de si proprio horrorisado — da sua obra e da devastação moral que sua vida inutil e infecunda produzira em torno como semente amaldiçoada. Voltou ao seu gabinete de trabalho. Sentou-se á secretaria e se interrogou de novo. Que restava ainda fazer?

Nada! estava tudo bem terminado! Era só um instante de energia, e o coração cessaria de bater, o sangue paralysar-se-ia nas arterias e a cabeça, que tanto sonhara, penderia para um lado, vasia, entrando todo elle para o cháos, para o nada onde sua dôr cessaria emfim, onde aniqui-

lar-se-ia o supremo sonho que o arrastava, sem que nunca o pudesse attingir.

Armando abriu então uma das gavetas de segredo da secretaria e tirou d'alli o rewolver que, n'um instante, tremendo-lhe na mão, scintillou á luz frouxa do aposento.

De pé, firme, ergueu a arma á altura da cabeça, correspondendo á região fronto-parietal. No momento porém em que ia fazer pressão sobre o gatilho, o braço tremeu-lhe, generalisando-se o tremor em todo o organismo.

Seu estado de hyperesthesia recusava-lhe a imprescindivel força nervosa para avigorar em si aquella idéa de suicidio. Seus *neuronios*, completamente esgotados devido á grande descarga nervosa que soffrera, arraigavam n'elle o medo do desconhecido pavoroso, á medida que a asthenia e o seu estado profundo de adynamia augmentavam. Atirou, pois, quasi com arremesso, a arma sobre a secretaria, como se aquelle contacto o queimasse...

Em franco estado de collapso organico, então, cahiu abandonado sobre o sofá ao lado, estampando-se em seu *facies* o profundo abatimento e agitação. Instinctivamente, porém, por um desdobramento de sua consciencia de degenerado, rolou do sofá, cahindo abandonadamente no soalho. O choque, que lhe produzira um traumatismo nas *meningeas*, tornou-o agitadissimo, depois de phenomenos francos de

momentanea aphasia. O processo hyperemico das *meningeas* começou a produzir em Armando os maiores symptomas de allucinação. O incidente relacionado á sua grande *nevrose*, precipitava a paranoia franca em cujo terreno elle entrava e que por elle proprio fôra um dia prevista, quando, interrogando-se sobre sua ascendencia, reconhecera a tara herdada que as circumstancias haviam aggravado.

Levantando-se do soalho, cambaleante, paranoico, Armando começou a gritar agitadissimo, despertando toda a casa. Com o olhar allucinado, desvairadamente rolando nas orbitas, a face momentaneamente escaveirada e pallida, tremor nos labios e generalisado por todo o organismo, cabeça penosamente agitada, balbuciando palavras desconnexas, os punhos cerrados, investiu furiosamente contra um creado, a primeira pessoa que appareceu attrahida pelos seus gritos.

Girando em torno do aposento, como se a idéa do suicidio lhe ficasse gravada no cerebro, vendo a janella aberta, correu para precipitar-se fóra... Ao querer galgal-a, dous braços cuja força o desespero duplicava, o enlaçaram como tenazes, os dous braços de Martha em que o amor como que forjara uma indissoluvel cadêa.

—Armando! Armando! onde vaes? que tens?

O pobre louco abriu os braços, n'um gesto

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 06291 1980